

Planeamento Desenvolvimento Económico

e Competitividade Urbana de Lisboa

Câmara Municipal de Lisboa
Licenciamento Urbanístico e Planeamento Urbano



Desenvolvimento Económico e Competitividade Urbana de Lisboa



EDIÇÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
Pelouro de Licenciamento Urbanístico
e Planeamento Urbano

PRESIDENTE
Pedro Santana Lopes
 VEREADORA
Maria Eduarda Napoleão

TÍTULO

**Desenvolvimento Económico
 e Competitividade Urbana de Lisboa**

COORDENAÇÃO DOS ESTUDOS SÓCIO-ECONÓMICOS
 E URBANÍSTICOS (CML)

João Seixas

EQUIPA TÉCNICA

António Bastos

Fernando Valente

Nuno Caleia

DESENVOLVIMENTO DE PROJECTO

Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG)

COORDENAÇÃO GLOBAL

Augusto Mateus

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Paulo Madruga

Vitor Escária

EQUIPA TÉCNICA

Francisco Abreu

José António Pereirinha

Manuel Laranja

Vitor Martins

Vitor Santos

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO (CML)

Helena Caria

EQUIPA TÉCNICA

Ana Gracindo

Conceição Peixoto

Cristiana Afonso

Leonor Martins

Sandra Veiga

REVISÃO DE TEXTO

Helena Soares e Pedro Ornelas

FOTOGRAFIA

Divisão de Comunicação e Imagem (CML)

DESIGN, CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Silva!designers

IMPRESSÃO

Jorge Fernandes – artes gráficas, Lda

Direcção Municipal de Gestão Urbanística

Departamento de Monitorização e Difusão de Informação Urbana

Divisão de Difusão de Informação Urbana

Campo Grande, 25, 4º C

1749-099 Lisboa

Telefone +351 21 798 89 96

Fax. +351 21 798 80 34

www.cm-lisboa.pt

Tiragem: 250 exemplares

ISBN 972-98632-1-0

Depósito Legal 215874/04

Lisboa, Julho de 2005

© Todos os direitos reservados, em todos os idiomas. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer forma ou meio, de textos e imagens, sem prévia autorização da Câmara Municipal de Lisboa. Qualquer transgressão será passível de penalização, prevista na legislação portuguesa em vigor.

Desenvolvimento Económico e Competitividade Urbana de Lisboa

prefácio (à 1ª edição)

7

A cidade de Lisboa entrou neste novo século com uma série de importantes desafios. Lugar profundamente histórico, mesmo mítico, terra para onde e de onde têm fluído, ao longo de séculos e séculos, destinos, saberes e energias, a cidade assume hoje plenamente o seu papel de grande cidade contemporânea e com uma motivação redobrada.

Uma motivação redobrada, porque os seus desafios são, na verdade, muito grandes. Por múltiplas razões, algumas sérias tendências têm agredido a nossa cidade, nas últimas décadas, deixando-a numa situação paradoxal: perdendo população de uma forma continuada, deixando crescer dentro dela espaços vazios ou mesmo de solidão, tendo-se deixado desestruturar nalguns sectores e processos de gestão, a cidade continua sendo lugar vital de identidade, de produtividade e de criatividade. Na verdade, Lisboa, bela como poucas, nos seus diferentes e variados bairros, reafirma hoje condições únicas para a qualidade de vida urbana, onde os valores de identidade, de cultura, da sociedade e, diria mesmo, da política, se vão, seguramente, reforçar.

É esse o nosso papel, a nossa responsabilidade: estabelecer as estruturas e as condições para que a cidade se afirme. E também, perante esse nobre objectivo, gerir, da melhor forma, cada momento dessa afirmação, perante as suas necessidades quotidianas e as das suas gentes. Foi nesses sentidos que a Câmara Municipal estruturou, neste início do século XXI, uma série de iniciativas a levar a cabo nas mais variadas áreas – iniciativas que foram entendidas como fundamentais para dotar a cidade e o seu município de efectivas condições para enfrentar com visão, eficiência e gosto, tal afirmação.

Entre estas iniciativas, temos procurado dotar a cidade de um inovador sistema onde as visões de planeamento urbano e as práticas urbanísticas se interliguem mais directamente – contribuindo para a construção de um urbanismo que tenha, efectiva-

mente, uma estratégia luminosa e procedimentos transparentes. O actual processo de revisão do Plano Director Municipal – entre outras acções – procura ir precisamente nesse sentido.

Desde cedo, e perante a vontade de desenvolvimento destas acções, entendemos um aspecto essencial: que, para melhor actuar no sentido das necessidades e desejos da cidade, seria necessário conhecê-la bem. E, felizmente, se existem variadíssimos e excelentes trabalhos, estudos e investigações sobre Lisboa, nas mais diversas áreas – o que também mostra o empenho e o amor que tantos sentem por ela – faltava ainda conhecê-la na sua contemporaneidade, e sob determinadas ópticas, ainda para mais numa época em que as mudanças são, como todos sentimos, cada vez mais intensas – muito especialmente nos territórios mais urbanos e cosmopolitas. Impunha-se, assim, efectuar estudos aprofundados, científicos e rigorosos, das realidades de Lisboa, estudos que contivessem, eles mesmos, novas formas de entendimento da cidade, e cujas metodologias de leitura, de diagnóstico e de interpretação se interligassem, da melhor forma, com a contemporaneidade urbana – contribuindo assim, eles próprios, para a sua modernidade. Estudos que, uma vez completos, servissem as necessidades e as vontades de quem actua em, e por, Lisboa: a Câmara Municipal, assumindo esta, evidentemente, a responsabilidade de liderança no desenvolvimento das estruturas de afirmação e gestão da cidade; mas não só: também todos nós, como munícipes e pessoas – pois a cidade é, numa parte vital, cada uma das suas gentes.

Esta primeira série de quatro estudos, de índole essencialmente sócio-económica, mas cuja interpretação permite, sem dúvida, clarificar e abrir uma série de caminhos e propostas para a cidade – algumas delas de grande significado, como a proposta de uma nova leitura da cidade – revela uma qualidade científica com que estamos profundamente satisfeitos. Com a sua edição e divulgação em livro (iniciando-se, assim, uma colecção de estudos urbanos para este novo século), a Câmara Municipal de Lisboa assume, ao mesmo tempo, um dos seus mais significativos deveres, perante a sociedade e como instituição pública: o dever de divulgação de informação rigorosa, desejada e actual – demonstrando desta forma uma clara postura de vontade de discussão e construção conjunta do futuro da cidade – um projecto que se pretende empenhado e colectivo.

António Carmona Rodrigues

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Com a publicação, em livro, de quatro estudos sócio-económicos e urbanísticos da cidade de Lisboa (que, esperamos, sejam os primeiros de uma série de análises e interpretações de qualidade, perante a nossa cidade) – e dos quais um deles surge no volume que o leitor tem entre mãos – a Câmara Municipal de Lisboa, e muito nomeadamente os seus pelouros do Licenciamento Urbanístico e do Planeamento Urbano, mostra uma das suas maiores assumpções: enfrentar com empenho e seriedade os desafios contemporâneos da sua cidade.

Entre as múltiplas áreas e sectores em que a cidade necessita não só de uma visão e cultura estruturais, mas também de uma atenção que chamaria de quotidiana, as áreas do urbanismo e do planeamento urbano encontram-se entre aquelas com maior influência e responsabilidade. Estas, por sua vez, contêm uma série de dimensões, sob as quais o trabalho desenvolvido é vastíssimo: desde a construção de uma estrutura de planeamento e de instrumentos de gestão territorial – que se pretende visionária e vinculadamente efectiva – até à gestão quotidiana dos processos de licenciamento urbanístico – que se pretende atenta e organizacionalmente eficiente.

Foi nesse sentido que a Câmara Municipal de Lisboa tomou a vontade de dotar estas áreas de uma série de projectos de mudança estrutural, bem cren-te que da sua qualificação surgiriam efeitos multiplicadores que beneficiariam toda a cidade. Estes projectos, entre outros, têm-se estendido por múltiplas áreas: desde a revisão do Plano Director Municipal de Lisboa, dotando-o de novas formas e possibilidades de regulação e de actuação sobre a cidade; passando pela construção de um sistema de moni-

torização urbana, que permitirá o acompanhamento mais directo das transformações que se sucedem em cada espaço urbano; até à completa revisão de sistemas organizacionais vitais, como por exemplo o sistema de licenciamento urbanístico, revisão que, incluindo inovações tecnológicas e de procedimentos, entre outros resultados, originou já uma redução muito significativa do período médio de análise de licenciamento – cuja lentidão gerava, anteriormente, importantes ineficiências económicas e sociais para toda a sociedade.

Ao mesmo tempo, e para que, verdadeiramente, estes ambiciosos projectos de mudança sejam estruturalmente vinculantes, uma outra dimensão de trabalho surge-nos como absolutamente vital: estou a falar da importância do desenvolvimento de uma visão e de uma cultura – dentro da Câmara Municipal, mas também fora dela – por um lado, que contenha atitudes mais estruturais e eficazes, e, por outro lado, que esteja mais intrinsecamente ligada às realidades e às dinâmicas actuais da própria cidade. Ou seja, que se assuma a modernidade urbana como vértice essencial para quem trabalha para, e em, Lisboa.

Todos sentimos que a cidade de Lisboa é, hoje, consideravelmente diferente da cidade de há vinte, mesmo dez anos. Se queremos, na verdade, desenvolver uma série de iniciativas no sentido de a servir, perante objectivos de melhoria da qualidade e sustentabilidade da vida urbana, ao mesmo tempo fazendo com que toda uma máquina de gestão diária da cidade, nos mais variados níveis, funcione permanentemente, e com elevados níveis de qualidade, temos então que olhar para a nossa cidade de frente – e procurar compreendê-la da melhor forma.

Estes estudos que, como referi, abrem uma colecção de investigações sobre a Lisboa contemporânea, assumem essa vontade camarária de desenvolvimento de uma postura cultural e contemporânea mais firme. Seguindo um plano de acção desenvolvido no início de 2002, com diversos e ambiciosos objectivos, apresentam leituras da cidade em áreas que estavam, até hoje, ainda muito pouco investigadas – mas cujas influências são decisivas no presente e, com certeza, no futuro urbano. Neste sentido, apresentamos aqui o resultado de quatro projectos concretos: em primeiro lugar, uma análise de quatro estudos de caso em locais muito concretos da cidade – e cujos diagnósticos, a um nível de ‘micro-escala’, nos permitem olhar, de uma forma integrada, para um espaço urbano como um todo; em segundo lugar, um detalhado estudo de análise sobre a situação e as potencialidades ao nível do desenvolvimento económico e da competitividade urbana da cidade; em terceiro lugar, um trabalho que equaciona as realidades do mercado imobiliário na cidade e sua metrópole, com uma ênfase muito concreta no sector da habitação; e finalmente um detalhado diagnóstico sócio-urbanístico, através da análise e da interpretação do comportamento de múltiplas variáveis sociais, demográficas e habitacionais, um espelho de importantes realidades que têm moldado e transformado Lisboa. Estes estudos, agora prontos – e publicados – assumem-se assim como instrumentos naturalmente integrantes para a reflexão e actuação sobre a cidade de Lisboa e as suas múltiplas estruturas.

Gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram, com o

elevado empenho que pude verificar, para o desenvolvimento destes projectos: à equipa interna de coordenação da Câmara Municipal de Lisboa, que estruturou, desenvolveu e geriu todos estes estudos, de uma forma profundamente dedicada e empenhada; às diversas equipas de consultores, que se imbuíram do espírito que na verdade todos procuramos – o de fazer da nossa cidade um local de grande qualidade e proximidade; e a todos os responsáveis pela edição destes estudos em livros – tornando-os ainda mais acessíveis e apelativos para todos.

A afirmação de Lisboa como sistema vital depende enormemente de dimensões como as dinâmicas de reabilitação e de revitalização urbana, as dinâmicas de criação de emprego ou as diversas formas e visões perante a residencialidade. Cito apenas algumas áreas, cruciais, objecto de análise profunda nesta série de estudos ora apresentados. A sua leitura, que classificaria de fascinante, demonstra-nos, na verdade, uma série de diagnósticos e interpretações muito relevantes para o entendimento e a acção sobre a Lisboa contemporânea e futura – e contribui seguramente, por conseguinte, para o atingir dos objectivos acima assumidos – mesmo (ou especialmente) os de índole mais estrutural: a afirmação de uma cultura de empenhamento e de motivação perante as necessidades, os objectivos e os desejos de Lisboa.

Maria Eduarda Napoleão

Vereadora do Licenciamento Urbanístico
e Planeamento Urbano
Câmara Municipal de Lisboa

Desde que, no final do ano de 2002, e no âmbito do lançamento de uma série de projectos e objectivos de carácter estrutural, se estabeleceu a vontade da Câmara Municipal de Lisboa em desenvolver uma série de novos estudos de análise e diagnóstico da sua cidade, que se assumiu tal desafio como um grande privilégio.

Tratou-se, na verdade, da construção de uma estrutura de análise e de interpretação de uma realidade que, para além de ser profundamente vasta, complexa e heterogénea, nos toca de uma forma profunda, pelo que significa em termos da nossa própria cultura, identidade e vivência – pessoal e colectiva. E, muito acreditamos, também pelo que significa em termos do nosso próprio futuro, pois cremos que está, na cidade como um todo, mas também em cada um dos seus espaços, fluxos e energias, uma parte considerável da forma como poderemos ser mais sustentáveis e mais eficientes, e também mais humanos, mais justos e mais felizes.

A análise das diferentes áreas e dimensões que careciam de diagnóstico teve diversos passos: em primeiro lugar, analisaram-se os mais variados estudos existentes sobre a cidade, nas mais diversas áreas – trabalho após o qual se estabeleceram as áreas com mais significativas lacunas, em face da contemporaneidade da cidade e suas grandes tendências; sucedeu-se um período de auscultação e discussão com múltiplos especialistas, quer da própria Câmara Municipal, quer do campo da academia e da investigação, e também de sectores de gestão e actuação na cidade, a outros níveis; finalmente, num processo que incluiu a realização de alguns *workshops*, estabeleceu-se um plano de acção que, além de direccionar de uma forma bem mais clara, cada sentido de projecto a desenvolver, detalhou cada um deles, materializando-os em cadernos de

encargos muito concretos. Assim ficou definida a área de trabalho dos estudos de interpretação sócio-económica e urbanística da cidade de Lisboa (outras áreas de análise e interpretação urbana foram também desenvolvidas, por outras equipas).

Esta área de interpretação sócio-económica e urbanística da cidade de Lisboa estabeleceu o desenvolvimento de quatro estudos concretos, que materializariam a necessidade e a vontade de conhecimento – e de actuação – em específicas e determinadas áreas: em primeiro lugar, tendo em consideração que uma das mais sérias questões que se colocam a Lisboa prende-se com a constante sangria das suas gentes, que, ao irem residir noutros locais, vão diminuindo a densidade, a compactidade humana e a capacidade criativa da cidade, ao mesmo tempo contribuindo para o desenvolvimento de uma metrópole mais dispersa e seguramente menos sustentável, considerou-se como vital a compreensão dos fenómenos contemporâneos inerentes à residencialidade, à habitação, aos espaços de vida vistos em termos do habitar por determinadas escalas e sentidos, e evidentemente às cadeias de valor a estas áreas ligadas – nomeadamente em termos do sector imobiliário, dos seus mercados e formas de actuação e regulação; em segundo lugar, e entendendo que uma das áreas mais vitais de uma cidade é a sua capacidade de geração de mais-valias e de riqueza, permitindo também por essas vias a inovação e a criatividade e estabelecendo dinâmicas conducentes a um desenvolvimento sócio-económico consistente e – diríamos mesmo – sustentável, considerou-se também prioritário o conhecimento das realidades económicas e das chamadas bases empregadoras e competitivas da cidade.

Uma outra área, transversal às visões sectoriais dos estudos, que consideramos de grande relevân-

cia, prende-se com a proposta de uma (ou mais que uma) nova leitura territorial da cidade. Na verdade, e como o leitor poderá constatar, estes diferentes estudos, quando incidem o seu olhar em escalas internas à cidade, desenvolvem as suas análises, não perante freguesias, mas sim perante outro tipo de agregação urbana: unidades de análise, grandes áreas agregadas, zonas de aglomeração. Numa cidade que pede inovação e, sobretudo, integração de vontades e novas atitudes, consideramos estas propostas de novas leituras urbanas como bastante significativas.

Este estudo sobre o desenvolvimento económico e as bases da competitividade da cidade de Lisboa vincula-se, de uma forma muito directa, à segunda grande área de interpretação acima referida. Procura situar o posicionamento económico e competitivo da cidade às mais variadas escalas (europeia, nacional, metropolitana e interna – para cada zona urbana) e entre diversas análises, utilizando indicadores de competitividade urbana, propõe novas visões da cidade, nomeadamente em termos de seis cidades: a cidade empresarial; a cidade residencial; a cidade da cultura, turismo e lazer; a cidade administrativa; a cidade logística; a cidade do conhecimento. No final, e perante o diagnóstico mais integrado, perspectiva alguns sentidos estratégicos de estruturação interna de Lisboa, perante as suas potencialidades de fortalecimento sócio-económico, de captação de capitais e de emprego. Este estudo, que consideramos de inegável qualidade, foi desenvolvido por uma equipa do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), coordenada pelo Professor Augusto Mateus, e à qual prestamos os nossos agradecimentos, em nome do coordenador do estudo, mas também do Paulo Madruga e do Vítor Escária.

Gostaríamos ainda de apresentar os mais sinceros agradecimentos, pela aposta, pela vontade e pelo apoio dado desde o princípio a todo este projecto, ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Professor António Carmona Rodrigues, e à Sra. Vereadora Maria Eduarda Napoleão, ambos sempre empenhados em levar por diante os mais significativos projectos estruturais de mudança. Queremos ainda agradecer a excelente dedicação colocada pela equipa de planeamento da edição (da Divisão de Difusão de Informação Urbana), nomeadamente a Helena Caria e a Ana Gracindo. E agradecemos a dedicação única e inesquecível de uma equipa absolutamente magnífica, e de profissionais que terão sempre o nosso mais profundo respeito e admiração: Nuno Caleia, António Bastos e Fernando Valente.

Finalmente, é com muito gosto que vemos estes diferentes estudos serem materializados em livro, permitindo assim uma divulgação que ultrapassará os territórios internos do município. A importância da divulgação da informação, para um maior conhecimento das realidades, por um lado, e, através desse maior conhecimento, para uma maior motivação cultural e cívica, por outro lado, é certamente uma das dimensões de responsabilidade social mais relevantes. Esperamos que, perante este contributo, possam outros, investigadores, decisores, técnicos e cidadãos em geral, reflectir, aprofundar as suas visões, motivar-se mais, e agir, nas mais variadas áreas, em prol de uma Lisboa mais equilibrada, mais sustentável, mais criativa e mais cosmopolita.

João Seixas

Coordenador dos Estudos Sócio-Económicos e Urbanísticos
Câmara Municipal de Lisboa

Introdução 15

1. A articulação entre competitividade, coesão e desenvolvimento sustentável 17

O desenvolvimento da noção de competitividade no quadro do processo de globalização **19**

Competitividade e desenvolvimento sustentável **24**

Competitividade e coesão económica e social **26**

Estruturação do conceito de competitividade territorial e desenvolvimento urbano **28**

Competitividade territorial e sustentabilidade do desenvolvimento urbano **31**

2. A situação da região e da cidade de Lisboa no contexto nacional e europeu 35

A região e a cidade de Lisboa no contexto europeu **37**

A região e a cidade de Lisboa no contexto nacional **46**

3. A competitividade urbana da cidade de Lisboa: especialização e dinâmica das actividades económicas 53

Aspectos metodológicos: fontes de informação e critérios de espacialização na construção de uma visão detalhada da cidade de Lisboa **55**

A utilização dos Censos da População e da base de dados dos Quadros de Pessoal como grandes fontes de informação **55**

A utilização de uma base geográfica de referenciação da informação para detalhar a análise no interior da cidade **56**

A construção de um referencial das zonas de aglomeração compatível com os critérios de planeamento e ordenamento urbanístico e útil para análise da especialização económica interna da cidade **57**

As grandes características da cidade de Lisboa como território empresarial **62**

Caracterização das unidades empresariais (a lógica dos estabelecimentos): uma visão por zonas de aglomeração **62**

Caracterização dos recursos humanos (a lógica do emprego): uma visão por zonas de aglomeração **65**

A evolução na última década (1991-2000): principais transformações na configuração do emprego e das unidades económicas e

tendências da demografia e localização empresarial: uma visão por zonas de aglomeração **68**

A especialização global e a dinâmica interna de evolução das actividades económicas na cidade de Lisboa **72**

Competitividade sistémica, inovação rápida e eficiência colectiva: o novo paradigma da “economia baseada no conhecimento” **72**

Uma tipologia de actividades articulada com o grande referencial da Estratégia de Lisboa **75**

A expressão da economia baseada no conhecimento na economia portuguesa **76**

A especialização económica global da cidade de Lisboa e a respectiva evolução **79**

O perfil de especialização económica interno da cidade de Lisboa **81**

A dinâmica de evolução do perfil de especialização interno da cidade de Lisboa **84**

A evolução do ambiente económico, social e urbano da cidade de Lisboa: a configuração das zonas de aglomeração da população e das actividades económicas **85**

A ocupação extensiva da área metropolitana e a importante redução do peso relativo da população residente na cidade de Lisboa **85**

A cidade de Lisboa: densidade ocupação e características da população **87**

A cidade de Lisboa: população e emprego **91**

A cidade de Lisboa: distribuição do emprego por actividades económicas **97**

As trajectórias de evolução económica, social e urbanística das freguesias e das zonas de aglomeração **111**

A análise da competitividade urbana da cidade de Lisboa **116**

A construção de um indicador sintético da competitividade urbana **116**

Os resultados da análise em termos do indicador de competitividade urbana **119**

4. A necessária renovação da competitividade urbana da cidade de Lisboa: conclusões e recomendações 147

As seis “cidades” da competitividade urbana de Lisboa **150**

As principais recomendações para a renovação da competitividade urbana de Lisboa **158**

Referências bibliográficas 165

Fichas por unidades territoriais 169

Fichas por grandes zonas de aglomeração **174**

Fichas por zonas detalhadas de aglomeração **183**

Fichas por unidades de análise 203

Siglas 245

Índice de quadros 247

Índice de gráficos 249

Índice de figuras 251

Este documento corresponde ao Relatório Final do estudo sobre o *Desenvolvimento Económico e Competitividade Urbana de Lisboa*, estudo desenvolvido entre Junho de 2003 e Fevereiro de 2004 com o objectivo de analisar as principais dinâmicas de evolução e de transformação em curso no domínio das actividades económicas, enquanto instrumento útil para a reformulação das estratégias e das regras de ordenamento urbanístico contempladas, nomeadamente no Plano Director Municipal (PDM). Neste sentido, procurou-se realizar uma leitura dos grandes problemas, necessidades e desafios da competitividade urbana da cidade de Lisboa focalizada na identificação dos processos de transformação em curso que podem (devem) ser estimulados, acelerados, travados ou reorientados pelas regras urbanísticas.

O relatório final encontra-se organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, procede-se a uma reflexão em torno do conceito de **competitividade territorial**, privilegiando o tratamento das suas múltiplas dimensões e formas de abordagem e integrando as dimensões subjacentes à problemática da **coesão económica e social** e da **sustentabilidade do processo de desenvolvimento**. O segundo capítulo analisa a posição competitiva global de Lisboa no contexto regional, nacional e internacional.

O terceiro capítulo apresenta os grandes eixos e resultados da análise desenvolvida, partindo da caracterização de conjunto do “território empresarial” da cidade e da respectiva especialização global para uma análise detalhada da polarização e diversificação interna à própria cidade. A identificação das dinâmicas de transformação económica e social mais relevantes em curso na cidade, bem como a qualificação e valorização do respectivo impacto na sua competitividade, é desenvolvida, finalmente,

através de um processo de progressiva articulação e integração dos resultados parcelares anteriormente estabelecidos e apresentados.

O quarto capítulo é dedicado à apresentação dos processos principais de desenvolvimento económico e social dotados de lógicas espaciais específicas de aglomeração, mobilidade, especialização, extensão, dispersão, ou formação de redes – “as seis cidades” da competitividade urbana de Lisboa – e formular um conjunto de recomendações, apoiados em exemplos de “projectos” de natureza estruturante que possam, de algum modo, ajudar a perceber as mudanças e rupturas necessárias para uma efectiva renovação das bases competitivas da cidade de Lisboa.

A organização do presente relatório contempla ainda a articulação com uma área autónoma onde se organizaram, em fichas, os elementos de informação mais relevantes de caracterização das unidades de análise e das zonas de aglomeração enquanto referenciais desagregados de suporte ao estudo da diversidade interna da cidade.



**a articulação entre competitividade,
coesão e desenvolvimento sustentável**

a articulação entre competitividade, coesão e desenvolvimento sustentável

O desenvolvimento económico de um determinado território, seja um país, região ou cidade, corresponde ao aumento sustentado do bem-estar desse espaço, conjugado com mudanças estruturais numa multiplicidade de áreas que englobam, entre outras, a estrutura económica, a saúde ou a educação. No longo prazo, à medida que este acréscimo de desempenho económico evolui, também se alteram as normas sociais, políticas e culturais, consubstanciando uma mudança profunda e multidimensional da sociedade onde ele ocorre.

Neste sentido, estudar o desenvolvimento económico e a competitividade urbana pressupõe, desde logo, uma clarificação do **quadro conceptual de referência** que aprofunde o **conceito de competitividade** num quadro de compreensão da sua emergência, das suas múltiplas dimensões analíticas e das grandes tendências de evolução e que proceda a uma **estruturação e operacionalização do conceito de competitividade territorial**, privilegiando o tratamento das suas múltiplas dimensões e formas de abordagem e integrando as dimensões subjacentes à problemática da **coesão económica e social** e da **sustentabilidade do processo de desenvolvimento**.

O desenvolvimento da noção de competitividade no quadro do processo de globalização

19

A **competitividade** constitui uma das principais manifestações da utilização de certas palavras ou noções que se generaliza rapidamente sem, no entanto, conduzir a uma satisfatória consensualização ou explicitação do respectivo conteúdo, isto é, constitui uma expressão portadora ou geradora de “ruído” na comunicação.

A **competitividade** constitui, por outro lado, cada vez mais, apesar da relativa ambiguidade e imprecisão do conceito, quer em termos teóricos, quer em termos operacionais, um referencial prioritário para o desenvolvimento das estratégias concorrenciais de crescimento, ao nível das empresas, independentemente da sua dimensão, e para a reforma das políticas públicas de promoção do desenvolvimento económico, independentemente do seu espaço de legitimidade e/ou inserção (nacional, supranacional, regional ou local) ou do seu nível de referência (países “avançados”, “emergentes” ou “menos desenvolvidos”).

Uma das principais dificuldades na utilização da noção de competitividade reside, seguramente, no tratamento da passagem do referencial da concorrência entre empresas para o referencial da competição entre países e regiões em matéria de localização do investimento internacional, em matéria de tradução da especialização comercial em quotas de mercado e em matéria de avaliação dos respectivos resultados na sustentação dos níveis de vida da população. Esta dificuldade está, aliás, na base das críticas dirigidas às abordagens em termos de “competitividade das nações”.

Uma “economia competitiva” comporta, necessariamente, um nível elevado de eficiência e de eficácia traduzido numa capacidade efectiva de criação de emprego e de remuneração dos factores produtivos, isto é, numa capacidade de melhorar, de forma sustentada, o nível de vida médio da população. A ascensão e difusão de uma visão convencional sobre a competitividade fez-se, aliás, em grande medida, em torno desta ideia e da respectiva tradução em grandes orientações estratégicas para a formulação das grandes políticas de desenvolvimento.

O ganho de relevância da noção de competitividade fez-se, no entanto, através de um processo evolutivo relativamente longo marcado por contributos teóricos e práticos que, apesar de bastante diversificados, puderam encontrar suficientes pontos de aproximação e influência recíproca. A “ins-

talação” da competitividade como referencial das políticas públicas e das práticas empresariais é, no entanto, indissociável da aceleração do processo de aprofundamento da integração económica mundial, conhecido através de outra “palavra mágica”, a “globalização”.

A globalização gerou, com efeito, um quadro crescentemente concorrencial, onde a restrição da competitividade se tende a impor progressivamente, de forma mais dura ou mais branda, a todas as empresas e a difundir-se, em maior ou menor profundidade, a todos os espaços de localização das actividades económicas.

Este processo de globalização desenvolve-se quer através do nivelamento dos preços dos bens transaccionáveis (enquanto *commodities*, isto é, matérias-primas, bens intermédios e bens e serviços acabados que são objecto de comércio e/ou investimento internacional), no domínio da afirmação da *competitividade pelos custos*, embora deixando margem para uma maior dispersão do custo do capital e, sobretudo, dos níveis salariais, quer, ainda, através da difusão de novas formas de organização da produção e de gestão empresarial que, no essencial, assentam numa progressiva valorização de uma adaptação “fina” da produção a procura segmentada e complexas (isto é, que se expressam não só em combinações de quantidade e qualidade, mas também em combinações de suportes tangíveis e componentes intangíveis) traduzida, nomeadamente, na expansão e segmentação das gamas de produtos e serviços, na redução do tempo de percepção e resposta às necessidades manifestadas nos mercados (*time to market*) e na expansão acelerada de redes de subcontratação e de comercialização, no domínio da afirmação da *competitividade pelo valor* criado.

A articulação entre a “competitividade” e a “globalização” é, assim, decisiva para identificar, no conjunto das contradições, insuficiências, ambiguidades e imprecisões envolvidas nas suas múltiplas e diferenciadas utilizações, suficientes elementos de estabilidade e permanência na noção de competitividade. Com efeito importa salientar que:

- a “competitividade” ganha força e relevância com a generalização dos processos concorrenciais à escala mundial, isto é, a “competitividade” (*competitiveness*) é um resultado construído no quadro do funcionamento de factores de “concorrência” (*competition*). A abordagem da competitividade conduz, assim, à concepção da concorrência como competição num contexto de médio e longo prazo (e não meramente pontual ou de curto prazo). A impossibilidade da disso-

ciação entre “competitividade” e “concorrência” constitui, assim, um elemento estruturante decisivo na utilização da noção de “competitividade”, nomeadamente no que respeita:

- ao tratamento das estratégias e comportamentos empresariais, onde não é possível, nomeadamente, conceber a afirmação de capacidades competitivas fora do quadro de uma disputa, estratégica e operacional, sobre recursos e posições de mercado que articula indissociavelmente aspectos quantitativos e qualitativos que envolvem quer a organização interna das empresas, quer o seu relacionamento externo com clientes, fornecedores, concorrentes e actividades de suporte;
- ao tratamento das políticas públicas, onde não é possível, nomeadamente, conceber políticas de promoção da competitividade fora do quadro das políticas de promoção e regulação eficaz da concorrência que envolvem quer as dimensões internas, quer as dimensões internacionais.

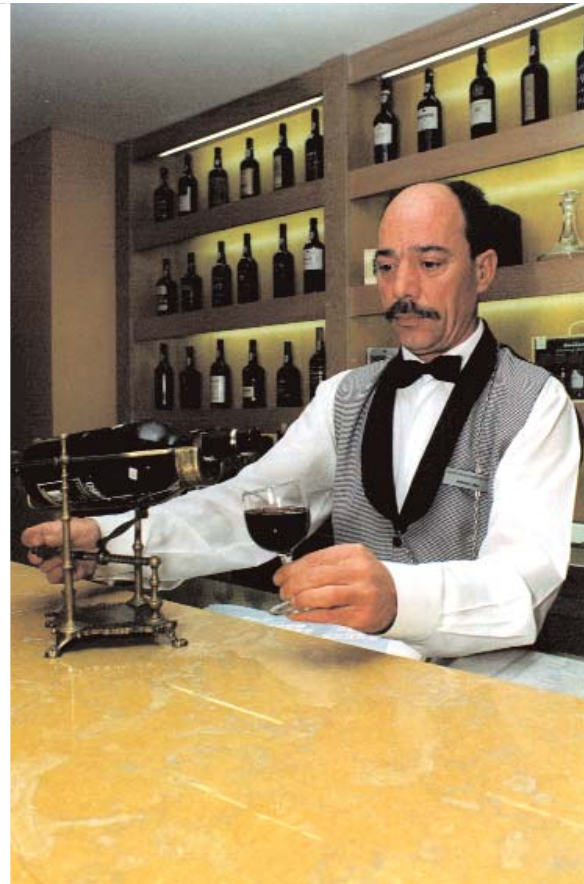
- a “competitividade” envolve, na era da “globalização”, isto é, depois das transformações suscitadas, em especial nos anos 90, por processos de desregulamentação, liberalização e privatização, de proporções relativamente amplas, a expressão de fenómenos concorrenciais, não só entre empresas, como, também, entre territórios, sejam eles países, regiões infra-nacionais ou blocos regionais supranacionais.

Estes fenómenos concorrenciais traduzem, através da forte redução das fronteiras económicas de base nacional, uma mobilidade muito mais alargada, não só dos bens, mas também dos serviços, não só dos capitais, mas também da informação e da tecnologia, não só dos investimentos, mas também dos próprios negócios e dos respectivos modelos.

A noção de competitividade deve ser construída, neste quadro, tendo em atenção quatro eixos fundamentais de reflexão:

- 1 em primeiro lugar, a “competitividade” é uma noção “complexa” referenciada a um “processo” e não uma noção “simples” referenciada a um “estado”. A análise, quantitativa e qualitativa, da competitividade exige, portanto, o recurso a *indicadores de síntese*, susceptíveis de agregarem, adequadamente, os seus múltiplos e diversificados factores e





determinantes, por um lado, e o tratamento da *avaliação do desempenho* (“performance”), susceptível de enquadrar as trajetórias dos diferentes “sujeitos” nos respectivos processos de competição, por outro lado.

O desempenho competitivo envolve, assim, *aspectos quantitativos* (associados aos indicadores de eficiência e eficácia atingidos, isto é, à maior ou menor capacidade de “fazer”, transformando condições em resultados) e *aspectos qualitativos* (associados à inovação, à velocidade de adaptação, reacção ou aprendizagem, isto é, à diferenciação das trajetórias de evolução no “saber fazer”).

- 2 em segundo lugar, a “competitividade” pode ser referida seja a *diferentes níveis*, seja a diferentes *áreas* de diagnóstico, comportamento e intervenção, tomando com referências, nomeadamente, a “empresa”, a “indústria”, o “país”, a “região”, o “bloco” regional supra-nacional. A construção rigorosa do conceito de “competitividade” obriga, neste terreno, a considerar explicitamente as variáveis mais adequadas para tratar quer os *diferentes objectivos* que podem ser, efectivamente, prosseguidos por aqueles comportamentos e intervenções, quer os *diferentes processos* de concorrência, conflito e

cooperação que podem enquadrar esses mesmos comportamentos e intervenções.

Deste modo, diferentes objectivos e processos “competitivos” não podem ser analisados com base numa mesma abordagem conceptual da “competitividade”, o que obriga a desenvolver o conceito de “competitividade” como realidade diversificada com múltiplas restrições e emergências, sem deixar, no entanto, de prosseguir uma imprescindível coerência na articulação entre as abordagens ajustadas a esses diferentes níveis e áreas de análise.

- 3 em terceiro lugar, a “competitividade” é uma *noção relativa, comparativa e dinâmica* que remete para um tratamento relativamente exigente do “tempo”. A identificação de uma situação de maior ou menor competitividade corresponde sempre ao resultado de uma análise comparativa, isto é, por exemplo, corresponde a uma empresa que ganha ou perde quotas de mercado em relação aos seus concorrentes, a uma região que ganha ou perde investimentos em relação a outras regiões integradas no mesmo espaço de referência das actividades em causa ou a um país que alcança sustentadamente, para a sua população, um nível superior ou inferior de rendimento em relação a outro(s) país(es) num con-

texto mais global (a economia mundial) ou mais particularizado (como o grupo das economias da União Europeia ou o grupo das economias industrializadas da zona da OCDE).

A dimensão relativa ou comparativa da noção de competitividade obriga, no entanto, a uma decisiva articulação dinâmica na medida em que, existindo vários modelos e estratégias competitivas, a comparação das condições e dos resultados atingidos num determinado momento não se pode fazer tanto por referência a uma determinada norma (identificando “avanços” ou “atrasos”) mas antes por referência ao potencial revelado no processo competitivo (identificando “vantagens” e “desvantagens”).

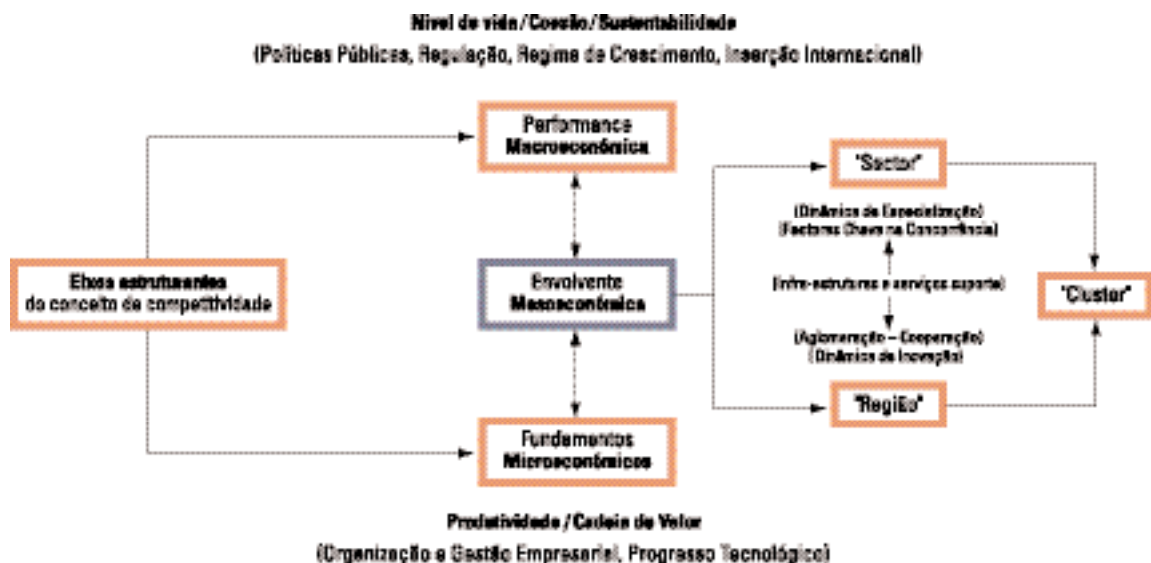
A competitividade refere-se, com efeito, não só, necessariamente, a um período mais ou menos longo – isto é, trata-se de um fenómeno muito mais estrutural do que conjuntural – como envolve, também necessariamente, nos mesmos processos “competitivos”, sujeitos (pessoas, empresas, indústrias, regiões, países, governos...) em momentos temporais diferenciados dos respectivos “ciclos de vida”, bem como iniciativas e medidas com horizontes temporais de produção de resultados, também eles, diferenciados (curto prazo vs. longo prazo, pontual vs. permanente...).

- 4 em quarto lugar, a competitividade constitui uma *variável pluridimensional* resultante de processos económicos, sociais e políticos complexos, não podendo, por isso mesmo, ser retratada por indicadores simplificados ou parcelares. Os indicadores de competitividade devem, com

efeito, ser suportados ou ancorados numa abordagem ou visão integradora susceptível de enquadrar o desempenho global das empresas, das regiões ou das economias, quer na sua estruturação interna, quer no seu relacionamento externo. A construção de indicadores de competitividade reveste-se, assim, de cuidados metodológicos muito particulares, onde se destacam quer os aspectos relativos à agregação de indicadores parciais na construção de indicadores sintéticos – onde a robustez dos ponderadores deve ser explicitamente comprovada (não é raro encontrar estudos, apoiados em indicadores sintéticos de competitividade, onde os *rankings* dependem drasticamente de opções não fundamentadas sobre o peso de cada factor informativo considerado) – quer os aspectos relativos aos processos de internacionalização – onde as variáveis devem ser medidas em valor e não em volume, por forma a avaliar correctamente a inserção na dinâmica da procura e a evolução das partes de mercado.

Os eixos estruturantes do conceito de competitividade envolvem, assim, uma dupla articulação entre a performance macroeconómica e os fundamentos microeconómicos, mediatizada pelas características da envolvente mesoeconómica, onde as lógicas de “sector”, “região” e “cluster” se articulam, e entre dinâmicas de especialização e de inovação que se desenvolvem através de modelos específicos de concorrência (que tendem a valorizar determinados elementos chave), de partilha de infra-estruturas e serviços de suporte e de processos de aglomeração e cooperação de empresas e actividades.

FIGURA 1.1
Eixos estruturantes do conceito de competitividade



Competitividade e desenvolvimento sustentável

O conceito de **desenvolvimento sustentável** adquiriu notoriedade em 1987 com a publicação de um relatório elaborado pela Comissão Brundtland, no âmbito dos trabalhos preparatórios para a Conferências das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92).¹ Neste relatório, o desenvolvimento sustentável aparece definido como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras em satisfazer as suas próprias necessidades”.

São duas as dimensões fundamentais que esta definição melhor explicita. Desde logo, a dimensão ética (a equidade entre gerações), já que se colocam no mesmo plano as expectativas da geração actual e das gerações futuras quanto ao bem-estar, ficando claro que a não satisfação das necessidades futuras poderá pôr em risco a continuidade dos modelos de organização da sociedade que a espécie humana construiu. Ao mesmo tempo, esta definição coloca a dimensão temporal (a precaução), expressa através da substituição de uma lógica de curto prazo, assente na resolução dos problemas de hoje, por uma lógica de prazo dilatado, que aposta na resolução dos problemas que se projectam no futuro.

Como resultado das reflexões e dos debates que a Conferência do Rio de Janeiro estimulou, começou paulatinamente a impor-se uma noção mais alargada de desenvolvimento sustentável que se apoia no que se poderá designar por “sustentabilidade ampliada”.

Assim, às dimensões ética e temporal antes referidas, juntaram-se a dimensão social (menos desigualdade, menos pobreza, acesso mais equitativo à educação e à saúde...), a dimensão comportamental (reduzir o consumo individual, reciclar produtos, manter limpo, optar pelo verde...), a dimensão institucional (incentivar a plena cidadania, facilitando a participação das pessoas e dos grupos de interesse no processo decisório e mobilizando-os em torno de planos-iniciativas; dotar os poderes públicos, nomeadamente municipais, de mecanismos que suscitem a inovação e a cooperação, mas também a responsabilização e a transparência) e a dimensão cultural (respeitar a diversidade de culturas, valores e práticas), para além, obviamente, das dimensões ecológica e económica.

A necessidade de responder aos enormes desafios da crise ambiental foi durante muito tempo encarada como um fardo para as empresas, para as regiões e para os países, na medida em que se admitia que essa resposta – no fundo, o tratamento dos efluentes,

dos resíduos e das emissões e, de um modo geral, a melhoria do desempenho ambiental das empresas – acabaria por entrar em rota de colisão com os objetivos da rentabilidade e da competitividade.

Com efeito, até ao início da década de 1990 esta problemática era conceptualmente analisada na perspectiva da existência de um *trade-off* entre ambiente e competitividade, que basicamente resultaria da circunstância dos custos associados à minimização ou à eliminação dos passivos ambientais das empresas poderem prejudicar a sua capacidade para competir, nomeadamente no mercado global.

A partir de meados da década de 1990, contudo, a problemática das relações entre o ambiente e a sustentabilidade, de um lado, e a competitividade, do outro, começou a ser perspectivada como um jogo de soma não nula em que o cumprimento das normas ambientais contribui para a obtenção de ganhos de eficiência e de capacidade competitiva, com base nos seguintes pressupostos:

- 1 A poluição representa, a maior parte das vezes e na perspectiva da empresa poluidora, um desperdício do ponto de vista económico e financeiro. Os resíduos da actividade, com frequência, podem ser reaproveitados, através de reutilização ou de reciclagem, ou até mesmo canalizados para a co-geração de energia. Torna-se assim possível aumentar a produtividade no uso dos recursos;
- 2 Aquela abordagem tradicional que pressupõe o tratamento das descargas poluentes e a restauração das condições naturais de ecossistemas contaminados ou degradados pode, com amplo proveito, ser substituída por uma abordagem alternativa que aposta na prevenção da poluição. Esta nova abordagem contempla, designadamente, o desenvolvimento de tecnologias ambientalmente seguras (*environmentally sound technologies*) e a reciclagem de subprodutos do processo produtivo que deixam de ser considerados resíduos;²
- 3 As empresas que adoptem um sistema de gestão ambiental adequado, e que simultaneamente cumpram os requisitos normativos associados aos diversos referenciais da certificação ambiental, adquirirão vantagens no acesso a determinados mercados e concursos, da mesma forma que transmitirão aos agentes que integram as suas envolventes geral e relacional – nomeadamente aos clientes actuais e potenciais – uma imagem consentânea com as novíssimas exigências de responsabilidade social e ambiental impostas por uma sociedade cada vez mais vigilante. No limite, tais

¹ Cf. World Commission on Environment and Development (1987), *Our Common Future*, Oxford, Oxford University Press.

² Numa formulação mais abrangente, diremos que os fluxos do tipo linear podem ser progressivamente substituídos por fluxos do tipo circular – por exemplo, com os resíduos de uma empresa fornecedora a serem utilizados como matéria-prima por uma empresa cliente –, que conduzem a soluções do tipo “ganhador-ganhador”.



empresas estarão a reconhecer que, para além da mera comercialização de produtos que satisfaçam as necessidades instrumentais dos clientes, é hoje em dia fundamental gerar legitimidade que satisfaça as expectativas de conformidade da sociedade – uma conformidade a regras de conduta e a opções que se enquadrem no “paradigma de modernidade” que a consciência colectiva dos cidadãos entende dever ser respeitado.

Diversos estudos têm explorado linhas de investigação que se opõem à visão do *trade-off* acima mencionada. A chamada “hipótese de Porter” baseia-se precisamente no argumento de que as empresas se tornarão mais inovadoras, mais eficientes e mais competitivas quando sujeitas a uma forte pressão no sentido de respeitarem padrões ambientais escrupulosos.³ No essencial, estes estudos defendem que se as regulamentações ambientais forem percepcionadas como um desafio, as empresas serão coagidas a inovar, passando a utilizar de um modo mais eficiente os múltiplos recursos que fazem parte das suas logísticas internas, ou incorporando nos produtos que comercializam novos atributos que permitam criar um “espaço distintivo” na mente do consumidor. Dessa forma, e respectivamente, reduzirão os custos operacionais ou aumentarão o valor dos produtos pela via da dife-

renciação. Os custos relacionados com os investimentos de natureza ambiental serão, assim, mais do que compensados.⁴

Para além dos trabalhos de pendor teórico-conceptual e das pesquisas de base empírica que, em conjunto, aconselham os decisores económicos e empresariais a apostar numa atitude distinta da que prevaleceu durante o século passado, porque se conclui que o respeito pelas normas e pelas boas práticas ambientais se reflecte num acréscimo do potencial competitivo, um outro factor tem influenciado de um modo poderoso a maneira de pensar e encarar esta questão: trata-se do sentimento das opiniões públicas, aliás já mencionado, de forma implícita, a propósito das exigências de responsabilidade social e ambiental que os cidadãos-consumidores impõem aos produtores.

A visão segundo a qual a competitividade e o ambiente são realidades que importa percepcionar de uma forma integrada, com a *performance* da primeira tanto mais elevada quanto mais a segunda for valorizada, assenta, então, nos seguintes enunciados estruturantes:

- 1 O respeito pela diversidade biológica e paisagística, por um lado, e o fomento da qualidade do ambiente urbano, por outro, representam, ao mesmo tempo, um património ecológico, cultural e económico que os municípios poderão uti-

³ Os textos de referência sobre esta matéria são: Porter, Michael & Linde, Class van der (1995), “Toward a new conception of the environment-competitiveness relationship”, *Journal of Economic Perspectives*, Vol.9, n.4, pp.97-118; Porter, Michael & Linde, Class van der (1995), “Green and competitive: ending the stalemate”, *Harvard Business Review*, Vol.73, n.5, pp.120-134.

⁴ Este mesmo argumento tinha já sido proposto por Porter no âmbito do seu “diamante da competitividade ou da vantagem nacional” e, mais especificamente, no que respeita às condições dos factores de produção. Afirmava Porter, nesse contexto, que as desvantagens em determinados factores de produção podem conduzir, paradoxalmente, a um aumento da competitividade, precisamente por intermédio da inovação – por exemplo: custos de energia demasiado elevados podem incentivar inovações tecnológicas que operacionalizem processos produtivos mais eficientes do ponto de vista energético. Poderemos acrescentar que neste modelo tudo se passa como se as desvantagens e as dificuldades com que as empresas são confrontadas se pudessem revelar obstáculos intransponíveis, quando encaradas com fatalismo, ou catalisadores poderosos e providenciais, quando encaradas como um desafio que vale a pena aceitar.



lizar para atrair investidores e de que as empresas poderão tirar partido com a finalidade de garantir legitimidade social e fixar colaboradores altamente qualificados.

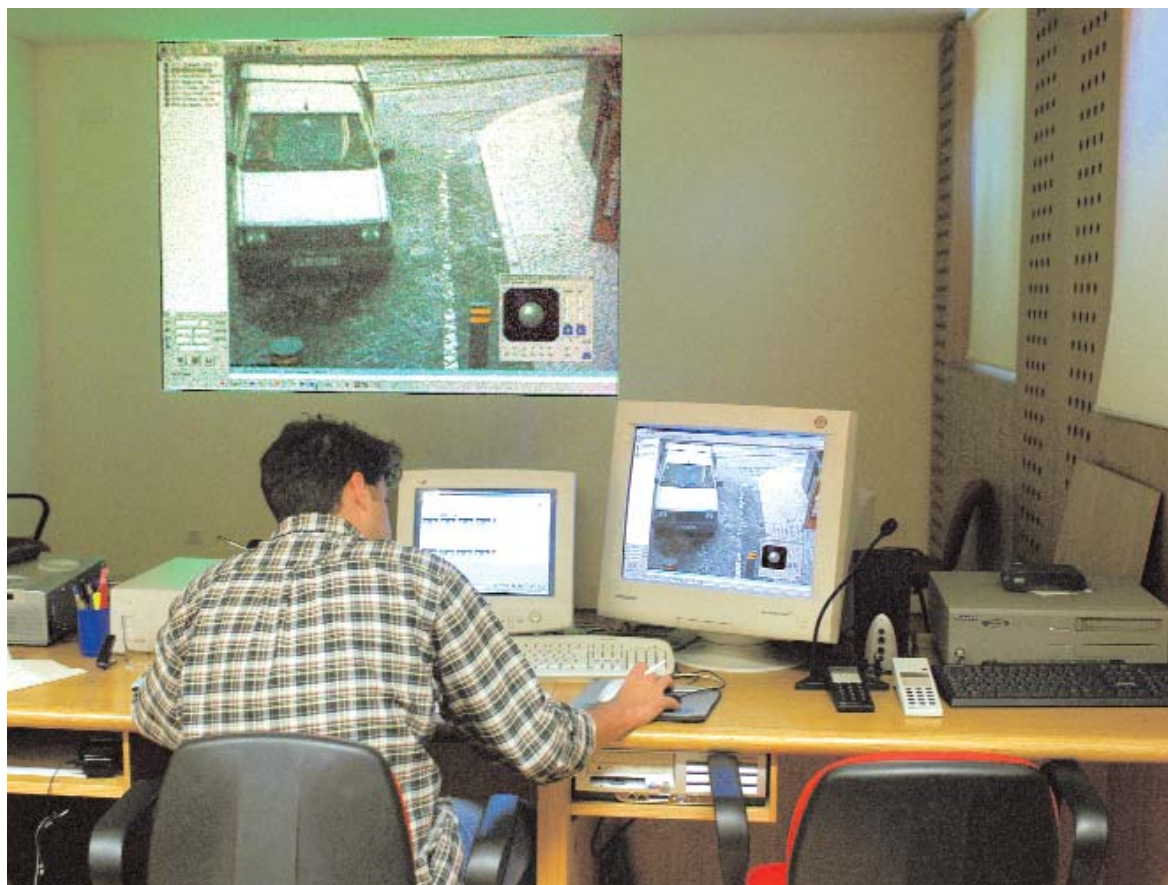
- 2 Os investimentos das empresas no cumprimento das normas relativas à protecção do ambiente geram crescimento económico e criam postos de trabalho, para além de se afirmarem como um importante factor de vantagem competitiva, na medida em que “ser amigo do ambiente” contribui cada vez mais, e nalguns sectores de actividade de forma decisiva, para a conquista de quota de mercado.
- 3 Numa perspectiva local, os processos de interacção entre a capacidade institucional evidenciada pelas autoridades municipais – interessadas em promover o desenvolvimento – e o capital de cidadania acumulado pela sociedade civil – preocupada nomeadamente com a salvaguarda de valores ambientais, que se radicam nos princípios da consulta, da abertura e da participação⁵ – favorecem o surgimento de consensos, responsabilidades partilhadas e projectos-objetivos assumidos em parceria, sendo que tudo isto é fundamental para legitimar e credibilizar as decisões que envolvem maior complexidade.

Neste sentido, não vale a pena pretender conceber o futuro de uma cidade, no que diz respeito ao seu potencial de desenvolvimento económico e competitividade, sem ter em conta o aparato conceptual fundador e norteador da sustentabilidade e, em consequência, que o grau de competitividade de uma cidade estará directamente correlacionado, não exclusivamente mas em grande medida, com a sua capacidade para promover o desenvolvimento sustentável, num clima de boa governância e de coesão económica e social.

Competitividade e coesão económica e social

A *Coesão Económica e Social* encontra-se intrinsecamente relacionada com a verificação de progressos, seja em termos de desempenho económico, seja da melhoria das condições de vida, com expressão real ao nível dos agentes, cidadãos e espaço geográfico. Os processos de convergência real entre regiões, que estão desejavelmente associados ao processo de coesão, são processos com um horizonte de longo prazo, estendendo-se ao longo de décadas, até mesmo quando são estimulados por expressivos diferenciais de crescimento económico.

⁵ Sobre o desafio da governância urbana e o seu papel como factor catalisador de políticas ambientais locais: European Environmental Bureau (2002), *Good Governance for the Environment*, Annual Conference Report, Brussels, EEB Publication Number 2002/01.



O processo de Coesão, nas suas dimensões económica e social, ramifica-se por múltiplos e diferenciados domínios, que exercem complexas interações entre si, nomeadamente os domínios da Performance Económica, Educacional e Cultural, Distribuição do Rendimento, Habitação e Saúde, Bem-Estar e Conforto, e Protecção Social.

A *Coesão Económica* relaciona-se expressivamente com o domínio da performance económica, cuja apreciação da dinâmica de convergência pode ser estruturada em torno da evolução do PIB per capita, evolução da Produtividade e Desempenho no Mercado de Trabalho em termos de evolução do desemprego e da evolução da estrutura do emprego por níveis de qualificação e sectores de actividade. A abordagem do processo de Coesão Económica pode ser desenvolvida com base nos vectores subjacentes ao domínio da performance económica, os quais permitem identificar as disparidades internas do ponto de vista territorial, no que se refere a assimetrias nos níveis de desenvolvimento (divergências no PIB per capita), capacidade de geração de riqueza adicional e de transformação das regiões em economias mais competitivas (divergências na produtividade), sustentabilidade das especializações produtivas e fragilidades do ponto de vista das complementaridades inter-sectoriais (disparidades internas do mercado de emprego).

A *Coesão Social* reflecte a forma como a partir da Performance Económica se produzem assimetrias na distribuição dos rendimentos, se garante o acesso a determinados bens cruciais para a qualidade de vida e se asseguram funções de segurança perante certos riscos. Assim sendo, a Coesão Social não se relaciona de forma directa com variáveis como o emprego e a produtividade, directamente associadas ao processo de Coesão Económica, privilegiando antes a consideração do nível de protecção social existente e das condições de acesso à educação, saúde e habitação. O domínio Educacional e Cultural abrange vertentes como divergências regionais no nível educacional da população, desigualdades regionais em termos de oportunidades de acesso aos bens culturais e das capacidades de conservação e divulgação do património histórico.

O processo de *Coesão Económica e Social*, dadas as suas especificidades, não pode ter uma natureza extensiva, no sentido de ser um processo gerador de emprego, mas pouco exigente em qualificações e com crescimentos baixos da produtividade. De facto, para que se detecte uma aceleração dos ritmos de desenvolvimento económico e social que conduza a um processo virtuoso e sustentado de Coesão Económica e Social, é importante que os territórios apresentem tanto uma quantidade atrac-

tiva de postos de trabalho ocupados, como um nível relativamente elevado de produtividade, dada a importância de complementar a capacidade de criação de empregos que permitam mobilizar os recursos humanos disponíveis com a capacidade de produzir com eficiência, o que se traduz numa combinação entre uma “maior” e uma “melhor” utilização dos recursos humanos.

A *Coesão Económica e Social*, enquanto processo de convergência das trajetórias regionais no contexto nacional e europeu, pressupõe, na sua génese, um desenvolvimento coerente e sustentável dos diversos subsistemas regionais, e como tal assume-se, em simultâneo, como um forte condicionador e uma forte condicionante de uma realidade sistémica e pluridimensional resultante de processos económicos, sociais e políticos complexos, entendida como a *Competitividade Territorial*. Neste sentido, dada a influência que as disparidades detectadas ao nível de uma região podem exercer sobre os níveis de Competitividade Territorial, a Coesão Económica e Social, enquanto processo de esbatimento das desigualdades territoriais, encontra-se intrinsecamente relacionada com os factores determinantes da Competitividade Territorial.

A abordagem adoptada implica, assim, a consideração do “Território”, entendido como conjunto espacialmente polarizado de pessoas, organizações, infra-estruturas, agentes económicos, sociais e políticos e instituições, nomeadamente, como um protagonista activo do processo de desenvolvimento onde se podem concretizar as estratégias relativas à coesão económica e à coesão social.

Estruturação do conceito de competitividade territorial e desenvolvimento urbano

A competitividade territorial envolve um elemento dinâmico de comparação (*benchmarking*) entre as performances dos territórios que passam a disputar, de forma crescentemente concorrencial, recursos e fluxos com valor económico e que envolvem uma articulação entre performance macroeconómica e os fundamentos microeconómicos, processo que é mediatizado pelas condições da envolvente mesoeconómica, em que as lógicas de sector, “região” e *cluster* servem de suporte à avaliação das dinâmicas de especialização e de inovação e ao papel das infra-estruturas, serviços de suporte, processos de aglomeração e cooperação de empresas e actividades.

Neste sentido, têm sido múltiplas as representações conceptuais destinadas a analisar as novas formas de organização produtiva que se desenvolvem a nível territorial (distrito industrial, pólo tecnológico, meio inovador, sistema produtivo local, sistema de especialização flexível, *cluster*, entre outros). O surgimento de vários conceitos, para além de revelar o interesse crescente da reflexão económica pela análise das novas formas de organização territorial das empresas, ilustra, simultaneamente, a dificuldade em reter um quadro conceptual que permita abarcar a diversidade de situações encontradas. A variedade de percursos e de estruturas económicas explica a complexidade e diversidade dos sistemas territoriais e torna difícil analisar com os mesmos instrumentos sistemas territoriais muito diversos, como, por exemplo, os distritos industriais da Terceira Itália ou o Silicon Valley.

A multiplicidade de estudos de caso efectuados nesta área se, por um lado, deixa antever a diversidade de conceitos e de tipologias, permite, por outro, identificar um conjunto de traços comuns em que a proximidade constitui o vector indispensável à unidade interna destes sistemas de produção territorializados onde, por um lado, os elementos determinantes do crescimento económico resultam de um processo dinâmico e de uma combinação complexa de diferentes subsistemas que compõem o território (subsistemas humano, cultural, tecnológico, institucional) e, por outro, o papel das cidades e áreas metropolitanas aparece claramente valorizado.

Esta variedade de situações evidencia igualmente que as características destes sistemas não são facilmente reproduzíveis ou induzidas, pelo que os instrumentos de política industrial e regional tradicionais tendem a ser desvalorizados e a tornar-se ineficientes. Nesta situação, a *qualidade do meio* (infra-estruturas, recursos humanos, conhecimento, ambiente) e a consistência sócio-cultural do território passam a ser factores determinantes das políticas que, assim, tendem a orientar-se preferencialmente para a inovação, para a formação e para a promoção do espírito empresarial, centrando, desta forma, a sua atenção sobre os factores imateriais do desenvolvimento.

A complementaridade de competências e do saber-fazer local, as trajetórias e experiências profissionais comuns e a confiança recíproca geram no *meio* um clima adequado à colaboração e à circulação da informação, tornando-o no contexto apropriado à formação de redes de inovação que, por sua vez, constituem um mecanismo de revitalização do território e que, no essencial, pressupõe os seguintes elementos:

- Troca de informação, estruturada em redes mais ou menos formais que favorecem novas oportu-

nidades de negócio; o meio permite avaliar a informação, quer na base da confiança, quer pela possibilidade de contra-verificar essa informação;

- Uma concertação relativamente sistemática entre diferentes empresas com competências diversas; o meio desenvolve, assim, um espaço de transacções a baixo custo, suportado por uma identidade colectiva que garante a coerência do território e uma solidariedade territorial, dando origem a relações de cooperação-concorrência;
- O desenvolvimento de tecnologias baseadas na partilha do conhecimento e do saber, criando um processo de aprendizagem e inovação colectiva e permitindo aproveitar recursos que de outro modo permaneceriam desaproveitados.

Neste sentido, o território, entendido como um conjunto de agentes que desenvolvem interacções e trocas de informação e conhecimento, actua igualmente como um elemento de coordenação de um sistema de relações fundadas sobre a confiança e que, visando a troca de informação entre os agentes económicos, diminui o nível de incerteza ligada à envolvente empresarial. O território está, deste modo, na origem de um conjunto de activos relacionais que constituem o seu património e ajudam a prever a dinâmica da sua transformação.

A proximidade territorial, constituindo um dos elementos de afirmação dos sistemas de produção territorializados, tem, no entanto, de ser objecto de reinterpretação, na sequência dos movimentos de globalização das economias. Com efeito, os progressos tecnológicos, nos transportes e nas comunicações, que estão na origem de todos os movimentos

de globalização, vieram criar novas condições de proximidade económica entre territórios, possibilitando o desenvolvimento de relações que anteriormente eram impensáveis. Territórios que se encontravam isolados passam a ter capacidade para desenvolver relações de interacção tanto ou mais intensas e profícuas que as anteriores relações de proximidade geográfica. Neste novo contexto, as complementaridades e solidariedades territoriais não implicam, necessariamente, contiguidade física. O seu principal veículo propulsor passa a ser o conhecimento, através das múltiplas formas em que se pode incorporar. A capacidade para integrar redes supra-regionais e supranacionais constitui condição fundamental para a resposta aos novos desafios, mas também oportunidades, da globalização. Neste sentido a concorrência entre territórios não envolve necessariamente jogos de soma nula mas, pelo contrário, exige o fortalecimento dos laços de cooperação entre os vários actores económicos internos e externos a um dado território.

Esta nova dimensão das economias e das regiões, moldada por um modelo competitivo mais exigente, complexo e global, traduz-se, por um lado, na crescente relevância, na abordagem da especialização das economias, da articulação entre o “como” e o “o quê” para a construção de vantagens competitivas dinâmicas duradouras e, por outro, na transformação da política económica, nomeadamente através da afirmação das novas políticas estruturais e horizontais (centradas na busca da eficiência colectiva em mercados de concorrência aberta e leal) sobre a perda de eficácia das tradicionais políticas macroeconómicas e sectoriais (mais ligadas à gestão da relação entre oferta e procura).

A competitividade territorial, assim formulada,

FIGURA 1.2

Condições e formas de consolidação de vantagens competitivas locais

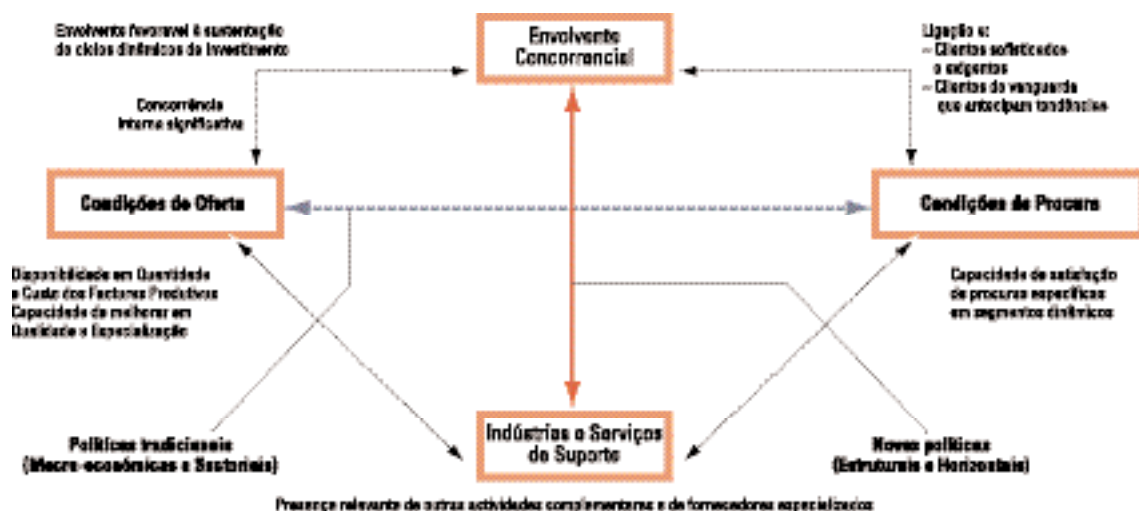


FIGURA 1.3
A decomposição do PIB *per capita*

Conceitos:	Nível de Competitividade	=	Utilização Recursos Humanos	$\times$	Produtividade
Indicadores:	PIB/População	=	Emprego/População	$\times$	PIB/Emprego
Processos:	Progresso (Se ↑)	=	“Mais” (Se ↑)	$\times$	“Melhor” (Se ↑)

pode ser operacionalizada a partir de dois pontos de observação claramente distintos, mas complementares, um primeiro tendo por base **indicadores de performance** (o Produto Interno Bruto – PIB *per capita*, por exemplo) e um outro a partir dos **factores determinantes** do nível de performance alcançada. No primeiro caso, formulada como processo de medição da competitividade **ex-post**, ou entendida numa lógica de resultado, a sua avaliação pode induzir em erro porque, por exemplo, não se consideram as diferentes condições de partida dos territórios. Em alternativa, a competitividade **ex-ante** concentra-se na forma como se consegue alcançar elevados níveis de competitividade **ex-post** e por isso nos domínios e determinantes da performance dos territórios, estando, deste modo, muito relacionada com os determinantes do crescimento económico.

A competitividade territorial, analisada numa óptica de performance, utilizando nomeadamente um dos indicadores que melhor traduz o nível de vida das regiões (o PIB *per capita*), pode ser decomposta, num primeiro momento, em duas componentes (ver Figura 1.3) que, em conjunto, determinam o seu nível:

- PIB por pessoa empregada, que é aproximadamente equivalente à produtividade laboral;
- número total de pessoas empregadas relativamente à população residente, isto é, a taxa de utilização dos recursos humanos.

Para que uma região seja competitiva, deverá ter tanto um nível relativamente elevado de produtividade (ou de *qualidade* de emprego, visto que ambos tendem a completar-se), como uma *quantidade* satisfatória de postos de trabalho ocupados; isto é, não basta produzir com eficiência – é necessário ser capaz de, sem fugir desse padrão de eficiência, criar os empregos que permitam mobilizar os recursos humanos disponíveis.

A apresentação desta decomposição em forma de árvore (ver Figura 1.4) permite, igualmente, que na

evolução do nível de competitividade de uma região seja possível identificar o grau de combinação e substituição entre uma melhor ou maior utilização dos recursos humanos.

A produtividade, o emprego e o nível de vida são interdependentes. Uma produtividade elevada permite aumentar o nível de vida; contudo, um aumento da produtividade não tem necessariamente que ser obtido à custa do volume de emprego. A capacidade de manter taxas de actividade elevadas tem igualmente repercussões directas sobre o nível de vida, uma vez que uma maior parcela da população é beneficiada pela criação de riqueza. Quando a produtividade e o emprego aumentam simultaneamente, estão reunidas as condições para se conseguir um crescimento significativo da economia.

A competitividade territorial avaliada numa óptica de condições (*ex-ante*) resulta do desenvolvimento de uma lógica de observação de um conjunto de domínios temáticos que constituem os alicerces da estruturação do conceito de competitividade territorial, tendo em consideração que os seus factores determinantes não apresentam exclusivamente um cariz económico, uma vez que a competitividade se assume como uma variável sistémica e pluridimensional, e que por isso não pode ser concebida como uma realidade estritamente económica, sendo antes a resultante de processos económicos, sociais e políticos complexos.

FIGURA 1.4
Decomposição da competitividade territorial avaliada numa lógica de resultado

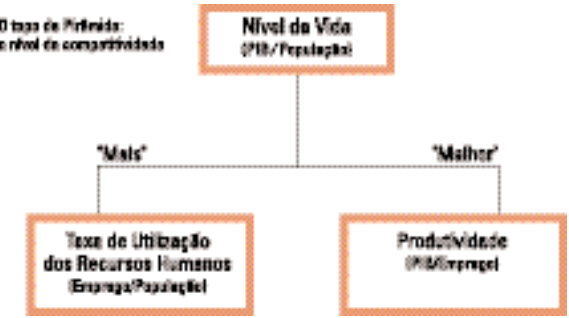
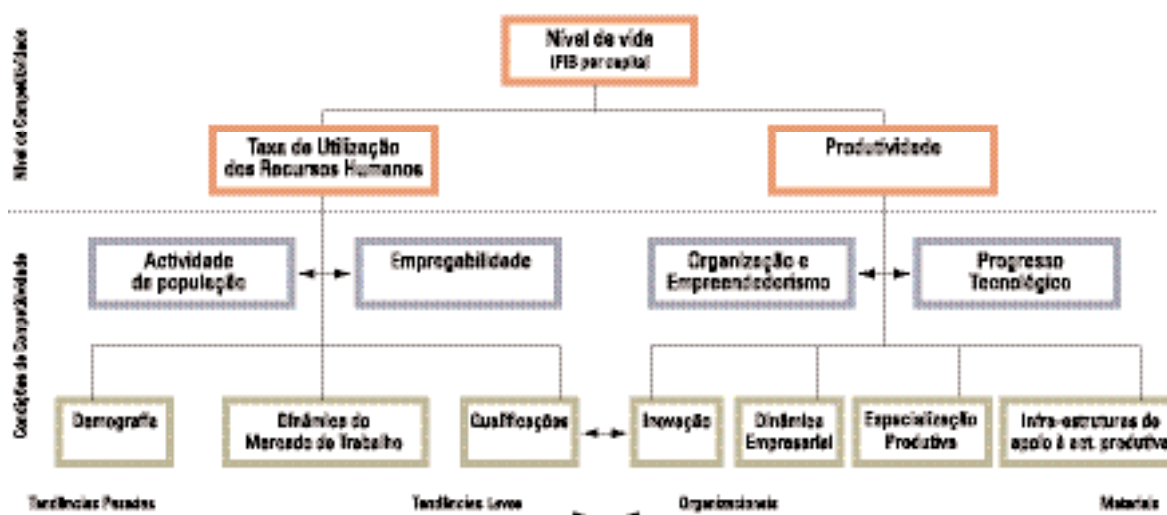


FIGURA 1.5
A base da pirâmide de competitividade territorial



Tendo em conta a interdependência entre as economias nacionais/regionais e as empresas aí existentes, poder-se-ão considerar como determinantes da competitividade territorial de uma economia o potencial competitivo das empresas e a capacidade de estas influenciarem as condições competitivas da economia onde operam. No entanto, os determinantes da competitividade territorial das economias não se podem restringir a esta perspectiva microeconómica, sendo necessário considerar também os efeitos da organização do sistema económico, social e cultural dos espaços territoriais, em termos da sua capacidade de resposta às mudanças vindas do exterior, da capacidade de implementação das novas tecnologias, do potencial de inovação e de renovação de conhecimentos e competências.

Neste sentido, a análise dos domínios da competitividade deve incidir quer sob uma perspectiva direccionada para o potencial competitivo das empresas que constituem o tecido produtivo do território e respectiva dinâmica empresarial, quer sob uma perspectiva que inclua domínios que permitam analisar as especificidades do sistema económico, social e político-institucional e a forma como estas condicionam a sustentabilidade do processo de desenvolvimento.

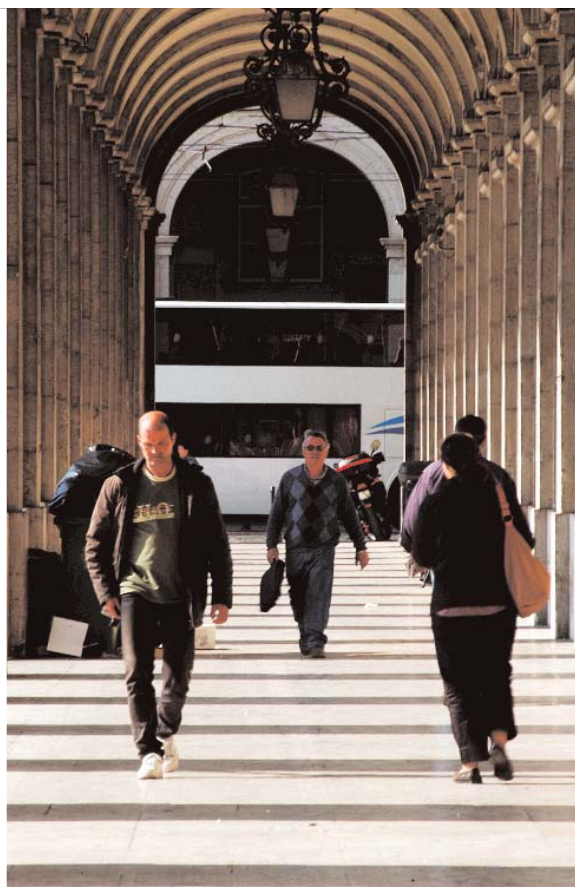
A diversidade dos factores que influenciam a articulação entre “mais” e “melhor” nas dinâmicas de crescimento e internacionalização das regiões arrasta, em cada momento, a diversidade dos padrões de competitividade territorial na medida em que, enquanto resultado de combinações específicas daqueles factores, eles configuram modelos próprios e singulares de criação de riqueza. A inte-

gração destas duas formas de avaliar a competitividade de base territorial pode ser representada através da construção de uma pirâmide da competitividade onde o território constitui um factor determinante.

Competitividade territorial e sustentabilidade do desenvolvimento urbano

Com referência ao enquadramento proporcionado pela noção de **competitividade territorial** e **sustentabilidade ampliada** é possível identificar um conjunto de aspectos relevantes para o processo de desenvolvimento urbano, que podem ser sintetizáveis nos sete seguintes pilares críticos:

- 1 Os processos de planeamento urbano e as políticas de ocupação do solo devem contemplar de forma integrada e harmoniosa os aspectos sociais, culturais, económicos e ambientais que, quando considerados em conjunto, transformam a cidade numa realidade atraente para quem nela vive e trabalha.
- 2 Um bom índice de qualidade de vida na cidade pressupõe: (a) a redução, a reciclagem, o tratamento e a eliminação de resíduos (simultaneamente, efluentes líquidos, sólidos e gasosos, ou seja, águas residuais e resíduos químicos, resíduos sólidos domésticos, industriais e clínicos, entulhos e poluentes atmosféricos); (b) a drenagem e a limpeza dos espaços públicos, em



6 Para o município de Lisboa, a importância deste “pilar crítico” é enorme, na medida em que, em 1996, os transportes absorviam quase 80% do total da energia consumida, sendo que no sector dos transportes terrestres, que reservava para si cerca de 65% da energia total consumida, a vertente dos “transportes individuais”, em 1998 e para as viagens com origem ou destino na cidade de Lisboa, prevalecia sobre a dos “transportes públicos”. Fontes: Amerlis, *Matriz Energética do Concelho de Lisboa*; Direcção Geral dos Transportes Terrestres, *MT2000 Mobilidade e Transportes na AML*.

7 Em Lisboa, o segundo destes problemas (barracas e bairros degradados) mereceu nos últimos anos uma atenção especial, tendo sido possível obter resultados notáveis, mas o primeiro (recuperação e requalificação do centro histórico) continua por resolver.

8 No que diz respeito à União Europeia, alguns exemplos de resultados bastante animadores, obtidos na esfera do desenvolvimento sustentável, são apresentados e discutidos no âmbito do REGIONET (*Strategies for Regional Sustainable Development: An Integrated Approach beyond Best Practice*).

geral, das zonas de recreio e lazer, em particular, e das áreas de fronteira com *habitats* naturais, bem como das áreas abrangidas pela estrutura verde urbana, muito em especial.

- 3** As autoridades municipais e as empresas locais devem usar os recursos – nomeadamente a água e a energia – de uma forma tão eficiente quanto possível.
- 4** No domínio do sistema de mobilidade e transportes, deve ser gradualmente implementado um modelo alternativo ao actual que consista em: (a) reduzir a necessidade de deslocamentos pela proximidade de valências complementares; (b) fixar população para que dessa forma se atenuem o fenómeno da pendularidade; (c) aumentar as acessibilidades em modos de transporte “amigos do ambiente” e usar tecnologias limpas nos transportes públicos; (d) melhorar as condições de circulação pedonal e construir pistas de bicicletas sempre que as condições topográficas sejam favoráveis.⁶
- 5** As áreas urbanas centrais que estejam degradadas e desertificadas (núcleos históricos) devem ser recuperadas e requalificadas, fixando e atraindo residentes; as áreas urbanas periféricas

que não proporcionem condições de vida dignas (barracas e bairros degradados) devem ser eliminadas ou reconvertidas, transferindo ou realojando residentes.⁷

- 6** Devem ser estabelecidas parcerias, bilaterais e multilaterais, com entidades locais, regionais ou nacionais, nomeadamente empresas e universidades, para que se aproveitem sinergias, para que se economizem recursos e para que mais facilmente se difundam as melhores práticas.
- 7** O envolvimento dos cidadãos nas grandes opções e nas decisões mais complexas deve ser garantido para que, por essa via, se obtenham consensos sobre o que deve ser feito. Mas este resultado apenas será alcançável se a informação técnica estiver disponível em tempo útil e se for transmitida com clareza e na quantidade estritamente necessária a uma participação fundamentada.

A resposta à interrogação sobre o que se deverá entender por “cidade sustentável” exige um esforço analítico e de reflexão crítica que naturalmente ultrapassa as fronteiras deste estudo. Pode-se, no entanto, ensaiar um esboço de resposta, a partir das considerações anteriores e do que já se consegue apurar de alguns casos de sucesso.⁸

O problema da definição de princípios orientadores e programas de acção que visem a sustentabilidade urbana tem vindo a ganhar relevância na agenda de diversas instituições internacionais, centros de investigação e associações de cidadãos.⁹ Parece poder concluir-se que as cidades que maior consistência revelam no percurso rumo à sustentabilidade:

- 1 Elaboram planos e projectos urbanísticos que têm em conta as aspirações dos cidadãos no que se refere ao ordenamento do trânsito, à disponibilidade de zonas verdes, aos equipamentos desportivos e aos serviços sociais;
- 2 Incorporam os argumentos ambientais nos mecanismos e nos instrumentos de gestão municipal;
- 3 Conservam e revitalizam o património, tanto o construído como o paisagístico;
- 4 Executam políticas habitacionais que consideram as especificidades e a diversidade dos grupos sociais envolvidos;
- 5 Protegem as bacias das linhas de água superficiais, renaturalizam o curso de ribeiras e constroem lagoas de retenção temporária que evitam a impermeabilização excessiva do solo, assim como as alterações de nível e fluxo em lençóis freáticos;
- 6 Promovem a integração entre o meio urbano e o meio rural, impedem a construção em zonas

de várzea e estimulam o desenvolvimento de actividades agrícolas em hortas urbanas;

- 7 Envolvem a população nos processos de decisão e fiscalização, realizam auditorias ambientais e utilizam critérios ambientais na compra de bens e serviços;
- 8 Desenvolvem modelos institucionais de governação das cidades baseados em formas rápidas de decisão e coordenação flexível envolvendo o público e o privado;
- 9 Promovem a renovação das bases da competitividade das cidades com valorização da actividade económica baseada no conhecimento, procurando captar e incentivar os projectos de investimento que apostem num feixe de competências centrado em atributos distintivos e que possam funcionar como factores de atractividade para outras actividades. Deste modo, promovem o surgimento de redes, que podem assumir o formato de *clusters*, no pressuposto de que esta opção fará emergir um ambiente social-empresarial que favorece a inovação e que tende a gerar a sua própria dinâmica de sucesso, atraindo novos conhecimentos, investimentos e talentos e premiando as empresas que se empenham na realização de programas e na prossecução de objectivos relacionados com a dimensão ambiental da sustentabilidade, conferindo-lhes, assim, reconhecimento público.¹⁰

⁹ A conferência HABITAT II (United Nations Conference on Human Settlements), realizada em Istambul, em Junho de 1996, e a conferência URBAN 21 (Global Conference on The Urban Future), realizada em Berlim, em Julho de 2000, focalizaram-se na discussão de algumas das questões problemáticas relacionadas com a sustentabilidade das cidades; em traços gerais, debateram a necessidade de sustentabilizar e ambientalizar as políticas urbanas, edificando cidades com estratégias social e ecologicamente determinadas. Por outro lado, o 6º Programa Comunitário de Acção em Matéria de Ambiente (2001-2010) elege a estratégia temática do “Ambiente Urbano” como uma das suas sete acções-chave, salientando, primeiro, a necessidade de se promoverem políticas comunitárias horizontalmente integradas que contribuam para a melhoria do ambiente urbano e, logo a seguir, a importância da utilização de indicadores que permitam avaliar o desempenho das cidades em termos de sustentabilidade.

¹⁰ Esta abordagem tem mesmo sido consagrada em programas comunitários e nacionais. Na Alemanha, servem de exemplo a iniciativa “Redes Regionais de Competências” e o programa “Pólos Inovadores de Desenvolvimento Regional”, que estabelecem como objectivo crucial o incremento da competitividade das regiões abrangidas – sendo que esta lógica pode ser aplicada a cidades ou áreas metropolitanas –, sem perder de vista o paradigma da sustentabilidade. Cf. Lafferty, William & Narodoslawsky, Michael (eds) (2003), *Regional Sustainable Development in Europe: The Challenge of Multi-Level Co-operative Governance*, Oslo, ProSus, p. 262.



2

**a situação da região e da cidade de
Lisboa no contexto nacional e europeu**

a situação da região e da cidade de Lisboa no contexto nacional e europeu

A região e a cidade de Lisboa no contexto europeu

Com base num dos indicadores que melhor traduz o nível de vida das regiões – o produto interno bruto *per capita* – a região de Lisboa e Vale do Tejo (RLVT), apesar de superar a média nacional, ficava, em 2000, aquém da média da União Europeia a 15 (UE 15)

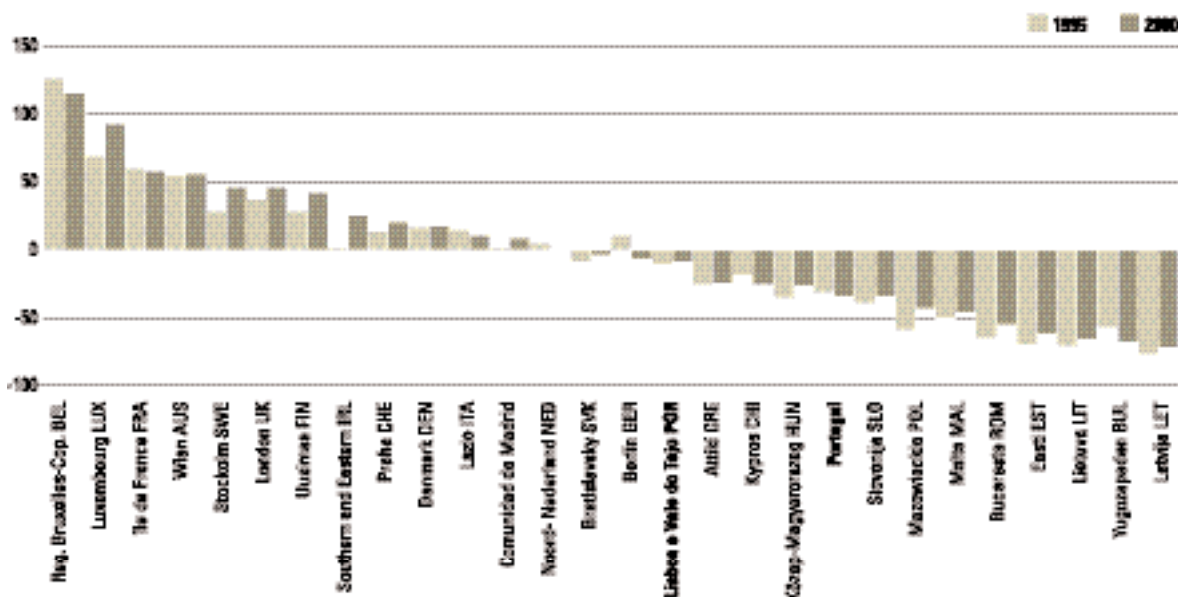
(ver Figura 2.1). Com efeito, no ano 2000, o PIB *per capita* apresentado pela RLVT atingia cerca de 90,9% da média da UE 15 e cerca de 100,2% da UE alargada (UE 25). Não obstante o diferencial positivo apresentado pela RLVT face à média nacional, o grau de afastamento do PIB *per capita* regional face à respectiva média nacional encontra-se entre os menos significativos no seio das regiões capitais à escala europeia.

No contexto das regiões capitais, a região de Lisboa e Vale do Tejo ocupa uma posição intermédia, sendo o seu nível aproximado a algumas regiões da Europa de Leste (como Bratislava). É incluída na classe das “regiões intermédias em consolidação”, cujo núcleo central se situa no arco Bélgica flamenga-Alemanha-Áustria, grande parte da Suécia rural e algumas regiões dispersas por vários países, com destaque para duas capitais de localização periférica, Lisboa e Bratislava.

Revelando um perfil-tipo bastante próximo da média, a classe “regiões intermédias em consolidação” destaca-se pelas dinâmicas do mercado de trabalho: elevada taxa de emprego da população em idade activa em 2001, mas agravamento da taxa de desemprego entre 1991 e 2001.

A região de Lisboa e Vale do Tejo apresenta uma estrutura de níveis educacionais bastante débil no contexto europeu, com um peso significativo dos níveis habilitacionais mais reduzidos no total da estrutura de habilitações, e consequentemente a ténue expressividade das habilitações mais elevadas na região, comparativamente com o espaço europeu (ver Figura 2.2).

FIGURA 2.1
Diferença do PIB *per capita* nas regiões capitais europeias face à UE 15



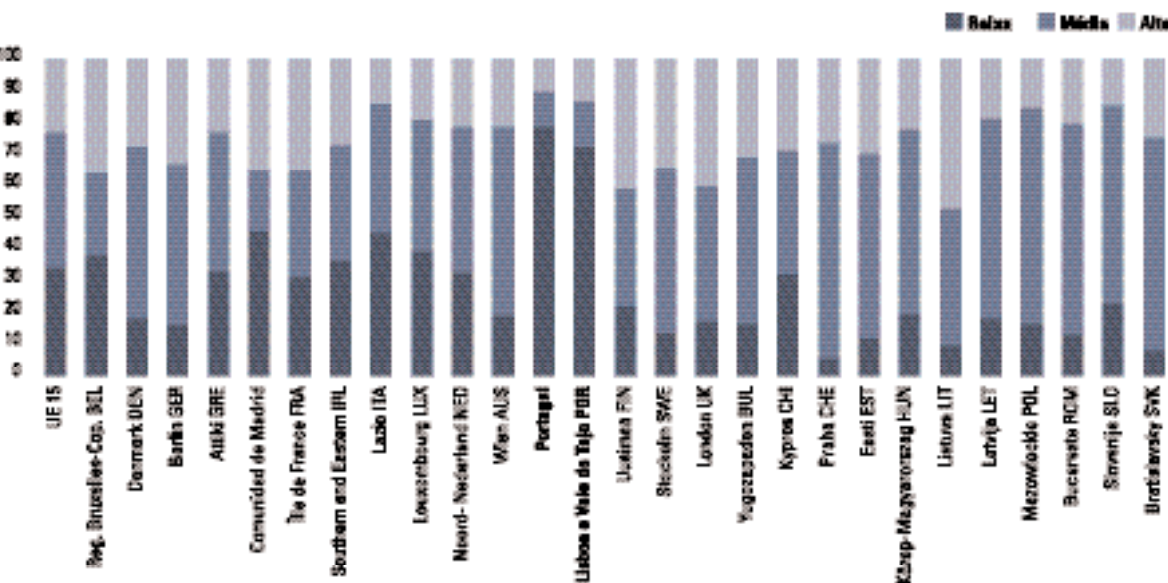
Fonte: Região do projecto a partir de estatísticas sobre a Região de Coesão Económica e Social, UE

A análise da relação dos níveis de PIB *per capita* com a estrutura educacional na região de Lisboa e Vale do Tejo indicia a existência de ameaças ao potencial de crescimento futuro face à estrutura de recursos humanos muito pouco favorável para a região no contexto europeu. De facto, a região de Lisboa e Vale do Tejo apresenta, por um lado, o peso menos expressivo dos níveis habilitacionais mais elevados no seio das regiões que revelam níveis de PIB

per capita mais aproximados ao seu, e por outro, detectam-se em simultâneo diversas regiões com níveis de PIB *per capita* inferiores ao da RLVT, que apresentam pesos dos níveis habilitacionais mais elevados mais favoráveis. (ver Figura 2.3).

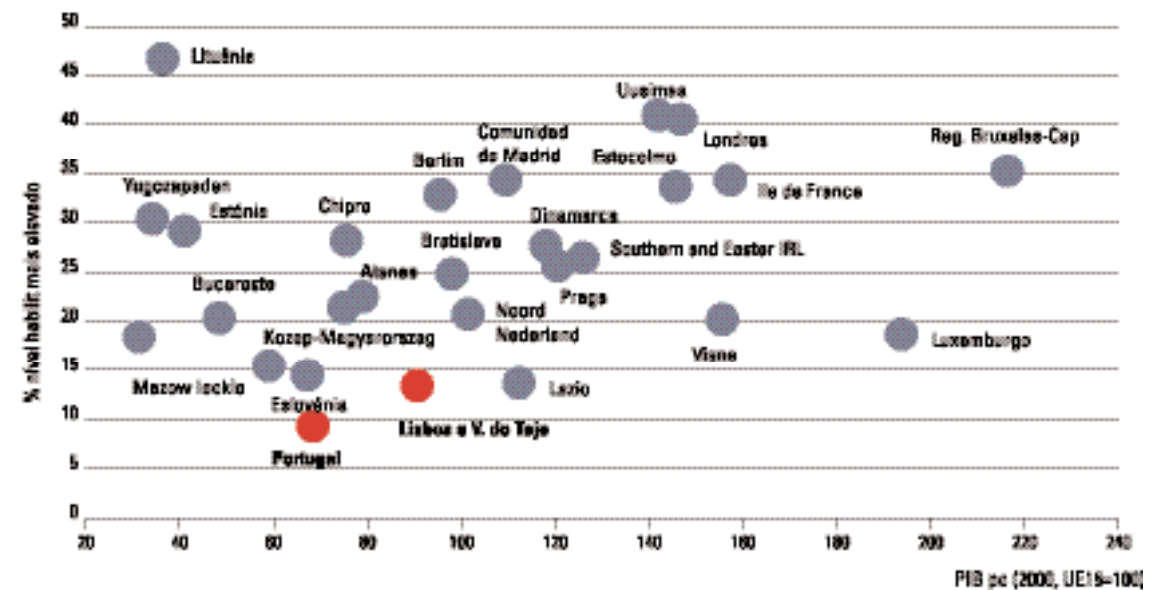
Um estudo recente¹¹ estabelece uma análise comparativa de 180 cidades europeias com mais de 200 mil habitantes, tendo por base um conjunto de 15 indicadores.¹²

FIGURA 2.2
Nível educacional (25-59 anos) nas regiões capitais europeias, 2001



Fonte: Trabalho do projecto e partir de relatório sobre o Estado do Conselho Económico e Social, UE

FIGURA 2.3
PIB *per capita* e nível educacional nas regiões capitais europeias

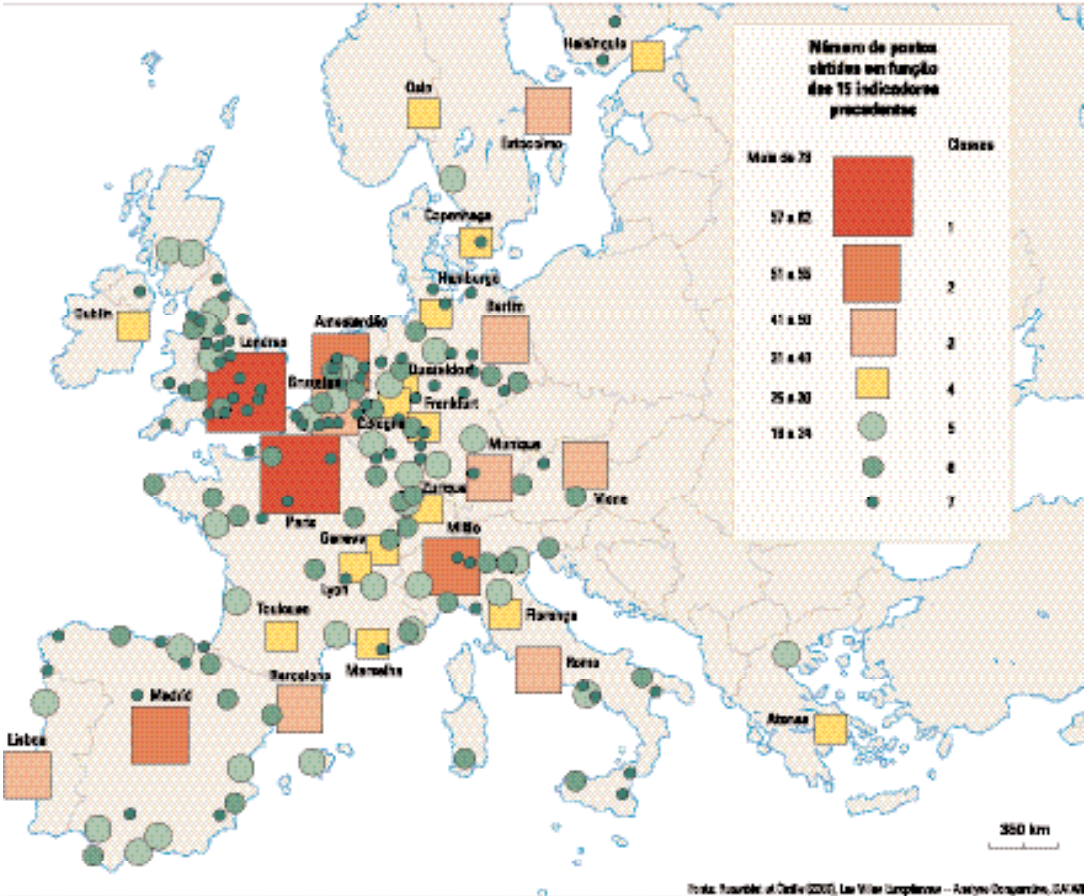


Fonte: Trabalho do projecto e partir de relatório sobre o Estado do Conselho Económico e Social, UE

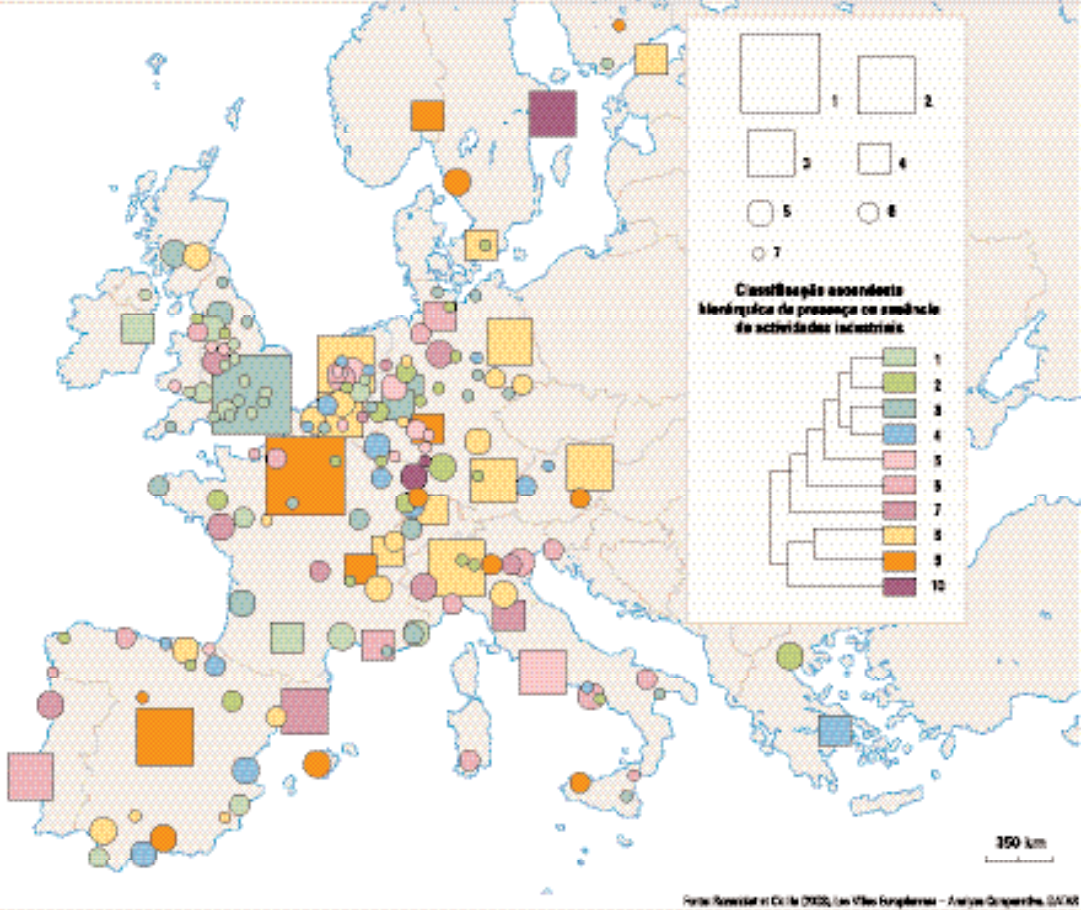
¹¹ Rozenblat et al (2003), publicado pela Délégation à l'Aménagement du Territoire et à l'Action Régionale (DATAR)
¹² Os indicadores considerados pela DATAR para as 180 cidades europeias são: população residente no ano 2000; evolução populacional entre 1950 e 1990; tráfego de mercadorias nos portos; passageiros nos aeroportos; acessibilidades das cidades à escala europeia; sedes sociais dos maiores grupos europeus; praças financeiras; feiras internacionais; congressos internacionais; museus; número de turistas; espaços culturais; estudantes; edição de revistas científicas e redes de I&D europeias.

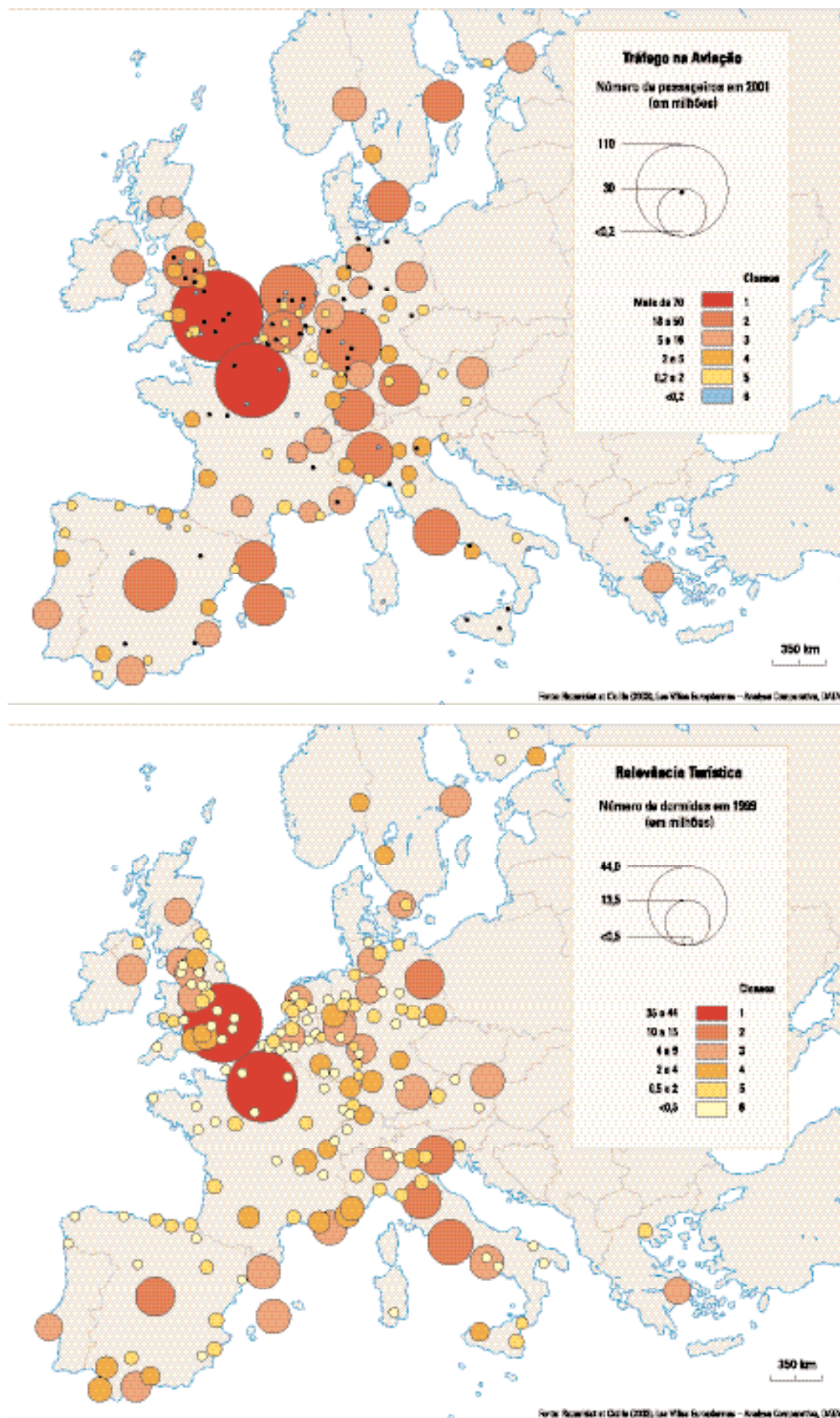
FIGURA 2.4 A aglomeração urbana de Lisboa no contexto europeu

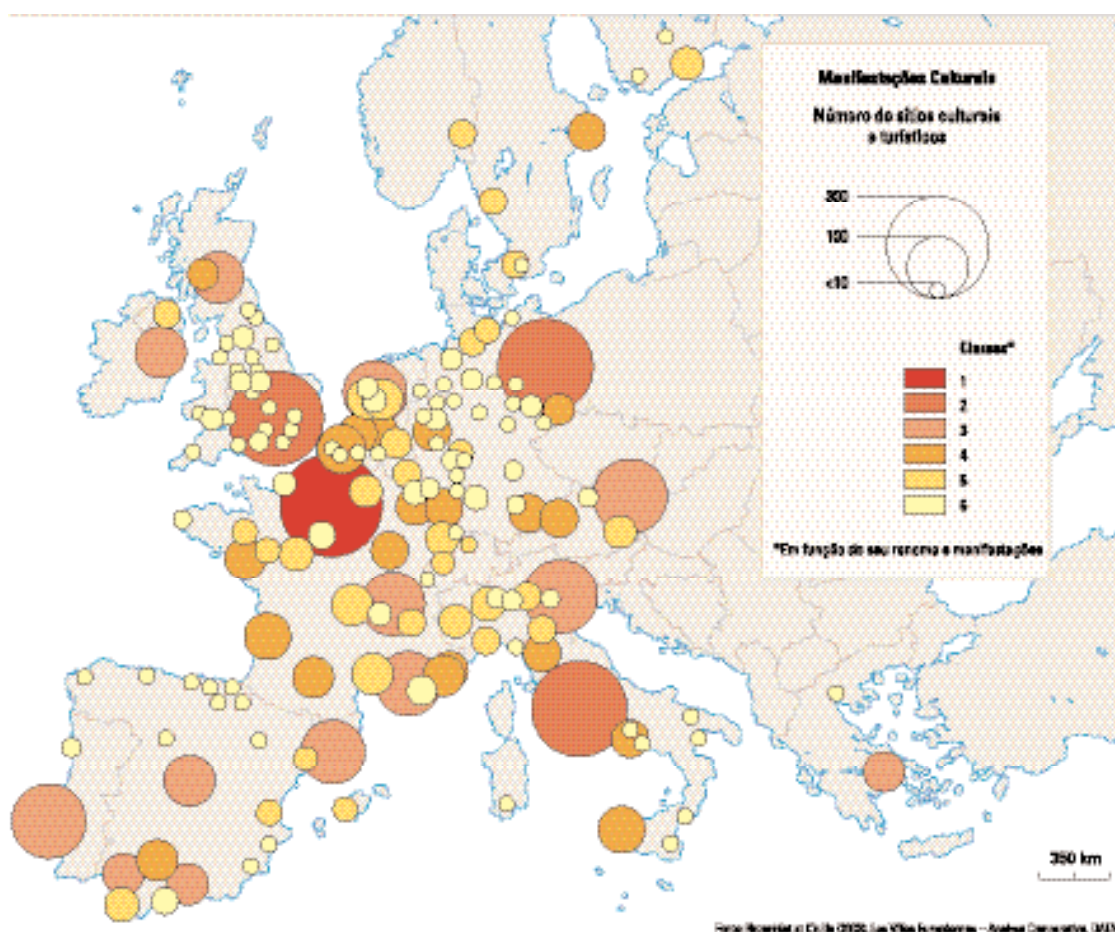
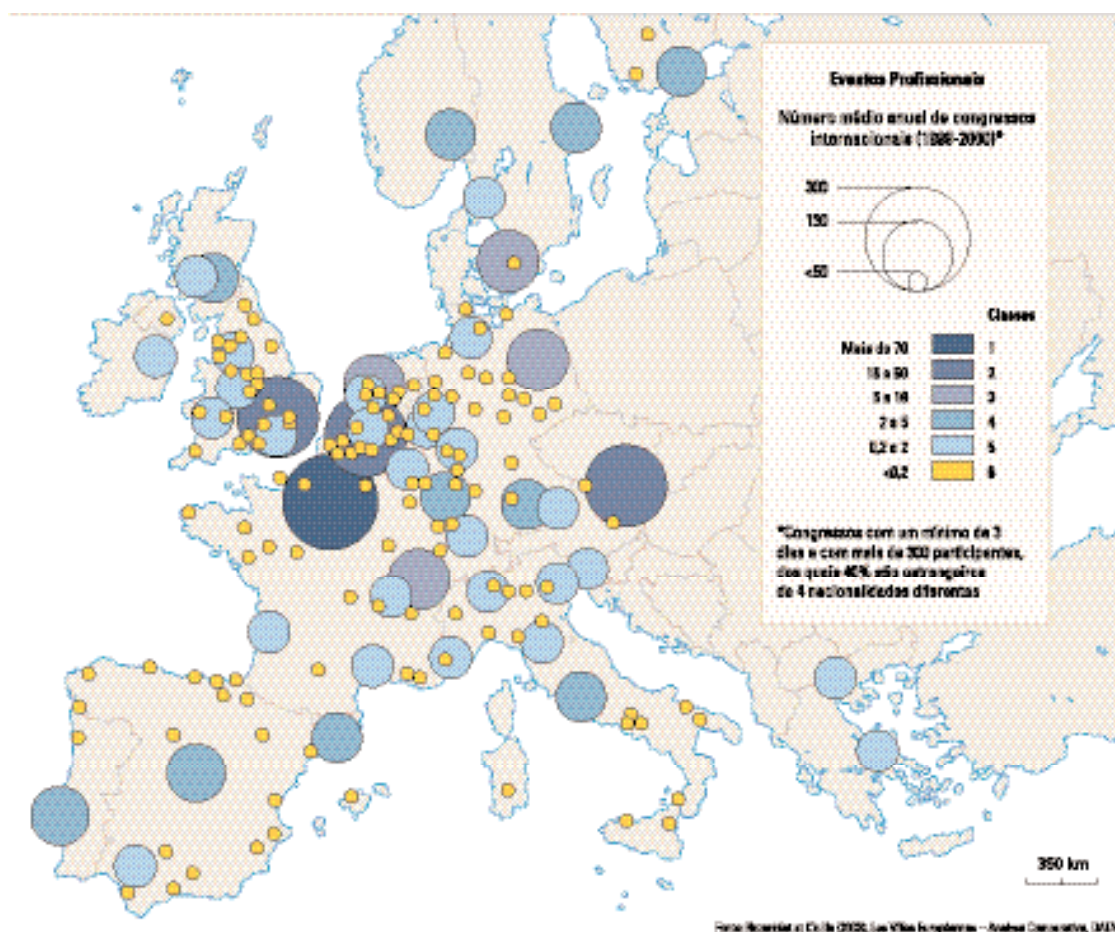
Um posicionamento global relevante (Lisboa situa-se no grupo do 8º ao 13º lugares, entre 180 aglomerações, com Barcelona, Roma, Viena, Bruxelas, Munique, Berlim e Estocolmo)

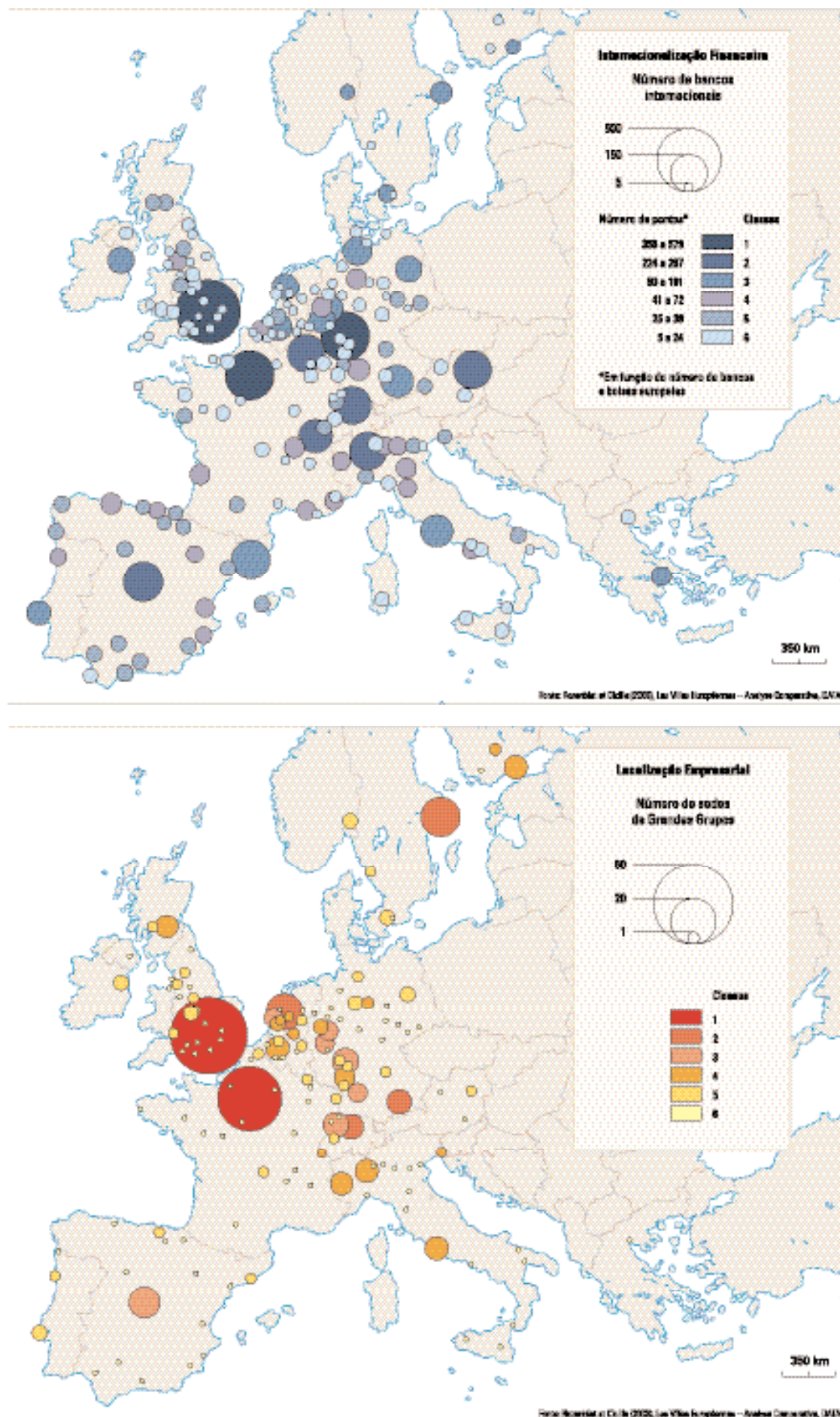


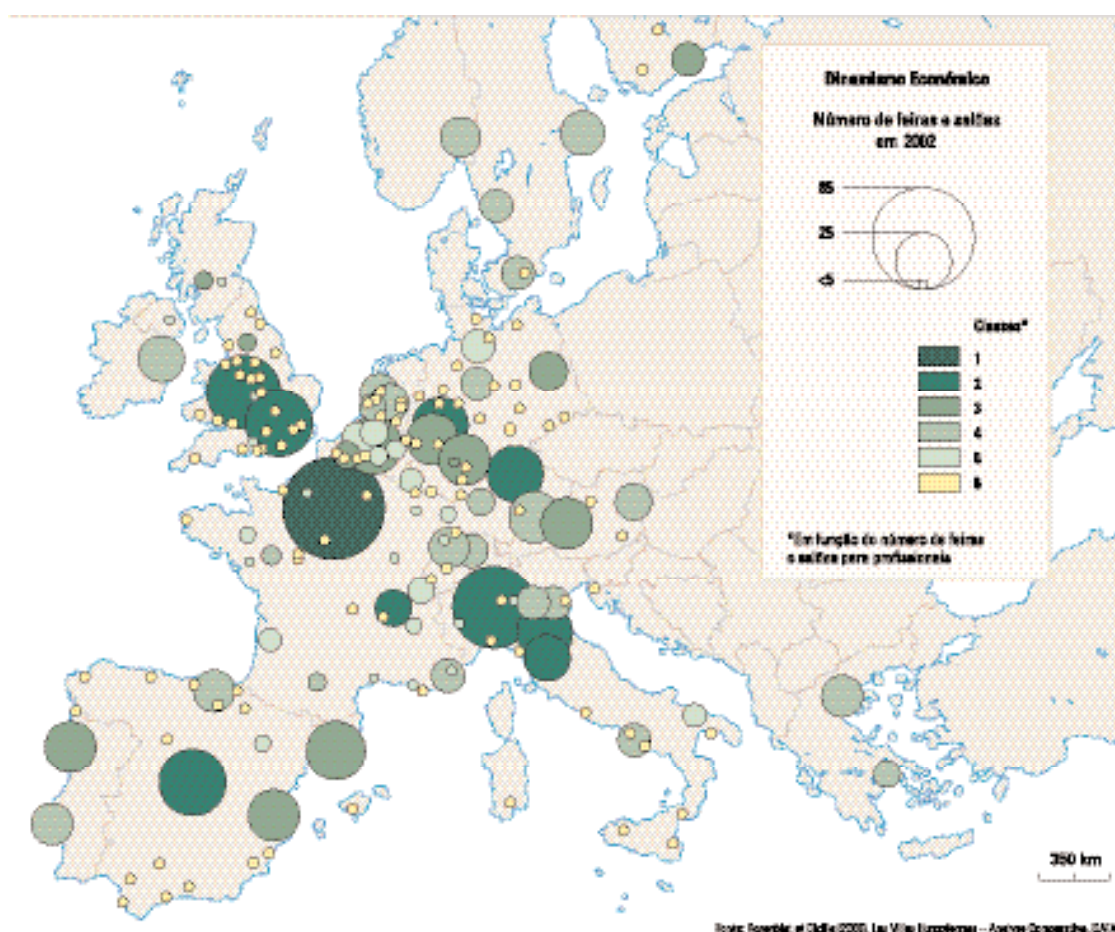
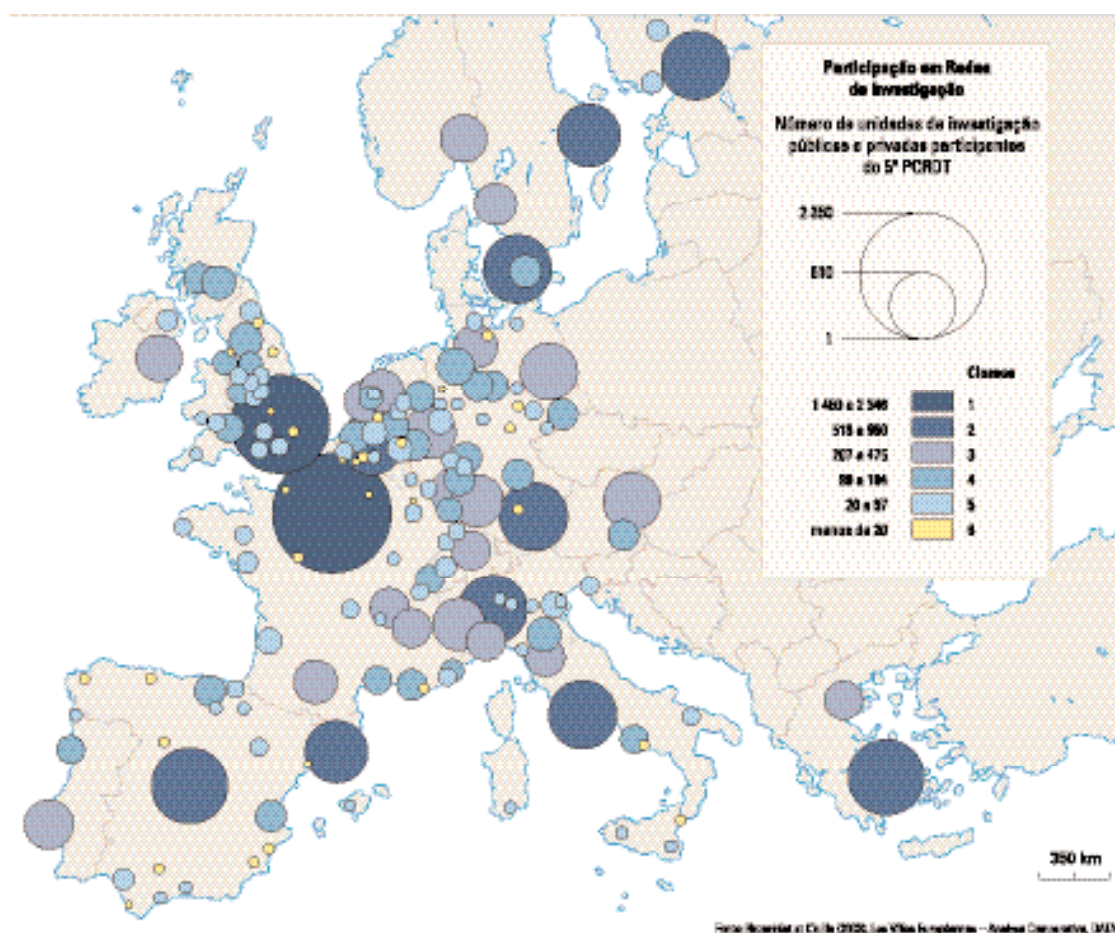
Uma especialização equilibrada entre serviços e indústria (Lisboa, no seu grupo, com menor peso industrial relativo que Barcelona, Bruxelas, Milão, Munique, Berlim e, sobretudo, Estocolmo e com maior peso industrial relativo que Roma e Atenas).

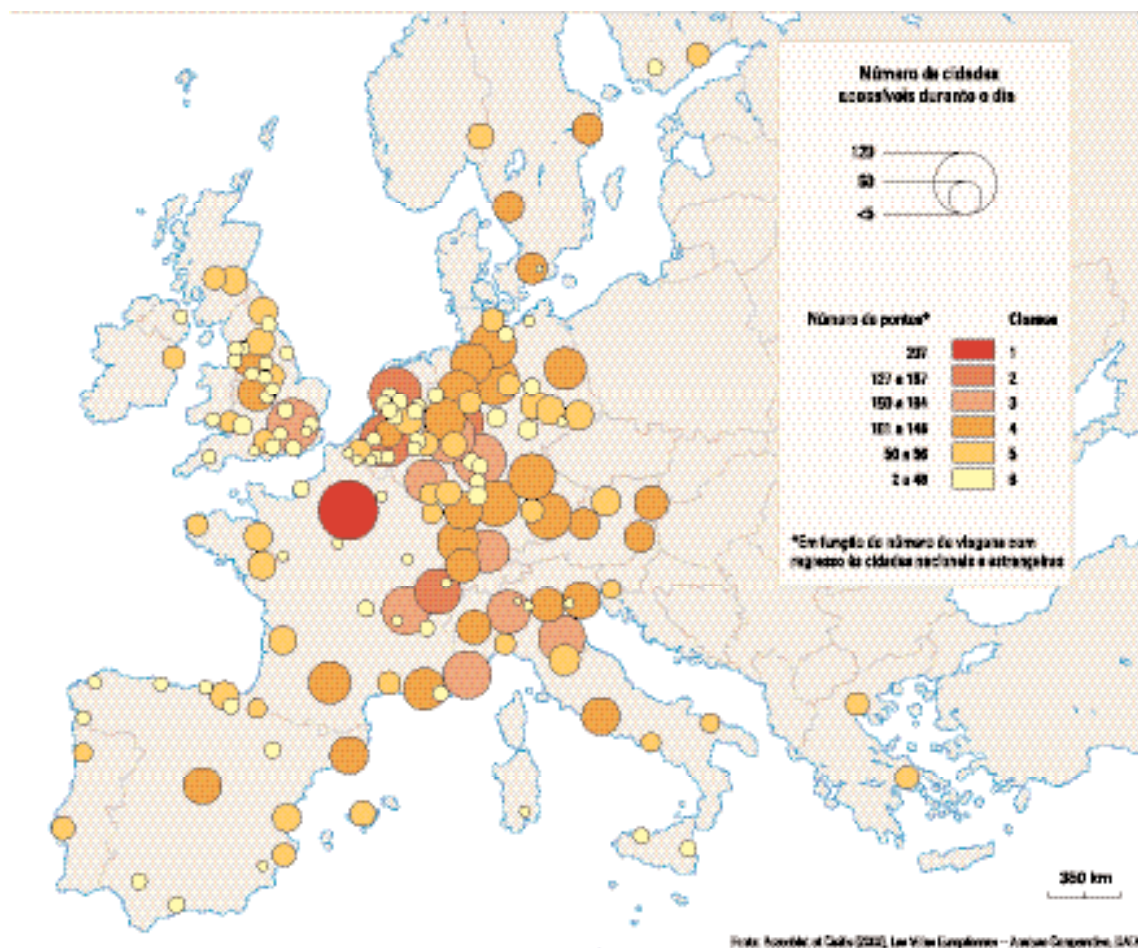












No *ranking* de cidades europeias, Lisboa surge na Classe 3 (entre 51 a 55 pontos num total de 15 indicadores considerados), a par de cidades como Barcelona, Roma, Munique, Viena, Bruxelas, Berlim e Estocolmo (ver Figura 2.4). Esta classificação resulta da síntese de todos os indicadores e oferece uma visão geral do nível de “influência” das cidades à escala europeia.

Considerada um pólo económico diversificado, Lisboa, à semelhança de Bruxelas, Viena e Estocolmo, assume um papel de âncora nas funções internacionais do país.

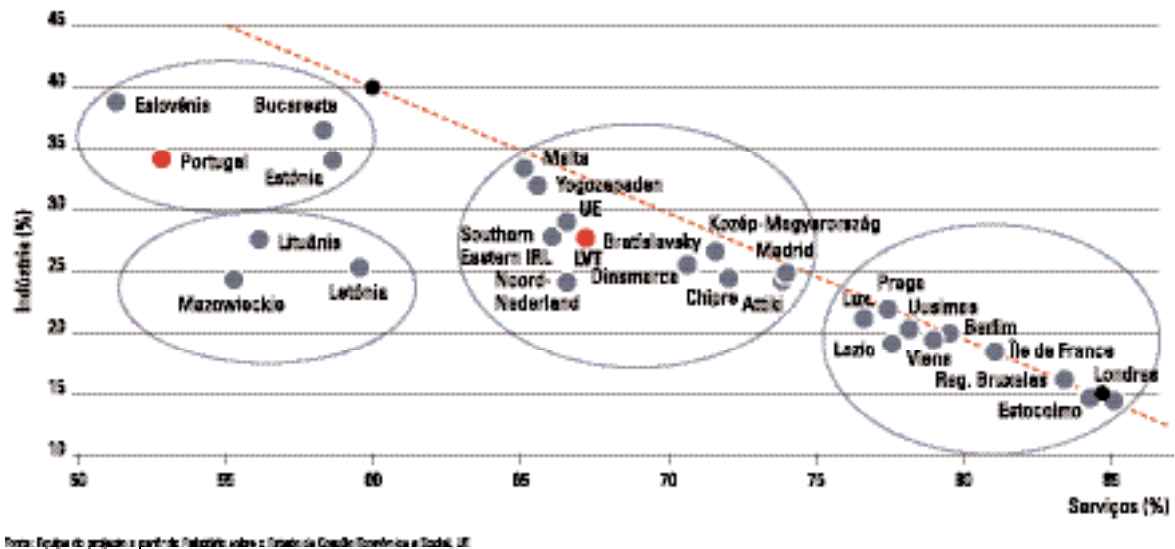
Lisboa coloca-se num posicionamento pouco favorável ao nível das acessibilidades no contexto europeu. Este posicionamento pode ser visualizado recorrendo a um estudo efectuado às regiões europeias com base nas possibilidades de ida e volta no próprio dia entre cidades europeias de avião ou de comboio. Paris assume-se como a cidade com melhores acessibilidades no campo do sistema de transportes europeu, com 117 cidades acessíveis em viagens de ida e volta no próprio dia, sendo 90 delas estrangeiras. A cidade de Lisboa aparece clas-

sificada na parte inferior da classificação em termos de acessibilidades.

No contexto europeu, Lisboa é classificada com um défice enquanto pólo de atracção de sedes de grandes grupos internacionais. Além deste facto, o número de localizações empresariais relativizado pelo peso demográfico da região é, para Lisboa, pouco expressivo ao nível europeu.

O perfil de especialização da região de Lisboa e Vale do Tejo revela um peso do sector dos serviços no geral inferior ao das regiões capitais europeias, sobretudo no que concerne aos actuais países membros da UE, dado que face às regiões dos países de Leste as diferenças não são tão marcantes (ver Figura 2.8).

Ao nível da estrutura de especialização económica, Lisboa é classificada, no contexto europeu, enquanto pólo económico que acumula actividades do sector terciário (serviços administrativos, financeiros, entre outros), comerciais, industriais, turísticas e culturais, não assumindo umas das actividades, em particular, um papel de forte dominância na estrutura económica.



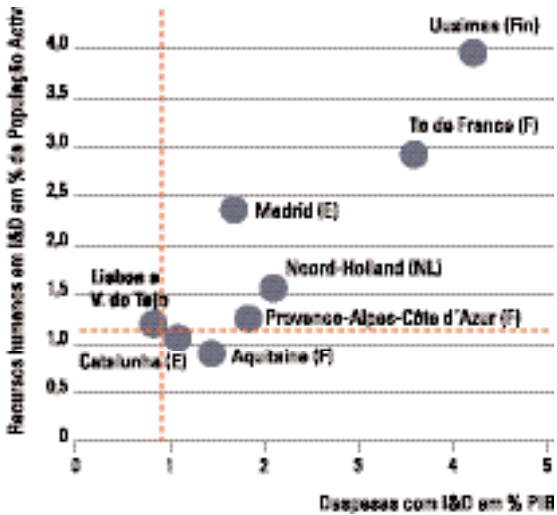
A região de Lisboa e Vale do Tejo ocupa, no contexto europeu, uma posição modesta ao nível do esforço efectuado para reforçar a sua base de conhecimentos científicos e tecnológicos, o qual pode ser medido com base nas actividades de Investigação e Desenvolvimento de uma região. De facto, em 1999, a região afectava cerca de 0,88% das despesas do PIB regional a gastos com I&D, cerca de 4 vezes menos do que as regiões que mais gastam, como é o caso de Uusimaa na Finlândia. Os níveis apresentados por Lisboa e Vale do Tejo situam-se ao nível de regiões como a Estónia e a Lituânia. No espaço das regiões ibéricas, a região aproxima-se mais dos níveis de despesas com I&D da Catalunha do que de Madrid, sendo que esta última se destaca por apresentar aproximadamente cerca do dobro de despesas da região portuguesa.

No estudo *European Cities Monitor 2002* da Cushman & Wakefield, que apresenta uma análise comparativa da cidade de Lisboa no contexto das cidades europeias, no que respeita a *rankings*¹³ relacionados com factores de localização e atracção de empresas, Lisboa surge num posicionamento pouco favorável. É nos custos de mão-de-obra que a cidade de Lisboa surge na posição mais favorável (4º lugar).

No que respeita à qualificação dos recursos humanos, aos transportes internacionais e à qualidade das telecomunicações, a posição de Lisboa desce para 25-27º lugar. Lisboa é considerada a 27ª melhor localização para empresas.

Segundo dados recentemente divulgados pela Associação do Turismo Lisboa (ATL) e pela International Congress & Convention Association (ICCA), Lisboa ocupou em 2002 o 5º lugar na lista mundial de cidades mais procuradas para a realiza-

FIGURA 2.9 Recursos empregues com I&D: despesas e recursos humanos



ção de congressos e reuniões internacionais, subindo oito lugares em relação a 2001. Lisboa posiciona-se assim ao lado de cidades como Barcelona (que ocupa o 1º lugar), Copenhaga, Estocolmo e Viena.

No domínio da Investigação e Desenvolvimento Científico e Tecnológico, verifica-se que, tal como em outras regiões-capital da Europa, a concentração de infra-estruturas e recursos humanos dedicados a actividades de Investigação e Desenvolvimento (I&D) científico e tecnológico em Lisboa é a mais elevada do país. No entanto, embora a capacidade de I&D seja elevada relativamente ao resto do país, ela ainda estará bastante abaixo do que é vulgar encontrar em outras regiões. A figura seguinte, em que se compara a

¹³ Estes *rankings* basearam-se em entrevistas a 506 empresas europeias pertencentes a 9 países da Europa.

região de Lisboa e Vale do Tejo com outras regiões europeias, sugere que existe ainda um caminho a percorrer no que respeita à expansão em “volume” deste tipo de actividades.

O perfil institucional do concelho de Lisboa, no que respeita aos diversos actores que desempenham actividades de I&D, é semelhante ao perfil da área metropolitana (e também semelhante ao do país), o que em parte resulta do enorme peso que o concelho tem no perfil nacional. Assim, os actores mais importantes nas actividades de I&D são as universidades, logo seguidas dos institutos públicos. Também alguns dos maiores executores de I&D do sector empresarial localizam-se no concelho de Lisboa (como é o caso da Portugal Telecom, da SIBS ou da NovaBase).

A elevada concentração de laboratórios públicos de I&D no concelho traduz-se claramente numa oferta diversificada de capacidades de I&D que pode ser importante para o processo de inovação. Contudo, fruto de um insuficiente desenvolvimento de laços entre universidades, laboratórios do governo e empresas, é possível que a inovação que ocorre no concelho não esteja a aproveitar devidamente as capacidades que já existem, estimulando assim maiores níveis de inovação/difusão tecnológica.

Dados fornecidos pelo Eurostat a nível regional, no que respeita ao grau de utilização da propriedade industrial (nº de patentes registadas no Instituto Europeu de Patentes – EPO por milhão de habitantes), indicam uma reduzida utilização do sistema de patentes (ver Quadro 2.1). Existem factores estrutu-

rais, nomeadamente o reduzido peso de sectores I&D-intensivos, quando comparado com outras regiões, que explicam este défice. Contudo, e embora não haja dados específicos para o concelho de Lisboa, podemos afirmar que se deve promover um melhor aproveitamento do sistema de protecção de propriedade industrial.

A grande conclusão que emerge desta caracterização da aglomeração urbana de Lisboa centra-se na natureza do processo de conversão de recursos em realizações ou resultados, isto é, no facto de parecer existir um défice de exploração de sinergias ou de articulação e coordenação de políticas e intervenções que geram desequilíbrios, limitam o normal curso dos efeitos ao longo das cadeias de impacto e prejudicam a afirmação da cidade e da região no plano europeu.

A região e a cidade de Lisboa no contexto nacional

Em termos demográficos, depois de décadas de crescimento populacional, a cidade de Lisboa tem vindo a perder peso relativo ao nível populacional no conjunto da área metropolitana, atingindo sobretudo os estratos jovens e activos da população, o que tem como consequência:

- Envelhecimento da população da cidade de Lisboa;
- Degradação e desertificação das áreas centrais da cidade;
- Alastramento dos dormitórios periféricos e crescimento de áreas urbanas desqualificadas;
- Forte acréscimo dos movimentos pendulares, diários, entre as periferias e as áreas centrais da cidade.

Ao nível da estrutura etária predominam na cidade de Lisboa os grupos de população em idade activa. No entanto, Lisboa acompanhou a tendência para o envelhecimento demográfico registada a nível nacional numa dupla perspectiva:

- Envelhecimento pelo topo, derivado do aumento da população idosa;
- Envelhecimento pela base, derivado da diminuição da população jovem.

QUADRO 2.1
Patentes registadas no EPO
por milhão de habitantes

	1998	1999	2000
Dinamarca	139,7	168,5	199,3
Berlim	148,4	171,8	190,0
Leipzig	28,7	33,1	50,1
Atenas	14,2	17,3	12,1
Comunidade de Madrid	31,1	40,5	42,9
Catalunha	48,0	54,6	56,4
Île de France	263,6	296,3	319,2
Lazio (Roma)	43,4	49,3	41,8
Luxemburgo	143,5	200,5	198,7
Noord-Holland	114,3	114,7	137,3
Viena	129,5	128,4	153,5
Uusimaa (Suuralue)	480,9	533,9	647,7
Londres	168,5	187,0	—
Lisboa e Vale do Tejo	3,7	7,4	5,1

Fonte: Eurostat

As taxas de natalidade mais elevadas concentram-se na primeira coroa em torno da cidade de Lisboa. É também nesta coroa, sobretudo na margem norte do rio Tejo, que ocorrem os índices de envelhecimento¹⁴ mais baixos. O índice de dependência total¹⁵ estabilizou entre 1991 e 2001 em resultado da redução do número de jovens. No concelho de Lisboa, o índice de dependência total foi em 2001 de 54,4 jovens e idosos por cada 100 indivíduos em idade activa.

Entre os dois últimos momentos censitários, registou-se um declínio populacional no concelho de Lisboa, a par de fortes crescimentos nos seus concelhos limítrofes (Mafra, Vila Franca de Xira, Azambuja, Sesimbra, Setúbal, Montijo e Alcochete). Assistiu-se, assim, a um fenómeno de suburbanização ou periurbanização, que se caracteriza por:

- Aumento populacional nas periferias, nomeadamente em áreas próximas das vias de acesso ao centro, superior ao do centro;
- Existência de fortes movimentos pendulares em direcção ao centro, na medida em que o crescimento das actividades económicas na periferia não acompanha o forte crescimento populacional → fortes movimentos pendulares intraconcelhios na AML.

As deslocações intraconcelhias mais relevantes registam-se: nos “centros tradicionais” da Área Metropolitana de Lisboa–AML (87%) e Setúbal (76%) e nos concelhos mais periféricos – Mafra (67%), Montijo (66%) e Azambuja (65%). Regista-se um menor peso das deslocações intraconcelhias nos concelhos da 1ª coroa circundante da cidade de Lisboa.

A cidade de Lisboa constitui o principal destino para a maioria da população residente na AML, já que confluem para este concelho cerca de 340 mil pessoas por motivos de trabalho ou estudo, o equivalente a 1,3 vezes o valor da população empregada ou estudante residente em Lisboa.

Lisboa é o principal destino para todos os concelhos da AML, principalmente para os concelhos da sua 1ª coroa (recebe mais de 10 mil empregados ou estudantes de cada um destes concelhos).

A comparação entre 1991 e 2001 revela uma perda de importância dos movimentos intraconcelhios, em oposição a um aumento das deslocações entre concelhos da AML, a um aumento das entradas vindas do exterior da AML e a um aumento das saídas para fora da AML.

No que se refere ao nível de desenvolvimento da região de Lisboa e Vale do Tejo no espaço nacional observa-se que o PIB *per capita* regional é, em 1999, cerca de 33% superior à média nacional, tendo-se detectado um ligeiro crescimento, face ao espaço

FIGURA 2.10
Taxa de crescimento da população residente na região de Lisboa e Vale do Tejo, 1991-2001 (em %)

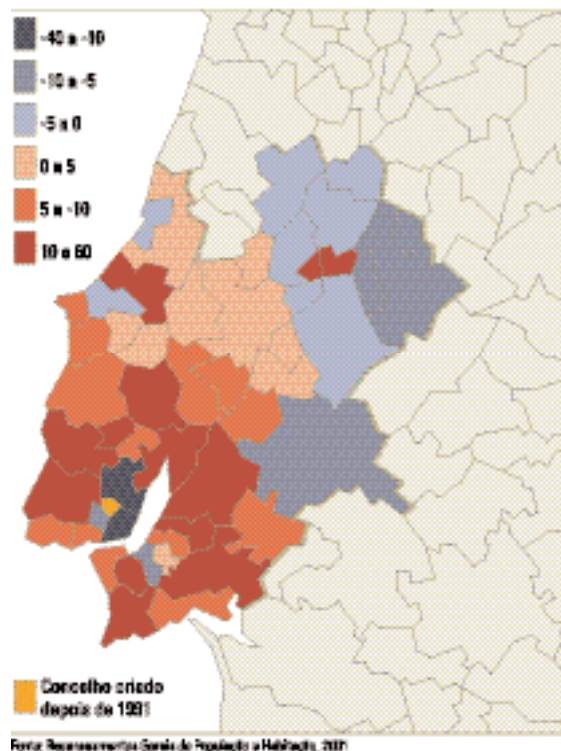
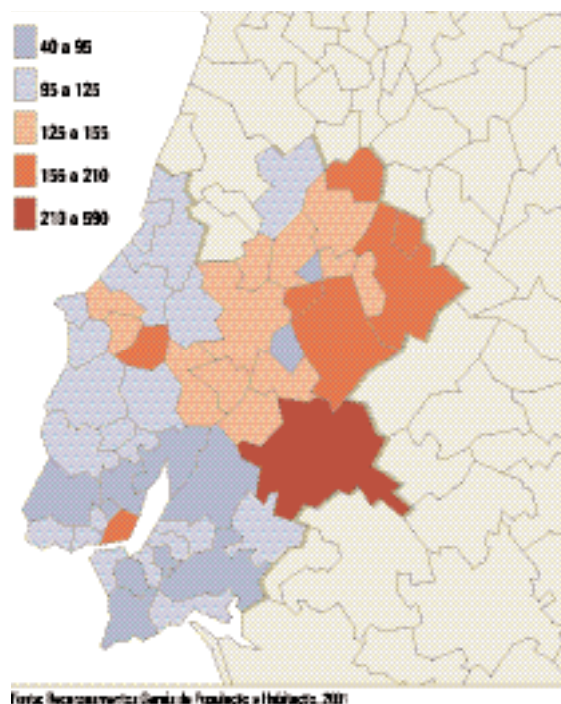


FIGURA 2.11
Índice de envelhecimento da população, 2001 (em %)



¹⁴ Relação existente entre o número de idosos e o de jovens, definido habitualmente como a relação entre a população com 65 e mais anos e a população com 0-14 anos.

¹⁵ Relação existente entre o número de jovens e o número de idosos e a população em idade activa, definido habitualmente como a relação entre a população com 0-14 anos e 65 e mais anos, e a população com 15-64 anos.

QUADRO 2.2
Estrutura etária da população residente, 2001
(em %)

	POPULAÇÃO 0-14 ANOS	POPULAÇÃO 15-64 ANOS	POPULAÇÃO ≥ 65 ANOS
Portugal	15,9	67,7	16,3
Região Lisboa Vale Tejo	14,9	68,8	16,3
AML	14,9	69,7	15,4
Grande Lisboa	14,7	69,5	15,8
Concelho Lisboa	11,6	64,8	23,6

Fonte: Recenseamentos Gerais de População e Habitação, 2001.

nacional, no período 1995/1999 (ver Figura 2.13). No final da década de 90, desenhou-se também uma ligeira tendência de crescimento dos níveis de produtividade da região no contexto nacional, posicionando-se este indicador, em 1999, cerca de 26% acima da média do espaço nacional.

A região de Lisboa e Vale do Tejo tem seguido uma trajectória de reforço da sua dimensão económica no contexto nacional: em 1995 a região representava 43,6% do VAB (valor acrescentado bruto) gerado no espaço nacional, valor que subiu em 1999 para cerca de 44,7%.

A taxa de actividade de Lisboa e Vale do Tejo, em 2001, aproximava-se bastante da taxa de actividade nacional (ver Figura 2.15) e, à semelhança do que ocorre no espaço nacional, a região apresenta uma taxa de actividade feminina inferior à masculina (45,1% nas mulheres e 56,6% nos homens).

A taxa de desemprego registada na região de Lisboa e Vale do Tejo tem seguido a tendência global do território português, mantendo-se, no entanto, sempre com valores acima da média nacional. A partir de 1995, altura em que o desemprego em Portugal começa a registar uma tendência de diminuição, o desemprego da região segue, também, essa tendência, continuando a manter-se, contudo, sempre como mais elevado (cerca de 1,5 pontos percentuais acima da média nacional). No ano 2001, face ao ano anterior, a subida na taxa de desemprego em Lisboa e Vale do Tejo foi mais acentuada do que a subida média do espaço nacional.

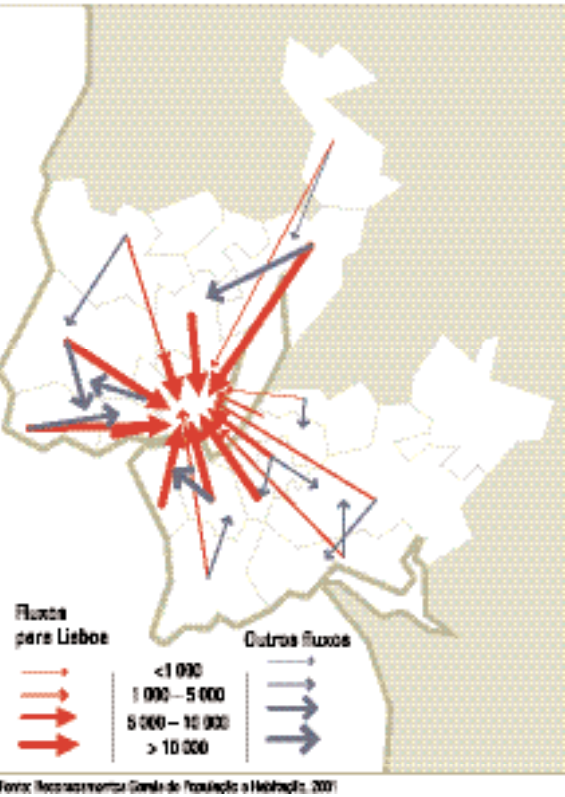
No contexto nacional, a estrutura de habilitações dos recursos humanos evidenciada pela região destaca-se favoravelmente. De facto, em 2001, 14,2% da população da região possuía o ensino superior, superando os 10,6% do espaço nacional. Por outro lado, o peso da população com habilitações inferiores ao 1º ciclo, apesar de ainda esmagadoramente

QUADRO 2.3
Movimentos pendulares na AML (população empregada ou estudante com 15 ou mais anos)

	1991		2001	
	nº de indivíduos	%	nº de indivíduos	%
Deslocações no interior da AML	1 261 411	96,6	1 309 617	94,8
intraconcelhias	777 749	59,6	752 133	54,5
interconcelhias	483 662	37,1	557 484	40,4
Entradas na AML	30 811	2,4	47 436	3,4
Saídas da AML	13 034	1,0	23 980	1,7
Total de deslocações	1 305 256	100,0	1 381 033	100,0

Fonte: Recenseamentos Gerais de População e Habitação (1991 e 2001).

FIGURA 2.12
Fluxos pendulares em direcção a Lisboa, 2001

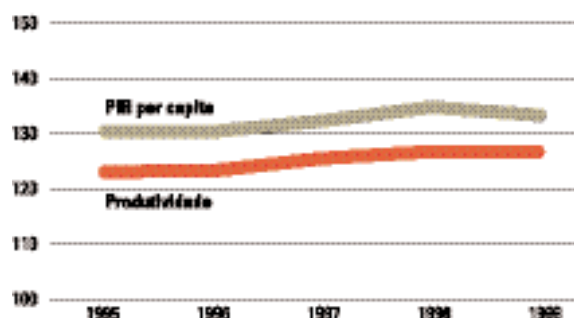


elevado (43,1%), era em 2001, comparativamente ao espaço nacional (49,4%), mais favorável.

Ao nível da estrutura de qualificações, a região de Lisboa e Vale do Tejo apresenta um maior peso relativo dos quadros superiores, quadros médios, encarregados e dos profissionais altamente qualificados na sua estrutura de qualificações face ao país e, por oposição, revela um menor peso relativo dos profissionais qualificados, semi-qualificados, não qualificados e praticantes e aprendizes.

FIGURA 2.13

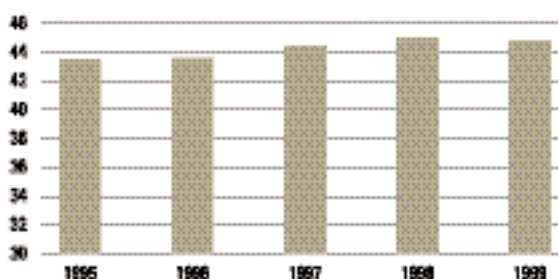
Evolução do PIB *per capita* e da produtividade na região de Lisboa e Vale do Tejo (país = 100)



Fonte: Evolução da produtividade e per capita do PIB, Contas Regionais

FIGURA 2.14

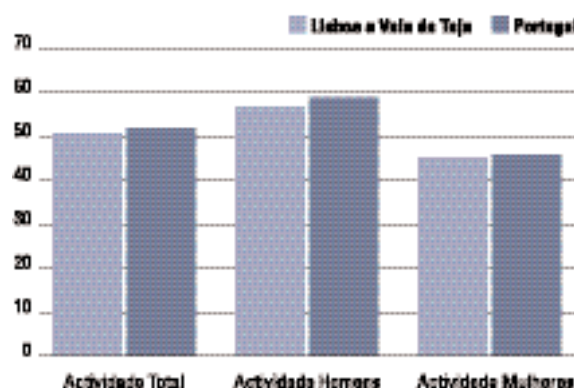
Importância do VAB da região de LVT no contexto nacional (em %)



Fonte: Dados de produção e per capita do PIB, Contas Regionais

FIGURA 2.15

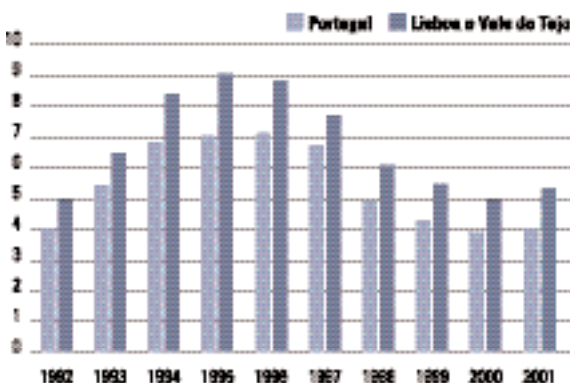
Taxa de actividade em Lisboa e Vale do Tejo, 2001 (em %)



Fonte: Comparação projecto e per capita do PIB, Instituto de Estratégia

FIGURA 2.16

Evolução do desemprego na região de Lisboa e Vale do Tejo (em %)



Fonte: Evolução da produção e per capita do PIB, Instituto de Estratégia

Em termos de dinamismo empresarial, tem vindo a registar-se na região de Lisboa e Vale do Tejo uma maior intensidade de criação de empresas de pequena, média e grande dimensão do que no continente e um menor nível de criação de empresas de muito pequena dimensão. Contudo, a região evidencia também uma maior intensidade de encerramentos do que o continente ao nível das médias e grandes empresas.

A estrutura de especialização produtiva da região de Lisboa e Vale do Tejo apresenta-se, face à estrutura do VAB por actividades a nível nacional, como consideravelmente diversificada, destacando-se, em 1999, as seguintes actividades: actividades de serviços – como as actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas, serviços financeiros e outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais – e actividades de comércio, transportes e armazenagem. No conjunto das actividades de “sub-especialização” da região, incluem-se as indús-

trias transformadoras e extractivas, a agricultura, produção animal, caça, silvicultura e pesca, educação, produção e distribuição de água e electricidade, gás e água e saúde e acção social, entre outras (ver Figura 2.17).

A análise da especialização produtiva da região de Lisboa e Vale do Tejo por factor-chave de competitividade permite verificar que a região se apresenta como estando “sub-especializada” nas indústrias que exploram os baixos custos de trabalho e “sobre-especializada” nas indústrias que se organizam em torno da exploração de economias de escala, do esforço de I&D, da diferenciação do produto e dos recursos naturais como factores de competitividade.

O peso da região de Lisboa e Vale do Tejo no país em termos de comércio internacional é consideravelmente mais acentuado a nível dos fluxos de entrada (64,31%) do que dos fluxos de saída (37,13%). A região apresenta taxas de cobertura no

FIGURA 2.17
Especialização produtiva da região – indicador de localização produtiva segundo o VAB, 1999 (diferença em pontos percentuais)

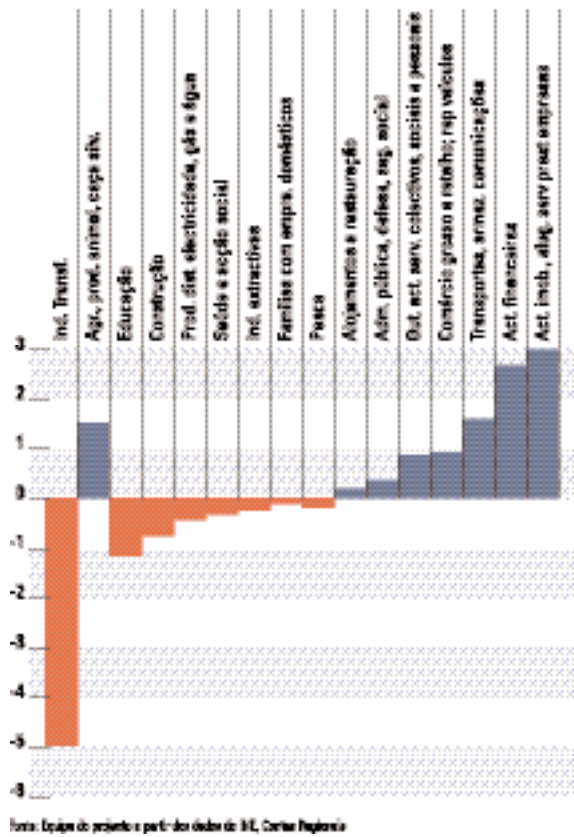
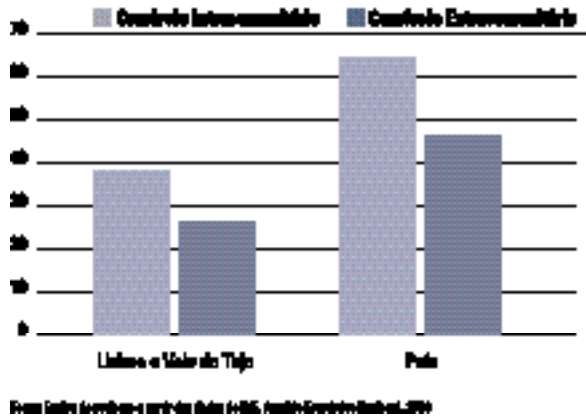


FIGURA 2.18
Taxa de cobertura no comércio intra e extracomunitário da região de Lisboa e Vale do Tejo, 1999 (em %)



comércio internacional bastante baixas, quer seja no comércio intracomunitário, quer seja no comércio extracomunitário, dado que, para além de serem inferiores a 100%, se caracterizam por serem bastante inferiores aos valores nacionais. Tal como o espaço nacional, a posição evidenciada pela região a nível dos fluxos de comércio intracomunitário é ligeiramente mais favorável do que ao nível extracomunitário (ver Figura 2.18).

Considerando o peso dos fluxos de saída e dos fluxos de entrada no PIB, verifica-se que a região Lisboa e Vale do Tejo revela um grau de abertura um pouco superior à taxa correspondente ao espaço nacional. No entanto, em termos de taxa de penetração das importações e das chegadas, a região revela um menor grau de autonomia, ou seja, um maior grau de dependência global do que o espaço nacional, o que traduz um maior peso das importações e das chegadas no total da procura interna da região (Figura 2.19). Face ao espaço nacional, a região evidencia uma menor orientação para o mercado externo, dado o menor peso das expedições e exportações no total das vendas regionais.

A análise da especialização relativa de comércio internacional da região de Lisboa e Vale do Tejo face ao país, utilizando como variável as exportações, permite verificar que a região se apresenta como sendo especializada com forte expressividade no sector de material de transporte, e também em sectores como máquinas e aparelhos e material eléctrico, produtos minerais, indústrias químicas, pastas de madeira, papel e cartão, metais comuns e suas obras, produtos do reino vegetal, e indústrias alimentares, bebidas e tabaco, entre outros (ver Figura 2.20).

No domínio da **Investigação e Desenvolvimento**, no que respeita ao sector Ensino Superior, e utilizando dados estatísticos de 1997, é possível obter uma discriminação por distrito, o que de alguma forma também serve para ilustrar o peso de Lisboa no total nacional. Assim, na tabela 2, mostramos as despesas de I&D a preços correntes, no sector do Ensino Superior. Note-se o claro domínio do distrito de Lisboa, com quase 37% das despesas, relativamente ao total das despesas em I&D efectuadas pelo Ensino Superior. Também com dados relativos a 1997 e no mesmo sector, note-se a particular especialização da I&D do Ensino Superior em Lisboa (relativamente a outras regiões) em áreas que têm a ver com Engenharia e Tecnologia – ver gráfico seguinte.

QUADRO 2.4
Despesa em I&D, a preços correntes,
no sector do ensino superior,
por distritos e regiões autónomas

DISTRITOS	EUROS	% DO TOTAL
AVEIRO	11.066.330	4,8
BEJA	668.888	0,3
BRAGA	16.594.008	7,2
BRAGANÇA	1.307.349	0,6
CASTELO BRANCO	6.109.775	2,6
COIMBRA	33.425.445	14,5
ÉVORA	7.447.551	3,2
FARO	6.944.264	3,0
GUARDA	1.841.562	0,8
LEIRIA	379.585	0,2
LISBOA	85.235.083	36,9
PORTALEGRE	654.423	0,3
PORTO	32.328.089	14,0
SANTARÉM	1.145.240	0,5
SETÚBAL	11.515.747	5,0
VIANA DO CASTELO	1.013.557	0,4
VILA REAL	7.307.888	3,2
VISEU	141.160	0,1
R. A. AÇORES	4.117.078	1,8
R. A. MADEIRA	1.744.795	0,8
TOTAL	230.987.819	100,0

Fonte: OCT

No domínio da **Educação, Formação Profissional**, no que respeita ao capital humano (recursos endógenos intangíveis), o concelho tem várias universidades públicas e politécnicos de nível internacional bem como universidades privadas, e portanto existe uma grande concentração de actividades de ensino superior e formação profissional na área metropolitana de Lisboa. Não existem dados a nível de concelho que permitam avaliar a distribuição de alunos por áreas de ensino, mas em termos qualitativos é sabido que as faculdades de letras e ciências sociais têm sempre bastante mais alunos do que as faculdades técnicas de engenharia. Ou seja, existe um défice de produção de diplomados em áreas técnicas, sobretudo em engenharias relacionadas com as novas tecnologias de informação e electrónica.

A nível da pós-graduação, o concelho concentra também um importante número de actividades (cursos e número de alunos), que constitui um factor igualmente importante para o seu desenvolvimento. De alguma forma, é também conhecida a quase total ausência de mobilidade de mestres e doutorados entre as empresas e as universidades, através do apoio a sabáticas na indústria ou da participação de gestores e empresários em actividades de docência.

3

**a competitividade urbana da cidade
de Lisboa: especialização e dinâmica
das actividades económicas**

a competitividade urbana da cidade de Lisboa: especialização e dinâmica das actividades económicas

55

O presente capítulo apresenta os grandes eixos e resultados da análise desenvolvida e foi organizado de acordo com uma tripla sequência de exposição (metodologia, processos analíticos e resultados obtidos).

Os aspectos metodológicos foram, assim, autonomizados num primeiro ponto, procurando situar global e coerentemente a utilização de conceitos e metodologias que são desenvolvidos e detalhados em cada eixo de análise específico. Os resultados, por seu lado, são apresentados numa lógica descendente, isto é, avançando a partir da caracterização de conjunto do “território empresarial” da cidade e da respectiva especialização global para uma análise detalhada da polarização e diversificação interna da própria cidade. A identificação das dinâmicas de transformação económica e social mais relevantes em curso na cidade, bem como a qualificação e valorização do respectivo impacto na sua competitividade, é desenvolvida, finalmente, através de um processo de progressiva articulação e integração dos resultados parcelares anteriormente estabelecidos e apresentados.

O grande objectivo visado com esta análise é, assim, o de permitir uma leitura suficientemente global e suficientemente detalhada dos grandes problemas, necessidades e desafios da competitividade urbana da cidade de Lisboa focalizada na identificação dos processos de transformação em curso que

podem (devem) ser estimulados, acelerados, travados ou reorientados pelas regras urbanísticas.

A organização do presente capítulo contempla ainda a articulação com um anexo onde se organizaram de forma suficientemente detalhada os elementos de informação mais relevantes em fichas de análise e caracterização das unidades de análise e das zonas de aglomeração, enquanto referenciais desagregados de análise da diversidade interna da cidade.

Aspectos metodológicos: fontes de informação e critérios de espacialização na construção de uma visão detalhada da cidade de Lisboa

A análise da competitividade urbana da cidade de Lisboa, enquanto instrumento útil para a reformulação das regras de ordenamento urbanístico contempladas no Plano Director Municipal (PDM), no quadro mais geral da atracção e consolidação de actividades económicas de valor estratégico que possam garantir à cidade uma base económica competitiva e sustentável, exige, para além da análise global, desenvolvida nos pontos anteriores, da posição competitiva global de Lisboa no contexto regional, nacional e internacional, a análise do comportamento detalhado e desagregado dos diversos espaços e zonas de aglomeração no interior do concelho.

A capacidade de produção desta análise desagregada e interna ao espaço do concelho de Lisboa constitui, aliás, o principal aspecto inovador do presente trabalho, pois, embora existam sinais, opiniões e ideias sobre as dinâmicas em curso na cidade, não é conhecido nenhum estudo que avalie, de forma completa e integrada, as dinâmicas de localização intra-concelhia da actividade económica.

A utilização dos Censos da População e da base de dados dos Quadros de Pessoal como grandes fontes de informação

As grandes fontes de informação utilizadas no presente estudo foram os Censos da População e da Habitação produzidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), nomeadamente os de 1991 e 2001, e os Quadros de Pessoal elaborados pelo Departamento



de Estudos, Estatística e Planeamento do Ministério da Segurança Social e do Trabalho (DEEP), nomeadamente os referentes aos anos de 1991 e 2000.

A escolha destas duas grandes fontes de informação que permitem cobrir, respectivamente, a caracterização da população, do habitat e dos edifícios, por um lado, e a caracterização das unidades empresariais e do emprego, por outro lado, baseou-se em critérios de disponibilidade e em critérios de comparabilidade (importava poder situar as conclusões obtidas em outros estudos relativos à caracterização das dinâmicas da demografia empresarial e do mercado de trabalho).

A base de dados dos Quadros de Pessoal apresenta várias limitações, na medida em que, por um lado, sendo de resposta obrigatória apenas para as unidades com trabalhadores por conta de outrem, não permite uma boa aproximação às actividades em que o trabalho por conta própria ou os empresários em nome individual sem pessoal ao serviço assumem significado relevante, e, por outro, não cobre a administração pública (importante na cidade de Lisboa, mas sujeita a regras de localização que não constituem a preocupação central do presente estudo).

As referidas limitações são, no entanto, largamente ultrapassadas pela sua importante vantagem de permitir que os estudos nela baseados não se limitem à avaliação da “quantidade” de unidades empresariais e de emprego e possam avançar também para uma avaliação da “qualidade” do emprego, dado que é possível analisar as características centrais dos recursos humanos utilizados, e, igualmente, analisar as trajectórias das unidades empresariais, através da observação dos movimentos de mobilidade, criação e

encerramento de empresas e estabelecimentos. Os estudos efectuados revelam, ainda, que a informação constante da base representa uma boa cobertura do sector mais formal da actividade económica empresarial nos sectores secundário e terciário.

Finalmente, a utilização da base de dados dos Quadros de Pessoal, em paralelo com a informação, relativa ao emprego proporcionada pelos Censos da População, permite o desenvolvimento de uma complementaridade entre a análise do emprego por via dos locais de trabalho, perspectiva fornecida pelos Quadros de Pessoal, com a observação do emprego a partir do local de residência, perspectiva fornecida pelos Censos da População.

A utilização de uma base geográfica de referência da informação para detalhar a análise no interior da cidade

As grandes fontes de informação referidas foram convertidas em bases de dados para o presente estudo através de um processo em que, para todas as variáveis seleccionadas, puderam ser obtidos valores para os três referenciais desagregados de análise considerados: o da divisão administrativa da cidade (freguesias), o do modelo desenvolvido no quadro do processo de revisão do PDM, nomeadamente as *unidades de análise*, e o do modelo revelado pela análise das articulações entre a dinâmica das actividades económicas e a evolução do ambiente sócio-urbânico da cidade (zonas de aglomeração).



A inexistência de informação relativa à actividade económica para estas escalas territoriais tornou fundamental a realização de um exercício de geo-referenciação das moradas das unidades empresariais do concelho de Lisboa, trabalho esse realizado pelos serviços da Câmara Municipal de Lisboa. A escolha da informação de base a geo-referenciar constituiu assim uma primeira e primordial tarefa.

O trabalho de geo-referenciação das moradas das unidades empresariais do concelho de Lisboa revelou-se, neste quadro, fundamental para a realização do presente estudo. O referido trabalho permitiu, com efeito, fazer corresponder a cada unidade empresarial um eixo de via.¹⁶ O total de unidades relativamente às quais não foi possível atribuir um código de localização ascendeu a 749 em 1991 e 1360 em 2000, representando respectivamente 16 500 e 24 600 trabalhadores.

A vantagem de dispor da informação ao nível das unidades de análise utilizadas nos diferentes estudos em curso conduziu a que se procedesse a uma passagem da informação do nível de eixo de via para o nível de unidade de análise, através de um procedimento de afectação proporcional dos eixos de via, processo que, embora limitado pela hipótese da proporcionalidade, conduz a resultados consistentes (o cruzamento da informação obtida por este processo ascendente – do eixo de via à unidade de análise – com a informação obtida ao nível infraconcelhio, mas mais agregado, revela que se trata de uma hipótese que adere com bastante razoabilidade à configuração da ocupação do espaço da cidade pelas actividades económicas).

A construção de um referencial das zonas de aglomeração compatível com os critérios de planeamento e ordenamento urbanístico e útil para análise da especialização económica interna da cidade

O processo de análise e investigação da competitividade urbana de Lisboa conduziu, também, a um processo de construção de uma tipologia operativa de “zonas de aglomeração” de actividades económicas que, articulada com os critérios da divisão administrativa da cidade (freguesias) e da definição e revisão das regras urbanísticas (unidades de análise), pudesse evidenciar quer a lógica da localização e concentração das diferentes actividades económicas no espaço da cidade, quer a lógica da respectiva articulação com a localização e concentração da população residente e dos equipamentos estruturantes do habitat.

O caminho seguido comportou os seguintes grandes passos:

- Em primeiro lugar, procurou-se incorporar quer a **visão global de organização geral do espaço da cidade** vertida no PDM em vigor (lógica da articulação do “arco ribeirinho”, com uma “área central”, uma “charneira urbana” e uma “coroa de transição”), quer a renovação dessa visão global que inspirou as mais recentes reflexões (lógica das “grandes áreas agregadas”, incorporando as transformações

¹⁶ A maior margem de erro associada ao tratamento do campo do número de polícia conduziu-nos a não optar pela geo-referenciação ao nível de troço de via, pois isso implicaria perdas significativas de informação

sofridas pela cidade e os novos desafios por elas colocados).

- Em segundo lugar, procurou-se determinar os grandes “factos estilizados” (evidência empírica selectiva enquadrável com solidez em modelos teóricos bem estabelecidos) da evolução recente da cidade, considerada na sua diversidade interna, em matéria de **organização social e urbanística**. A análise foi desenvolvida com base em indicadores respeitantes a variáveis económicas, demográficas sociais e urbanísticas por forma a evidenciar, nomeadamente, as grandes tendências e modelos de densificação da ocupação do espaço urbano; habitação; dimensão e estrutura familiar; envelhecimento da população; nível de educação; intensidade e orientação da população activa e densidade espacial.
- Em terceiro lugar, procurou-se determinar os grandes “factos estilizados” da evolução recente da cidade, considerada na sua diversidade interna, em matéria de **organização da actividade económica**. A análise foi desenvolvida com base em indicadores respeitantes a variáveis empresariais por forma a evidenciar, nomeadamente, as grandes tendências e modelos de localização

empresarial, dimensão, especialização, qualificação e feminização dos recursos humanos e organização do trabalho.

- Em quarto lugar procurou-se incorporar as grandes **linhas históricas do desenvolvimento** económico, social e urbanístico da cidade que, nomeadamente ao longo do último século, foram moldando as principais lógicas de ocupação do território em articulação com a própria geografia da cidade (configuração muito específica de vales, colinas e estuário do Tejo), marcando os “ciclos de vida” dos bairros, das “partes” da cidade ou dos equipamentos colectivos fundamentais, e gerando restrições e problemas ou criando oportunidades e soluções, isto é, configurando uma espécie de “história sedimentar” (interpenetração de várias “camadas” de intervenções ou iniciativas públicas e privadas) da cidade económica que importa valorizar.

As “**zonas de aglomeração**” de base económica resultantes deste processo analítico, que se desdobram em zonas mais agregadas de primeiro nível (9) e zonas mais desagregadas de segundo nível (20), são apresentadas de forma sintética nas figuras e quadros juntos.

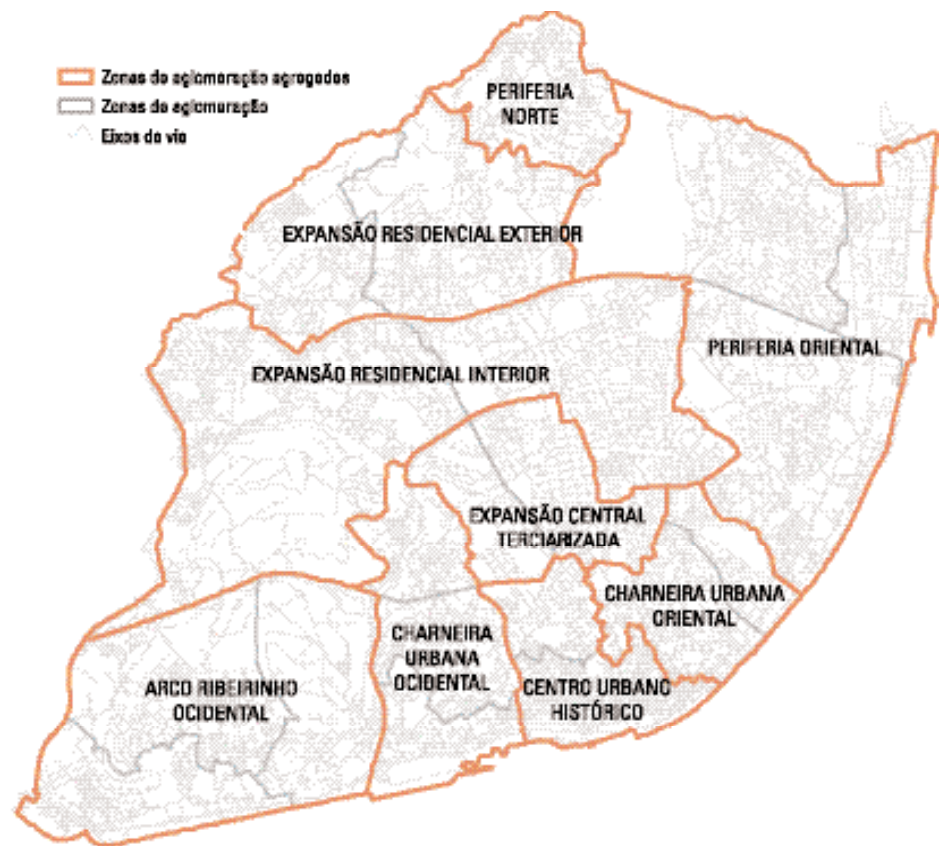
FIGURA 3.1

Correspondência entre unidades de análise e freguesias do concelho de Lisboa





FIGURA 3.3
Correspondência entre grandes zonas de aglomeração e zonas de aglomeração do concelho de Lisboa



QUADRO 3**Correspondência entre as zonas de aglomeração de base económica consideradas as freguesias e as unidades de análise**

ZONAS DE AGLOMERAÇÃO E PROCESSOS HISTÓRICOS DE URBANIZAÇÃO PREDOMINANTES	DESIGNAÇÃO BREVE	(FREGUESIAS) [UNIDADES DE ANÁLISE]	DINÂMICAS ESPACIAL/ URBANÍSTICA/ECONÓMICA
(A) ARCO RIBEIRINHO OCIDENTAL			
(1) Expansão Residencial Mista (moradias/casas económicas) anos 50-60	(Belém/Restelo)	(Sta. Maria Belém) [Belém*, Alcântara/Junqueira*, Restelo*, S. Francisco Xavier*]	Transição Oeiras-Cascais Equipamentos culturais
(2) Bairros Económicos Anos 20-40 / Realojamentos anos 40-50 e 70	(Ajuda)	(Ajuda, S. Francisco Xavier) [Ajuda*, Alcântara/Junqueira*, Restelo*, S. Francisco Xavier*]	Ligação Amadora/acesso aglomeração grande distribuição/pólo universitário recente
(3) Antigo Eixo Industrial/Habitat Operário, Centro Transportes Urbanos (Sto. Amaro)/ Nova Zona Lazer (Docas Oeste)	(Alcântara/Junqueira)	(Alcântara) [Ajuda*, Alcântara/Junqueira*, Belém*]	Vestígios industriais/ renovação HORECA
Tapada da Ajuda		(Alcântara*) [Tapada]	Zona Verde
(B) CHARNEIRA URBANA OCIDENTAL			
(4) Zonas de Habitat Degradado (Casal Ventoso)/ Bairros Populares (Madragoa)/Zona de Lazer (Docas Este-24 de Julho)	(Av. de Ceuta/ 24 de Julho)	(Prazeres, Santos) [Estrela*, Santos*]	(Bairros históricos/ renovação HORECA
(5) Bairros Residenciais Classe Média	(Campo de Ourique/ Estrela)	(Lapa, Sto. Condestável, Sta. Isabel) [C. Ourique, Estrela*]	Zonas residenciais cuidadas/comércio proximidade
(6) Bairros Económicos Anos 30-40 (Serafina/Mestres)/Realojamentos Anos 70 (Liberdade/Campolide)/Novo terciário Anos 80-90 (Amoreiras)	(Campolide/ Amoreiras)	(Campolide) [Estrela*, Santos*, Campolide*]	Espaço muito heterogéneo
(C) CENTRO URBANO HISTÓRICO			
(7) Baixa Pombalina/Frente Ribeirinha (Cais Sodré-Sta. Apolónia)/Articulação c/ charneiras Ocidental (Bairro Alto) e Oriental (Mouraria/Sé)	(Baixa)	(S. Paulo, S. Catarina, Mercês, S. Estêvão, Encarnação, Mártires, Sacramento, S. Justa, S. Miguel, Socorro, S. Cristóvão/S. Lourenço, S. Nicolau, Madalena, Sé, Santiago, Castelo) [Baixa, Santa Marta*, Cais Sodré, Bairro Alto*, Castelo*]	Centro histórico da cidade
(8) Zona Terciária Consolidada/Pólo de Lazer em Declínio/Pólo de Hotelaria em Afirmação	(Avenida da Liberdade)	(Coração de Jesus, S. José, S. Mamede) [Avenida*, Santa Marta*, Bairro Alto*, Fontes Pereira Melo*]	Eixo Restauradores/ Marquês de Pombal (em largura)
(D) EXPANSÃO CENTRAL TERCIARIZADA			Arco central entre o Parque e a 1ª Circular
(9) Zona Residencial Terciariizada	(Avenidas Novas)	(S. Sebastião Pedreira sem A. A. Aguiar, Arroios, N. S. Fátima) [Avenidas Novas*, Fontes Pereira Melo*]	Eixo Picoas/Saldanha/ C. Pequeno (em largura)
(10) Nova Zona Terciária	(Ant. A. Aguiar/ Malhoa)	(Campolide*, S. Sebastião Pedreira*, S. Domingos*) [António Augusto Aguiar]	

* Parcialmente incluído

QUADRO 3 (CONT.)

Correspondência entre as zonas de aglomeração de base económica consideradas as freguesias e as unidades de análise

ZONAS DE AGLOMERAÇÃO E PROCESSOS HISTÓRICOS DE URBANIZAÇÃO PREDOMINANTES	DESIGNAÇÃO BREVE	(FREGUESIAS) [UNIDADES DE ANÁLISE]	DINÂMICAS ESPACIAL/ URBANÍSTICA/ECONÓMICA
(E) EXPANSÃO RESIDENCIAL INTERIOR			Arco entre a 1ª e a 2ª Circular
(11) Expansão planeada e integrada anos 50/ Pólo Comércio Especializado (Roma/Av. Igreja)	(Areeiro/Alvalade)	(S. João Deus, Alto do Pina*, Alvalade, S. João de Brito, Campo Grande) [Alvalade, Areeiro, Campo Grande]	Expansão Alameda/Aeroporto Zonas Residenciais cuidadas (arrendamento controlado)
(12) Expansão residencial desordenada anos 60-70/Pólo pequeno comércio tradicional	(Benfica/S. Domingos)	(Benfica, S. Domingos Benfica) [Benfica, S. Domingos, Carnide*]	Transição Amadora/Sintra Zonas residenciais (promoção privada, arrendamento)
Monsanto		(Benfica*, S. Domingos Benfica*, Campolide*, Ajuda*, Alcântara*) [Monsanto, Monsanto/Benfica, Monsanto Sul]	Grande zona verde
(F) EXPANSÃO RESIDENCIAL EXTERIOR			Arco Norte à 2ª Circular
(13) Realojamentos anos 60-70 (Padre Cruz) e 90 (Horta Nova)/Pólo comercial moderno e Concentrado (Colombo)	(Carnide)	(Carnide) [Lumiar Norte*, Carnide Norte*, Carnide Sul*]	Espaço periférico não integrado/2º pólo habitação social/centros comerciais - grande distribuição
(14) Expansão residencial ocupante proprietário anos 80-90 (Telheiras/Lambert)/Pólo tecnológico	(Lumiar) (Lumiar/Telheiras)	(Lumiar) [Lumiar Sul, Lumiar Norte*, Charneca*]	Urbanizações recentes (EPUL, privados) (propriedade horizontal, crédito)/ laboratórios do Estado
(G) CHARNEIRA URBANA ORIENTAL			
(15) Antigas vilas operárias/Zona residencial popular/Pólo terciário pequeno comércio/ escritórios (Almirante Reis)	(Anjos/Graça)	(Pena, Anjos, Graça, Penha França, S. Vicente, S. Engrácia) [Arroios*, Castelo*, Santa Marta*, S. Vicente, Beato*]	Eixo Morais Soares/ Sapadores/Alfama Bairros populares envelhecidos
(16) Barracas anos 60-70/habitat popular Degradado	(S. João)	(S. João) [Arroios*, Beato centro*, Beato*]	Espaço circundante do grande cemitério da cidade
(H) PERIFERIA ORIENTAL			
(17) Bairros económicos Anos 40 (Madre Deus)/ barracas anos 40-60 (Marvila)/Bairros sociais anos 70-90 (Chelas)/Pólo industrial em declínio (Beato)	(Chelas/Marvila)	(Beato, Marvila) [Chelas, Beato Centro*, Beato*, Marvila]	Espaço Periférico não integrado /Eixo Industrial em declínio /1º pólo de habitação social
(18) Bairros Económicos Anos 40 (Encarnação)/ Expansão Residencial Planeada na Periferia Anos 60 (Olivais)/Centro Transportes Urbanos em Desactivação (Cabo Ruivo)	(Olivais)	(Olivais s/ Oriente e Aeroporto) [Olivais]	Zonas residenciais periféricas (arrendamento controlado, habitação social)
(19) Reestruturação urbana Expo-98/Concentração grandes equipamentos (Feira Internacional/Pavilhão Atlântico)/Novo passeio público (Parque das Nações)	(Parque das Nações)	[Oriente]	Grandes equipamentos/ Terciário moderno/Zona residencial alta
Aeroporto		[Aeroporto]	
(I) PERIFERIA NORTE			
(20) Realojamentos anos 60-70, Espaço periférico disperso e de baixa densidade	(Charneca)	(Ameixoeira, Charneca) [Charneca*]	Transição Odivelas/Loures

As grandes características da cidade de Lisboa como território empresarial

Caracterização das unidades empresariais (a lógica dos estabelecimentos): uma visão por zonas de aglomeração

A análise desenvolvida a partir deste ponto utiliza o referencial das zonas de aglomeração construído pela equipa. Tendo em conta a necessidade de pro-

curar garantir a comparabilidade das análises aqui desenvolvidas com as desenvolvidas no âmbito dos restantes estudos promovidos pela Câmara Municipal de Lisboa, são apresentados em anexo os elementos reportados ao referencial das unidades de análise.

A análise da distribuição do **emprego** e dos **estabelecimentos por Zona de Aglomeração** (ver Quadro 3.1, Quadro 3.2, Gráfico 3.1 e Gráfico 3.2) revela o peso da zona central da cidade. A zona das Avenidas Novas representa cerca de 17% do total de emprego e 15% dos estabelecimentos de Lisboa em 2000, apresentando densidades de estabelecimentos e de emprego claramente superiores à média da cidade.

QUADRO 3.1
Emprego e estabelecimentos por zona de aglomeração, 2000

ZONA DE AGLOMERAÇÃO	EMPREGO			ESTABELECIMENTOS		
	(Nº)	RANKING	%	(Nº)	RANKING	%
Avenidas Novas	56 019	1	16,6	4 395	1	14,9
Baixa	45 111	2	13,4	4 027	2	13,6
Areeiro/Alvalade	36 935	3	10,9	3 651	3	12,4
Avenida da Liberdade	33 622	4	10,0	2 334	5	7,9
Benfica/S.Domingos	27 718	5	8,2	2 765	4	9,4
Olivais	16 496	6	4,9	593	14	2,0
Campo de Ourique/Estrela	15 815	7	4,7	1 747	7	5,9
António Augusto Aguiar/Malhoa	15 378	8	4,6	1 192	8	4,0
Anjos/Graça	13 476	9	4,0	1 956	6	6,6
Chelas/Marvila	13 152	10	3,9	1 099	9	3,7
Lumiar/Telheiras	10 530	11	3,1	1 076	10	3,6
Alcântara/Junqueira	9 672	12	2,9	611	13	2,1
Av. de Ceuta/24 de Julho	7 462	13	2,2	779	11	2,6
Campolide/Amoreiras	6 865	14	2,0	695	12	2,4
Parque das Nações	6 338	15	1,9	314	19	1,1
Belém/Restelo	5 334	16	1,6	483	18	1,6
Carnide	5 284	17	1,6	544	15	1,8
Ajuda	4 801	18	1,4	504	16	1,7
S. João	4 387	19	1,3	496	17	1,7
Charneca	2 398	20	0,7	252	20	0,9
TOTAL LISBOA	337 507	—	100,0	29 771	—	100,0

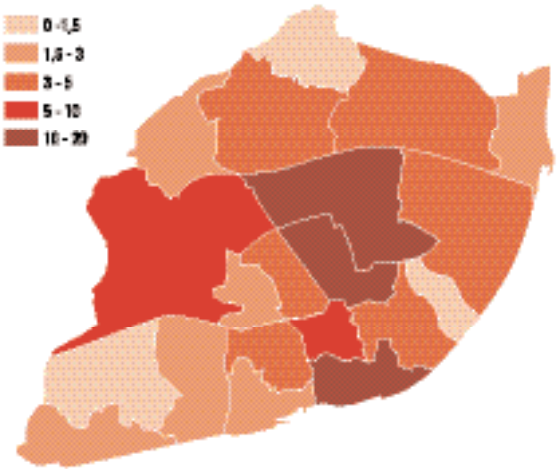
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.2
Densidade do emprego e estabelecimentos por zona de aglomeração (nº unidades/km²)

ZONA DE AGLOMERAÇÃO	EMPREGO		ESTABELECIMENTOS	
	DENSIDADE	RANKING DENSIDADE	DENSIDADE	RANKING DENSIDADE
Avenida da Liberdade	243,6	1	15,8	2
Baixa	191,6	2	16,1	1
Avenidas Novas	188,7	3	13,5	3
António Augusto Aguiar/Malhoa	117,5	4	8,1	4
Campo de Ourique/Estrela	77,3	5	7,4	5
Alcântara/Junqueira	68,6	6	3,5	11
Areeiro/Alvalade	55,5	7	5,2	7
Anjos/Graça	52,8	8	6,9	6
Campolide/Amoreiras	52,0	9	4,0	9
Benfica/S. Domingos	50,6	10	4,7	8
Av. de Ceuta/24 de Julho	48,8	11	3,9	10
Olivais	39,0	12	1,4	16
S. João	28,8	13	3,2	12
Chelas/Marvila	21,8	14	1,7	14
Parque das Nações	21,6	15	1,0	19
Lumiar/Telheiras	17,4	16	1,7	13
Belém/Restelo	16,2	17	1,4	15
Carnide	13,8	18	1,4	17
Ajuda	13,2	19	1,3	18
Charneca	8,1	20	0,8	20
TOTAL LISBOA	53,4	—	4,3	—

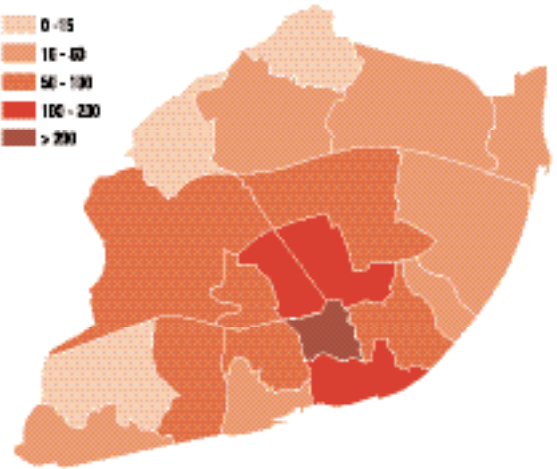
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.1
Distribuição do emprego por zona de aglomeração, 2000 (em %)



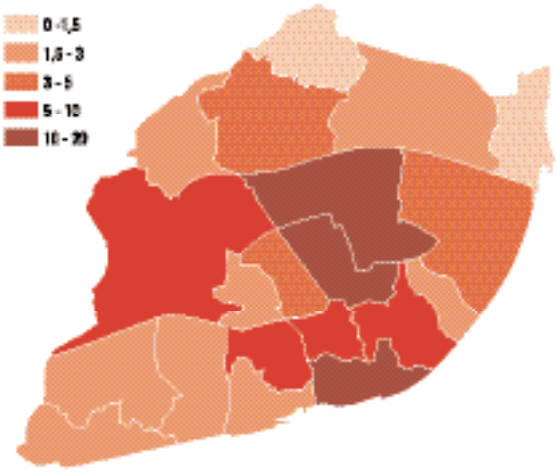
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.2
Densidade do emprego por zona de aglomeração, 2000 (empregados por km²)



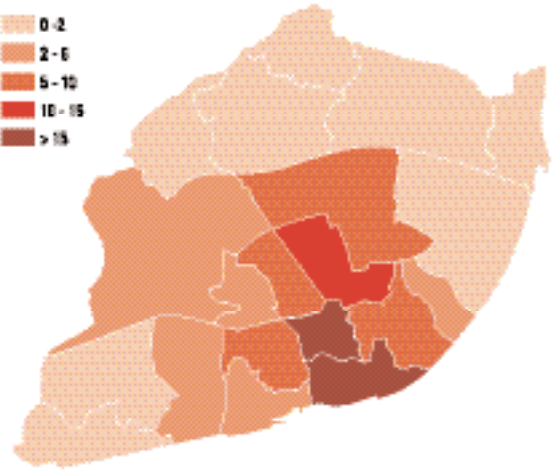
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.3
Distribuição dos estabelecimentos
por zona de aglomeração, 2000 (em %)



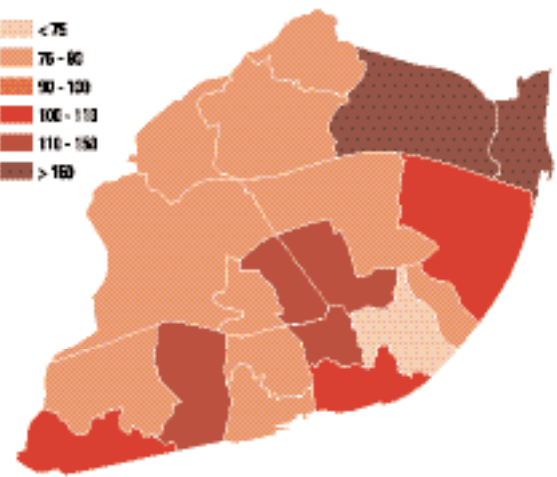
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.4
Densidade dos estabelecimentos por zona de
aglomeração, 2000 (empregados por km²)



Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.5
Dimensão média dos estabelecimentos por
zona de aglomeração, 2000 (Lx=100)



Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.3
Dimensão média dos estabelecimentos
por zona de aglomeração, 2000

ZONA DE AGLOMERAÇÃO	DIMENSÃO MÉDIA DOS ESTABELECIMENTOS	
	Nº EMPREGADOS	LX = 100
Alcântara/Junqueira	15,8	138,8
Belém/Restelo	11,1	96,8
Ajuda	9,5	83,5
Av. de Ceuta/24 de Julho	9,6	84,0
Campo de Ourique/Estrela	9,1	79,3
Campolide/Amoreiras	9,9	86,6
Baixa	11,2	98,2
Avenida da Liberdade	14,4	126,2
Avenidas Novas	12,7	111,7
António Augusto Aguiar/Malhoa	12,9	113,1
Areeiro/Alvalade	10,1	88,6
Benfica/S. Domingos	10,0	87,8
Carnide	9,7	85,2
Lumiar/Telheiras	9,8	85,8
S. João	8,9	77,5
Anjos/Graça	6,9	60,4
Chelas/Marvila	12,0	104,8
Parque das Nações	20,2	176,7
Olivais	27,8	243,9
Charneca	9,5	83,3
TOTAL LISBOA	11,3	100,0

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

As diferenças em termos de distribuição de emprego e do número de estabelecimentos traduzem-se em diferentes dimensões médias dos estabelecimentos nas diferentes zonas de aglomeração (ver Quadro 3.3 e Gráfico 3.5).

Caracterização dos recursos humanos (a lógica do emprego): uma visão por zonas de aglomeração

Para além da análise da “quantidade” de emprego, é também interessante analisar algumas características da força de trabalho nas diferentes unidades, nomeadamente no que diz respeito ao género, habilitações escolares, qualificações, ganho, antiguidade e idade média. Esta análise só é possível porque os dados dos Quadros de Pessoal contêm informação relativamente aos trabalhadores.

Em termos de emprego com ensino superior, a zona central e ocidental da cidade apresenta intensidades relativas mais elevadas. Esta maior intensidade nestes espaços regista-se também em termos de nível de qualificações embora neste caso a zona dos Olivais apresente também intensidades elevadas, provavelmente associadas ao emprego no Aeroporto. Estas zonas são igualmente as que apresentam maiores níveis de antiguidade média e também de ganho.

QUADRO 3.5

Indicadores de qualificações da força de trabalho por zona de aglomeração, 2000

ZONA DE AGLOMERAÇÃO	ÍNDICE DE QUALIFICAÇÃO LX = 100	TAXA DE ENQUADRAMENTO LX = 100
Alcântara/Junqueira	226,9	119,6
Belém/Restelo	77,6	92,2
Ajuda	56,9	81,8
Av. de Ceuta/24 de Julho	76,0	91,5
Campo de Ourique/Estrela	60,7	84,0
Campolide/Amoreiras	96,3	98,9
Baixa	157,0	111,9
Avenida da Liberdade	134,0	108,0
Avenidas Novas	145,7	110,1
António Augusto Aguiar/Malhoa	162,2	112,7
Areeiro/Alvalade	87,6	96,0
Benfica/S. Domingos	65,8	86,8
Carnide	116,6	104,4
Lumiar/Telheiras	107,8	102,2
S. João	55,6	81,0
Anjos/Graça	64,5	86,1
Chelas/Marvila	53,7	79,8
Parque das Nações	41,0	70,3
Olivais	111,8	103,2
Charneca	36,1	65,8
TOTAL LISBOA	100,0	100,0

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

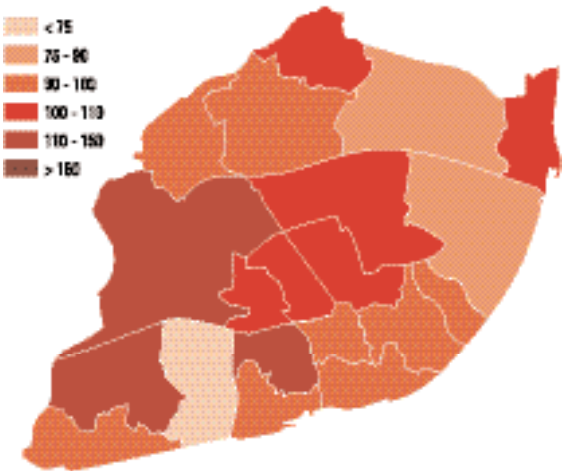
QUADRO 3.4

Indicadores de características da força de trabalho por zona de aglomeração, 2000

ZONA DE AGLOMERAÇÃO	PROPORÇÃO DE TRABALHADORES DO SEXO FEMININO LX = 100	PROPORÇÃO DE TRABALHADORES COM EDUCAÇÃO TERCIÁRIA LX = 100	IDADE MÉDIA LX = 100	ANTIGUIDADE MÉDIA LX = 100	GANHO MÉDIO LX = 100
Alcântara/Junqueira	60,2	73,3	108,6	151,5	99,3
Belém/Restelo	92,9	141,7	99,2	82,5	82,6
Ajuda	111,5	95,1	101,3	83,9	84,9
Av. de Ceuta/24 de Julho	94,8	107,0	104,0	104,9	85,9
Campo de Ourique/Estrela	116,5	113,1	98,7	79,8	100,8
Campolide/Amoreiras	106,6	139,3	98,7	103,8	113,1
Baixa	97,3	94,4	107,7	147,4	107,0
Avenida da Liberdade	104,4	134,9	99,5	105,5	114,5
Avenidas Novas	105,8	125,0	96,8	90,9	108,5
António Augusto Aguiar/Malhoa	100,3	136,9	98,8	97,5	119,1
Areeiro/Alvalade	101,5	97,5	98,4	85,1	90,8
Benfica/S. Domingos	114,6	76,1	95,3	67,9	82,8
Carnide	90,1	70,4	92,8	64,0	76,1
Lumiar/Telheiras	99,6	96,7	98,7	81,2	89,0
S. João	90,4	41,0	102,6	87,4	68,0
Anjos/Graça	98,7	48,0	103,2	89,3	62,9
Chelas/Marvila	79,9	52,3	99,9	84,9	78,2
Parque das Nações	94,3	56,9	87,7	65,8	91,2
Olivais	81,3	73,9	102,4	139,3	126,4
Charneca	104,9	53,9	103,0	80,5	57,8
TOTAL LISBOA	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

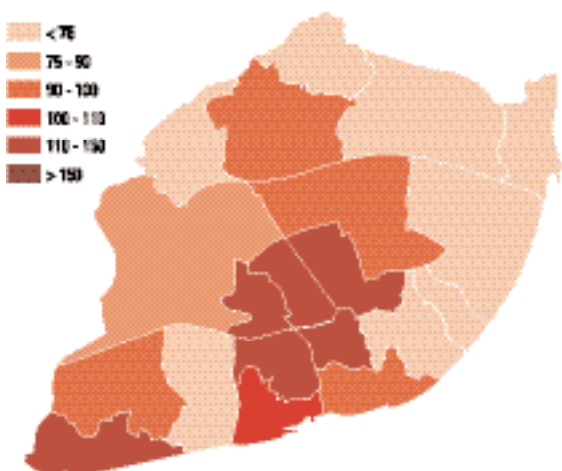
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.6
Taxa de feminização por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100)



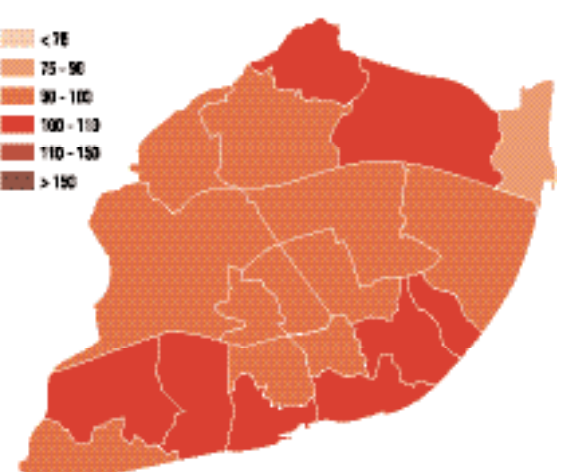
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.7
Peso do emprego com ensino superior por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100)



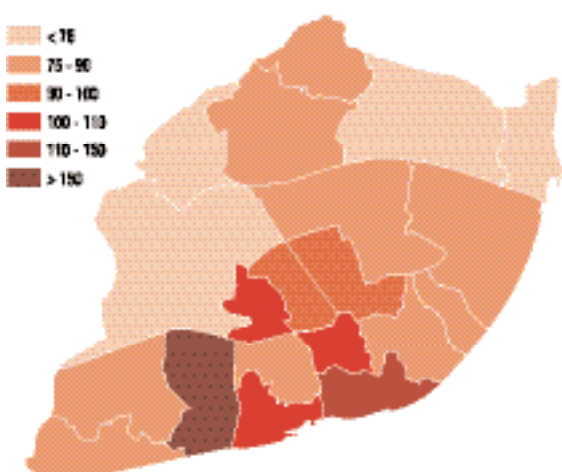
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.8
Idade média por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100)



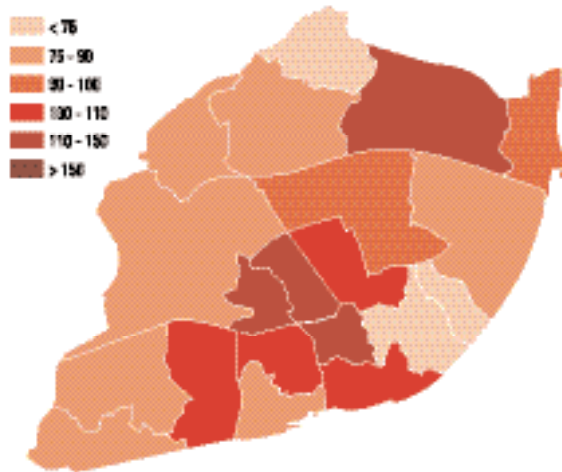
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.9
Antiguidade média por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100)



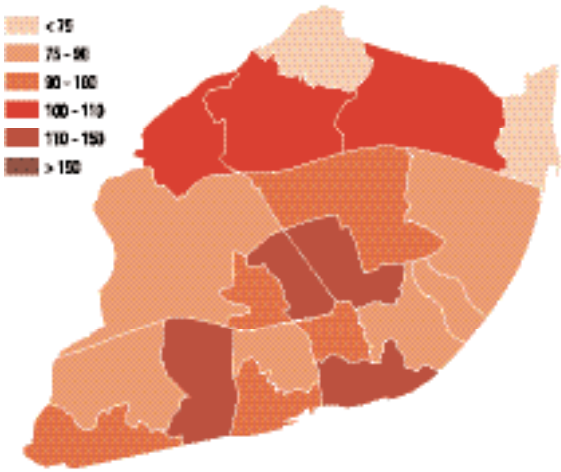
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.10
Ganho médio por zona de
aglomeração, 2000 (Lx=100)



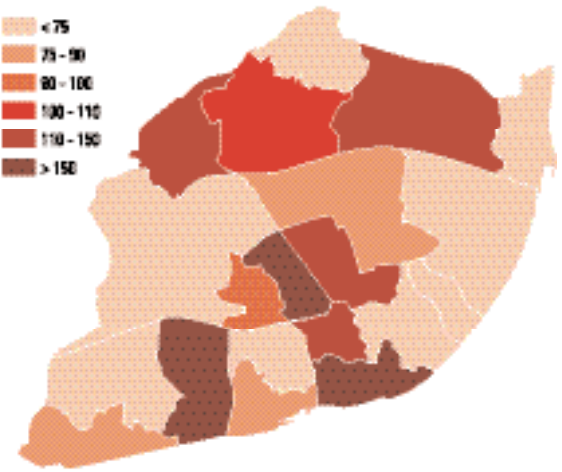
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.11
Taxa de enquadramento por zona
de aglomeração, 2000 (Lx=100)



Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.12
Índice de qualificações por zona
de aglomeração, 2000 (Lx=100)



Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

A evolução na última década (1991-2000): principais transformações na configuração do emprego e das unidades económicas e tendências da demografia e localização empresarial: uma visão por zonas de aglomeração

A análise da dinâmica em termos de zonas de aglomeração, apresentada no Quadro 3.6, Gráfico 3.13 e Gráfico 3.14, revela a perda de importância quer em termos de emprego, quer de estabelecimentos da zona central e ribeirinha de Lisboa.

Em termos de emprego, assiste-se a um reforço considerável do peso de toda a coroa exterior com excepção da Charneca, sendo a zona de Benfica/São Domingos a que mais vê reforçado o seu peso em termos de emprego na cidade.

Em termos de estabelecimentos, o ganho de importância da coroa exterior é também visível mas em menor magnitude, pois só algumas das zonas, nomeadamente da zona Noroeste, vêem o seu peso

reforçado consideravelmente. A perda de importância da Baixa é igualmente muito significativa a este nível, perdendo quase 4 pontos percentuais de peso no total dos estabelecimentos de Lisboa.

Esta análise da dinâmica pode ser enriquecida com a decomposição das variações líquidas de emprego e de estabelecimentos, analisadas anteriormente, em movimentos associados à criação e encerramento de estabelecimentos, aos movimentos de deslocalização, internos e externos à cidade de Lisboa, e à variação de dimensão das unidades existentes.

Para efectuar esta decomposição importa analisar a situação dos diversos estabelecimentos da cidade. Do total de 44 607 estabelecimentos presentes em Lisboa em 1991 e 2000, 10 116 não registaram qualquer alteração de localização, 1318 registaram movimentos de mobilidade interna, ou seja, alteraram a sua localização em termos de rua entre 1991 e 2000, 894 registaram movimentos de deslocalização para fora de Lisboa, ou seja, estavam em 1991 em Lisboa e em 2000 estão fora de Lisboa, 293 registaram movimentos de deslocalização com destino a Lis-

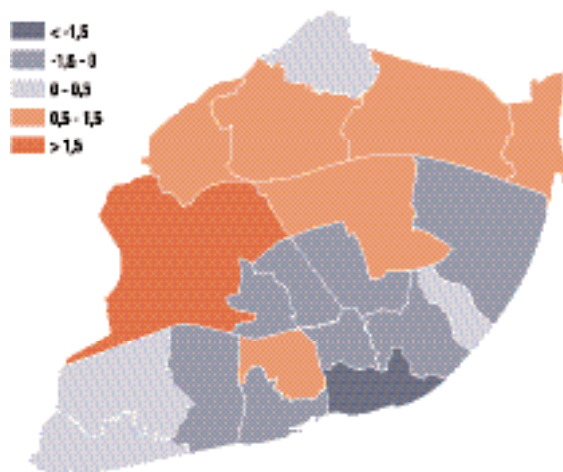
QUADRO 3.6
Variação do emprego e dos estabelecimentos por zona de aglomeração, 1991-2000

ZONA DE AGLOMERAÇÃO	EMPREGO		ESTABELECIMENTOS	
	VARIAÇÃO %	DIFERENÇA DO PESO NO TOTAL LISBOA (P.P.)	VARIAÇÃO %	DIFERENÇA DO PESO NO TOTAL LISBOA (P.P.)
Alcântara/Junqueira	-17,4	-1,1	17,2	-0,1
Belém/Restelo	30,1	0,4	43,3	0,2
Ajuda	33,6	0,4	39,2	0,2
Av. de Ceuta/24 de Julho	-5,0	-0,6	11,6	-0,2
Campo de Ourique/Estrela	19,3	0,6	18,4	-0,2
Campolide/Amoreiras	12,5	-0,2	31,5	0,2
Baixa	-24,1	-3,7	-6,6	-4,3
Avenida Liberdade	-6,6	-0,5	10,6	-0,9
Avenidas Novas	0,0	-0,1	19,2	-0,4
António Augusto Aguiar/Malhoa	-12,2	-0,8	21,0	-0,1
Areeiro/Alvalade	1,8	0,7	26,4	0,4
Benfica/S. Domingos	33,6	2,3	58,4	2,1
Carnide	152,0	1,0	253,0	1,2
Lumiar/Telheiras	39,3	1,0	102,1	1,4
S. João	-2,3	0,1	14,7	-0,1
Anjos/Graça	-10,8	-0,6	8,3	-0,9
Chelas/Marvila	-8,0	-0,1	38,6	0,4
Parque das Nações	46,1	0,7	196,8	0,6
Olivais	4,9	0,5	49,2	0,4
Charneca	0,1	0,1	34,7	0,1
TOTAL LISBOA	-7,6	0,0	22,7	0,0

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.13

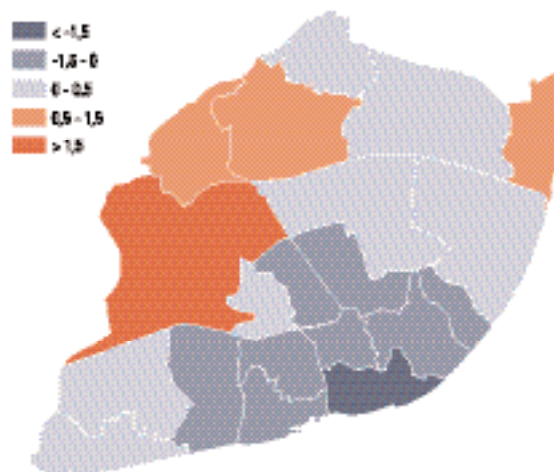
Variação do peso de cada zona de aglomeração no total do emprego, 1991-2000 (pontos percentuais)



Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

GRÁFICO 3.14

Variação do peso de cada zona de aglomeração no total dos estabelecimentos, 1991-2000 (pontos percentuais)



Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

boa, 12 576 dos existentes em Lisboa em 1991 encerraram neste período e 17 713 dos existentes em Lisboa em 2000 foram criados entre 1991 e 2000. Adicionalmente, foram identificados 126 estabelecimentos que estavam em 1991 e continuaram a estar em 2000 em Lisboa mas não foi possível identificar a sua localização, e 1571 estabelecimentos que, estando em 2000 em Lisboa, se sabe que em 1991 também estavam, mas não se tem informação adicional.

A análise da decomposição dos fluxos de emprego e estabelecimentos em termos de zonas de aglomeração é apresentada no Quadro 3.7, Quadro 3.8 e Gráfico 3.15 no que se refere ao emprego, e Quadro 3.9, Quadro 3.10 e Gráfico 3.16, no que se refere aos estabelecimentos. A análise permite constatar que se registaram perdas importantes de emprego das unidades permanentes, que no seu conjunto perderam cerca de 34 mil postos de trabalho. Os movimentos de criação e encerramento de estabelecimentos representaram uma criação líquida de cerca de 4500 estabelecimentos e estiveram associados a ganhos de emprego na ordem dos 5200 postos de trabalho.

Uma análise das dinâmicas internas em termos de emprego revela um padrão em que a generalidade das zonas de aglomeração regista perdas de emprego nas unidades permanentes, com excepção de algumas zonas de aglomeração da zona ocidental. Relativamente ao movimento de emprego associado à criação e encerramento de estabelecimentos, regista-se uma tendência para a zona central ter perdas de emprego. Relativamente aos movimentos de emprego associados à mobilidade interna, parece haver uma tendência para perdas na zona oriental e ganhos na ocidental. Relativamente aos movimentos de emprego associados à mobilidade com o exterior, verifica-se que a generalidade das zonas de aglomeração perderam emprego com excepção de algumas da zona oriental que registaram ganhos em termos líquidos.

Em termos de movimento de estabelecimentos, regista-se uma tendência para a zona de aglomeração da área histórica central registar saldos naturais e de mobilidade interna negativos. No que respeita à mobilidade externa, a generalidade das zonas de aglomeração regista saldos negativos, registando saldos naturais positivos.

QUADRO 3.7**Decomposição dos movimentos de emprego por zona de aglomeração, 1991-2000**

ZONA	EMPREGO 1991	EMPREGO DOS ESTAB. ENC.2000	EMPREGO DOS EST. OUTRAS UA 2000	EMPREGO DOS EST. FORA DE LX 2000	VAR. EMP. DOS ESTAB. PRES. NOS 2 ANOS	EMPR. DOS ESTAB. CRIADOS DEPOIS DE 1991	EMPR. DOS ESTAB. OUTRAS UA 1991	EMPR. DOS ESTAB. FORA DE LX 1991	EMPREGO ESTAB. PRES. SEM INF. EM 1991	EMPREGO 2000
	+	-	-	-	+	+	+	+	+	=
Alcântara/Junqueira	4 212	1 696	261	178	-102	2 305	477	18	559	5 334
Belém/Restelo	3 916	1 603	201	237	220	1 838	439	10	421	4 805
Ajuda	14 377	4 736	285	947	-2 313	2 679	362	77	458	9 672
Av. de Ceuta/24 de Julho	10 155	4 236	609	1 321	-921	2 755	1 409	66	183	7 482
Campo de Ourique/Estrela	15 102	7 004	1 072	1 198	-247	6 816	1 172	148	2 135	15 851
Campolide/Amoreiras	8 087	4 445	176	581	-377	3 536	330	37	423	6 833
Baixa	62 527	22 231	3 839	1 787	-9 189	12 093	5 703	545	1 375	45 196
Avenida da Liberdade	38 246	14 585	4 138	1 907	-4 390	15 262	3 723	491	888	33 590
Avenidas Novas	60 935	27 139	4 254	4 009	-5 787	27 991	6 430	600	1 354	56 120
António Augusto Aguiar/Malhoa	19 511	7 574	2 926	1 507	-1 850	7 072	2 091	193	402	15 411
Areeiro/Alvalade	37 869	15 794	4 972	1 378	-2 128	17 911	4 041	292	1 379	37 221
Benfica/S. Domingos	21 780	9 812	1 130	1 736	-650	15 555	2 234	559	987	27 787
Carnide	2 135	484	99	129	-297	3 653	397	42	86	5 303
Lumiar/Telheiras	7 600	2 433	1 263	359	-861	5 399	1 767	461	241	10 551
S. João	4 550	2 052	261	130	-330	1 910	344	197	159	4 386
Anjos/Graça	16 642	7 210	1 080	1 459	-1 153	5 936	816	340	646	13 479
Chelas/Marvila	14 769	6 314	2 130	1 005	-1 433	7 108	958	782	446	13 181
Parque das Nações	4 414	2 123	284	247	-390	4 201	259	407	118	6 355
Olivais	15 950	3 434	277	249	-1 836	5 917	252	143	46	16 511
Charneca	2 406	951	197	303	-202	1 180	195	205	71	2 405
TOTAL LISBOA	365 183	145 857	29 454	20 669	-34 234	151 117	33 399	5 610	12 379	337 473

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.8**Saldos dos movimentos de emprego por zona de aglomeração, 1991-2000**

ZONA	VARIAÇÃO EMPREGO ESTAB. PRESENTES NOS 2 ANOS	SALDO NATURAL	SALDOS MOVIMENTOS INTRA-LISBOA	SALDO MOVIMENTOS DESLOCALIZAÇÃO	EMP. ESTAB. PRESENTES SEM INF. EM 1991	VARIAÇÃO EMPREGO
Alcântara/Junqueira	-102	609	217	-160	559	1 123
Belém/Restelo	220	236	238	-227	421	889
Ajuda	-2 313	-2 057	77	-871	458	-4 705
Av. de Ceuta/24 de Julho	-921	-1 481	801	-1 255	183	-2 673
Campo Ourique/Estrela	-247	-188	99	-1 050	2 135	749
Campolide/Amoreiras	-377	-910	154	-544	423	-1 253
Baixa	-9 189	-10 138	1 863	-1 242	1 375	-17 330
Avenida da Liberdade	-4 390	677	-415	-1 416	888	-4 656
Avenidas Novas	-5 787	852	2 175	-3 409	1 354	-4 815
António Augusto Aguiar/Malhoa	-1 850	-502	-835	-1 315	402	-4 100
Areeiro/Alvalade	-2 128	2 117	-931	-1 086	1 379	-648
Benfica/S. Domingos	-650	5 743	1 104	-1 177	987	6 007
Carnide	-297	3 168	298	-87	86	3 168
Lumiar/Telheiras	-861	2 966	504	101	241	2 951
S. João	-330	-142	82	66	159	-164
Anjos/Graça	-1 153	-1 274	-264	-1 119	646	-3 163
Chelas/Marvila	-1 433	794	-1 172	-224	446	-1 588
Parque das Nações	-390	2078	-24	159	118	1 941
Olivais	-1 836	2 483	-25	-107	46	561
Charneca	-202	229	-2	-98	71	-1
TOTAL LISBOA	-34 234	5 260	3 945	-15 059	12 379	-27 709

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.9**Decomposição dos movimentos de estabelecimentos por zona de aglomeração, 1991-2000**

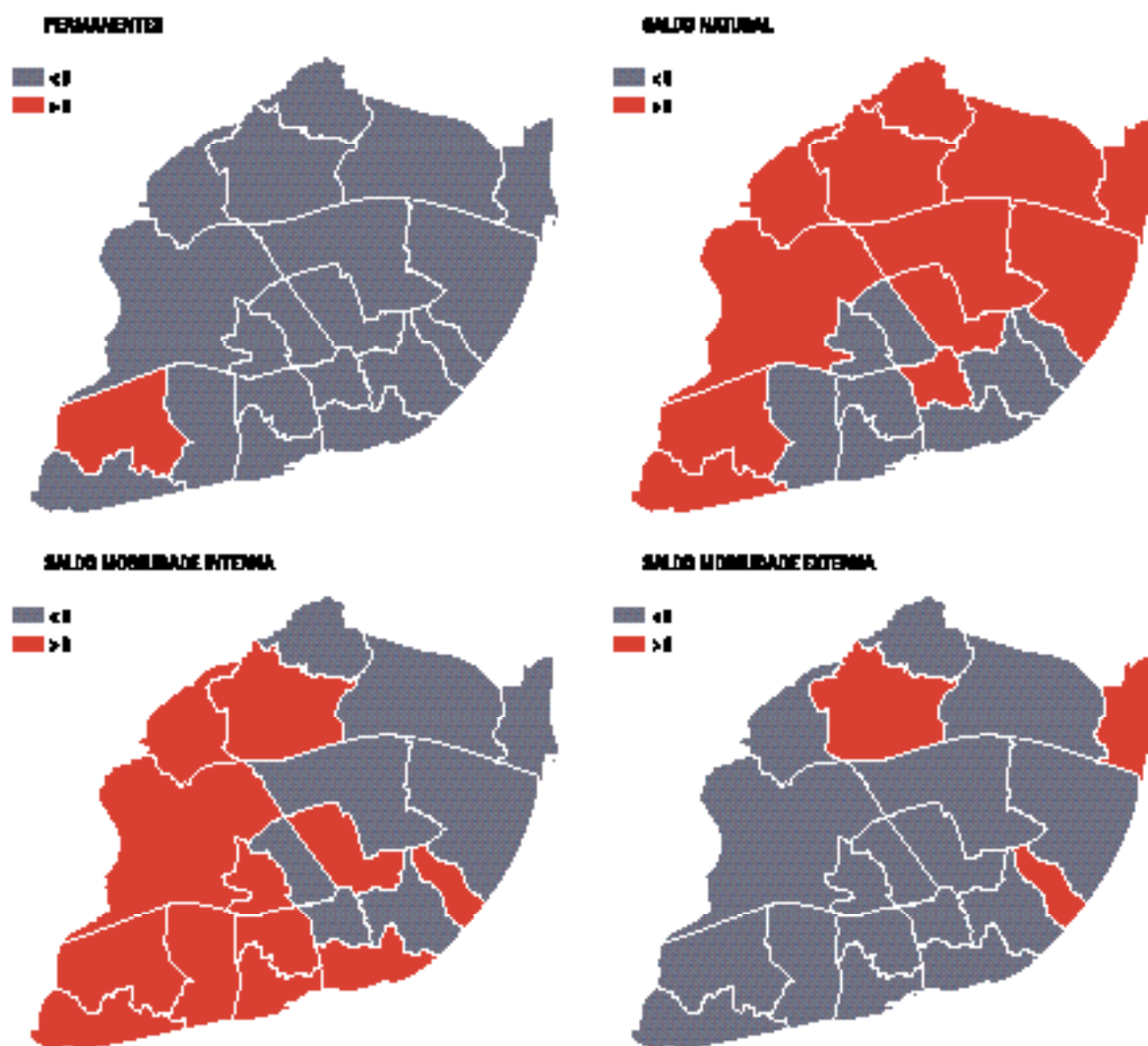
ZONA	Nº ESTAB. 1991	ESTAB. ENC. 2000	ESTAB. OUTRAS UA 2000	ESTAB. FORA DE LX 2000	ESTAB. CRIADOS DEPOIS DE 1991	ESTAB. OUTRAS UA 1991	ESTAB. FORA DE LX 1991	ESTAB. PRES. SEM INF. EM 1991	Nº ESTAB. 2000
	+	-	-	-	+	+	+	+	=
Alcântara/Junqueira	338	158	11	13	288	16	4	21	485
Belém/Restelo	365	185	23	20	312	30	3	25	506
Ajuda	527	277	20	29	343	31	6	35	616
Av. de Ceuta/24 de Julho	702	370	29	33	427	40	10	43	790
Campo Ourique/Estrela	1 491	785	81	60	1 003	66	17	107	1 758
Campolide/Amoreiras	532	270	26	23	406	30	2	50	701
Baixa	4 355	2 112	174	87	1 689	136	25	228	4 060
Avenida Liberdade	2 128	1 065	157	73	1 265	116	23	114	2 351
Avenidas Novas	3 713	1 757	248	149	2 406	232	38	207	4 441
António Augusto Aguiar/Malhoa	996	494	85	46	688	65	12	65	1 202
Areeiro/Alvalade	2 913	1 423	152	78	2 067	161	24	172	3 683
Benfica/S.Domingos	1 768	854	97	80	1 755	123	43	138	2 795
Carnide	156	85	8	11	420	45	9	23	549
Lumiar/Telheiras	540	293	37	19	784	56	19	39	1 089
S. João	434	206	29	7	239	24	6	37	499
Anjos/Graça	1 820	867	79	50	921	66	18	140	1 969
Chelas/Marvila	799	421	43	29	681	46	10	65	1 108
Parque das Nações	107	60	4	10	269	6	4	5	318
Olivais	400	226	9	8	411	18	4	10	599
Charneca	187	95	5	11	150	12	5	12	254
TOTAL LISBOA	24 270	12 003	1 318	834	16 522	1 318	281	1 536	29 772

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.10**Saldos dos movimentos de estabelecimentos por zona de aglomeração, 1991-2000**

ZONA	SALDO NATURAL	SALDOS MOVIMENTOS INTRA-LISBOA	SALDO MOVIMENTOS DESLOCALIZAÇÃO	ESTAB. PRESENTES SEM INF. EM 1991	VARIAÇÃO Nº ESTAB.
Alcântara/Junqueira	130	5	-8	21	147
Belém/Restelo	127	6	-17	25	142
Ajuda	66	11	-23	35	89
Av. de Ceuta/24 de Julho	58	10	-23	43	88
Campo Ourique/Estrela	218	-15	-43	107	267
Campolide/Amoreiras	136	4	-20	50	169
Baixa	-423	-38	-62	228	-295
Avenida Liberdade	200	-41	-50	114	223
Avenidas Novas	649	-16	-111	207	728
António Augusto Aguiar/Malhoa	194	-21	-33	65	205
Areeiro/Alvalade	644	9	-54	172	771
Benfica/S.Domingos	900	26	-37	138	1 026
Carnide	334	37	-2	23	393
Lumiar/Telheiras	491	19	-1	39	549
S. João	33	-5	0	37	65
Anjos/Graça	54	-13	-32	140	148
Chelas/Marvila	260	3	-19	65	309
Parque das Nações	209	3	-5	5	211
Olivais	185	9	-5	10	199
Charneca	55	7	-6	12	67
TOTAL LISBOA	4 519	0	-553	1 536	5 502

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal



Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

A especialização global e a dinâmica interna de evolução das actividades económicas na cidade de Lisboa

Competitividade sistémica, inovação rápida e eficiência colectiva: o novo paradigma da “economia baseada no conhecimento”

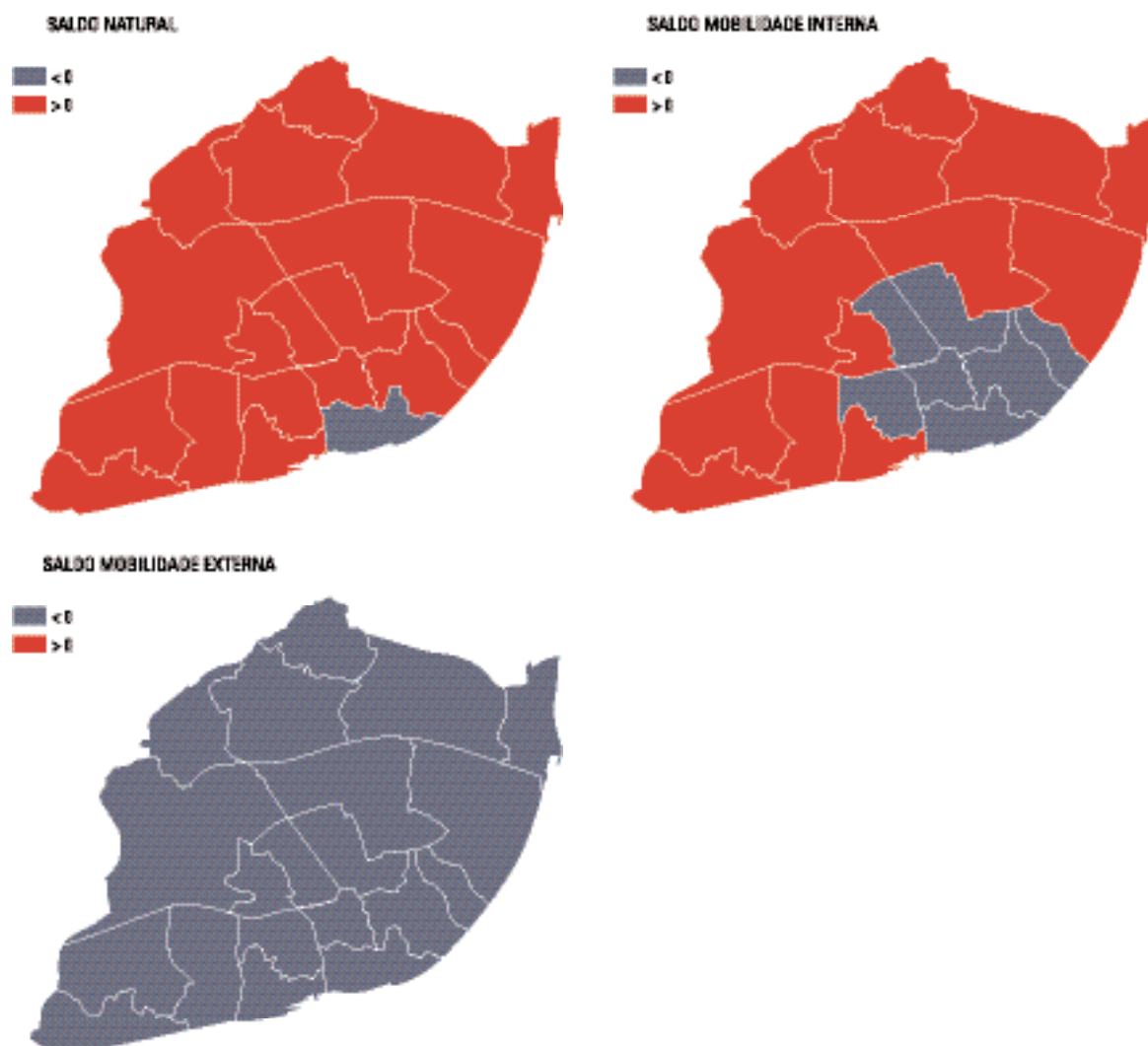
A estratégia global actual de referência para o desenvolvimento económico na União Europeia é a chamada **Estratégia de Lisboa**, desenhada na cimeira de

Março de 2000 e aprofundada nas cimeiras de Gotemburgo (ancorando melhor a relação entre competitividade e sustentabilidade), Barcelona (definindo metas muito exigentes em matéria de reforço do esforço europeu em Investigação & Desenvolvimento) e Bruxelas (avançando no domínio das reformas económicas e da estruturação do mercado interno no contexto do alargamento) nos três anos subsequentes.

A **Estratégia de Lisboa** apoia-se em três objectivos fundamentais – a adopção do paradigma da **economia baseada no conhecimento**, a renovação do modelo social europeu valorizando a **aprendizagem ao longo da vida** e a garantia de um **ambiente macroeconómico favorável e estimulante** – e numa metodologia de acção baseada em formas de coordenação abertas visando uma maior coerência entre as intervenções nacionais e comunitárias e entre as intervenções públicas e privadas.

GRÁFICO 3.16

Saldos dos movimentos de estabelecimentos por zona de aglomeração, 1991-2000



Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

O grande desígnio da Estratégia de Lisboa é “transformar a economia europeia na economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos, e com maior coesão social”. Este desígnio é prosseguido através de “uma transformação radical da economia europeia” apoiada na “construção” de infra-estruturas de conhecimento, na aceleração do esforço de inovação e do processo de concretização de reformas económicas, na modernização dos sistemas de protecção social e dos sistemas de educação e formação.

O paradigma da *economia baseada no conhecimento* coloca no centro do processo de criação de valor económico, isto é, de riqueza e de bem-estar, não os processos de transformação material das matérias-primas em produtos acabados, mas os conhecimentos e as competências que permitem que eles se orga-

nizem e desenvolvam. A “transformação radical” visada pela Estratégia de Lisboa obriga, assim, à concretização efectiva de uma nova articulação entre as actividades económicas e a uma nova estruturação das respectivas cadeias de valor.

A renovação do paradigma central de organização da vida económica corresponde, também, à passagem de uma economia principalmente polarizada pelo dinamismo da oferta para uma economia principalmente polarizada pelo **dinamismo da procura**.

A crescente relevância assumida na vida empresarial pelas lógicas de rede (informação, conhecimento, energia, logística, comunicação e serviços financeiros, nomeadamente), pela gestão do relacionamento com procuras segmentadas (por exemplo, em plataformas CRM) e pelo planeamento eficiente dos recursos mobilizados (por exemplo, em plataformas ERP), é, aliás, um sinal bastante claro quer da presença efectiva

do paradigma da economia baseada no conhecimento nas economias actuais, quer do facto de as suas implicações serem substanciais (realidades em mudança) e não formais (simples alterações de designação).

A “transformação radical” pressuposta pela Estratégia de Lisboa envolve três pilares centrais que reconfiguram completamente as cadeias de valor em acção nas diferentes actividades económicas: **competitividade sistémica, eficiência colectiva e inovação rápida**.

O desenvolvimento do paradigma da economia baseada no conhecimento envolve de forma privilegiada, nesta sua fase inicial, as actividades “produtivas” mais intensivas em conhecimento, investigação e tecnologia e as actividades de “serviços” também mais intensivas nesses factores avançados, bem como aquelas que suportam ou induzem a formação e consolidação de redes de interactividade entre clientes e fornecedores e entre empresas e consumidores.

As **actividades de serviços** avançados garantem, nos nossos dias, formas de capacitação dos agentes económicos, empresas e consumidores, nomeadamente, tal como contribuem para a estruturação do processo de globalização facilitando a mobilidade de factores produtivos e de pessoas e agilizando os tempos de resposta na identificação e satisfação das necessidades reveladas no funcionamento dos mercados.

O desenvolvimento dos serviços prestados às empresas no quadro de cadeias de valor alargadas (serviços de suporte à concepção, produção e distribuição dos produtos, serviços de suporte ao conhecimento dos mercados e das respectivas tendências

de evolução, serviços de desenvolvimento e qualificação de recursos, nomeadamente) contribui, assim, de forma significativa para o desenvolvimento competitivo da economia no seu conjunto.

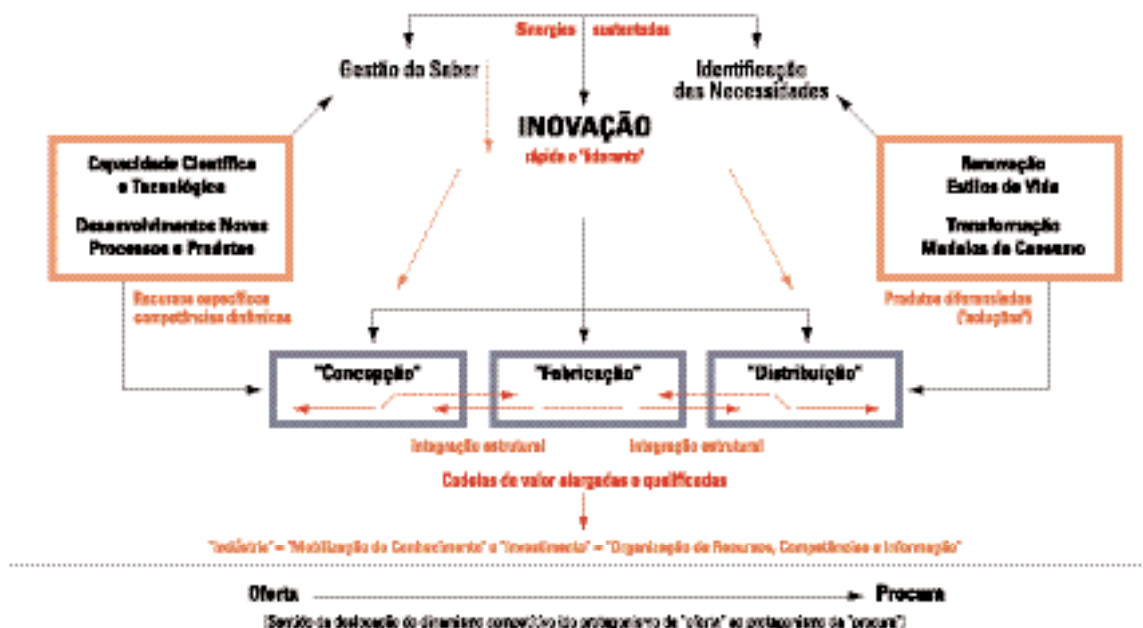
As **actividades industriais** com um papel relevante no processo de globalização configuram, nos nossos dias, actividades de bens transaccionáveis, fortemente expostas à concorrência internacional e inseridas, em maior ou menor grau, em cadeias globais de abastecimento, produção e distribuição, agindo em mercados progressivamente abertos.

O desenvolvimento industrial comporta, assim, uma dimensão competitiva própria onde a evolução do padrão de especialização de actividades, no plano interno da economia e no plano das relações externas de comércio e investimento, desempenha um papel muito relevante.

A progressiva afirmação de uma **lógica “imaterial”** (primado do processo de mobilização e organização dos conhecimentos, informações e recursos necessários para a satisfação das necessidades) sobre uma lógica “material” (primado do processo de transformação de produtos primários e matérias-primas em produtos e serviços finais) na análise das dinâmicas de organização das actividades económicas, que fez emergir o próprio conceito de “cadeia de valor” corresponde, por outro lado, ao reconhecimento da relevância crescente da ciência e da inovação num processo de criação de riqueza muito mais polarizado pelas condições de resposta à procura, do que pelas condições de expansão da oferta.

FIGURA 3.4

O paradigma da economia baseada no conhecimento e a configuração das cadeias de valor: competitividade sistémica, eficiência colectiva e inovação rápida



Uma tipologia de actividades articulada com o grande referencial da Estratégia de Lisboa

O paradigma da economia baseada no conhecimento encontra, assim, neste terreno, uma base sólida para o desenvolvimento de metodologias operatórias para a determinação quantificada da respectiva extensão e configuração nas diferentes economias nacionais e regionais e, desse modo, para o estudo e avaliação do seu grau efectivo de envolvimento nas actividades potenciadoras do conhecimento como recurso estratégico e factor competitivo.

A. UMA TIPOLOGIA DE ANÁLISE DO NÍVEL DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA NA INDÚSTRIA

A primeira metodologia operatória convocada para o presente estudo para procurar situar a posição e o potencial da competitividade económica da cidade de Lisboa cobre, apenas, a **realidade industrial** e permite aferir a presença dos diferentes níveis tecnológicos através da construção de segmentos industriais de semelhança tecnológica (aproximação dos níveis de exigência e sofisticação tecnológica), que nos conduzem, desse modo, a um processo de reorganização da apresentação tradicional das actividades industriais.

Os **níveis tecnológicos** considerados são quatro – baixo, médio-baixo, médio-alto e alto – hierarquizados de acordo com indicadores relativos à relação entre o orçamento da I&D conduzida pelas empresas e o seu volume de negócios no referencial fornecido pela zona OCDE.

A utilização desta tipologia deve ser feita, no entanto, com algum cuidado, na medida em que ela se reporta a agrupamentos de actividades industriais “completas”, isto é, organizadas em cadeias de valor e em operações integradas de abastecimento, produção e distribuição polarizadas por trajectórias longas de transformação de recursos em produtos acabados.

Estas cadeias “longas” evidenciam objectivamente a preponderância de certos níveis tecnológicos. No entanto, podem existir, no seu seio, actividades específicas ou cadeias “curtas” que, consideradas isoladamente, podem afastar-se, mais ou menos significativamente, dos níveis tecnológicos que predominam na cadeia “longa”.

A classificação adoptada exprime, neste quadro, uma liderança na articulação ou conjugação dos processos tecnológicos, isto é, um determinado nível tecnológico não exprime a exclusão dos outros níveis mas exprime, antes, a maior ou menor sofisticação global dos processos industriais em causa.

As economias, regiões ou cidades com tecidos industriais menos consolidados, integrados ou

TIPOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO POR GRAUS DE INTENSIDADE TECNOLÓGICA

A classificação por níveis de intensidade tecnológica adoptada segue, também, a classificação proposta pela OCDE, cujos ajustamentos conduziram à passagem de uma classificação em três níveis (alto, médio e baixo) para uma classificação, proposta mais recentemente*, em quatro níveis de intensidade tecnológica, acompanhando, aliás, a maior dispersão dos indicadores utilizados para situar as diferentes indústrias resultante da aceleração e diferenciação dos ritmos de modernização tecnológica e inovação (o quadro seguinte sintetiza a classificação adoptada nas suas grandes linhas, uma vez que ela foi operacionalizada com um nível de desagregação da CAE de 4 dígitos).

Segmentos	Indústrias
Indústrias de alta tecnologia	Aeronáutica e aeroespacial, produtos farmacêuticos, computadores e equipamentos informáticos e de escritório, electrónica e equipamentos de telecomunicações, instrumentos médicos, ópticos e de precisão.
Indústrias de média-alta tecnologia	Máquinas e aparelhos eléctricos, automóveis e componentes, indústrias químicas (excluindo farmacêutica), equipamento ferroviário e outro equipamento de transporte, máquinas e equipamentos.
Indústrias de média-baixa tecnologia	Coque, produtos refinados do petróleo e combustível nuclear, borracha e plásticos, produtos minerais não metálicos, construção e reparação naval, metalurgias de base, produtos metálicos.
Indústrias de baixa tecnologia	Pasta e papel, artes gráficas, têxteis, vestuário, couro, calçado, produtos alimentares, bebidas e tabaco, madeira, mobiliário e cortiça.

(*) Veja-se, ainda, OCDE (1997), *Revision of the high-technology sector and product classification*, STI working papers 2 e OCDE (2001), Base de Dados STAN.

desenvolvidos podem, assim, apresentar diferenças importantes, ao nível empresarial e sectorial, face ao desenho dos níveis tecnológicos, que imperam à escala global, o que será tanto mais provável quanto menos qualificado seja o posicionamento nas cadeias de valor onde se inserem, mais expressivas sejam as formas de produção subcontratada, processamento intermédio para exportação ou processamento final para o mercado nacional.

B. UMA TIPOLOGIA DE ANÁLISE DA INSERÇÃO NA ECONOMIA BASEADA NO CONHECIMENTO

A natureza crescentemente difusa da separação entre actividades secundárias e terciárias na organização da concepção, produção e distribuição de produtos inseridos em cadeias de valor mais intensivas na utilização da informação e do conhecimento aconselha um alargamento da tipologia de actividades consideradas.

O alargamento da segmentação em níveis tecnológicos ao conjunto das actividades de serviços que, também elas, contribuem para a utilização do conhecimento como recurso relevante na criação de riqueza

permite destacar, no seio de uma economia nacional, regional ou urbana, considerada na sua totalidade, um conjunto mais restrito de actividades, isto é, faz surgir um novo conjunto “misto”, englobando os segmentos de actividades de concepção, produção e distribuição de bens e serviços mais polarizadas pela emergência da “economia baseada no conhecimento”.

A resultante deste alargamento conceptual permite, sobretudo, no contexto da análise da competitividade das actividades económicas localizadas em grandes metrópoles urbanas, uma nova tipologia operatória bem mais ajustada para aproximar a expressão da realidade da “economia baseada no conhecimento”.

A expressão da economia baseada no conhecimento na economia portuguesa

A análise da emergência da “economia baseada no conhecimento” (EBC) na economia portuguesa, mantendo o mesmo referencial de comparação

TIPOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO POR REFERÊNCIA À “ECONOMIA BASEADA NO CONHECIMENTO”

A classificação por níveis de intensidade tecnológica adoptada pode ser articulada com a referência ao conceito da “economia baseada no conhecimento”, desenvolvido a partir do final dos anos 80 com o progressivo reconhecimento da intensificação da utilização da informação e do conhecimento na organização e gestão das empresas, e que inspirou, nomeadamente, na União Europeia, a chamada “Estratégia de Lisboa”, numa classificação que articula actividades industriais e de serviços, na linha de propostas metodológicas mais recentes (*).

Segmentos	Indústrias e Serviços da “Economia Baseada no Conhecimento”
Indústrias	Indústrias de maior intensidade tecnológica
alta tecnologia	Aeronáutica e aeroespacial, produtos farmacêuticos, computadores e equipamentos de informáticos e de escritório, electrónica e equipamentos de telecomunicações, instrumentos médicos, ópticos e de precisão.
média-alta tecnologia	Máquinas e aparelhos eléctricos, automóveis e componentes, indústrias químicas (excluindo farmacêutica), equipamento ferroviário e outro equipamento de transporte, máquinas e equipamentos.
Serviços	Serviços intensivos em informação e conhecimento
serviços avançados	Serviços prestados às empresas, nomeadamente, nas áreas da Investigação & Desenvolvimento, dos serviços informáticas e conexos, da engenharia (projecto, qualidade, ensaios, análises técnicas...), da gestão (consultoria, auditoria, estratégia...) e do marketing (estudos de mercado, publicidade...)
serviços gerais de suporte	Correios e telecomunicações, actividades financeiras, seguros e fundos de pensões, outros serviços prestados às empresas.

(*) Veja-se, nomeadamente, OCDE (2002), *Science, Technology and Industry Outlook*.

(OCDE e União Europeia), confirma as dificuldades dinâmicas reveladas no seu desempenho competitivo. Com efeito (ver Figura 3.5), verifica-se um apreciável afastamento quer ao nível das actividades industriais, quer ao nível das actividades de serviços, com a sua expressão, ao nível do emprego, apenas superando 1/10 do total, em Portugal, para atingir cerca de 1/5 do total na OCDE e na UE.

As dificuldades reveladas pela análise da inserção da economia portuguesa nas actividades da EBC

são, simultaneamente, **globais** (têm expressão, relativamente semelhante, ao nível dos segmentos industriais e dos segmentos de serviços) e **cumulativas** (têm uma expressão aumentada ao nível do valor acrescentado em função dos níveis, mais fracos, de produtividade). A questão da produtividade surge, no entanto, como desafio adicional, quer para Portugal no contexto europeu, quer para a União Europeia no contexto dos blocos regionais mais avançados da economia mundial.

FIGURA 3.5

Emergência da economia baseada no conhecimento em Portugal, na OCDE e na União Europeia, 2000 (em %)

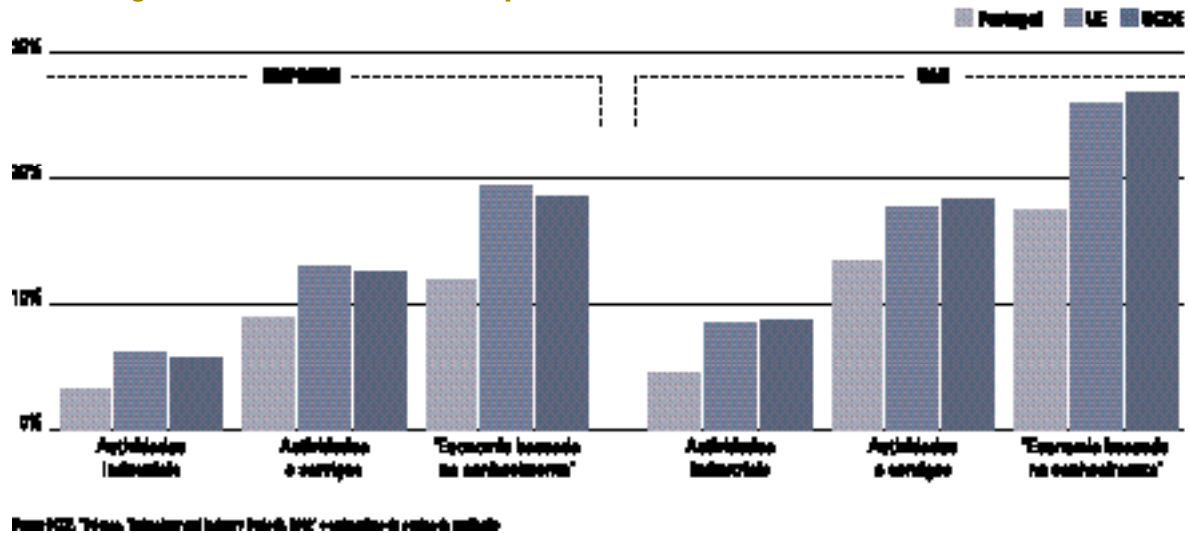
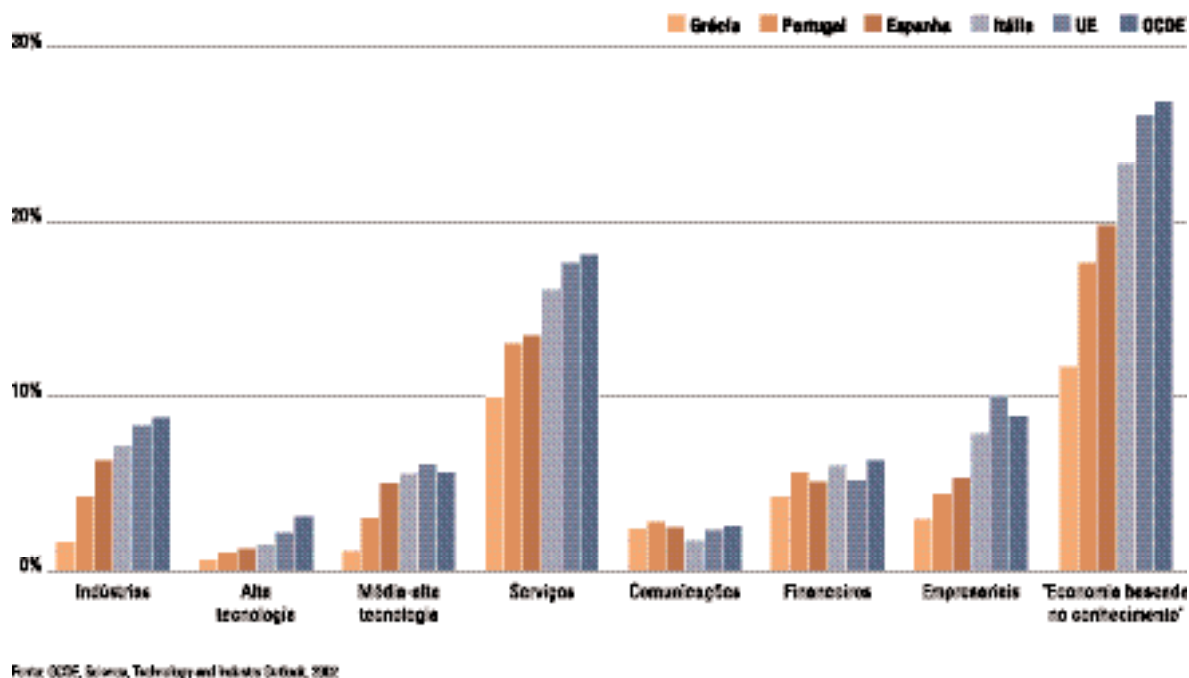


FIGURA 3.6

A emergência da economia baseada no conhecimento: uma hierarquia bem estabelecida (peso relativo no VAB, 1998, em %)





A inversão da expressão da EBC na OCDE e na UE, quando avaliada em termos de emprego ($UE > OCDE$) e em termos de valor acrescentado ($UE < OCDE$), exprime, aliás, essas dificuldades específicas da Europa em matéria de produtividade, muito embora a sua verdadeira natureza se prenda mais com questões alargadas de âmbito societal (uma elevada produtividade horária do trabalho que se “perde” no *benchmarking* competitivo face aos EUA na passagem para a produtividade global do trabalho e, também, para a produtividade global dos factores) do que com questões estritas de eficiência microeconómica.

A contribuição para a aceleração do processo de emergência da EBC constitui, assim, no caso português, um elemento adicional relevante para a avaliação dos impactos do programa operacional da economia.

A comparação da posição ocupada pelas diferentes economias da Europa do Sul (ver Figura 3.6) estabelece, com bastante nitidez, uma hierarquia onde a

maior ou menor expressão do valor criado nas actividades associadas à EBC surge em correspondência directa com a maior ou menor capacidade competitiva das quatro economias consideradas ($Grécia < Portugal < Espanha < Itália$), em sintonia com a análise do respectivo posicionamento competitivo.

A importância da concretização efectiva da Estratégia de Lisboa para a melhoria da competitividade da economia portuguesa fica, assim, solidamente ancorada, em termos empíricos, nestes resultados.

A análise das actividades com maior poder discriminatório estabelece, pelo seu lado, com igual nitidez, os principais “terrenos de batalha” dessa concretização, isto é, a promoção das actividades de alta tecnologia, na indústria, e dos serviços avançados às empresas, nos serviços, fornecendo, desse modo, âncoras objectivas, nomeadamente no terreno das intervenções estruturais e dos modelos de regulamentação e regulação, seja para conceber e executar iniciativas públicas, seja para avaliar com rigor a respectiva coerência, eficácia e sustentabilidade.

A especialização económica global da cidade de Lisboa e a respectiva evolução

A análise da especialização económica de Lisboa, medida em termos de emprego, revela, quando se analisa utilizando a grelha sectorial mais desagregada apresentada no Quadro 3.16, e de acordo com os dados apresentados no Quadro 3.11, a relevância de sectores como os serviços às empresas, o comércio e a intermediação financeira.

Analisando os dados relativos ao peso do emprego e quociente de localização para algumas das actividades consideradas como relevantes para o potencial de desenvolvimento de Lisboa, verifica-se um peso significativo e um indicador de especialização elevada nas actividades da Economia Baseada no Conhecimento e, apesar de Lisboa não ser claramente especializada nas actividades industriais, dentro destas regista valores mais elevados do quociente de localização nas indústrias de maior intensidade tecnológica.

A análise da dinâmica desta especialização em termos de variação do emprego entre 1991 e 2000 revela, de acordo com os dados da Figura 3.7, o aumento do emprego nos serviços às empresas e às famílias e no alojamento e restauração, e as perdas de emprego nos restantes sectores, em repercussão do aumento do peso dos sectores anteriormente referidos.

QUADRO 3.12

Peso do emprego por grandes sectores, 2000 (em %)

SECTOR	%
Indústria	8,7
Construção	5,7
Comércio	21,4
Alojamento e Restauração	8,4
Utilities e Logística	13,2
Serviços às empresas	30,7
Serviços às famílias	11,4

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.13

Peso do emprego e quociente de localização (QL) nos sectores produtores de tecnologias da informação, 2000

SECTOR	PESO DO EMPREGO (%)	QL
Sector produtor de TI	2,4	1,68

Fonte: Equipa do projecto a partir de dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.11

Peso do emprego por sector, 2000 (em %)

SECTOR	%
Agricultura, Produção Animal, Caça e Silvicultura	0,2
Pesca	0,1
Extracção de Produtos Energéticos	0,0
Ind. Extractivas exc. Produtos Energéticos	0,1
Ind. Alimentares, das Bebidas e do Tabaco	0,7
Ind. Textil	0,4
Ind. Couro e dos Produtos do Couro	0,0
Ind. Madeira e da Cortiça e suas obras	0,1
Ind. Pasta, Papel Cartão e seus Artigos; Edição e Impressão	2,6
Fab. Coque, Prod. Petrolíferos Refinados e Comb. Nuclear	0,0
Fab. Produtos Químicos e Fibras Sintéticas ou artificiais	0,4
Fab. Artigos de Borracha e de Matérias Plásticas	0,0
Fab. Outros Produtos Minerais Não Metálicos	0,4
Ind. Metalúrgicas de Base e de Produtos Metálicos	0,6
Fab. de Máquinas e de Equipamentos, N.E.	0,3
Fab. de Equipamento Eléctrico e de Óptica	0,5
Fab. de Material de Transporte	0,1
Indústrias Transformadoras, N.E.	0,3
Prod. e Dist. de Electricidade, de Gás e Água	1,0
Construção	5,3
Comércio Veíc. Autom./Motociclos/Combust, Manut./Rep. Veic.	3,0
Comércio por Grosso e Agentes Comércio	7,8
Comércio Retalho e Rep.Bens Pessoais/Domésticos	10,3
Alojamento e Restauração (Restaurantes e Similares)	9,1
Transportes e Armazenagem	8,7
Correios e Telecomunicações	4,0
Intermediação Financeira,exc. Seguros/Fundos de Pensões	7,5
Seguros/Fundos Pensões/Out.Act.Compl.	
Segurança Social	2,2
Act.Auxiliares de Intermediação Financeira	0,8
Act.Imobiliárias/Alugueres/	
Serviços Prestados Empresas	21,3
Adm.Pública, Defesa e Segurança Social Obrigatória	0,2
Educação	2,9
Saúde e Acção Social	4,1
Saneamento, Higiene Pública e Actividades Similares	0,1
Actividades Associativas Diversas, N.E.	1,8
Actividades Recreativas, Culturais e Desportivas	2,2
Outras actividades de Serviços	1,1

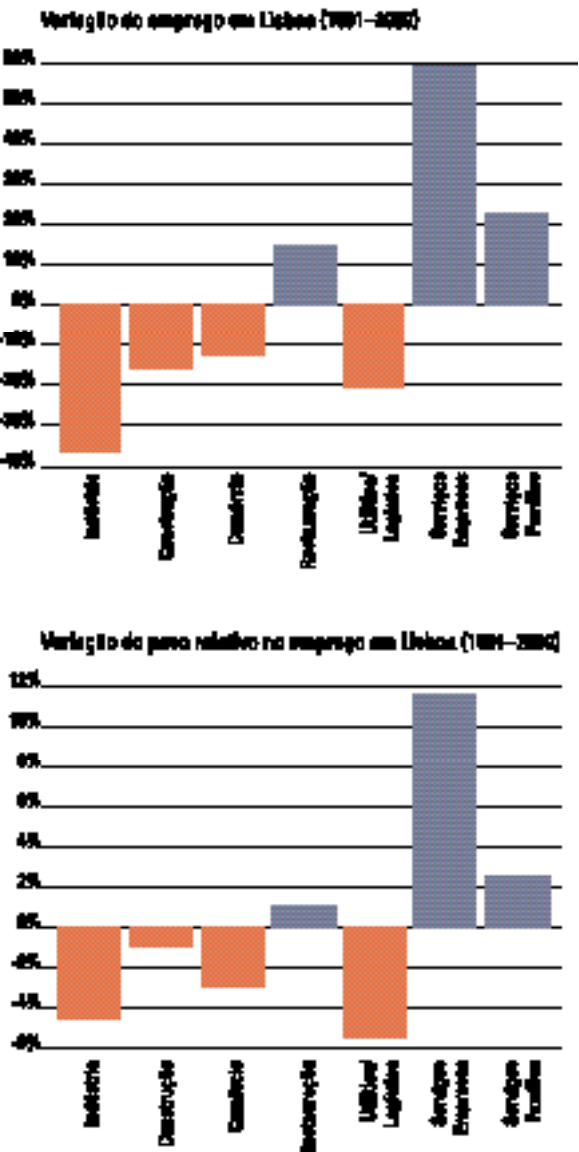
Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.14
Peso do emprego e quociente de localização (QL) nos sectores da economia baseada no conhecimento (EBC)

SECTOR	PESO DO EMPREGO (%)	QL
EBC-Indústria	1,2	0,23
EBC-Comunicações	3,8	2,58
EBC-Financeiros	9,7	3,09
EBC-Imobiliário	1,1	1,56
EBC-Alugueres	0,5	1,88
EBC-Informática	1,7	3,03
EBC-I&D	0,1	2,62
EBC-Empresariais	18,9	2,52
EBC-telecomunicações	2,3	3,10
EBC-Gestão	2,7	2,15
EBC-Marketing	1,6	3,27
EBC-Engenharia/produção	1,4	2,12

Fonte: Equipa do projecto a partir de dados dos Quadros de Pessoal

FIGURA 3.7
Variação do emprego e do peso no emprego de Lisboa por grande sector, 1991-2000



QUADRO 3.15
Peso do emprego e quociente de localização (QL) dos sectores por intensidade tecnológica, 2000

SECTOR	PESO DO EMPREGO (%)	QL
Baixa tecnologia	3.9	0.20
Média-baixa tecnologia	1.0	0.14
Média-alta tecnologia	0.8	0.18
Alta tecnologia	0.5	0.43

Fonte: Equipa do projecto a partir de dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.16
Tabela de códigos sectoriais

CÓDIGO	SECTOR
1	Agricultura, produção animal, caça e silvicultura
2	Pesca
3	Extracção de produtos Energéticos
4	Ind. Extractivas exc. Produtos Energéticos
5	Ind. Alimentares, das Bebidas e do Tabaco
6	Ind. Têxtil
7	Ind. Couro e dos Produtos do Couro
8	Ind. Madeira e da Cortiça e suas obras
9	Ind. Pasta, Papel Cartão e seus Artigos; Edição e Impressão
10	Fab. Coque, Prod. Petrolíferos Refinados e Comb. Nuclear
11	Fab. Produtos Químicos e Fibras Sintéticas ou artificiais
12	Fab. Artigos de Borracha e de Matérias Plásticas
13	Fab. Outros Produtos Minerais Não Metálicos
14	Ind. Metalúrgicas de Base e de Produtos Metálicos
15	Fab. de Máquinas e de Equipamentos, N.E.
16	Fab. de Equipamento Eléctrico e de Óptica
17	Fab. de Material de Transporte
18	Indústrias Transformadoras, N.E.
19	Prod. e Dist. de Electricidade, de Gás e Água
20	Construção
21	Comércio Veíc. Autom./Motociclos /Combust, Manut./Rep. Veic.
22	Comércio por Grosso e Agentes Comércio
23	Comércio Retalho e Rep.Bens Pessoais/Domésticos
24	Alojamento e Restauração (Restaurantes e Similares)
25	Transportes e Armazenagem
26	Correios e Telecomunicações
27	Intermediação Financeira,exc. Seguros/Fundos de Pensões
28	Seguros/Fundos Pensões/Out.Act.Compl. Segurança Social
29	Act.Auxiliares de Intermediação Financeira
30	Act.Imobiliárias/Alugueres/Serviços Prestados Empresas
31	Adm.Pública, Defesa e Segurança Social Obrigatória
32	Educação
33	Saúde e Acção Social
34	Saneamento, Higiene Pública e Actividades Similares
35	Actividades Associativas Diversas, N.E.
36	Actividades Recreativas, Culturais e Desportivas
37	Outras actividades de Serviços



O perfil de especialização económica interno da cidade de Lisboa

Se a utilização de uma grelha sectorial fina permite a identificação com grande detalhe de elementos relativos à especialização económica das unidades territoriais, ele limita a capacidade de avaliar grandes tendências em termos de actividade económica. Nesse senti-

do procede-se adicionalmente a uma avaliação da especialização das diferentes unidades territoriais utilizando tipologias de actividades diferenciadas, nomeadamente em sectores que poderão assumir alguma relevância no desenvolvimento económico de Lisboa.

A distribuição do emprego por grandes sectores e o peso do emprego nalguns sectores relevantes são apresentados nos quadros seguintes, no referencial das zonas de aglomeração.

QUADRO 3.17**Peso do emprego por grandes sectores por zona de aglomeração, 2000 (em %)**

UNIDADE/SECTOR	INDÚSTRIA	CONSTRUC.	COMÉRCIO	ALOJ. E RESTAUR.	UTILITIES E LOGÍSTICA	SERVIÇOS EMPRESAS	SERVIÇOS FAMÍLIAS
Alcântara/Junqueira	6,1	2,4	16,7	5,4	37,3	21,3	10,2
Belém/Restelo	5,6	7,4	23,0	12,8	1,7	15,3	30,9
Ajuda	7,6	13,5	25,8	6,1	2,4	24,4	19,9
Av. de Ceuta/24 de Julho	9,2	4,8	22,8	10,0	9,0	27,0	16,1
Campo Ourique/Estrela	12,1	3,2	26,9	5,9	1,8	36,5	12,9
Campolide/Amoreiras	3,8	5,7	24,7	6,9	9,1	34,1	14,9
Baixa	7,2	1,6	20,4	9,3	16,8	34,4	10,1
Avenida Liberdade	10,4	3,3	14,0	10,4	11,2	40,9	9,4
Avenidas Novas	8,6	6,3	15,5	8,2	11,1	38,8	11,3
António Augusto Aguiar/Malhoa	12,3	6,3	16,3	9,8	5,5	39,5	9,8
Areeiro/Alvalade	7,5	10,3	24,4	9,1	9,1	27,4	11,5
Benfica/S. Domingos	7,9	6,8	30,5	8,1	5,0	29,4	12,3
Carnide	6,0	8,4	32,3	8,8	14,8	18,7	11,0
Lumiar/Telheiras	6,8	10,7	30,3	7,0	6,6	19,5	19,1
S. João	14,7	8,6	22,8	6,7	12,2	25,5	9,4
Anjos/Graça	16,1	7,1	28,7	8,4	8,2	19,8	11,4
Chelas/Marvila	12,9	6,6	25,9	5,0	17,5	25,7	6,2
Parque das Nações	8,0	4,1	34,7	10,0	15,3	24,1	3,8
Olivais	2,7	2,9	11,6	8,2	59,3	6,9	8,3
Charneca	15,2	9,3	23,4	3,4	6,3	30,1	12,3
TOTAL LISBOA	8,7	5,7	21,4	8,4	13,2	30,7	11,4

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.18**Peso do emprego por grandes sectores por zona de aglomeração, 2000.****Diferença face a Lisboa (em p.p.)**

UNIDADE/SECTOR	INDÚSTRIA	CONSTRUC.	COMÉRCIO	ALOJ. E RESTAUR.	UTILITIES E LOGÍSTICA	SERVIÇOS EMPRESAS	SERVIÇOS FAMÍLIAS
Alcântara/Junqueira	-2,7	-3,3	-4,7	-3,0	24,1	-9,4	-1,2
Belém/Restelo	-3,1	1,7	1,5	4,4	-11,5	-15,5	19,5
Ajuda	-1,2	7,8	4,4	-2,3	-10,8	-6,3	8,5
Av. de Ceuta/24 de Julho	0,4	-0,9	1,3	1,6	-4,2	-3,7	4,7
Campo Ourique/Estrela	3,3	-2,5	5,5	-2,5	-11,4	5,8	1,5
Campolide/Amoreiras	-4,9	0,0	3,3	-1,5	-4,1	3,4	3,5
Baixa	-1,6	-4,1	-1,0	0,9	3,6	3,7	-1,3
Avenida da Liberdade	1,7	-2,4	-7,4	2,0	-2,0	10,2	-2,0
Avenidas Novas	-0,2	0,6	-6,0	-0,2	-2,1	8,1	-0,1
António Augusto Aguiar/Malhoa	3,6	0,6	-5,1	1,4	-7,7	8,8	-1,6
Areeiro/Alvalade	-1,2	4,6	2,9	0,7	-4,1	-3,3	0,1
Benfica/S. Domingos	-0,9	1,1	9,1	-0,3	-8,3	-1,3	0,9
Carnide	-2,8	2,7	10,9	0,4	1,6	-12,0	-0,4
Lumiar/Telheiras	-1,9	5,0	8,9	-1,4	-6,7	-11,3	7,6
S. João	5,9	2,9	1,3	-1,7	-1,0	-5,2	-2,0
Anjos/Graça	7,4	1,4	7,3	0,0	-5,0	-10,9	0,0
Chelas/Marvila	4,2	0,9	4,5	-3,4	4,3	-5,0	-5,2
Parque das Nações	-0,8	-1,6	13,3	1,6	2,1	-6,6	-7,6
Olivais	-6,1	-2,8	-9,8	-0,2	46,1	-23,9	-3,1
Charneca	6,5	3,6	1,9	-5,0	-6,9	-0,6	0,9
TOTAL LISBOA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.19**Peso do emprego para alguns sectores por zona de aglomeração, 2000 (em %)**

UNIDADE/SECTOR	EBC	EBC AVANÇADA	IND. MÉDIA E MÉDIA-ALTA TECNOLOGIA	INDÚSTRIA BAIXA TECNOLOGIA	TURISMO	ACTIVIDADES CULTURAIS	SERVIÇOS FINANC.
Alcântara/Junqueira	22,9	3,3	1,0	2,8	5,6	0,1	0,9
Belém/Restelo	16,2	8,9	1,7	2,0	12,9	3,4	2,2
Ajuda	26,1	8,9	1,4	5,0	6,7	0,1	3,2
Av. de Ceuta/24 de Julho	28,5	6,4	2,1	6,5	10,2	0,2	1,3
Campo Ourique/Estrela	40,1	11,4	4,9	6,7	6,4	0,3	6,2
Campolide/Amoreiras	39,4	12,9	0,7	4,2	7,3	0,1	4,6
Baixa	37,3	2,4	0,7	5,1	9,9	0,8	26,8
Avenida Liberdade	45,4	10,0	2,3	6,3	12,6	0,7	16,3
Avenidas Novas	45,7	9,4	2,0	4,9	9,0	0,2	11,7
António Augusto Aguiar/Malhoa	43,2	10,0	4,7	6,3	10,3	0,1	16,0
Areeiro/Alvalade	32,8	9,6	1,4	5,1	10,0	0,1	4,7
Benfica/S. Domingos	34,5	11,7	3,0	4,0	8,5	1,1	3,9
Carnide	20,2	7,6	0,5	3,7	8,9	0,4	2,0
Lumiar/Telheiras	17,0	8,7	0,4	4,8	7,4	0,1	2,5
S. João	27,8	2,9	3,2	8,9	6,9	0,2	1,8
Anjos/Graça	22,4	4,9	2,1	11,7	8,8	0,4	1,7
Chelas/Marvila	35,0	4,1	5,5	5,3	5,0	0,0	3,4
Parque das Nações	33,0	3,4	3,9	3,2	10,1	0,0	2,0
Olivais	9,7	1,4	1,4	1,0	8,5	0,1	1,0
Charneca	29,2	13,7	0,7	11,4	3,4	0,2	0,1
TOTAL LISBOA	35,0	7,7	2,2	5,2	9,1	0,4	9,6

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

QUADRO 3.20**Peso do emprego para alguns sectores por zona de aglomeração, 2000.****Diferença face a Lisboa (em p.p.)**

UNIDADE/SECTOR	EBC	EBC AVANÇADA	IND. MÉDIA E MÉDIA-ALTA TECNOLOGIA	INDÚSTRIA BAIXA TECNOLOGIA	TURISMO	ACTIVIDADES CULTURAIS	SERVIÇOS FINANC.
Alcântara/Junqueira	-12,1	-4,4	-1,1	-2,4	-3,5	-0,4	-8,6
Belém/Restelo	-18,8	1,2	-0,4	-3,3	3,8	2,9	-7,4
Ajuda	-8,9	1,2	-0,8	-0,2	-2,4	-0,3	-6,4
Av. de Ceuta/24 de Julho	-6,5	-1,3	0,0	1,3	1,1	-0,3	-8,3
Campo Ourique/Estrela	5,1	3,7	2,7	1,5	-2,7	-0,1	-3,4
Campolide/Amoreiras	4,4	5,2	-1,5	-1,1	-1,8	-0,3	-5,0
Baixa	2,3	-5,3	-1,4	-0,1	0,8	0,4	17,2
Avenida da Liberdade	10,4	2,3	0,1	1,1	3,5	0,3	6,7
Avenidas Novas	10,7	1,7	-0,1	-0,4	-0,1	-0,3	2,1
António Augusto Aguiar/Malhoa	8,2	2,3	2,6	1,1	1,2	-0,3	6,4
Areeiro/Alvalade	-2,2	1,8	-0,8	-0,1	0,9	-0,4	-4,9
Benfica/S. Domingos	-0,5	3,9	0,8	-1,2	-0,6	0,7	-5,7
Carnide	-14,8	-0,1	-1,6	-1,5	-0,2	0,0	-7,6
Lumiar/Telheiras	-18,0	1,0	-1,8	-0,4	-1,7	-0,3	-7,1
S. João	-7,2	-4,8	1,1	3,7	-2,2	-0,2	-7,8
Anjos/Graça	-12,6	-2,9	-0,1	6,4	-0,3	0,0	-7,8
Chelas/Marvila	0,0	-3,6	3,3	0,0	-4,1	-0,4	-6,2
Parque das Nações	-2,0	-4,3	1,8	-2,0	1,0	-0,4	-7,6
Olivais	-25,3	-6,3	-0,8	-4,3	-0,6	-0,3	-8,6
Charneca	-5,8	6,0	-1,4	6,1	-5,7	-0,2	-9,5
TOTAL LISBOA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

A dinâmica de evolução
do perfil de especialização
interno da cidade de Lisboa

A análise da dinâmica em termos de variação do emprego por grandes sectores, de acordo com os dados apresentados no Quadro 3.21, por zona de aglomeração, revela perdas significativas ao nível do emprego industrial, na construção, comércio e logística e o reforço do emprego no sector do alojamento e restauração, dos serviços às empresas e dos serviços às famílias, que registaram na década crescimentos significativos.

Este comportamento é relativamente diferenciado dentro de Lisboa, encontrando-se unidades que registam ganhos de emprego e estabelecimentos na generalidade dos sectores como, por exemplo, Carnide, Lumiar e Oriente, e outras que registam perdas na generalidade dos sectores, como por exemplo a Baixa ou a António Augusto Aguiar.

QUADRO 3.21
Variação do emprego por grandes sectores por zona de aglomeração, 1991-2000 (em %)

UNIDADE/SECTOR	INDÚSTRIA	CONSTRUC.	COMÉRCIO	ALOJ. E RESTAUR.	UTILITIES E LOGÍSTICA	SERVIÇOS EMPRESAS	SERVIÇOS FAMÍLIAS
Alcântara/Junqueira	-25,5	-31,7	6,9	41,3	-65,3	41,7	183,0
Belém/Restelo	-36,6	38,4	-8,4	108,8	-26,7	535,6	34,8
Ajuda	-68,5	-40,0	-14,6	-21,8	-37,3	355,3	47,0
Av. de Ceuta/24 de Julho	-54,7	-37,1	-19,6	82,8	-46,3	92,0	37,0
Campo Ourique/Estrela	-9,7	-53,4	-6,8	25,9	-44,6	139,7	16,3
Campolide/Amoreiras	-69,5	1623,4	-7,8	69,8	-52,7	96,8	77,6
Baixa	-51,9	-33,7	-39,4	-8,5	-28,8	-3,4	-3,6
Avenida da Liberdade	-9,4	-22,6	-38,3	-10,9	-0,9	20,3	-16,6
Avenidas Novas	-1,9	-26,6	-25,1	5,6	-50,4	77,7	14,3
António Augusto Aguiar/Malhoa	22,7	-46,6	-22,6	-22,7	-40,5	0,5	3,3
Areeiro/Alvalade	-31,8	-15,8	-17,9	18,8	-7,6	60,0	11,7
Benfica/S.Domingos	-35,6	-7,7	54,5	57,7	-63,2	213,0	65,7
Carnide	-19,2	130,0	259,2	356,3	31,6	744,0	157,2
Lumiar/Telheiras	16,7	18,8	68,0	83,9	-15,5	168,8	-4,9
S. João	-46,7	3,4	-10,1	25,1	-45,7	202,5	103,2
Anjos/Graça	-46,7	-15,0	-19,4	1,7	8,0	49,9	31,6
Chelas/Marvila	-64,0	24,9	0,4	86,2	-37,9	242,6	86,3
Parque das Nações	-67,2	-0,9	114,8	1047,2	-9,0	346,0	428,1
Olivais	-62,4	40,1	-9,8	51,7	-4,6	157,2	176,9
Charneca	-49,4	7,4	-5,3	1,3	-55,0	337,8	0,5
TOTAL LISBOA	-36,7	-16,1	-12,6	13,5	-30,4	58,2	21,8

Fonte: Equipa de projecto com dados dos Quadros de Pessoal

A evolução do ambiente económico, social e urbano da cidade de Lisboa: a configuração das zonas de aglomeração da população e das actividades económicas

O presente capítulo visa fornecer, de forma sintética, uma visão das grandes características do ambiente económico, social e urbano da cidade de Lisboa traduzida na análise global da configuração e evolução recente das grandes zonas de aglomeração da população e das actividades económicas.

A ocupação extensiva da área metropolitana e a importante redução do peso relativo da população residente na cidade de Lisboa

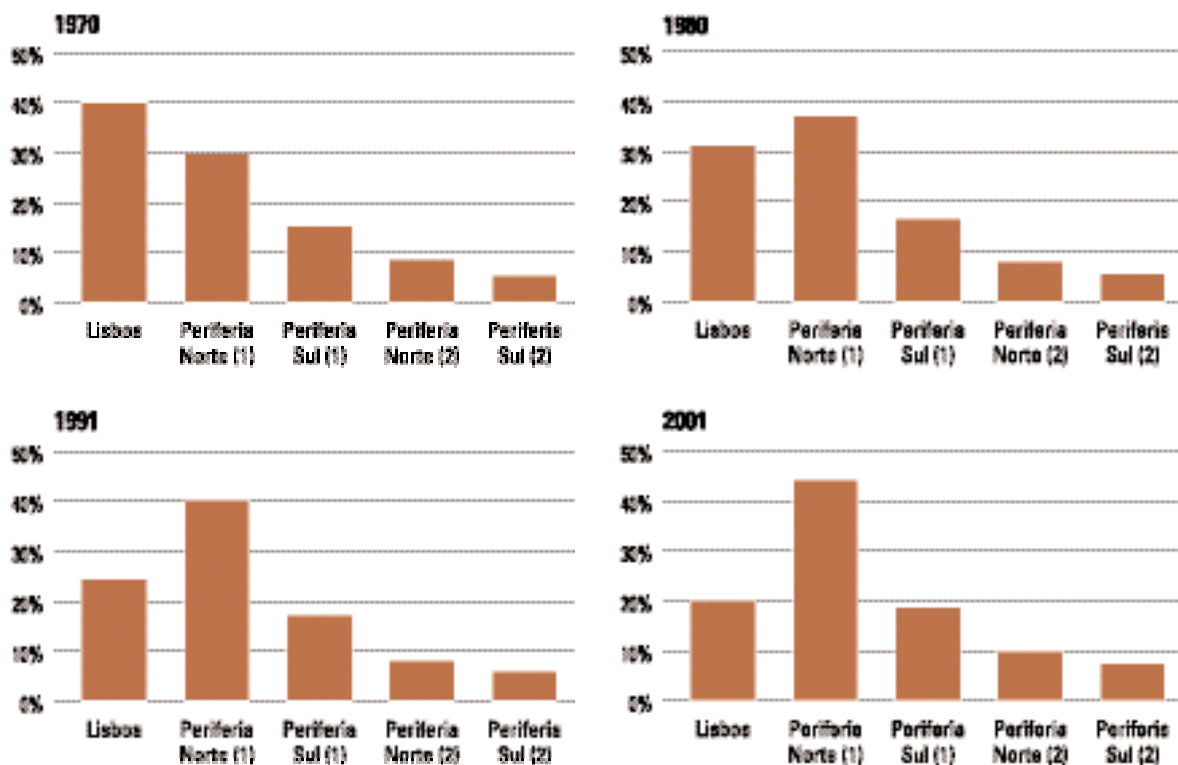
Um primeiro traço absolutamente relevante para a compreensão da natureza e evolução da competitivi-

dade urbana da cidade de Lisboa e das formas e conteúdos dos fenómenos de aglomeração e (re)localização das actividades económicas é fornecido pela evolução da própria Área Metropolitana de Lisboa que, no período da transição para a democracia, primeiro, e da consolidação da plena integração europeia, depois – isto é, no período das últimas três décadas – conheceu um processo de crescimento, extensão e reordenamento extremamente significativo.

Com efeito, na cidade de Lisboa e nas suas coroas periféricas de maior e menor proximidade, a norte e sul, ao nível da sua expansão metropolitana, verifica-se que a evolução da distribuição da população residente ao longo dos últimos 30 anos (Figura 3.8) regista dois fenómenos expressivos, impulsionados por tendências comuns a todos os processos de formação e consolidação de metrópoles urbanas mas, no caso português, moldados de forma muito nítida pelos mecanismos de acesso (ou restrição) à habitação em articulação com os grandes eixos de mobilidade (ou bloqueio) nos percursos quotidianos:

- a cidade de Lisboa, ainda o pólo mais relevante, com cerca de 40% da população da área metropolitana em 1970, já concentrava, em 2001, menos de 20% da população da área metropo-

FIGURA 3.8
Distribuição da população na região de Lisboa: evolução 1970-2001



Periferia Norte (1): Amadora, Oeiras, Sintra, Cascais, Loures e Odivelas. **Periferia Norte (2):** Vila Franca de Xira, Torres Vedras, Mafra e Azambuja. **Periferia Sul 1:** Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Montijo e Alcochete. **Periferia Sul (2):** Setúbal, Palmela e Sesimbra

litana, claramente ultrapassada pela sua primeira periferia que, com um peso ligeiramente menor em 1970, possuía praticamente o triplo da sua população em 2001;

- as coroas periféricas da margem norte da área metropolitana vão ganhando peso em relação às coroas periféricas da margem sul (a principal coroa periférica norte da área metropolitana concentra em 2001 mais de 40% da sua população total).

A cidade de Lisboa, nomeadamente em termos de capacidade competitiva de aglomeração de activida-

des económicas com potencial de desenvolvimento e sustentação de empregos qualificados, beneficiou largamente com o ganho dimensional registado na sua área metropolitana, que constitui actualmente um pólo relevante de consumo à escala ibérica e europeia. Em termos quantitativos e populacionais esta evolução conduziu, no entanto, a uma excessiva rarefacção da cidade de Lisboa, enquanto centro da respectiva área metropolitana, seja pela sua muito maior dimensão em termos de emprego, seja pelo seu potencial não aproveitado de crescimento populacional interno sem pressão sobre as zonas urbanizadas mais densas.



A cidade de Lisboa: densidade, ocupação e características da população

A cidade de Lisboa apresenta, em termos das condições de ocupação do seu espaço urbano e em termos das características da sua população, uma configuração onde coexistem “duas” cidades, isto é, a cidade densa, envelhecida, de famílias reduzidas, que perde população e emprego, e a cidade menos densa,

menos envelhecida e mais activa, de famílias maiores, que ganha emprego e população.

A primeira “cidade” corresponde, grosso modo, às zonas centrais e às respectivas charneiras, enquanto a segunda “cidade” corresponde, grosso modo, às expansões residenciais e às periferias oriental e norte (o arco ribeirinho ocidental pertence, no essencial, à primeira “cidade”, muito embora apresente uma densidade de ocupação bastante mais reduzida).

FIGURA 3.9

Evolução da densidade populacional relativa na cidade de Lisboa.

Diferenças face à média (Lx=100)

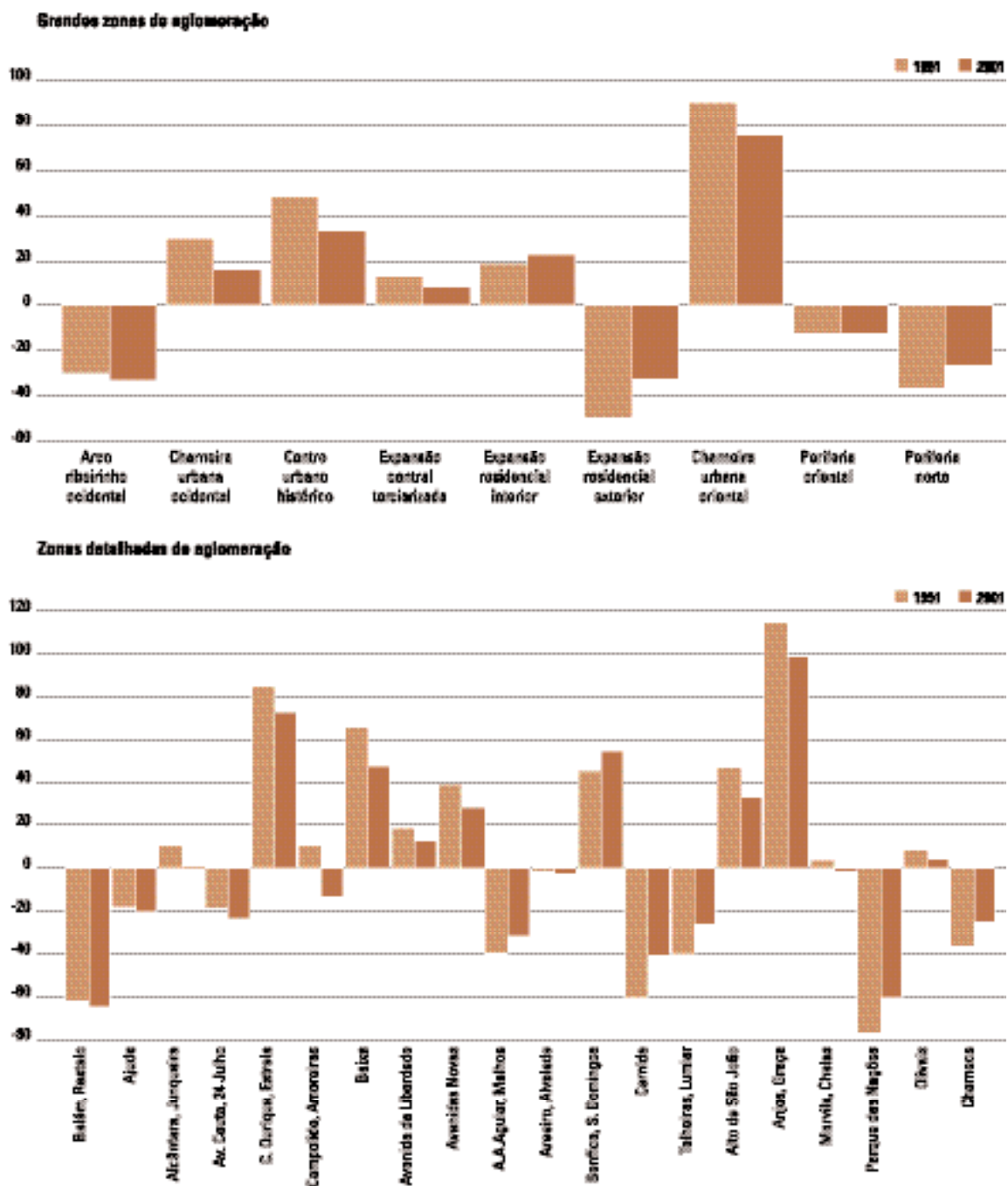


FIGURA 3.10
Evolução do peso relativo da população em idade activa (20-64 anos) na cidade de Lisboa.
Diferenças face à média (em %)

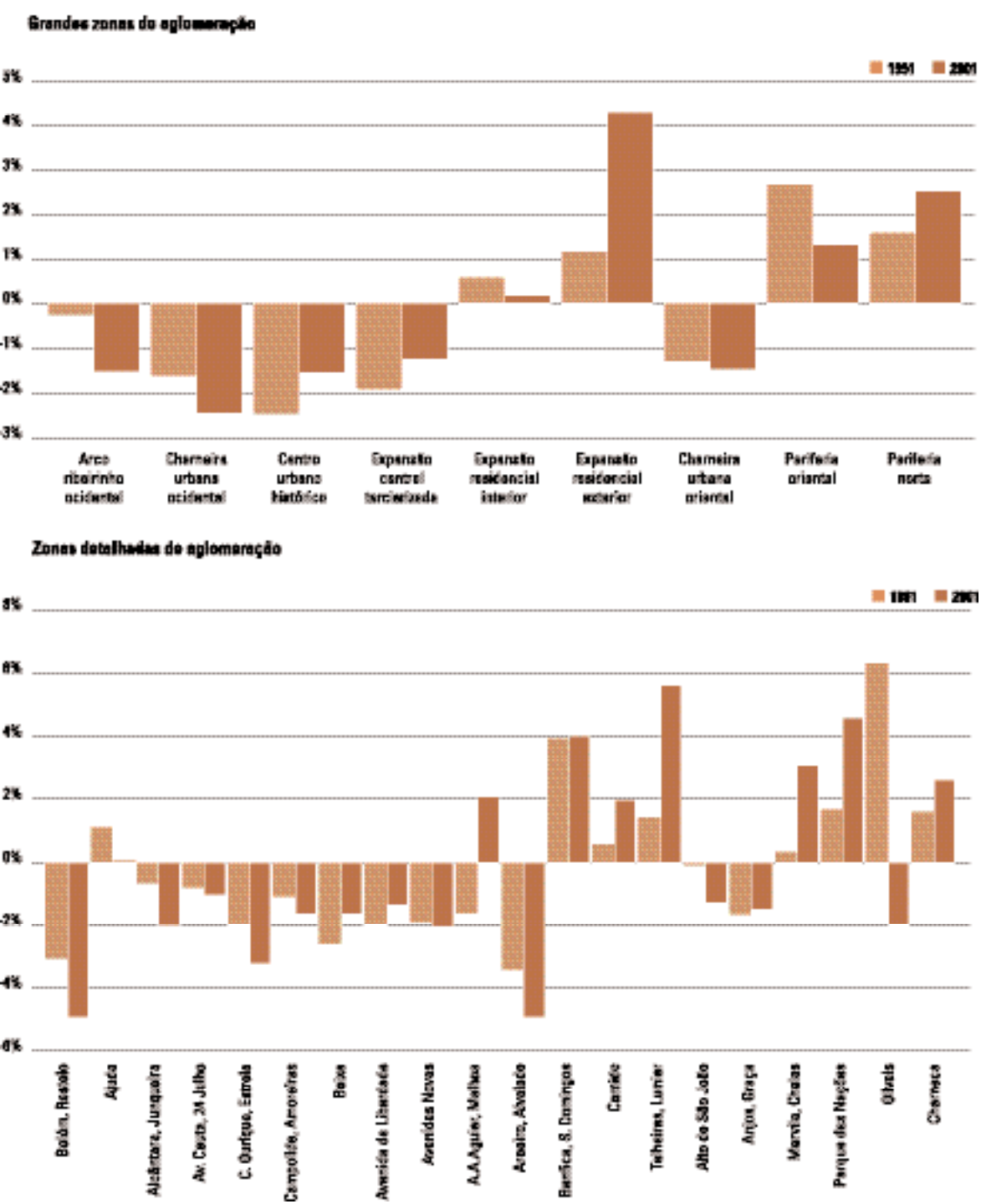
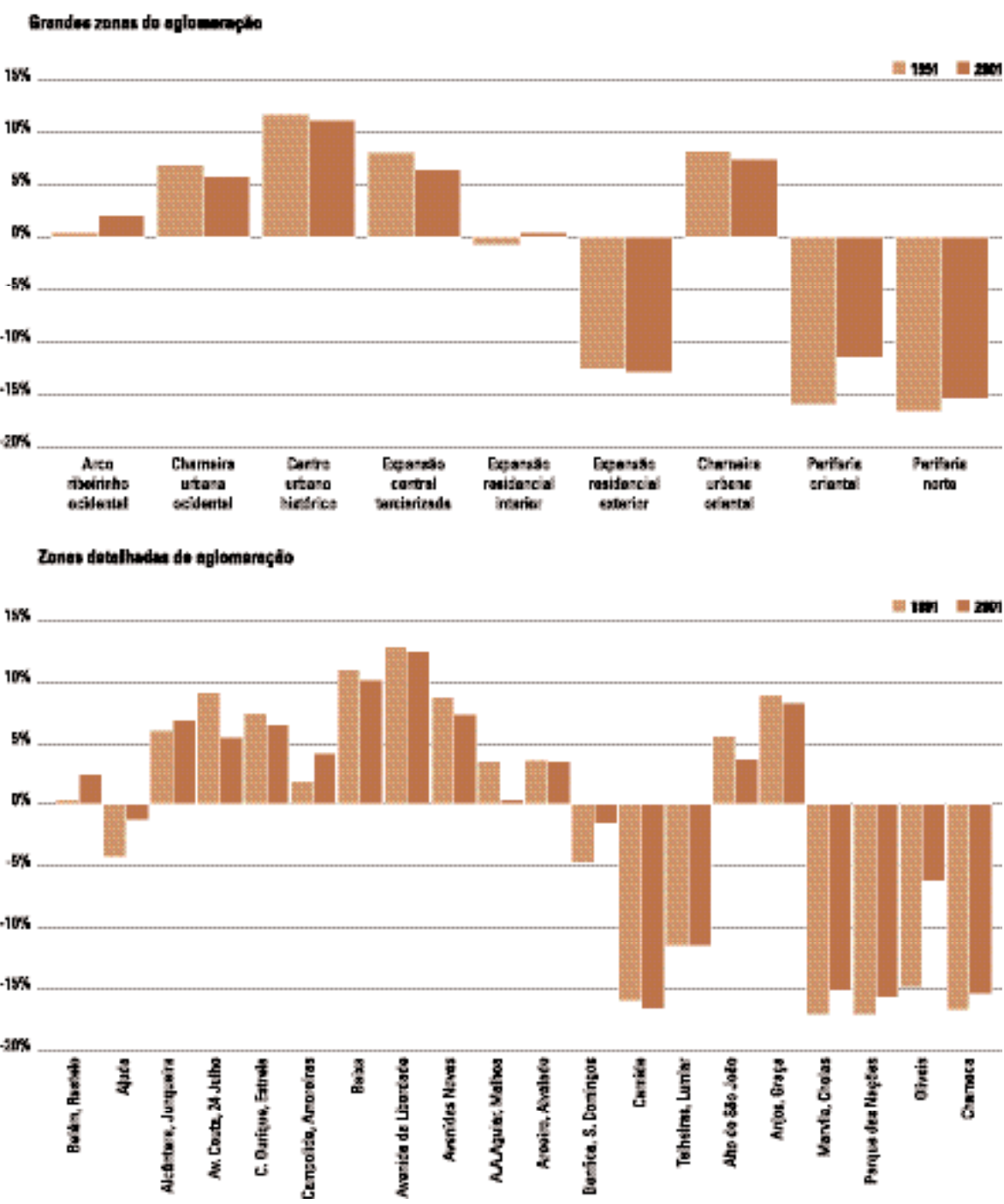


FIGURA 3.12
Evolução do peso relativo das famílias reduzidas (1-2 pessoas) na cidade de Lisboa.
Diferenças face à média (em %)



A cidade de Lisboa: população e emprego

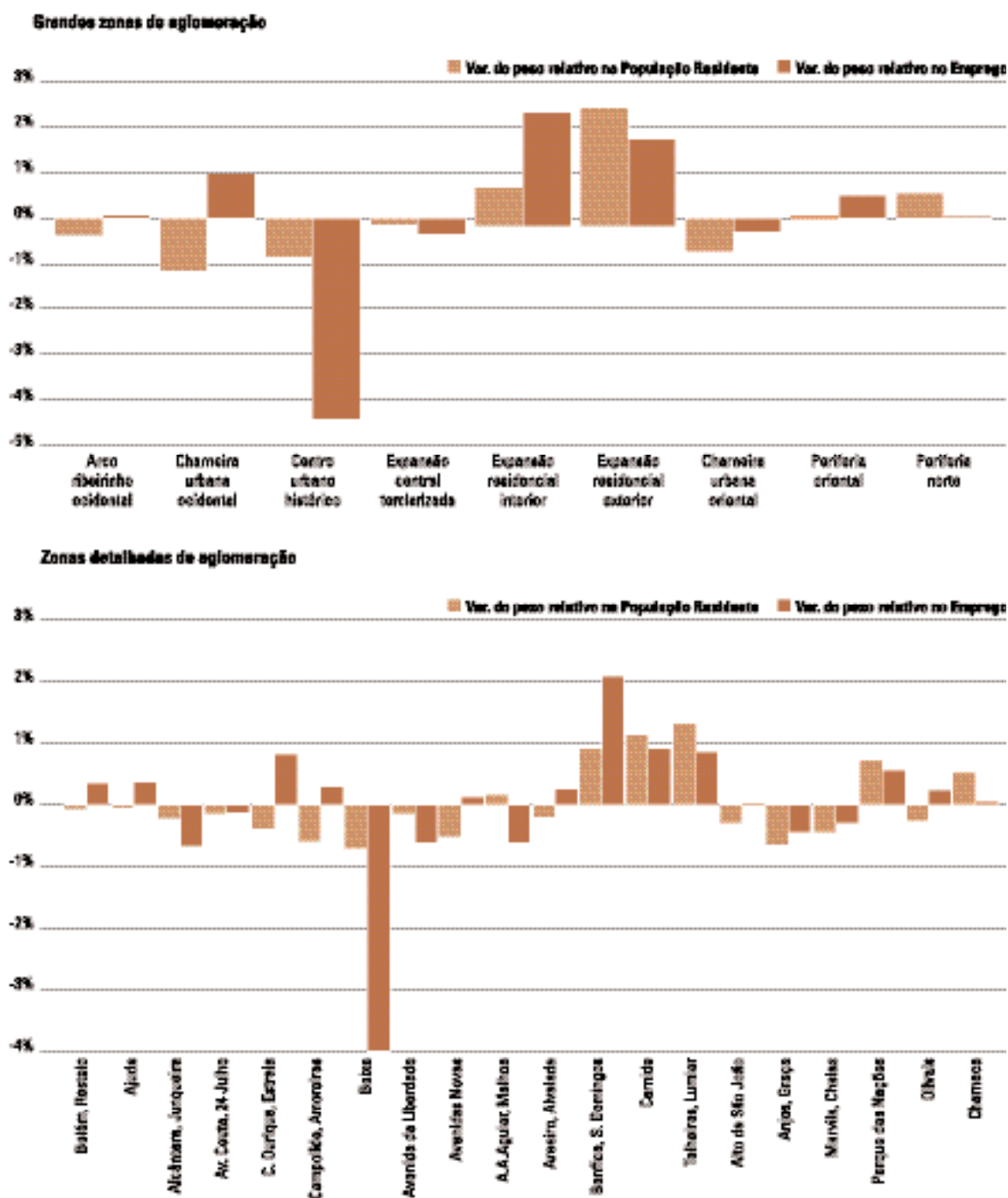
A evolução da distribuição da população e do emprego na cidade de Lisboa na última década faz surgir com bastante clareza as seguintes tendências principais:

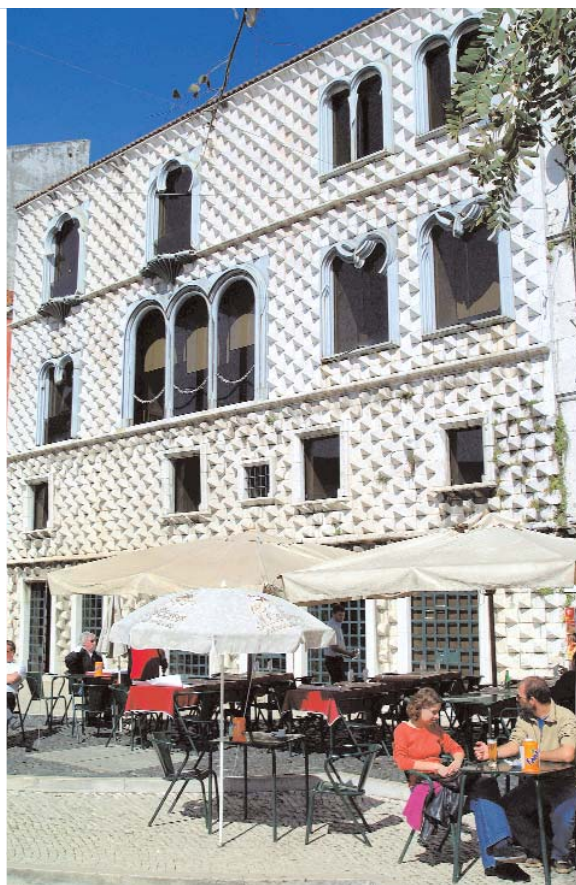
- as **zonas de expansão residencial**, interior e exterior, ganham peso global na cidade de Lisboa, quer em termos de emprego, quer de população resi-

dente. Em termos mais detalhados, trata-se das zonas de Benfica/S. Domingos, Carnide, Telheiras/Lumiar e, também, da zona do Parque das Nações, situada na Periferia Oriental. Entre elas existe, no entanto, uma diferença relevante, na medida em que enquanto as zonas de expansão mais antiga e de localização mais central ganham mais peso em termos de emprego, as zonas de expansão mais recente e de localização menos central ganham mais peso em termos de população;

FIGURA 3.13

Evolução da distribuição da população e do emprego na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo entre 1991 e 2000-2001





- as **zonas residenciais mais consolidadas** revelam uma tendência mista de redução “suave” do peso relativo na população residente e de aumento mais do que proporcional do peso relativo no emprego, isto é, uma densificação empresarial terciária sem comprometer a respectiva função residencial dominante. As grandes zonas do Arco Ribeirinho Ocidental, da Charneira Urbana Ocidental e da Periferia Oriental e as zonas detalhadas de Belém/Restelo, Ajuda, Campo de Ourique/Estrela, Campolide/Amoreiras, Avenidas Novas, Areeiro/Alvalade e Olivais integram-se nesta dinâmica mista de evolução;

- as **zonas centrais terciarizadas**, Centro Urbano Histórico e Expansão Central Terciariada ao nível das grandes zonas, Baixa e Avenida da Liberdade, ao nível das zonas mais detalhadas, conhecem, pelo seu lado, uma dinâmica global de perda de peso relativo na população residente e no emprego, no que são acompanhadas pela Charneira Urbana Oriental, ao nível das grandes zonas de aglomeração, e pelas zonas Alcântara/Junqueira, Av. de Ceuta/24 de Julho, Anjos/Graça e Chelas/Marvila ao nível das zonas de aglomeração mais detalhadas. Também aqui importará distinguir entre o significa-

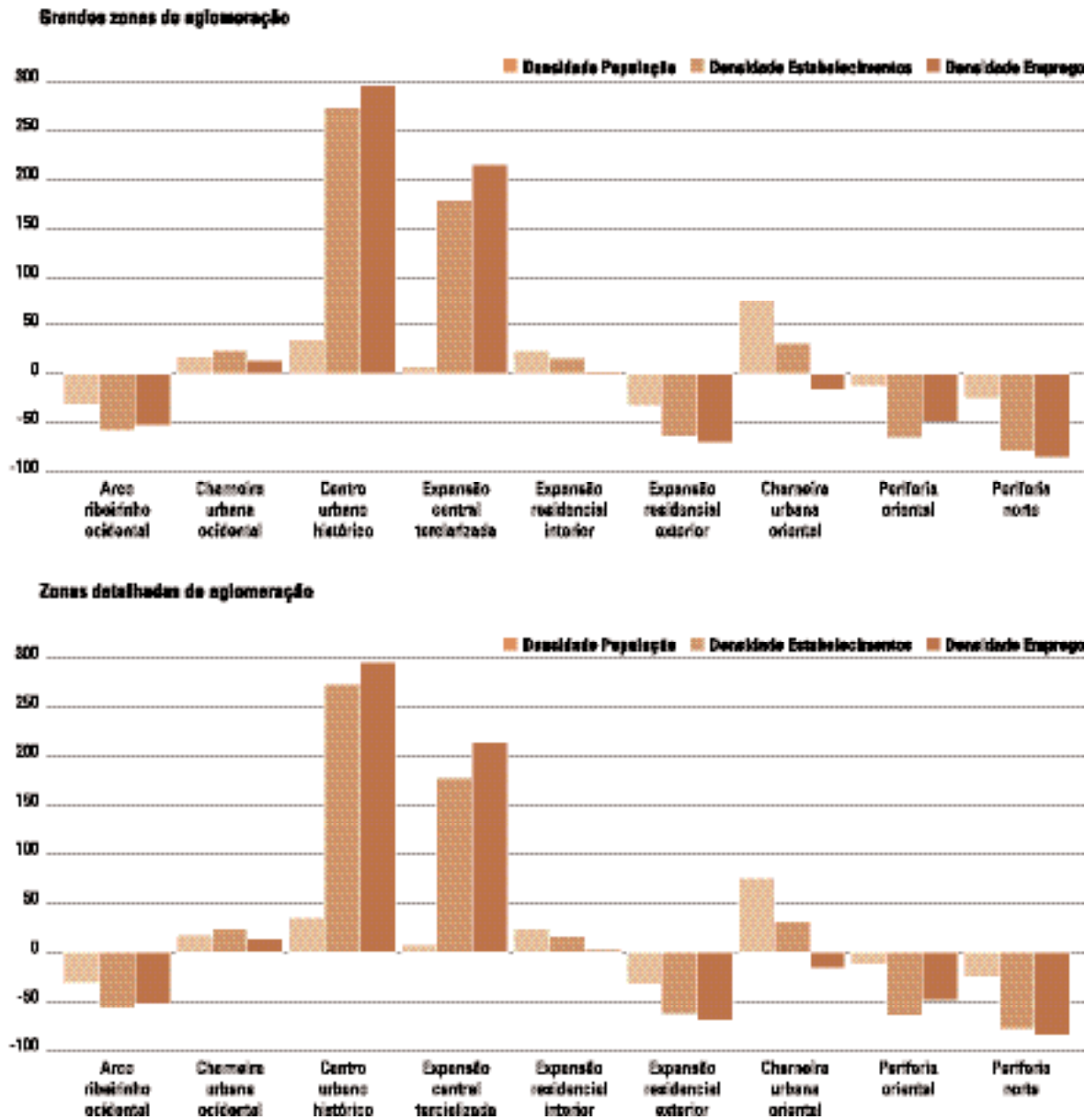
tivo “colapso” da Baixa enquanto espaço de emprego e o relevante, mas menos significativo “colapso” da Charneira Oriental, e Periferia Oriental mais próxima, enquanto espaço de residência;

- a **Periferia Norte** apresenta também uma dinâmica mista, ganho de peso relativo em termos de população, manutenção de muito baixa relevância em termos de emprego, em consequência de começar a ser tocada pela expansão residencial exterior;

A articulação entre população e emprego no desenvolvimento da configuração da competitividade urbana da cidade de Lisboa pode ser aprofundada através da análise da evolução do nível salarial relativo, do nível de educação dos recursos humanos utilizados e da penetração do emprego feminino.

A grande e relevante tendência identificada é a verificação de um fenómeno de aprofundamento das assimetrias entre as várias zonas de aglomeração de actividades económicas na cidade de Lisboa ou, de forma mais conceptual, a verificação de um processo de perda de coesão económica que indicia a coexistência, na cidade, de modelos de desenvolvimento empresarial relativamente diferenciados.

FIGURA 3.14
Densidade relativa na ocupação da cidade de Lisboa, 2000-2001.
Diferenças face à média (Lx=100)



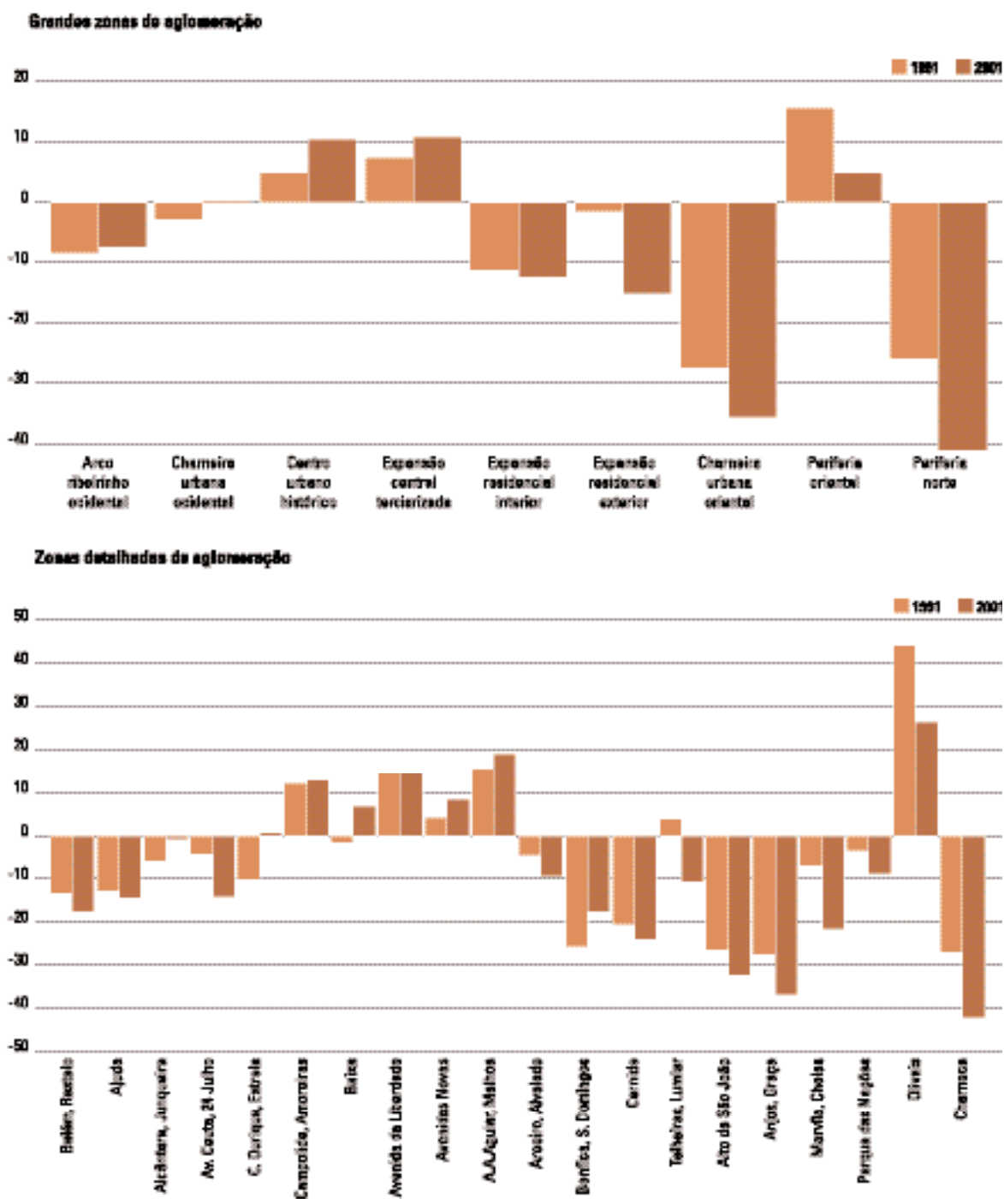
Com efeito, verifica-se:

- que, em termos de **ganho relativo**, as zonas centrais terciarizadas, Centro Urbano Histórico e Expansão Central Terciariada ao nível das grandes zonas, Baixa, Avenida da Liberdade, Campolide/Amoreiras, António Augusto de Aguiar/Malhoa e Avenidas Novas, ao nível das zonas mais detalhadas, não só concentram os níveis de ganho relativo mais elevado, como reforçaram essa posição relativa entre 1991 e 2000.
- Em todas as outras zonas, se exceptuarmos a Charneira Ocidental e a Periferia Oriental (na

prática, as zonas detalhadas Campo de Ourique/Estrela e Olivais), verifica-se a tendência oposta, isto é, concentram-se os níveis de ganho relativo mais baixo e agrava-se essa posição relativa entre 1991 e 2000.

As excepções referidas não limitam esta conclusão, na medida em que, por um lado, a evolução de Campo de Ourique/Estrela pode ser associada à evolução de Campolide/Amoreiras e, por outro lado, a zona dos Olivais, pólo de concentração dos estabelecimentos de maior dimensão, vê a sua vantagem reduzir-se em função dos processos de reordenamento e realocação empresarial analisados mais à frente;

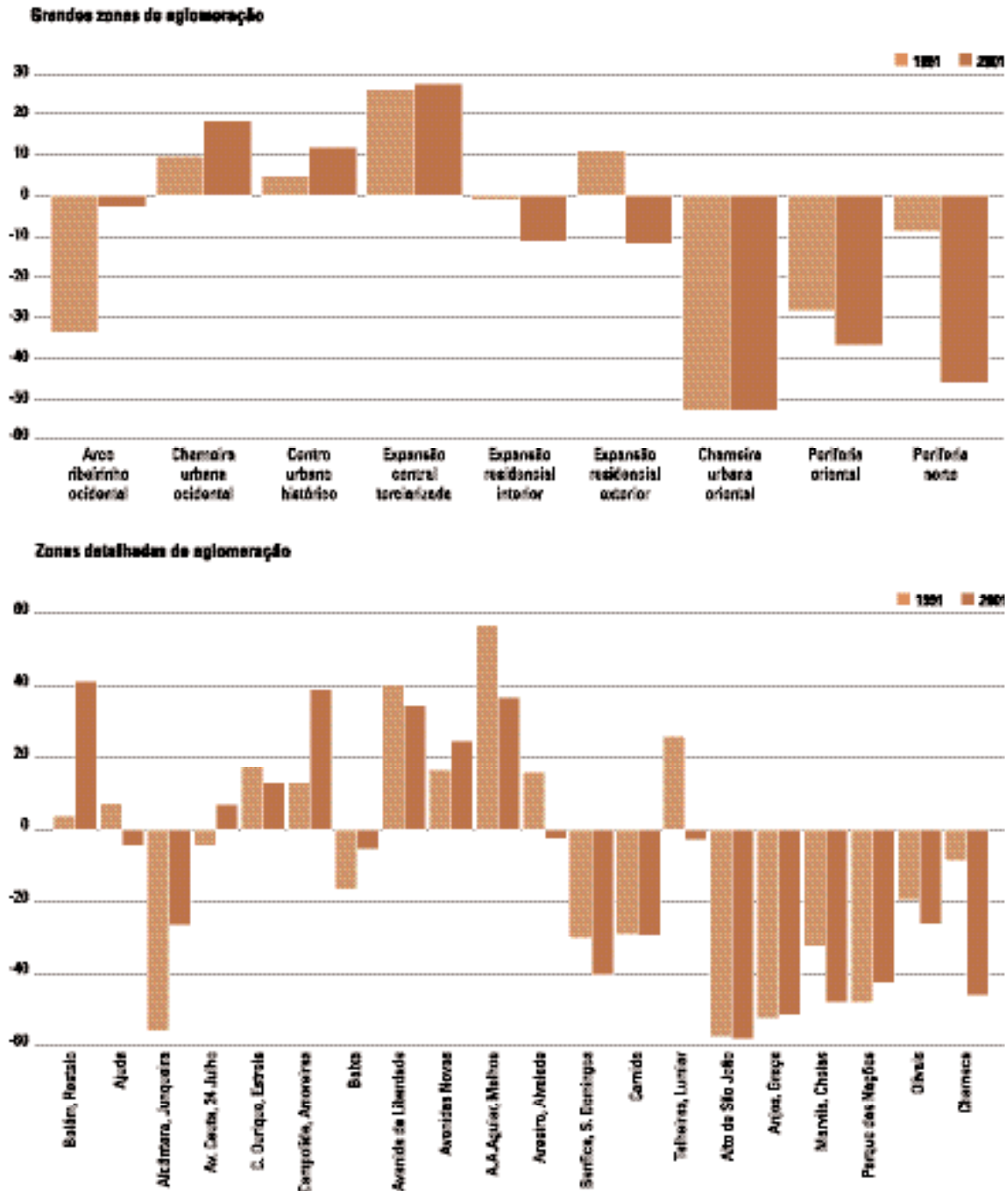
FIGURA 3.15
Evolução do nível salarial relativo na cidade de Lisboa.
Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100)



- que, em termos de **nível de educação** dos recursos humanos utilizados, se detectam tendências aproximadas, com a excepção do afundamento da zona da Baixa e a aproximação da Charneira Ocidental à zona composta pela Avenida da Liberdade e pelas Avenidas Novas, seja no que respeita à oposição entre zonas de níveis relativos mais elevados e mais baixos, seja no que respeita à consolidação e aprofundamento dessas assimetrias;
- que, em termos de **articulação global entre nível salarial, nível de educação e penetração do emprego feminino**, se encontra, por um lado, uma ligação bem definida e positiva entre o nível salarial e o nível de educação, e, por outro, uma enorme dispersão da relação entre nível salarial e género (níveis salariais muito diferentes para zonas com níveis de penetração do trabalho feminino muito semelhantes).

FIGURA 3.16

Evolução do nível de educação no emprego na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo dos activos com educação superior face à média (Lx=100)



Esta articulação global faz surgir três zonas de forte preponderância do trabalho masculino (Olivais com salários mais elevados, Ajuda com salários médios e Chelas/Marvila com salários mais baixos), tal como faz surgir três grandes modelos de organização da actividade empresarial com base nas características do emprego, isto é:

- um primeiro grupo, de menor potencial competitivo, formado por um conjunto de zonas

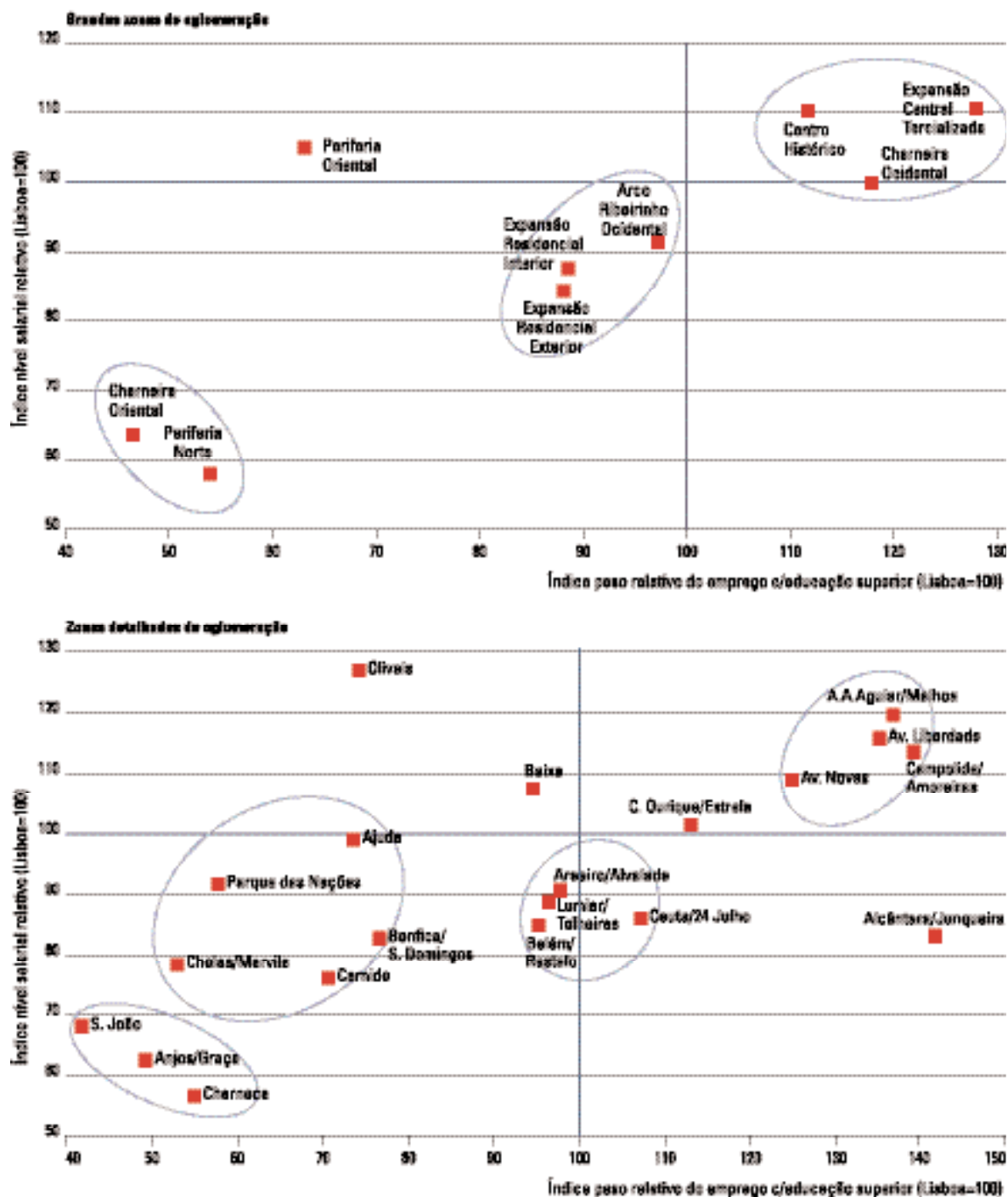
polarizadas por um modelo empresarial menos qualificado, baseado na utilização de recursos humanos de mais baixos níveis educacionais e mais baixos níveis salariais (Chelas/Marvila, Carnide, Benfica/S. Domingos, Parque das Nações e Alto de S. João);

- um segundo grupo, de maior potencial competitivo, formado por um conjunto de zonas polarizadas por um modelo empresarial

FIGURA 3.17

Articulação entre nível de educação e ganho relativo na cidade de Lisboa.

Diferenças do peso relativo dos activos com educação superior face à média ($Lx=100$)



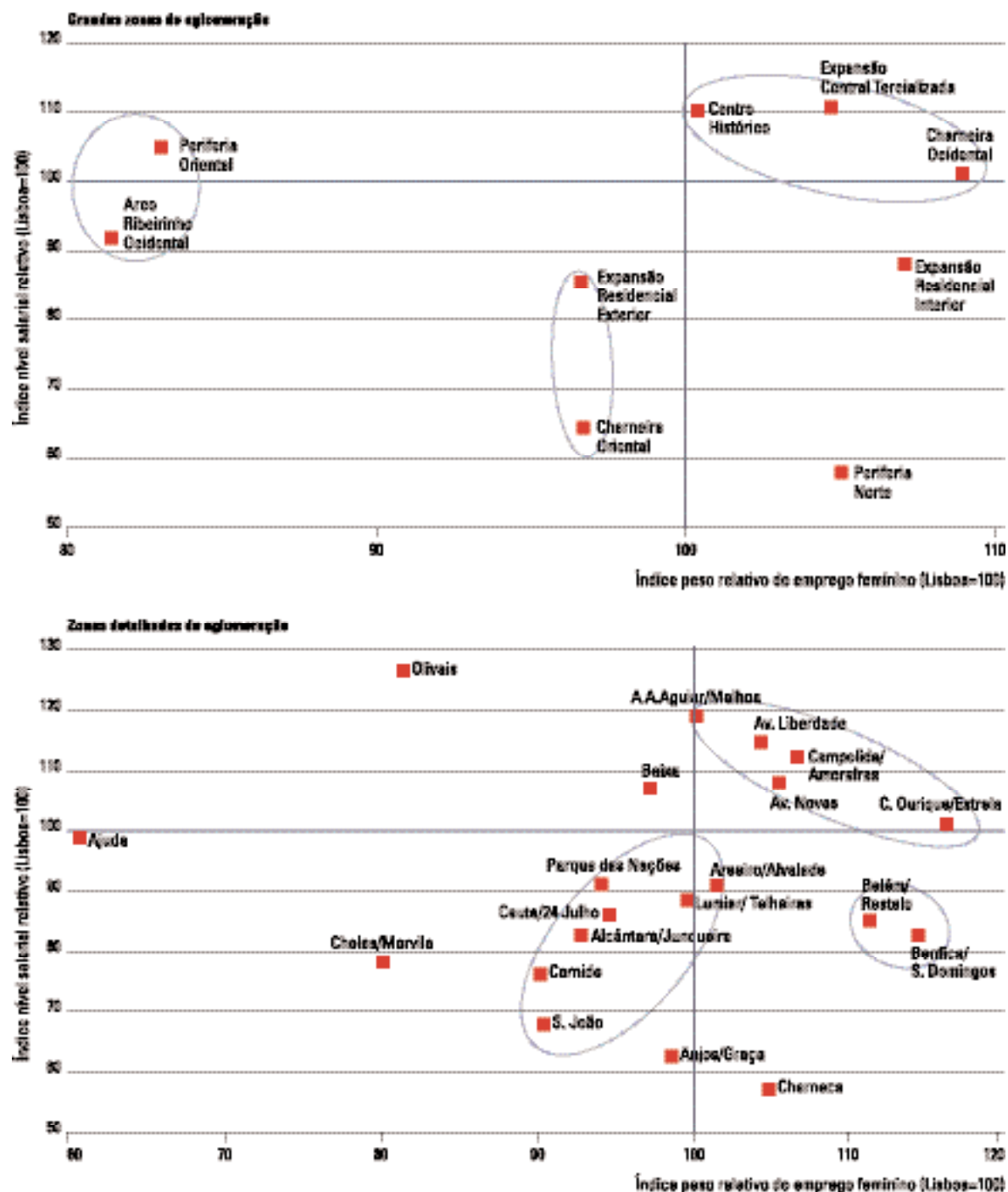
mais qualificado, baseado na utilização de recursos humanos de níveis educacionais mais elevados com níveis salariais também mais elevados (Campo Ourique/Estrela, Amoreiras/Campolide, Avenida Liberdade, Avenidas Novas e António Augusto Aguiar/Malhoa) que apresentam a particularidade de, todas elas, possuírem uma maior intensi-

dade de emprego feminino em relação à média da cidade;

- um terceiro grupo, de potencial competitivo intermédio, formado por um conjunto de zonas polarizadas que configuram uma espécie de modelo intermédio entre estes dois, mas mais próximo do primeiro, isto é, com

FIGURA 3.18

Articulação entre feminização dos empregos e ganho relativo na cidade de Lisboa.
Diferenças do peso relativo do emprego feminino face à média ($Lx=100$)



níveis relativos de educação e de ganho inferiores à média da cidade (Areiro/Alvalade, Lumiar/Telheiras, Belém/Restelo e Av. de Ceuta/24 de Julho) e onde uma maior feminização em empregos menos qualificados pode justificar a semelhança do nível salarial médio face ao primeiro grupo, apesar de um maior nível médio de educação.

A cidade de Lisboa: distribuição do emprego por actividades económicas

A análise da distribuição emprego por actividades económicas que a seguir se desenvolve no duplo referencial das zonas de aglomeração (agregadas e detalhadas) visa situar os grandes traços da organi-



zação espacial da cidade de Lisboa como cidade empresarial.

A análise é desenvolvida em dois tempos. Em primeiro lugar procura-se situar o conjunto das actividades económicas, independentemente da respectiva qualidade e potencial. Em segundo lugar procede-se a um aprofundamento da análise tratando especificamente as actividades da “economia baseada no conhecimento” que determinam, no quadro da concorrência crescentemente globalizada, em grande parte, o potencial competitivo das cidades modernas.

A. A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DAS GRANDES ACTIVIDADES DE ESPECIALIZAÇÃO DA CIDADE DE LISBOA

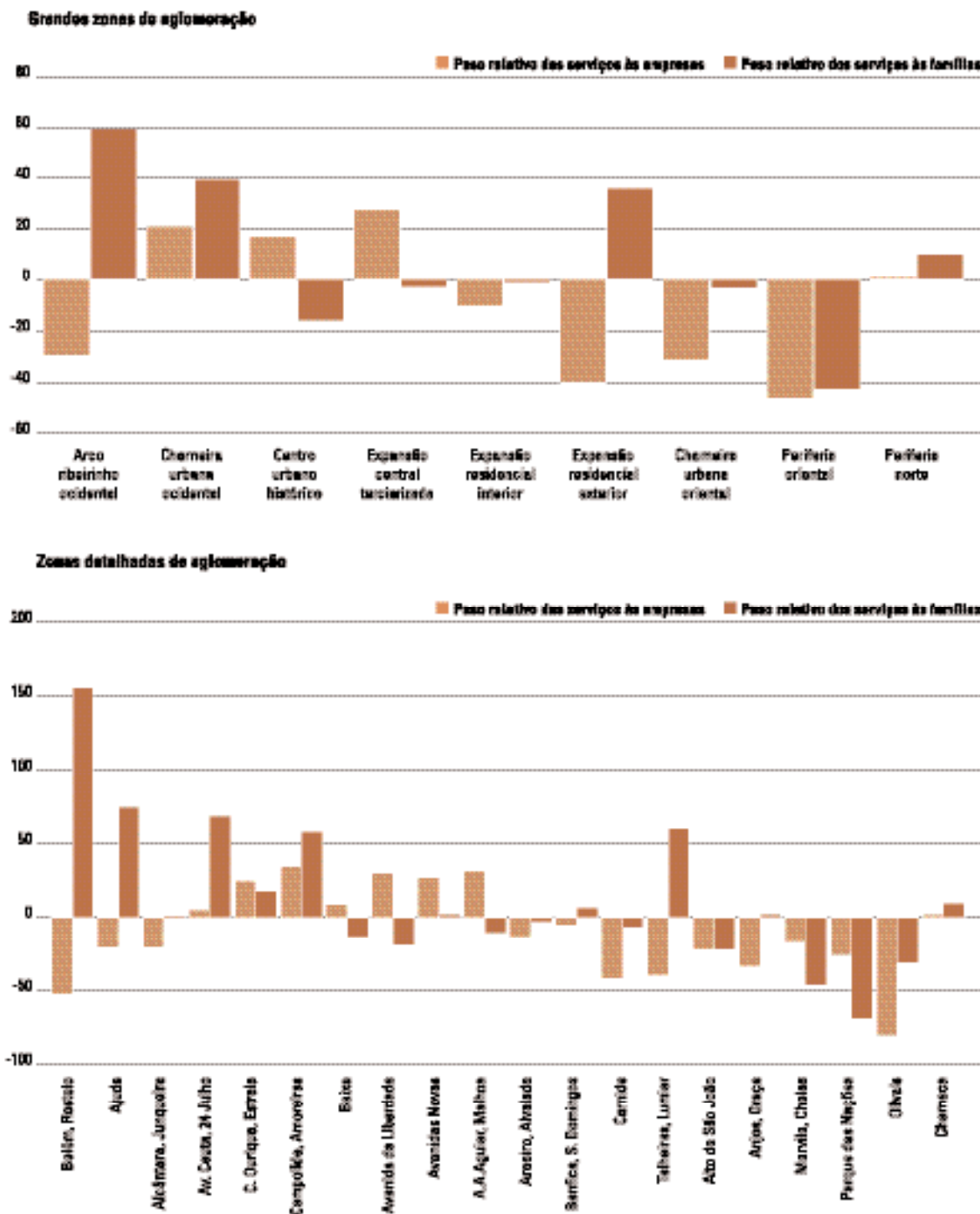
(I) AS ACTIVIDADES DOS SERVIÇOS

A cidade de Lisboa, enquanto cidade terciária, apresenta uma especialização nas actividades de serviços que corresponde, em boa medida, às suas funções

privilegiadas de acolhimento de pessoas e de empresas. Neste sentido, podemos notar uma muito importante diferenciação na distribuição espacial interna das actividades de serviços, que apresenta os seguintes contornos:

- a afirmação de um número reduzido de **zonas de aglomeração de especialização global nas actividades de serviços**, isto é, zonas com um peso relativo superior à média da cidade, quer nos serviços às empresas, quer nos serviços às famílias: a zona da **Charneira Urbana Ocidental**, ao nível das zonas agregadas, e as zonas **Av. de Ceuta/24 de Julho**, **Campo de Ourique/Estrela** e **Campolide/Amoreiras**, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;
- a afirmação de um número, também reduzido, de **zonas de aglomeração de especialização parcial nas actividades de serviços às empresas**, isto

FIGURA 3.19
Distribuição do emprego nos serviços na cidade de Lisboa.
Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100)



é, zonas com um peso relativo superior à média da cidade nos serviços às empresas, mas não nos serviços às famílias: o **Centro Urbano Histórico** e a **Expansão Central Terciariada**, ao nível das zonas agregadas, e as zonas **Baixa**, **Avenida da Liberdade**, **António Augusto de Aguiar/Malhoa** e **Avenidas Novas**, ao nível das zonas mais deta-

lhadas de aglomeração;

- a afirmação de um número, igualmente reduzido, de **zonas de aglomeração de especialização parcial nas actividades de serviços às famílias**, isto é, zonas com um peso relativo superior à média da cidade nos serviços às famílias, mas não nos serviços às empresas: o **Centro Urbano**



Histórico e a Expansão Central Terciarizada, ao nível das zonas agregadas, e as zonas **Baixa, Avenida da Liberdade, António Augusto de Aguiar/Malhoa e Avenidas Novas**, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

- a afirmação de um número, igualmente reduzido, de **zonas de aglomeração de especialização parcial nas actividades de serviços às famílias**, isto é, zonas com um peso relativo superior à média da cidade nos serviços às famílias, mas não nos serviços às empresas: o **Arco Ribeirinho Ocidental** e a **Expansão Residencial Exterior**, ao nível das zonas agregadas, e as zonas **Belém/Restelo, Ajuda e Telheiras/Lumiar**, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;
- a aproximação significativa da **Expansão Residencial Interior**, ao nível das zonas agregadas, e das zonas **Areeiro/Alvalade e Benfica/S. Domingos**, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração, dos níveis médios de especialização da cidade (acompanhadas de algum modo da zona da **Charneca**);
- a existência de **zonas parcialmente não especializadas nas actividades de serviços**, isto é, zonas com um peso relativo muito inferior à média da cidade nos serviços às empresas, e com um peso relativo nos serviços às famílias também inferior,

mas mais próximo da média da cidade: a **Charneira Urbana Oriental**, ao nível das zonas agregadas, e as zonas **Alcântara/Junqueira e Anjos/Graça**, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

- a existência de **zonas globais não especializadas nas actividades de serviços**, isto é, zonas com um peso relativo inferior à média da cidade quer nos serviços às famílias, quer nos serviços às empresas: a **Periferia Oriental**, ao nível das zonas agregadas, e as zonas **Alto S. João, Marvila/Chelas, Parque das Nações e Olivais**, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

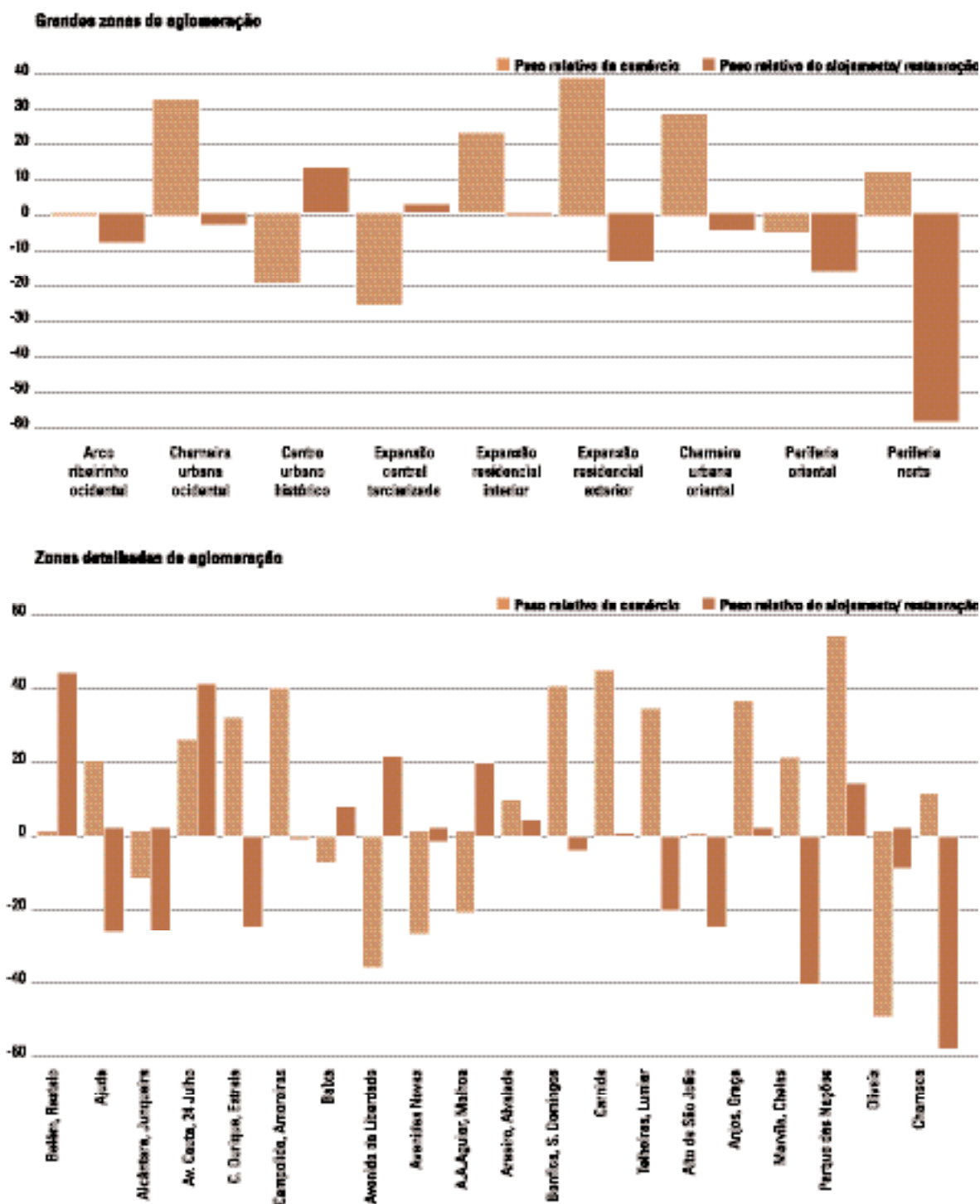
(II) AS ACTIVIDADES COMERCIAIS, TURÍSTICAS E CULTURAIS

A cidade de Lisboa, enquanto cidade terciária, apresenta uma especialização nas actividades do comerciais, turísticas e culturais que exprime, globalmente, uma bastante limitada articulação entre elas e tomadas, uma a uma, um desequilíbrio significativo, traduzido na oposição entre zonas fortemente especializadas e zonas claramente subespecializadas. Neste sentido podemos notar uma muito importante diferenciação na distribuição espacial interna destas actividades, que apresenta os seguintes contornos:

- a **especialização comercial**, forte, situa-se nas **charneiras** e nas **expansões residenciais**, ao nível

FIGURA 3.20

Distribuição do emprego no comércio e turismo na cidade de Lisboa.
Diferenças do peso relativo face à média ($Lx=100$)

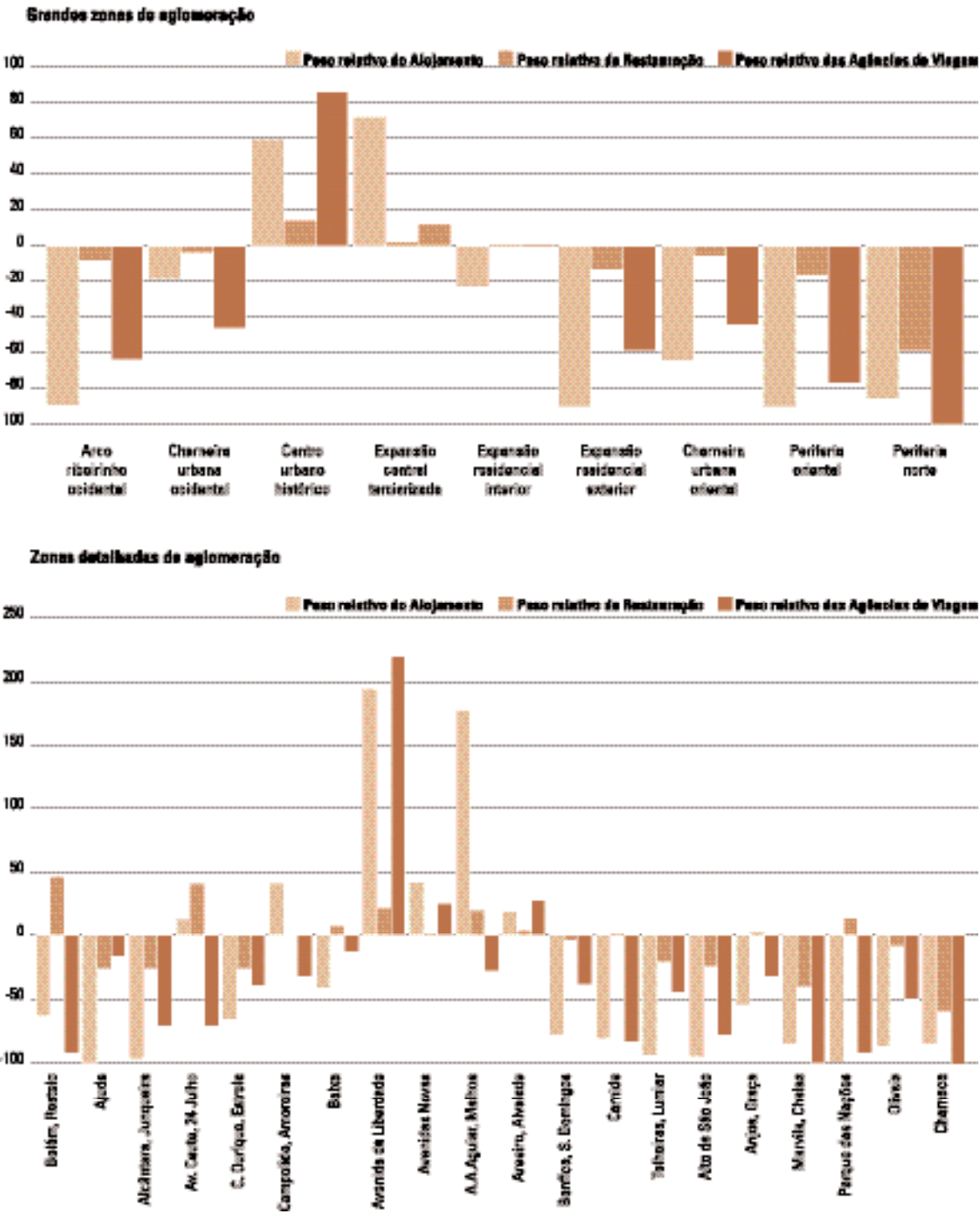


das zonas mais agregadas, e nas zonas Av. de Ceuta/24 Julho, Campo Ourique/Estrela, Campolide/Amoreiras, Benfica/S. Domingos, Carnide, Lumiar/Telheiras e Parque das Nações, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

- a **especialização turística** (alojamento, restauração e agências de viagens) situa-se no **Centro**

Urbano Histórico e nas Expansão Central Terciária, ao nível das zonas mais agregadas, e Av. de Ceuta/24 de Julho (alojamento e restauração), Campolide/Amoreiras (alojamento), Avenida da Liberdade (enquanto principal pólo com forte especialização global no alojamento, na restauração e nas agências de viagens), Avenidas Novas (alojamento e agências de viagens),

FIGURA 3.21
Distribuição do emprego nas actividades turísticas na cidade de Lisboa.
Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100)



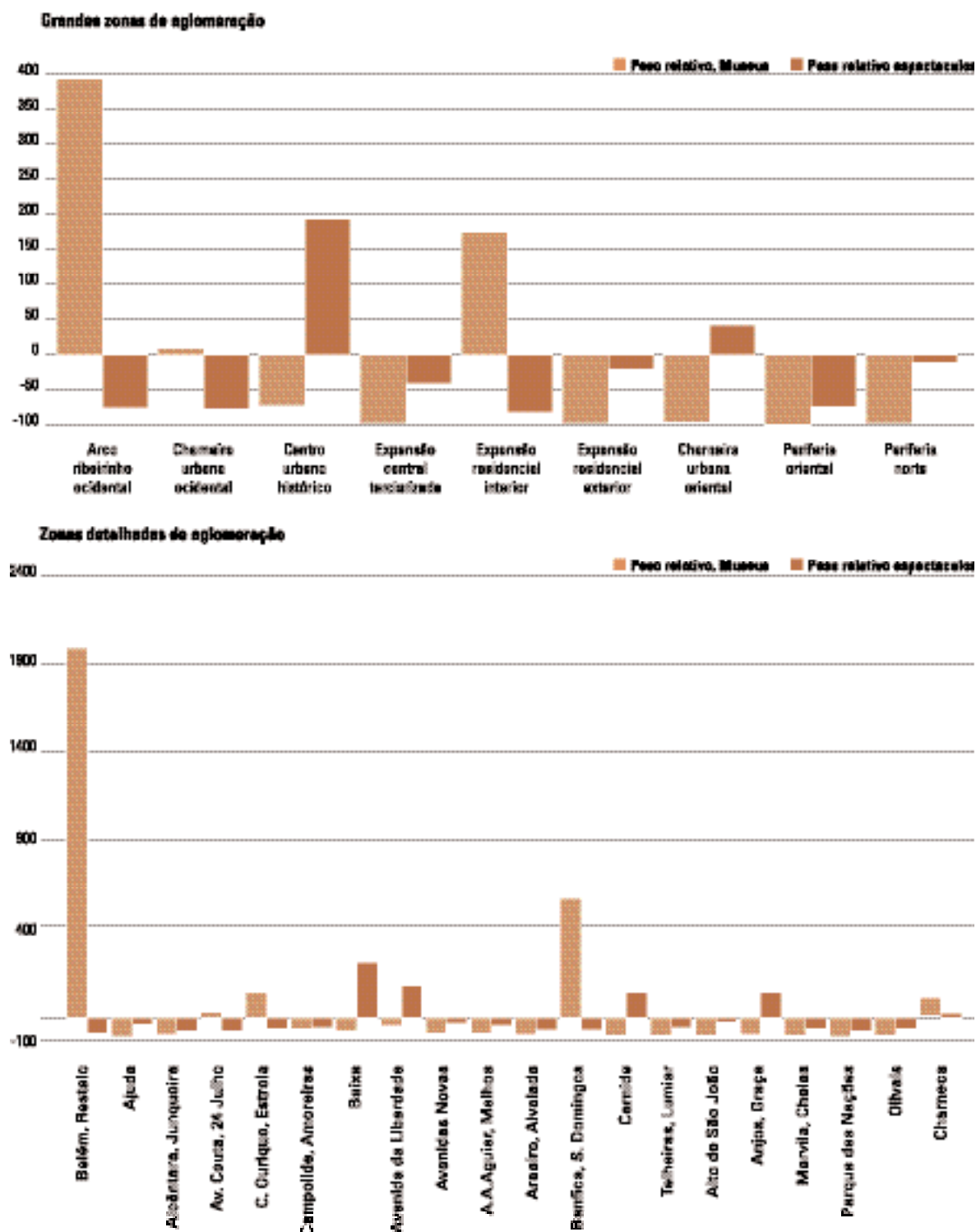
António Augusto de Aguiar/Malhoa (alojamento e restauração) e Areeiro/Alvalade (alojamento e agências de viagens), ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

- a especialização cultural (museus, exposições permanentes, espectáculos) é bastante limitada situa-

se no Arco Ribeirinho Ocidental e na Expansão Residencial Interior (museus) e no Centro Urbano Histórico (espectáculos), ao nível das zonas mais agregadas, e Belém/Restelo e Benfca/S. Domingos, nos museus, e nas zonas Baixa e Avenida da Liberdade, nos espectáculos, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

FIGURA 3.22

Distribuição do emprego nas actividades culturais na cidade de Lisboa.
Diferenças do peso relativo face à média ($Lx=100$)



- as periferias Norte e Oriental (com excepção da zona do Parque das Nações), bem como, em grande medida, a **Charneira Urbana Oriental**, revelam uma muita fraca expressão neste conjunto de actividades económicas, nomeadamente ao nível da especialização turística e cultural, isto é, também, uma impor-

tante margem de intervenção, regulação e ordenamento com resultados potenciais muito relevantes para a competitividade urbana da cidade e para o fortalecimento da sua coesão.

(III) AS ACTIVIDADES INDUSTRIAIS, AS UTILITIES E A LOGÍSTICA

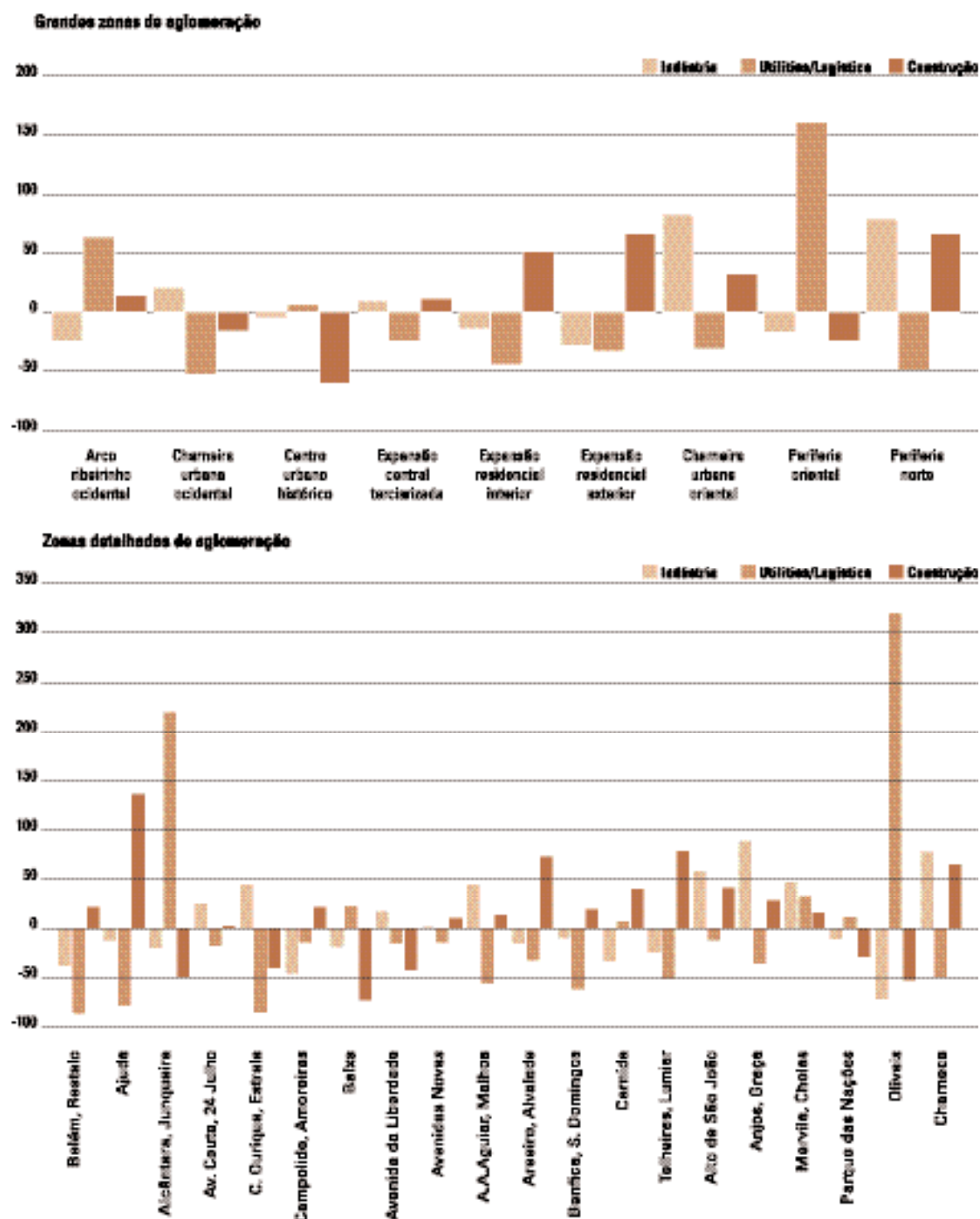
A cidade de Lisboa apresenta, como seria de esperar, uma especialização limitada nas actividades industriais, de construção, logísticas e de serviços básicos transversais (*utilities*). A distribuição espacial interna destas actividades, que se organiza globalmente a partir dos espaços periféricos, em oposição

à lógica mais central das actividades de serviços, apresenta os seguintes contornos principais:

- a especialização industrial global situa-se na **Charneira Oriental e na Periferia Norte** e, menos acentuada, na **Charneira Ocidental**, ao nível das zonas mais agregadas, e nas zonas **Campo Ourique/Estrela**, **António Augusto Aguiar/Malhoa**, **Alto S. João**,

FIGURA 3.23

Distribuição do emprego na indústria, construção e *utilities*/logística na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100)



Anjos/Graça, Marvila/Chelas e Charneca, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

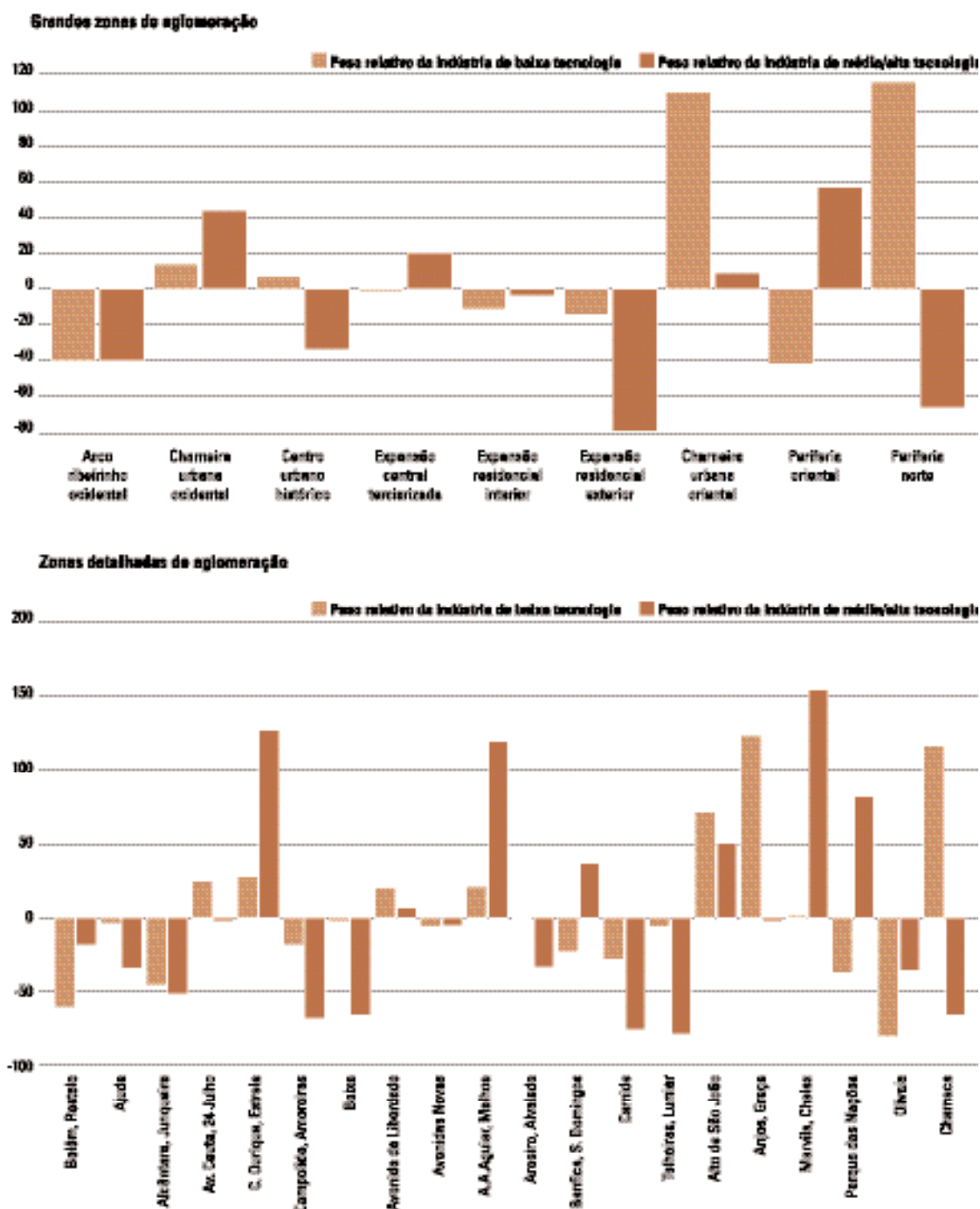
Alto S. João, Marvila/Chelas e Parque das Nações, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

- a especialização industrial nos níveis tecnológicos mais elevados situa-se na Charneira Oriental e na Periferia Norte, ao nível das zonas mais agregadas, e nas zonas Campo Ourique/Estrela, António Augusto Aguiar/Malhoa, Benfica/S. Domingos,

- a especialização nas actividades associadas à construção situa-se, basicamente, nas expansões residenciais e na Periferia Norte, ao nível das zonas mais agregadas, e nas zonas Ajuda, Areeiro/Alvalade, Carnide, Telheiras/Lumiar e

FIGURA 3.24

Distribuição do emprego na indústria, por níveis tecnológicos, na cidade de Lisboa.
Diferenças do peso relativo face à média ($Lx=100$)



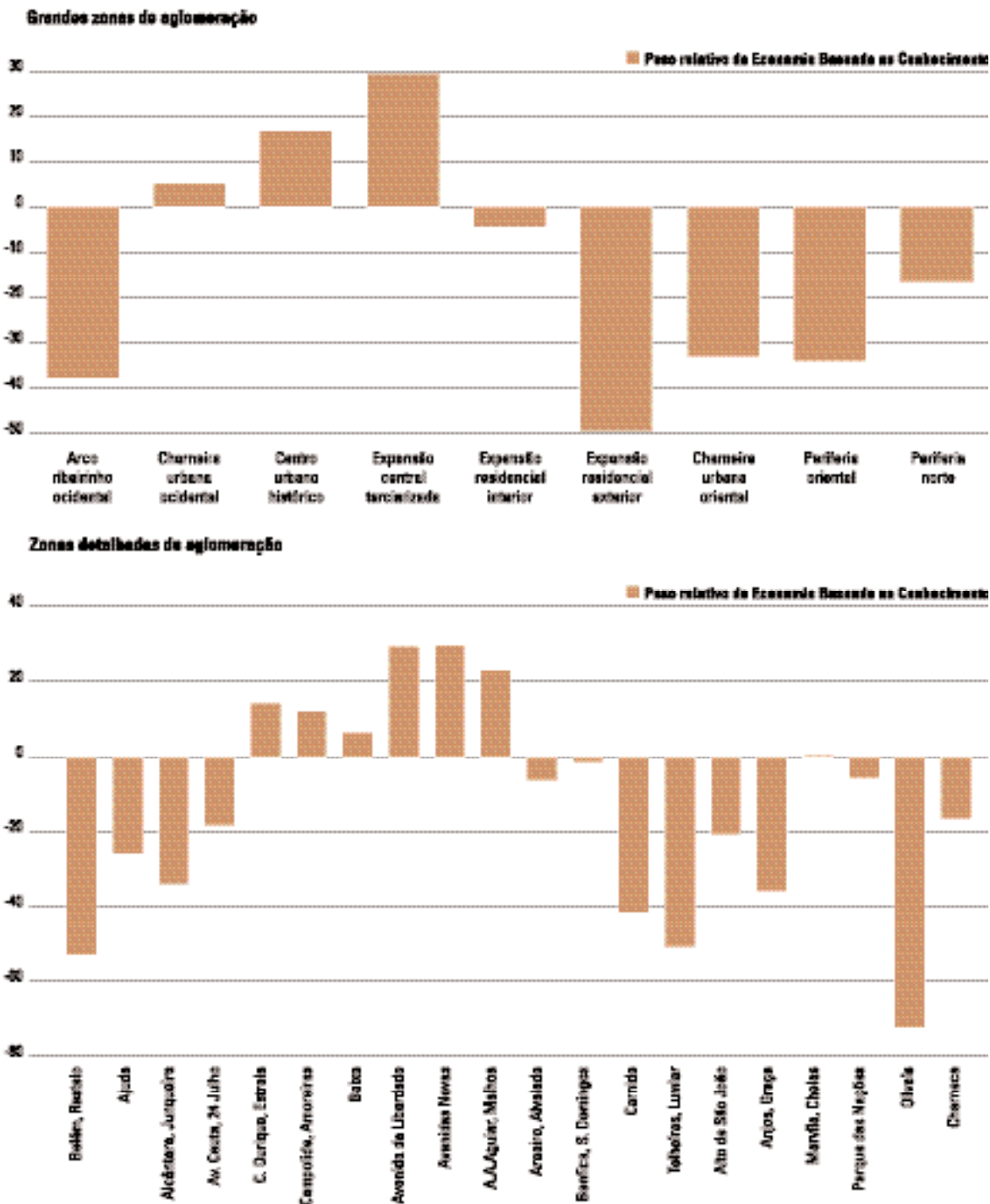
Charneca, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

- a especialização nas *utilities* e actividades logísticas situa-se no **Arco Ribeirinho Ocidental** e na **Periferia Oriental**, ao nível das zonas mais agregadas, e nas zonas **Alcântara/Junqueira** e **Olivais**, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

**B. A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL
DAS GRANDES ACTIVIDADES
DE ESPECIALIZAÇÃO DA CIDADE DE LISBOA**

A cidade de Lisboa possui, como vimos, uma especialização relevante no conjunto das actividades associadas à “economia baseada no conhecimento” que, no entanto, em termos de distribuição espacial se concentram de forma expressiva num número

FIGURA 3.25
Distribuição do emprego na economia baseada no conhecimento na cidade de Lisboa.
Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100)



limitado de zonas de aglomeração, apresentando os seguintes contornos principais:

- a especialização na “economia baseada no conhecimento” situa-se nas zonas mais centrais, Charneira Ocidental, Centro Urbano Histórico e Expansão Central Terciarizada, ao nível das zonas mais agregadas, e nas zonas Campo Ourique/Estrela, Campolide/Amoreiras, Baixa,

Avenida da Liberdade, António Augusto de Aguiar/Malhoa e Avenidas Novas, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração, onde se concentra mais de 3/4 do emprego total destas actividades;

- a afirmação, neste quadro, enquanto zonas de especialização global nas actividades de serviços da “economia baseada no conhecimento”, isto é,

FIGURA 3.26

Distribuição do emprego nos serviços às empresas na cidade de Lisboa.

Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100)

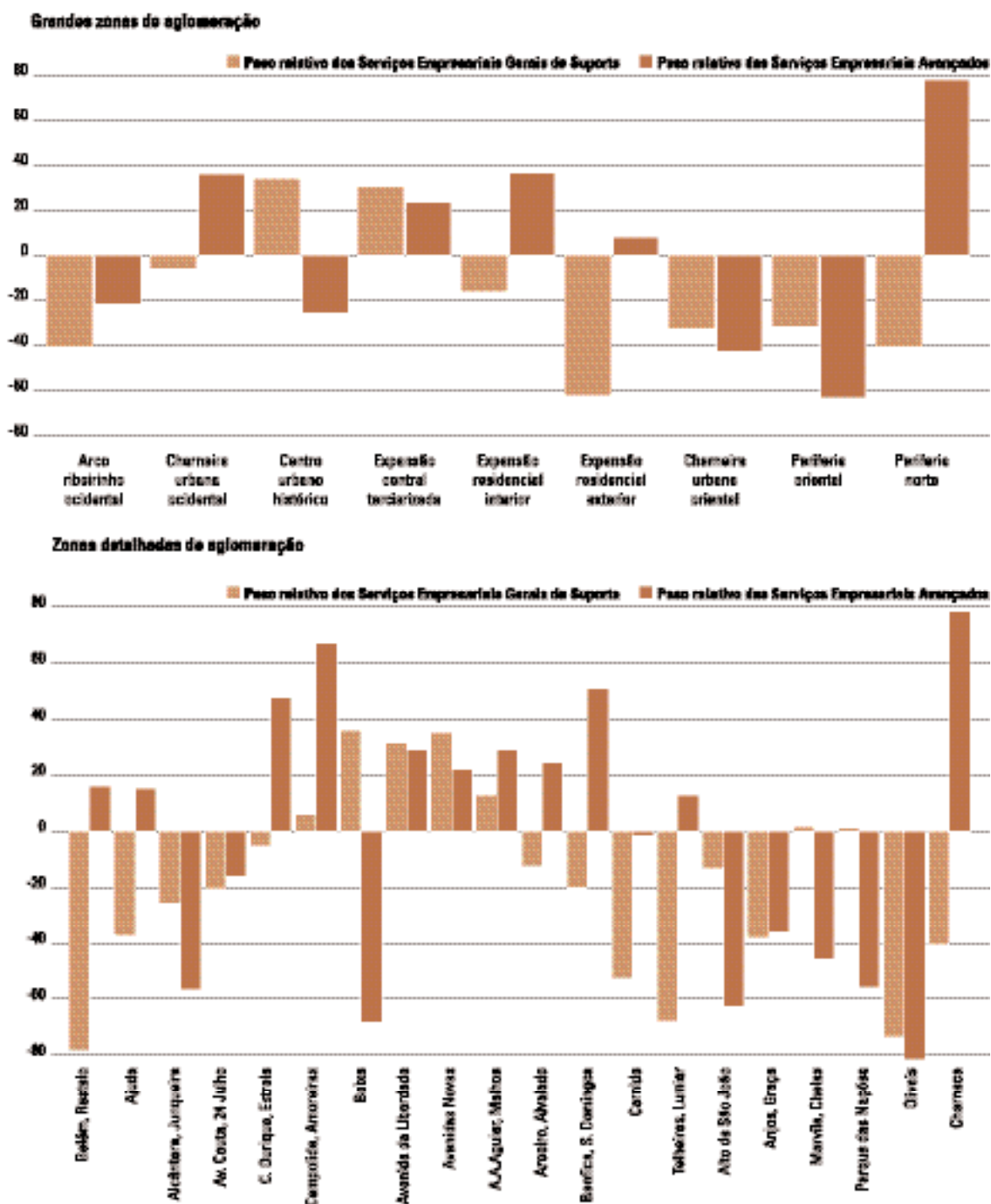
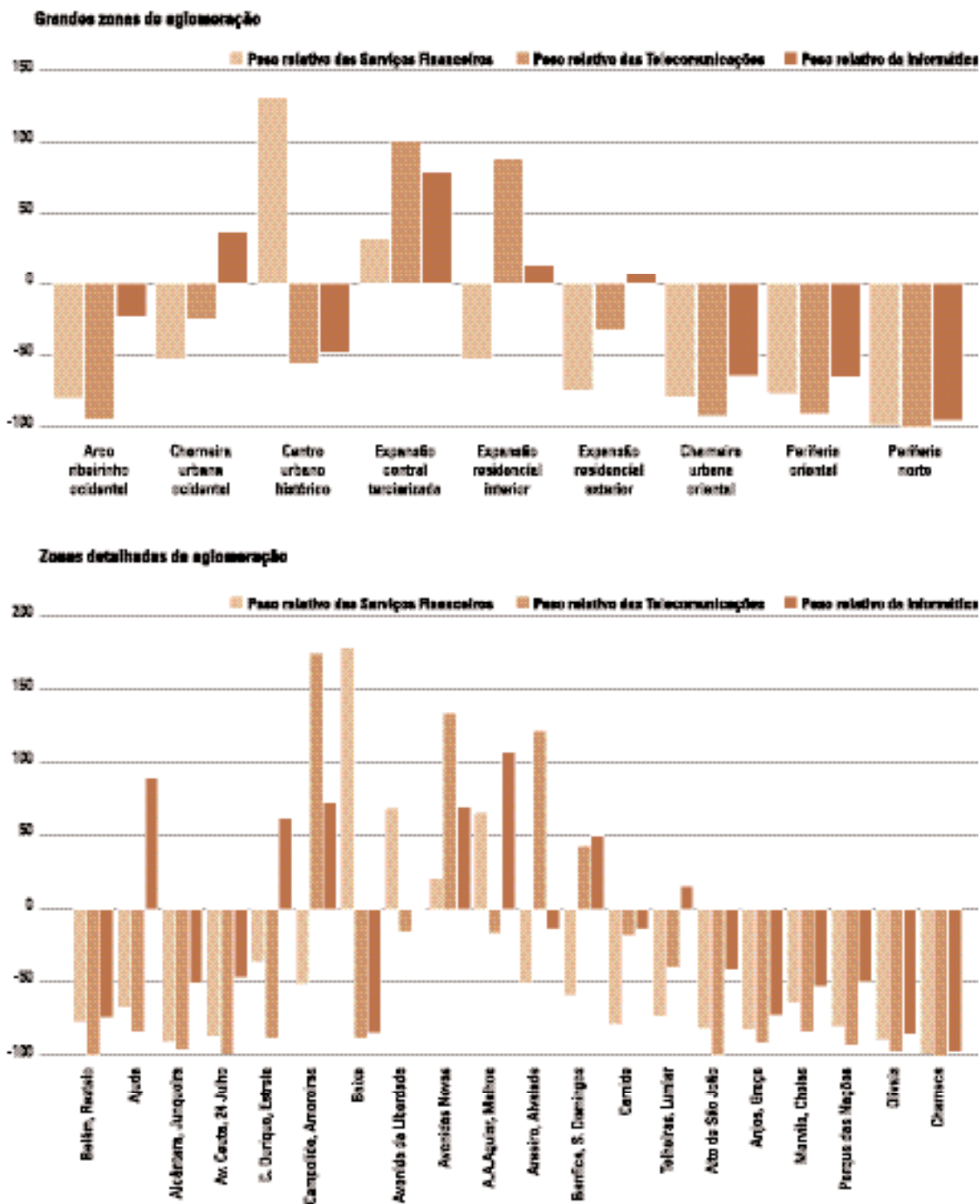


FIGURA 3.27

Distribuição do emprego na banca, telecomunicações e informática na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100)

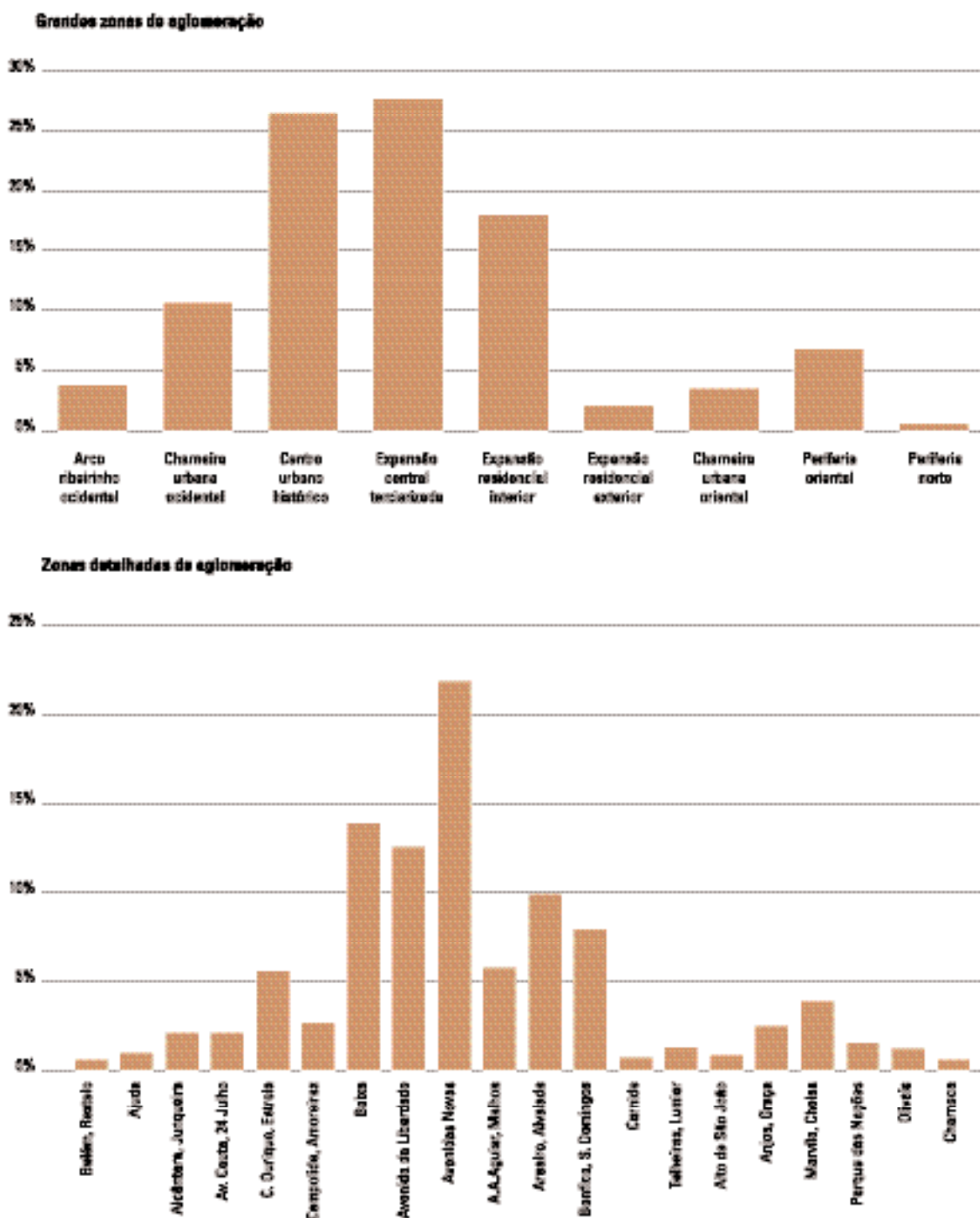


zonas com um peso relativo superior à média da cidade, quer nos serviços gerais de suporte, quer nos serviços avançados às empresas, da **Expansão Central Terciariada**, ao nível das zonas agregadas, e das zonas da **Avenida da Liberdade**, **António Augusto de Aguiar/Malhoa** e **Avenidas Novas**, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

■ a afirmação, neste quadro, enquanto **zonas de especialização parcial nas actividades de serviços gerais de suporte**, do **Centro Urbano Histórico**, ao nível das zonas agregadas, e da **Baixa**, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

FIGURA 3.28

Concentração do emprego na economia baseada no conhecimento na cidade de Lisboa
(peso relativo em %)

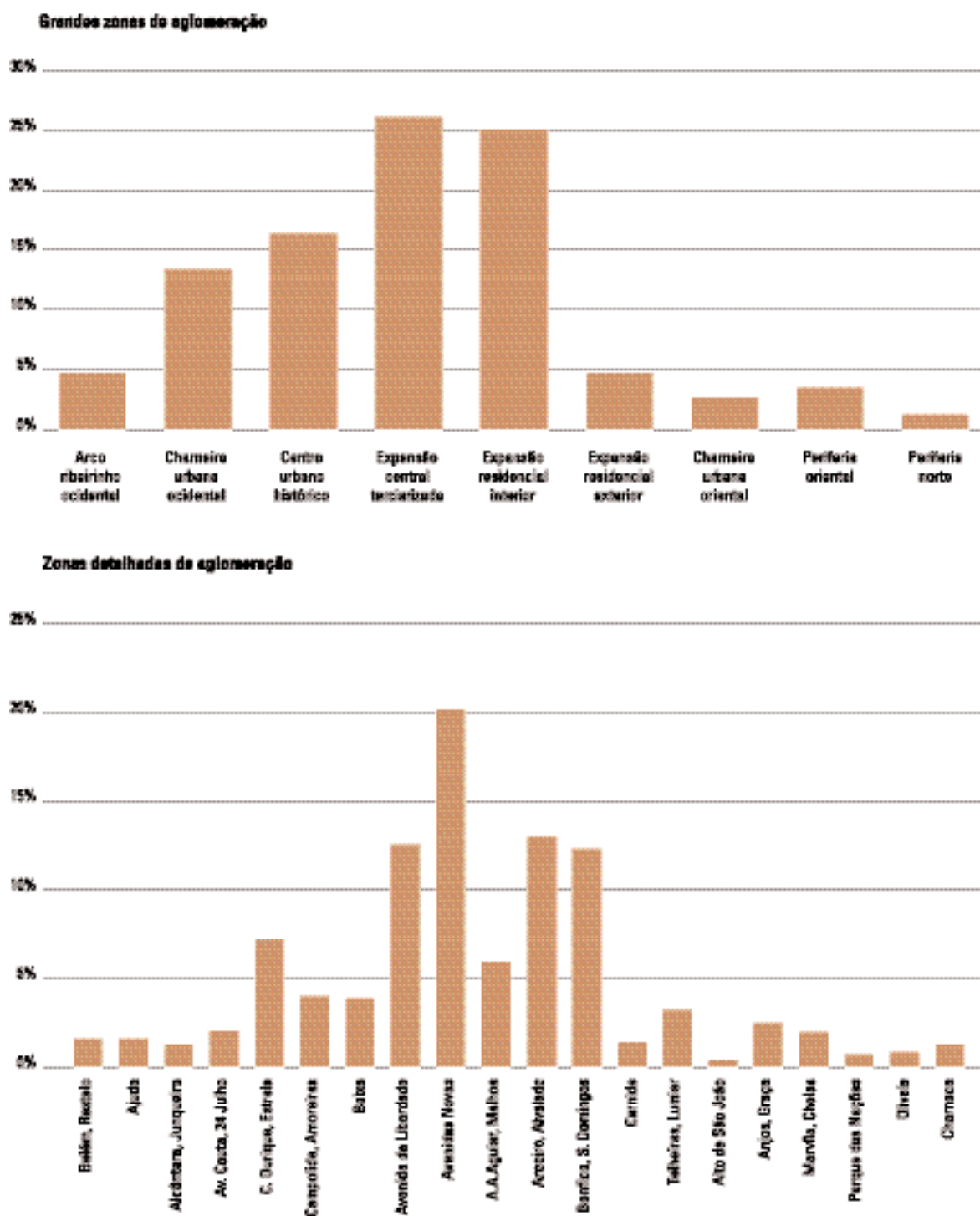


■ a afirmação, neste quadro, enquanto **zonas de especialização parcial** nas actividades de serviços empresariais avançados, da Charneira Ocidental, ao nível das zonas agregadas, e de **Campo Ourique/Estrela, Campolide/Amoreiras, Areeiro/Alvalade, Benfica/S. Domingos e Telheiras/Lumiar**, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração;

■ a afirmação, enquanto **zonas de especialização global** nas actividades financeiras, de telecomunicações e de serviços informáticos, da **Expansão Central Terciarizada**, ao nível das zonas agregadas, e da zona das **Avenidas Novas**, ao nível das zonas mais detalhadas de aglomeração.

FIGURA 3.29

Concentração do emprego nos serviços avançados às empresas na cidade de Lisboa
(peso relativo em %)



As trajectórias de evolução económica, social e urbanística das freguesias e das zonas de aglomeração

A análise da evolução do ambiente económico, social e urbano da cidade de Lisboa pode ser completada e aprofundada com recurso a uma análise em componentes principais¹⁷ que permite representar num referencial qualitativo complexo, mas bem identificado, quer a posição, quer as trajectórias de evolução (no presente exercício entre 1991 e 2000-2001) das freguesias e das Zonas de Aglomeração da cidade de Lisboa.¹⁸

As 18 variáveis de caracterização utilizadas encontram-se apresentadas na Figura 3.36, para as freguesias, e definem as características do espaço de análise da posição e evolução das freguesias de acordo com as respectivas características, isto é, os respectivos valores em cada um dos 18 indicadores calculados para 1991 e 2000-2001. A qualidade do exercício de análise factorial de dados pode ser considerada boa, na medida em que a construção das duas primeiras combinações lineares das 18 variáveis iniciais de caracterização permitiu conservar 53,7% da

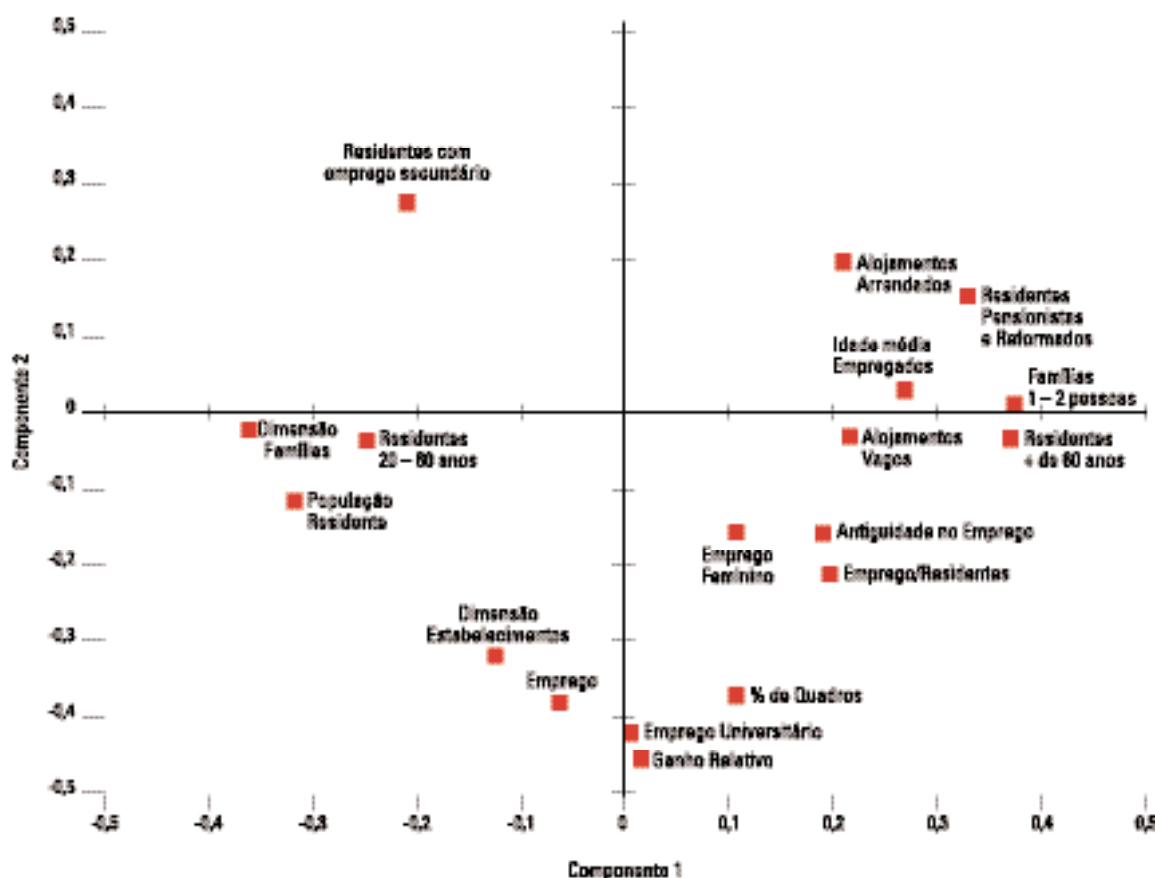
informação inicial, isto é, 31,9% na componente 1 (horizontal) e 21,8% na componente 2 (vertical).

A componente 1 exprime trajectórias (da esquerda para a direita) traduzindo uma afirmação das lógicas do **envelhecimento populacional** (residentes e empregados), do predomínio do **arrendamento** sobre a **propriedade** nos alojamentos, da redução da **dimensão das famílias** e do predomínio da **inactividade** sobre a actividade (residentes), do maior peso relativo dos **fogos vagos** e da **menor concentração populacional**.

A componente 2 exprime trajectórias (de cima para baixo) traduzindo a afirmação de lógicas de **emprego terciário dos residentes**, de localização de **estruturas empresariais de maior dimensão e melhor organização** (maior peso de quadros, pessoal com formação superior e maior ganho) de **predomínio do volume de emprego** sobre o número de residentes e de **maior concentração de emprego**.

O movimento global das freguesias da cidade na última década neste referencial – deslocação para baixo e para a direita, com alargamento da dispersão horizontal e redução da dispersão vertical – exprime, globalmente, os fenómenos de terciarização, qualificação empresarial e envelhecimento da população.

FIGURA 3.30
Referencial da análise factorial em componentes principais (as variáveis)



¹⁷ Técnica de análise factorial de dados que permite a "redução" de um quadro de dados de caracterização de "indivíduos" (freguesias, neste caso) de n dimensões (n representando o número de variáveis de caracterização dos indivíduos) para 2 dimensões, através da passagem a um referencial de componentes que são construídas por combinações lineares de todas as variáveis originais, minimizando a perda de informação e garantindo a ortogonalidade dos eixos de representação de indivíduos e características. Nos quadros de representação que se apresentam de seguida a percentagem de informação inicial conservada por cada uma das "componentes principais" é indicada como elemento de apreciação da maior ou menor fiabilidade do ensaio em causa.

¹⁸ O presente exercício não é passível de realização para as Unidades de Análise, uma vez que a sua delimitação é diferente nos Censos de 1991 e 2001.

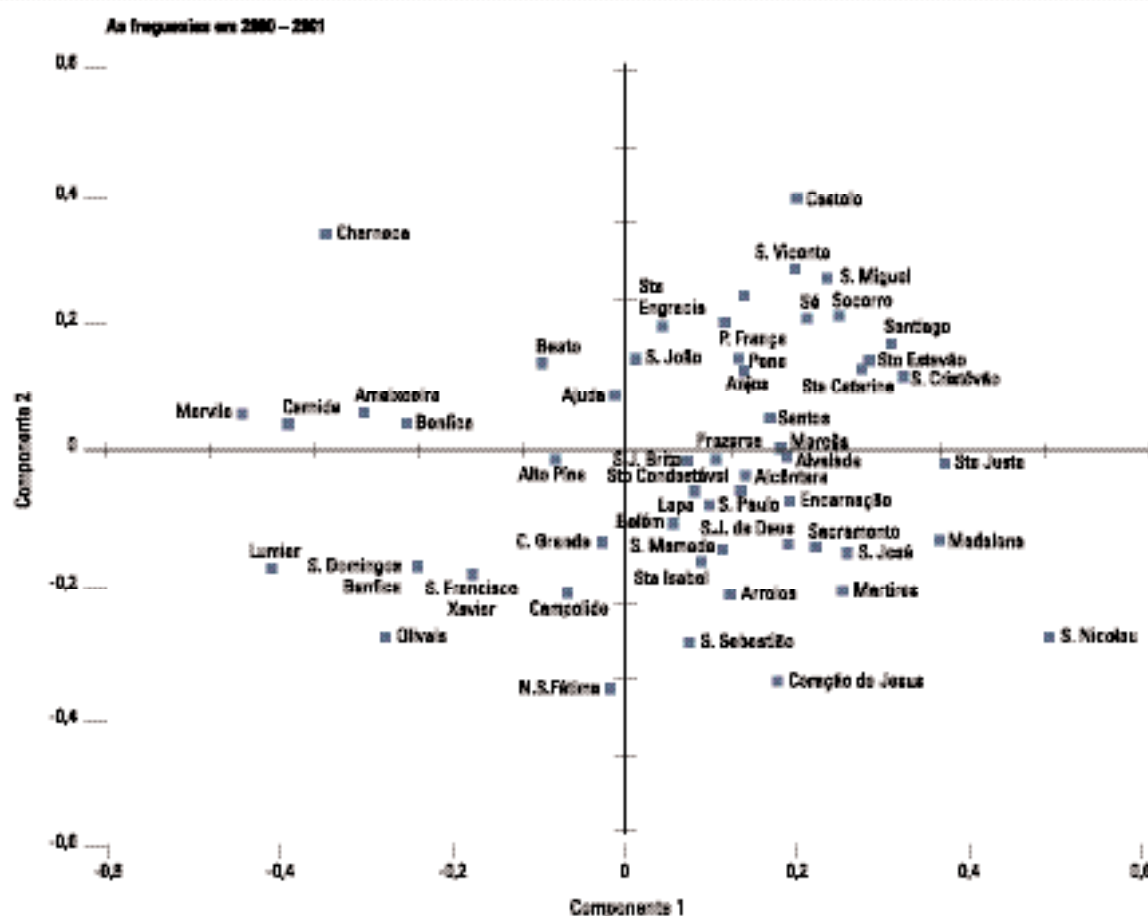


FIGURA 3.32
Referencial da análise factorial em componentes principais para as zonas de aglomeração

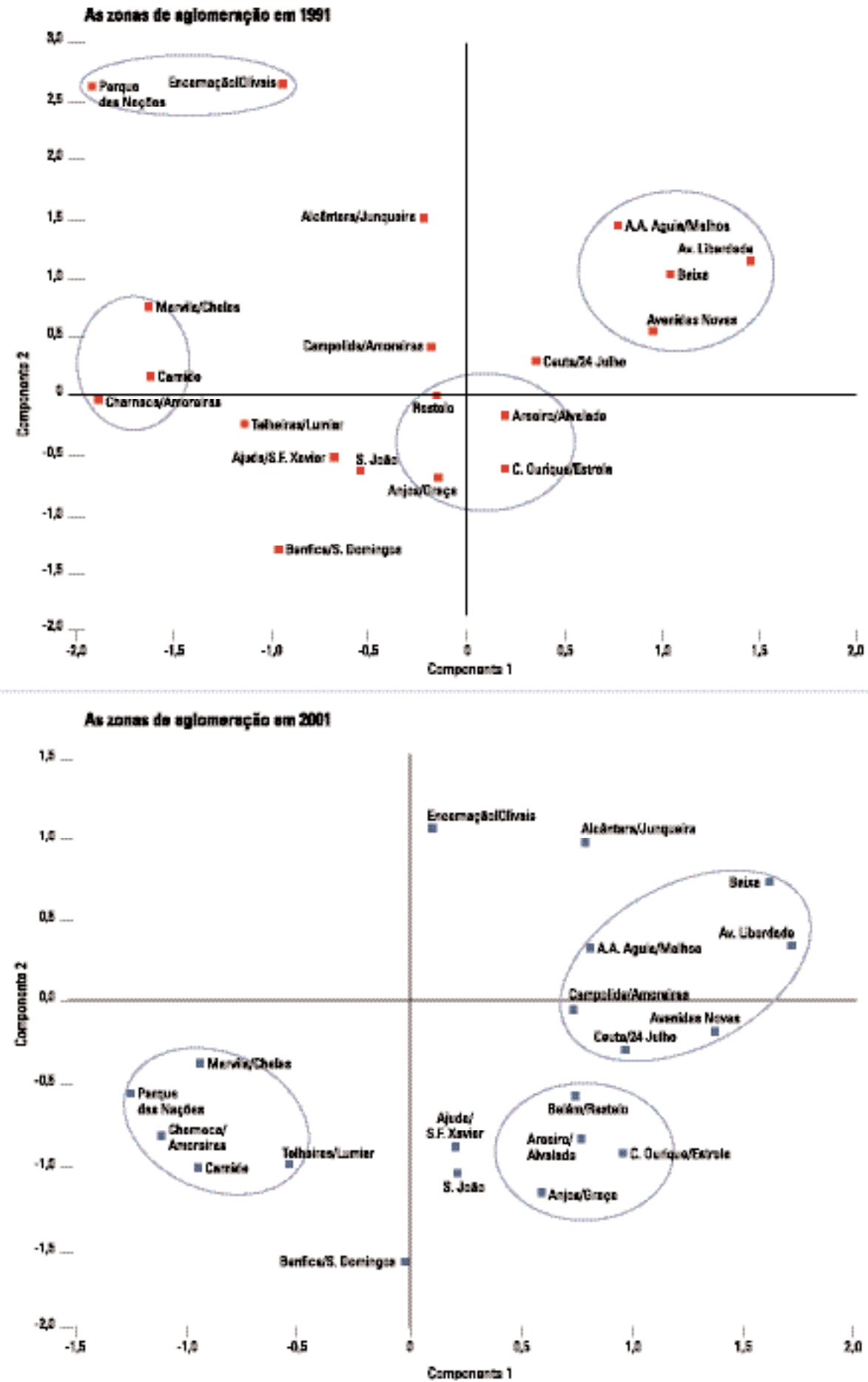
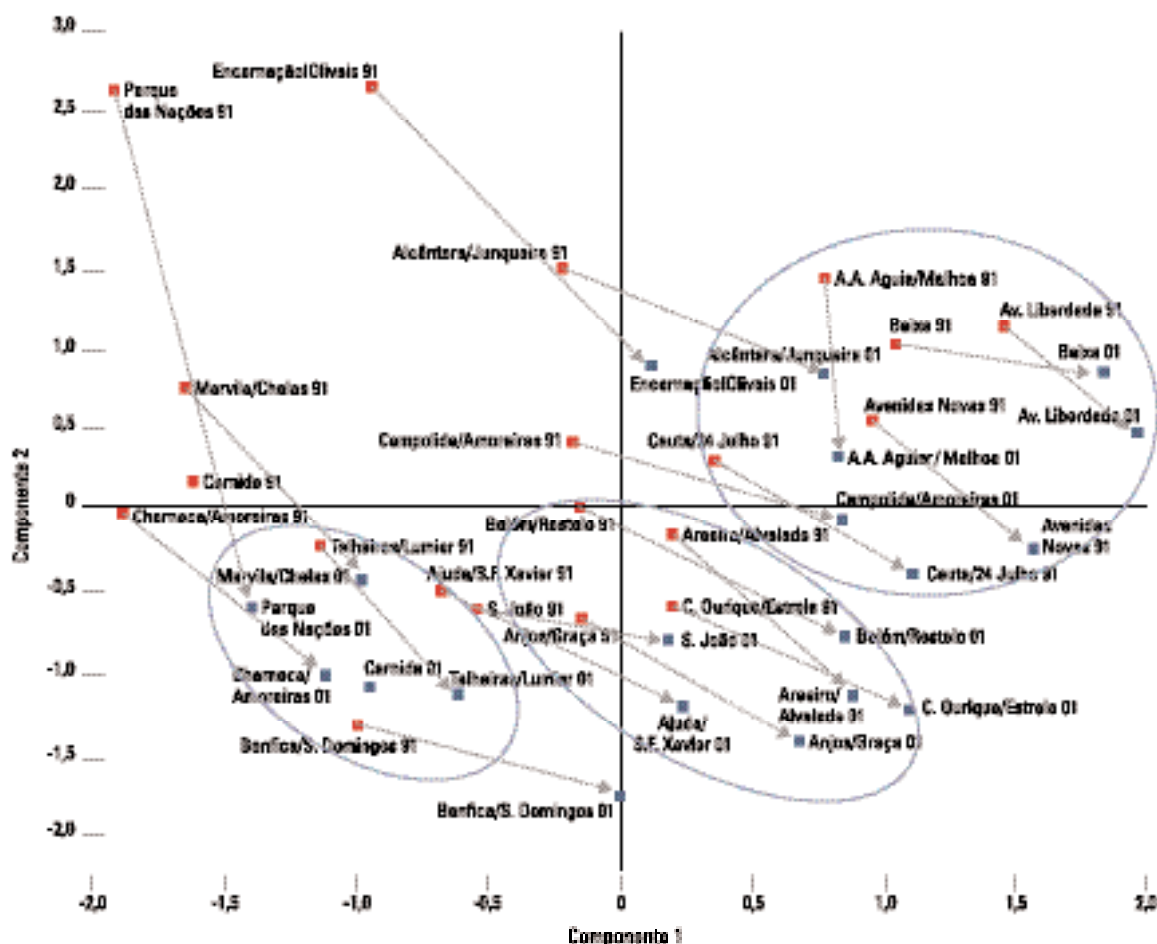


FIGURA 3.33

Comparação das zonas de aglomeração nos referenciais da análise factorial em componentes principais de 1991 e 2001



Os aspectos mais interessantes revelados por esta análise, que confirma as tendências e características já analisadas num contexto em que se adiciona um elemento de grande relevância estratégica, isto é, a muito significativa diversidade da situação e evolução das diferentes freguesias, traduzida no formato de “povoamento disperso” (revelado pela Figura 3.31), são os seguintes:

- as exceções ao deslocamento para a direita são muito reduzidas (Mártires e Encarnação) confirmando que se trata de um **movimento efectivamente geral** ao nível da cidade que **articula contraditoriamente** um **elemento “dinâmico” de forte potencial competitivo** – a qualificação e densificação das actividades económicas localizadas na cidade – e um **elemento “conservador” sem especial relevância competitiva directa** – a demografia de envelhecimento da população e a rarefacção da ocupação de muitos espaços relativamente centrais;
- as exceções ao deslocamento para baixo são mais significativas (Santiago, Santos, Marvila, Encarnação, S. João de Brito, S. Paulo, S. Mamede, S. Sebastião, Olivais, Coração de Jesus, Campolide, Anjos, Arroios, S. Francisco Xavier e Charneca) o que, sem diminuir o alcance geral do movimento, exprime com alguma nitidez as **diferenças de ritmo de esgotamento dos modelos históricos de ocupação do espaço urbano e de ritmo de renovação dos modelos residenciais e empresariais;**
- o facto de existir um único caso de relativo “congelamento” do posicionamento das freguesias, na comparação entre 1991 e 2000-2001 (Sacramento) confirma, por outro lado, a conclusão, já avançada, de a cidade de Lisboa ter



conhecido, ao longo da última década, uma **profunda transformação nas condições e resultados da aglomeração e localização de actividades económicas e população residente;**

- as freguesias onde se integram as principais zonas residenciais (S. João de Brito, S. João de Deus, Alvalade, Santo Condestável, Prazeres, Lapa, Santa Isabel, Belém, Alcântara, S. Mamede e Arroios, nomeadamente) aproximam-se de forma muito significativa, no referencial desta análise factorial de dados, indiciando um **fenómeno relevante de uniformização das grandes características económicas, sociais e urbanísticas das zonas residenciais mais consolidadas da cidade**, fenómeno para o qual terá contribuído a dinâmica de evolução das actividades económicas polarizadas pelo consumo, pelos serviços prestados às famílias e pelo comércio especializado de proximidade, e, seguramente em menor grau, alguma mobilidade e renovação na função residencial;
- o espaço formado pela zona a norte da 2ª Circular, pela periferia oriental e pelas zonas a oeste e a norte da charneira ocidental (Carnide, Lumiar, Charneca, Ameixoeira, Olivais, Marvila, Beato, Ajuda, S. Francisco Xavier, Benfica e S. Domingos de Benfica), que apesar de se integrar no movimento global da cidade nas duas direcções atrás identificadas, se coloca numa posição bas-

tante distinta do resto da cidade (valores negativos no “score” da componente 1), constitui um importante desafio para a renovação das bases da competitividade urbana da cidade de Lisboa, na medida em que configura, ainda, **zonas de oportunidade com massa crítica apreciável para o desenvolvimento (ou não) de projectos e intervenções de natureza estruturante**, quer no plano da atracção e conservação das actividades económicas, quer no plano da extensão e consolidação das funções urbanas residenciais, susceptíveis de promover uma qualificação efectiva da cidade no plano europeu e internacional.

A análise dos resultados por zonas de aglomeração (ver Figura 3.32) confirma a leitura efectuada para as freguesias (deslocamento para baixo e para a direita) observando-se, de forma clara, as diferenças entre a “cidade terciária”, a “cidade residencial” e a “cidade em processo de reestruturação”, bem como os processos de transformação ocorridos ao longo da última década (ver Figura 3.33). Em particular é de destacar: na “cidade terciária”, a “entrada” das zonas de Alcântara/Junqueira e Campolide/Amoreiras e a aproximação a esta da zona de Encarnação/Olivais; na “cidade residencial” a entrada de Ajuda/S.F. Xavier e S. João e a aproximação a esta das zonas de Benfica/S. Domingos e Telheiras/Lumiar; finalmente, na cidade em “processo de reestruturação” verifica-se um aumento do grau de homogeneidade de características das zonas incluídas neste grupo.

A análise da competitividade urbana da cidade de Lisboa

Os estudos mais recentes sobre a competitividade têm conduzido a múltiplos ensaios de construção de indicadores sintéticos ou agregados que se têm, também, revelado interessantes do ponto de vista da divulgação dos resultados analíticos obtidos, nomeadamente no terreno da motivação para consolidar posições de liderança ou para recuperar atrasos.

O principal problema que se pode levantar à utilização deste tipo de indicadores coloca-se quando, em vez de serem utilizados para focalizar e explicitar análises mais aprofundadas, são utilizados para substituir essas mesmas análises, gerando abordagens demasiado simples e subjectivas de fenómenos necessariamente mais complexos e requerendo métodos mais objectivos de tratamento e análise.

No presente estudo, com base na análise já desenvolvida, e alertando previamente para os limites deste tipo de abordagem, pareceu-nos, no entanto, que a utilização de um indicador sintético de competitividade urbana poderia representar um relevante elemento de valor acrescentado para ajudar a situar os desafios colocados ao desenvolvimento económico e social da cidade de Lisboa, seja no plano nacional, seja no plano da área metropolitana, seja, finalmente, no plano da organização, ordenamento e expansão interna da própria cidade.

A construção de um indicador sintético da competitividade urbana

A metodologia desenvolvida conduziu à construção de um indicador global e de dois indicadores parciais de competitividade urbana a partir de um bateria de indicadores de base. O grande fio condutor adoptado para a sua construção foi o do referencial da Estratégia de Lisboa valorizando, nomeadamente, o peso relativo das actividades integradas na chamada “economia baseada no conhecimento” e a qualidade dos recursos humanos mobilizados.

Os indicadores construídos têm, neste quadro, a seguinte estrutura e características:

- Um **indicador sintético global de competitividade urbana** (*ICU Global*), suportado por 19 indicadores parciais, articulando a dinâmica da concentração e características da população, das funções urbanísticas e residenciais e das actividades económicas associadas ao consumo das famílias, por

um lado, e a dinâmica da concentração e características do emprego, das funções económicas e empresariais, do dimensionamento e renovação do tecido empresarial e das actividades económicas associadas aos processos mais vastos da satisfação da procura global (famílias e empresas, mercado interno e exportação, bens e serviços intermédios, finais e mistos), por outro lado;

- Um **indicador sintético parcial de competitividade urbana suportada pela lógica do emprego e da criação de valor** (*ICU Emprego/Valor*), suportado por 10 indicadores parciais, evidenciando quer a qualidade da especialização das actividades económicas e dos recursos humanos utilizados, quer a dimensão e grau de renovação dos estabelecimentos, quer, ainda, a dimensão global como pólo atracção de empregos, que se integram totalmente no indicador global e que conferem a este indicador específico um papel de focalização na avaliação do potencial de cada pólo urbano considerado em matéria de desenvolvimento competitivo das actividades económicas nele localizadas.
- Um **indicador sintético de competitividade económica urbana suportada pela lógica da população e do consumo** (*ICU População/Consumo*), suportado por 9 indicadores parciais, evidenciando quer a qualidade da população residente em termos de recurso estratégico para o desenvolvimento económico, quer a especialização das actividades associadas às dinâmicas modernas de consumo, quer, ainda, a dimensão global e o ritmo de evolução, como pólo de atracção de residentes, que se integram totalmente no indicador global e que conferem a este indicador específico um papel de focalização na avaliação do potencial de cada pólo urbano considerado em matéria de actividades económicas.

A escolha dos indicadores de base obedeceu a duas preocupações fundamentais, tendo presente uma condicionante básica constituída pela disponibilidade e fiabilidade dos dados a um nível suficientemente desagregado.

Em primeiro lugar, procurou-se utilizar um conjunto equilibrado de indicadores susceptíveis de evidenciar os factos determinantes quer na localização da população, quer na localização do emprego (população residente e emprego nos estabelecimentos constituem, assim, as duas grandes referências equilibradas na escolha dos indicadores). O “equilíbrio” desejado conduziu, por um lado, a construir a visão da qualidade do *habitat* quer em termos de resultados (localização da população), quer em ter-

mos de condições (localização das actividades económicas associadas ao comércio e aos serviços às famílias), e, por outro lado, a procurar alguma articulação entre as variáveis de caracterização das duas populações de referência (residentes e empregados).

Em segundo lugar procurou-se utilizar um conjunto também equilibrado de indicadores de dimensão, de indicadores de intensidade e de indicadores de variação na explicitação dos fenómenos de “atração” e “repulsa”, por um lado, e dos fenómenos de “ganho” e “perda” de posições competitivas, por outro lado, no que respeita aos movimentos da população e das empresas em busca de melhores condições de vida e de melhores ambientes de trabalho, criação de riqueza e proximidade de mercados e recursos estratégicos, respectivamente.

O “equilíbrio” desejado conduziu a privilegiar os indicadores qualitativos (intensidades relativas) moderando os seus efeitos com base em indicadores de dimensão (escolhidos para as variáveis mais relevantes). O Quadro 3.22 identifica a lista completa dos indicadores de base considerados.

A metodologia adoptada permite o desenvolvimento de duas grelhas de análise, isto é, uma grelha centrada no posicionamento relativo de cada pólo urba-

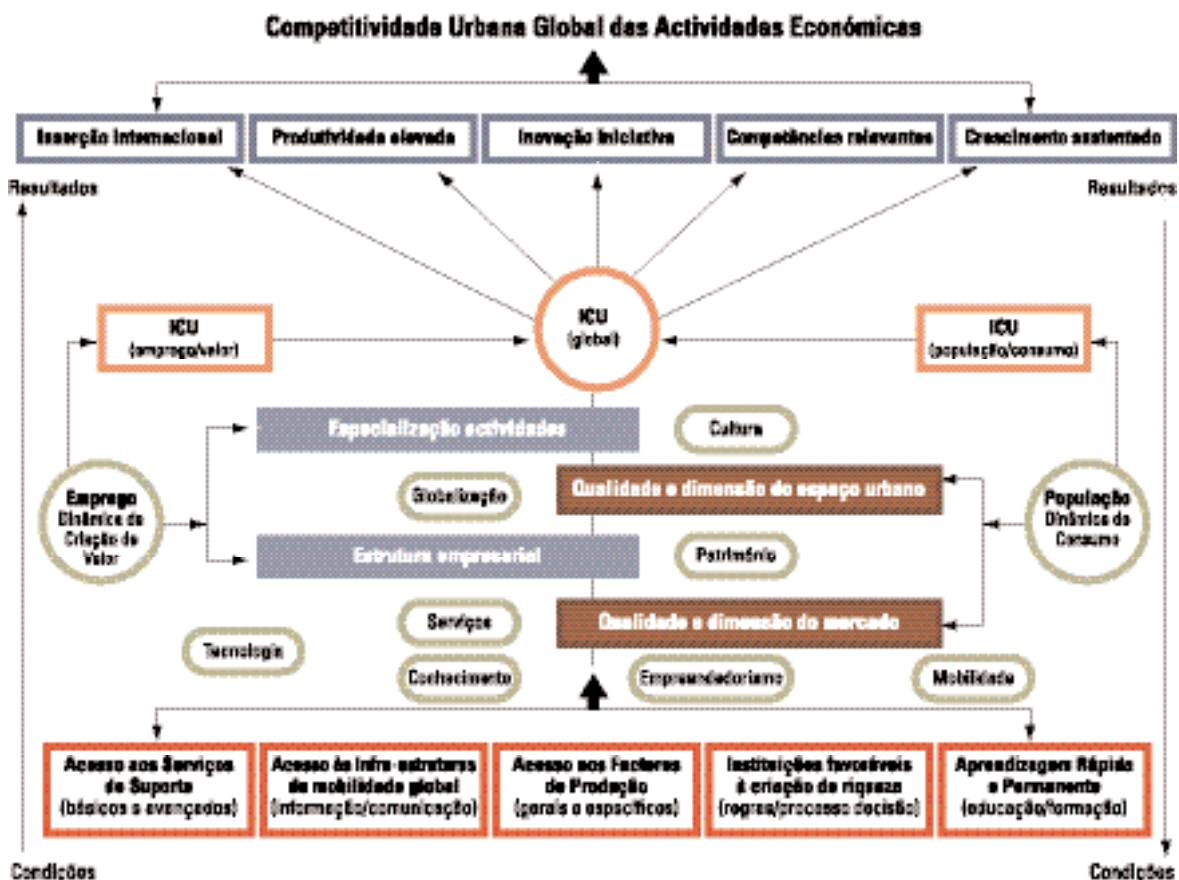
no considerado (visão dos “rankings”) e uma grelha centrada na intensidade da distância entre cada pólo urbano considerado (visão dos indicadores).

A visão ou **óptica dos rankings** conduz a construir os indicadores sintéticos de competitividade urbana com base no estabelecimento de *rankings* descendentes relativos a cada um dos indicadores de base cuja agregação se faz, posteriormente, através de uma média ponderada que permite chegar a uma notação média que pode ser comparada, para identificar o posicionamento de cada cidade, concelho ou zona de aglomeração, abaixo ou acima de uma posição intermédia, com o valor médio da soma dos rankings considerados. ¹⁹

A visão ou **óptica dos indicadores** conduz a construir os indicadores sintéticos de competitividade urbana com base num processo de normalização da notação relativa a cada um dos indicadores de base através da amplitude de variação da respectiva distribuição (o valor mínimo é, assim, notado com 0, o valor máximo com 100 e os valores intermédios são distribuídos proporcionalmente nesse intervalo de acordo com o respectivo valor), cuja agregação se faz, posteriormente, através de uma média ponderada que permite chegar a uma notação média

¹⁹ Assim, a aplicação ao universo dos 35 concelhos mais populosos e urbanizados do país determina o valor de 18 (média dos valores 1 a 35) como valor de separação entre notações “positivas” e “negativas”, enquanto a aplicação ao universo dos 19 concelhos da área metropolitana de Lisboa determina o valor de 10 (média dos valores 1 a 19) como valor de separação entre notações “positivas” e “negativas” e, finalmente, a aplicação ao universo das 20 zonas de aglomeração de actividade económica consideradas na cidade de Lisboa, determina o valor de 10,5 (média dos valores 1 a 20) como valor de separação entre notações “positivas” e “negativas”.

FIGURA 3.34
Dimensões estratégicas da competitividade urbana



QUADRO 3.22
Indicador de competitividade urbana global
e indicadores de base seleccionados para a sua construção

INDICADOR, CONTEÚDO E ANO DE REFERÊNCIA	CÓDIGO
INDICADORES RELATIVOS À POPULAÇÃO E À ACESSIBILIDADE DE SERVIÇOS ÀS FAMÍLIAS ("COMPONENTE POPULAÇÃO/CONSUMO")	
(1) Peso relativo na população residente (2001)	% POPRES
(2) Variação da população residente (1991-2001)	A POPRES (%)
(3) Intensidade relativa da população residente com educação superior completa (2001, universo=100)	POPRES_Esup (r)
(4) Emprego no comércio por residente (2000, universo=100)	EMPCom/POPRES
(5) Intensidade relativa da população em idade activa (20-64) (2001, universo=100)	%PR 20-64 (r)
(6) Emprego na cultura por residente (2000, universo=100)	EMPCult/POPRES
(7) Intensidade relativa do emprego no turismo (2000, universo=100)	%EMP_Tur (r)
(8) Intensidade relativa do emprego no serviços às famílias (2000, universo=100)	%EMP SrvFam (r)
(9) Densidade global (residentes e emprego por km2) (2000-2001)	DENS (pr+emp)
INDICADORES RELATIVOS AO EMPREGO E À ESPECIALIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS ("COMPONENTE EMPREGO/VALOR")	
(10) Peso relativo no emprego total (2000)	% EMPTOT
(11) Grau relativo de renovação dos empregos (antiguidade média por trabalhador,2000, universo=100)	EMP_Renov (r)
(12) Nível relativo do ganho por empregado (2000, universo=100)	W (r)
(13) Nível relativo do pessoal qualificado (2000, universo=100)	EMP_Q (r)
(14) Nível relativo do pessoal com educação Terciária (2000, universo=100)	EMP_Esup (r)
(15) Dimensão média dos estabelecimentos (2000)	DIM_Est
(16) Intensidade relativa do emprego nos serviços às empresas (2000, universo=100)	% EMP_ SrvEmp (r)
(17) Intensidade relativa do emprego na Economia Baseada no Conhecimento (2000, universo=100)	% EBC (r)
(18) Peso relativo no emprego nas indústrias de média-alta e alta tecnologia (2000, universo=100)	% EMP_INDTec+
(19) Peso relativo no emprego nos serviços empresariais avançados (2000, universo=100)	% EMP_Srv

que pode ser utilizada para identificar a distância relativa entre cada cidade, concelho ou zona de aglomeração. ²⁰

A construção dos indicadores sintéticos de competitividade urbana desenvolvida no presente estudo foi realizada sobre três “espaços de observação”: o **país**, com base no universo constituído pelos 35 concelhos mais populosos e urbanizados, a **área metropolitana de Lisboa**, com base nos 19 concelhos que a integram, e a **cidade de Lisboa**, com base nas 9 e 20 zonas de aglomeração de actividades económicas de primeiro e segundo nível consideradas.

O processo de análise da competitividade urbana de Lisboa é assim desenvolvido numa lógica articulada de “zoom-out” (Lisboa no referencial externo da área metropolitana e do país) e de “zoom-in” (as zonas de aglomeração das actividades económicas

no referencial interno da cidade). O seu interesse específico, para além de fornecer um instrumento objectivo dotado de forte intensidade de informação e rigor metodológico, é o de fornecer, também, um referencial global para a caracterização das oportunidades, desafios e problemas colocados pela promoção da competitividade urbana na cidade de Lisboa, isto é, um referencial que não é influenciado pelas características específicas e próprias da cidade.

O modelo teórico subjacente à construção do índice sintético de competitividade urbana utilizado no presente estudo é explicitado no diagrama seguinte, onde se enunciam quer os grandes factores e dimensões estratégicas da competitividade das actividades económicas localizadas nos grandes pólos urbanos, quer a articulação entre condições e resultados da competitividade suscetível de gerar “círculos virtuo-

²⁰ A notação dos indicadores sintéticos na óptica da intensidade dos indicadores representa na prática uma classificação na escala de 0 a 100.



sos” de desenvolvimento económico e social (as condições que permitem obter bons resultados são consolidadas, alargadas e melhoradas com a afectação de uma parte relevante desses mesmos resultados na forma de novos investimentos estruturantes, públicos e privados).

Os resultados da análise em termos do indicador de competitividade urbana

Os resultados analíticos obtidos com recurso à utilização do indicador sintético de competitividade urbana permitem situar com bastante clareza a posição ocupada pela cidade de Lisboa no contexto nacional e da sua área metropolitana, bem como a configuração competitiva da sua estruturação interna em grandes zonas de aglomeração de actividades económicas. Os resultados são apresentados em três passos que, no essencial, permitem construir uma visão sucessivamente detalhada e aprofundada da competitividade urbana da cidade de Lisboa.

A. A CIDADE DE LISBOA NO CONTEXTO NACIONAL

A cidade de Lisboa ocupa no contexto nacional uma posição privilegiada, quer no plano quantitativo quer, sobretudo, no plano qualitativo. ²¹

A liderança do *ranking* nacional de competitividade urbana das actividades económicas assumida pela cidade de Lisboa é mais clara no plano da distância média global revelada pelos indicadores de

base do que no plano da média dos *rankings* obtidos em cada um dos indicadores de base.

A liderança global na competitividade urbana das actividades económicas assumida pela cidade de Lisboa, embora muito clara, é ainda mais nítida no plano da lógica das características do emprego e do potencial de criação de valor do que no plano da lógica das características da população residente, onde as tendências de envelhecimento e decréscimo populacional reduzem o alcance da sua também muito relevante dinâmica de consumo.

Com efeito, os resultados (vejam-se o Quadro 3.23 e Quadro 3.24 e Figura 3.35 a Figura 3.38) revelam com bastante clareza a natureza da liderança nacional da cidade de Lisboa em matéria de competitividade urbana. Uma análise mais detalhada permite, no entanto, salientar um núcleo específico de conclusões que ajudam a precisar os contornos da liderança competitiva assumida pela cidade de Lisboa, nomeadamente:

- a maior competitividade urbana de Lisboa em relação à cidade do Porto, enquanto grande pólo da sua área metropolitana, baseia-se, no essencial (veja-se a Figura 3.37), no peso muito mais relevante das actividades da economia baseada no conhecimento, em especial nos serviços avançados às empresas, no maior nível de educação da população e do emprego e do ganho relativo e na densidade do emprego na cultura, aspectos que são ainda reforçados pela sua, também maior, dimensão;

²¹ Importa nunca esquecer que a metodologia adoptada não visa captar a força económica global dos diferentes pólos urbanos mas, antes, o seu maior ou menor potencial no quadro mais selectivo e específico das actividades polarizadas pela “economia baseada no conhecimento” e pelas perspectivas de integração nos objectivos da Estratégia de Lisboa ao nível da União Europeia.

QUADRO 3.23

Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001:
universo dos 35 concelhos mais populosos – visão dos *rankings* (*)

CONCELHO	GLOBAL	(EMPREGO/ VALOR)	(POPULAÇÃO/ CONSUMO)
Lisboa	29,641	31,000	26,923
Porto	28,256	29,192	26,385
Oeiras	28,205	29,385	25,846
Sintra	26,410	26,846	25,538
Matosinhos	26,205	27,231	24,154
Cascais	25,103	23,615	28,077
Maia	23,821	24,462	22,538
Amadora	23,128	24,500	20,385
Almada	22,564	21,962	23,769
Vila Franca de Xira	22,385	23,808	19,538
Loures	22,231	24,269	18,154
Braga	22,051	20,615	24,923
Vila Nova de Gaia	21,513	21,923	20,692
Setúbal	21,179	21,615	20,308
Aveiro	20,718	22,154	17,846
Coimbra	20,103	19,423	21,462
Seixal	18,128	15,654	23,077
Funchal	17,974	17,115	19,692
Leiria	17,051	17,115	16,923
Barreiro	16,051	16,769	14,615
Odivelas	15,692	13,769	19,538
Viseu	14,615	11,923	20,000
Viana do Castelo	14,513	15,346	12,846
Valongo	14,000	12,615	16,769
Vila Nova de Famalicão	13,974	13,692	14,538
Guimarães	13,513	12,808	14,923
Gondomar	13,103	12,154	15,000
Santa Maria da Feira	12,179	11,231	14,077
Torres Vedras	11,462	10,731	12,923
Vila do Conde	11,128	10,308	12,769
Oliveira de Azeméis	9,487	11,462	5,538
Paredes	8,949	8,731	9,385
Santo Tirso	8,744	9,154	7,923
Barcelos	8,487	8,462	8,538
Penafiel	7,436	8,962	4,385

(*) O valor médio que separa a zona “positiva” da distribuição da zona “negativa” é 18 em qualquer dos três indicadores.

QUADRO 3.24

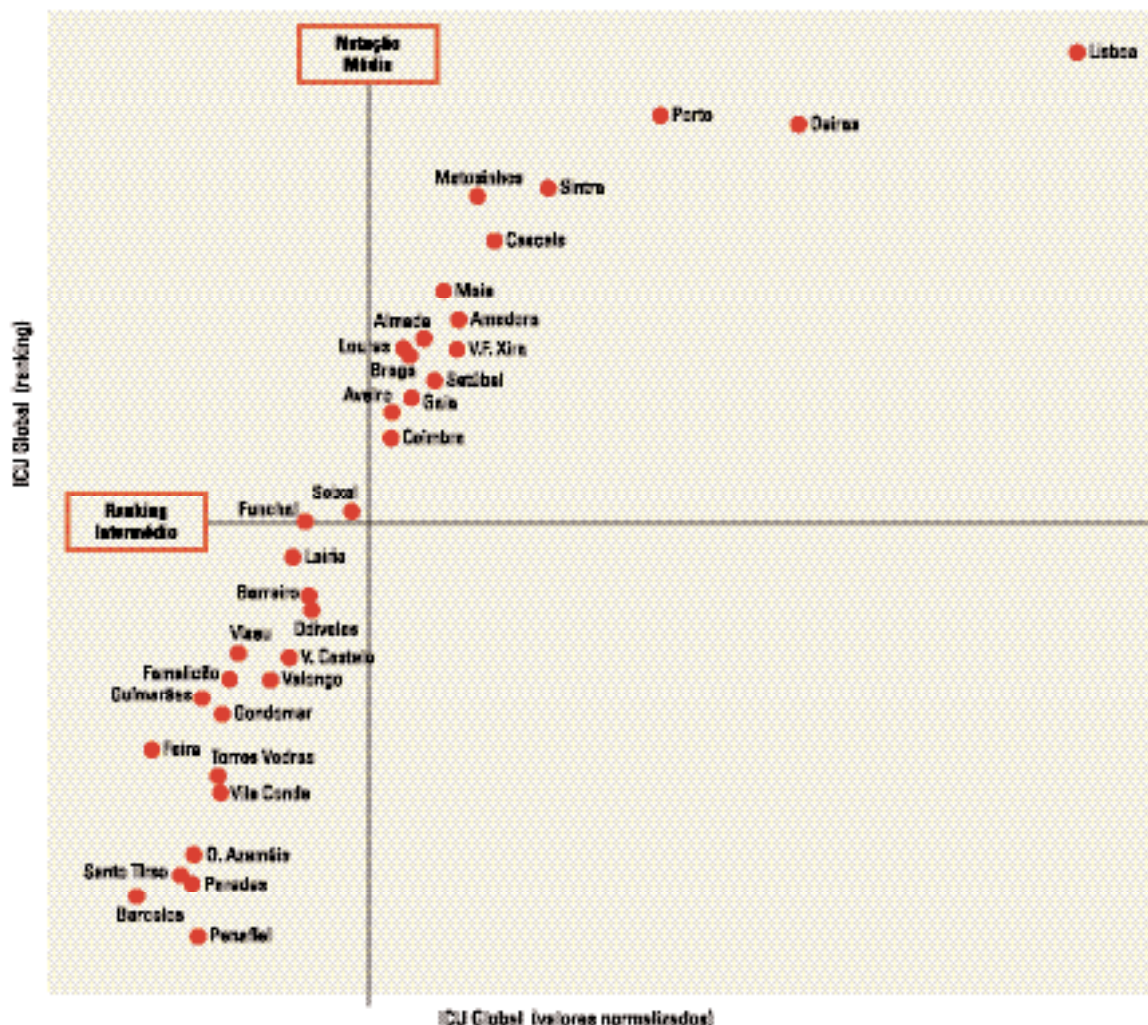
Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001:
universo dos 35 concelhos mais populosos – visão da “distância” (*)

CONCELHO	GLOBAL	(EMPREGO/ VALOR)	(POPULAÇÃO/ CONSUMO)
Lisboa	77,772	81,045	71,225
Oeiras	57,809	63,192	47,044
Porto	48,399	47,673	49,851
Sintra	40,720	40,070	42,020
Cascais	37,063	32,505	46,179
Matosinhos	35,821	37,583	32,297
Amadora	34,489	33,284	36,898
Vila Franca de Xira	34,442	37,915	27,498
Maia	33,574	33,738	33,246
Vila Nova de Gaia	32,863	34,557	29,475
Almada	32,190	31,662	33,246
Braga	31,323	30,426	33,117
Setúbal	31,223	33,269	27,130
Loures	30,874	33,238	26,147
Aveiro	29,966	30,783	28,333
Coimbra	29,851	27,384	34,785
Seixal	27,199	24,569	32,457
Odivelas	24,445	19,950	33,434
Barreiro	24,189	25,719	21,128
Funchal	24,055	22,255	27,656
Leiria	23,165	22,733	24,030
Viana do Castelo	22,845	26,589	15,358
Valongo	21,619	21,814	21,227
Viseu	19,461	16,088	26,206
Vila Nova de Famalicão	18,817	19,010	18,430
Gondomar	18,268	16,976	20,851
Vila do Conde	18,187	17,991	18,579
Torres Vedras	17,965	17,268	19,357
Guimarães	16,891	15,980	18,713
Penafiel	16,745	21,372	7,491
Oliveira de Azeméis	16,366	18,498	12,100
Santo Tirso	16,027	17,268	13,544
Paredes	15,315	16,158	13,628
Santa Maria da Feira	13,434	11,588	17,126
Barcelos	12,568	12,747	12,211

(*) O valor médio que separa a zona “positiva” da distribuição da zona “negativa” é, respectivamente, de 28,170, para o ICU Global, de 28,369, para o ICU (Emprego/Valor) e de 27,772, para o ICU (População/Consumo).

FIGURA 3.35

Competitividade urbana global dos grandes pólos de Portugal:
rankings e distâncias, 2000-2001



- Os resultados revelam uma significativa aproximação do posicionamento de Oeiras em relação ao Porto, tal como indiciam, também, grandes semelhanças entre pólos urbanos das duas grandes áreas metropolitanas, como são os casos de Sintra e Matosinhos, Amadora e Maia ou Setúbal e Gaia. A posição específica assumida pelo pólo de Oeiras constitui, aliás, um bom indicador da importância e alcance dos fenómenos de redistribuição e reorganização da localização das actividades económicas no seio das áreas metropolitanas que, por enquanto, têm apresentado maior intensidade e expressão na região de Lisboa;
- Os resultados revelam, pelo contrário, um significativo afastamento entre os restantes pólos urbanos da Área Metropolitana de Lisboa (Cascais, Almada, Vila Franca de Xira, Loures, Seixal, Barreiro e Odivelas, nomeadamente) com níveis bastante mais elevados de competitividade global e parcial do que os restantes pólos da Área Metropolitana do Porto (Valongo, Gondomar, Vila do Conde, Paredes, Santo Tirso e Penafiel);
- Os grandes pólos urbanos nacionais concentram-se nas duas grandes áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto, destacando-se, fora desse quadro, as cidades de Braga, Aveiro, Coimbra, Funchal, Leiria, Viseu e Viana do Castelo, que revelam razoáveis desequilíbrios na articulação das duas componentes de emprego/valor e população/consumo, surgindo Aveiro com o melhor posicionamento na primeira componente e Braga com o melhor posicionamento na segunda. Na mesma linha situam-se Leiria e Viana do Castelo, mais fortes na primeira componente, e Coimbra, Funchal e Viseu, mais fortes na segunda;

FIGURA 3.36

Componentes da competitividade urbana global dos grandes pólos de Portugal: emprego/valor vs. população/consumo

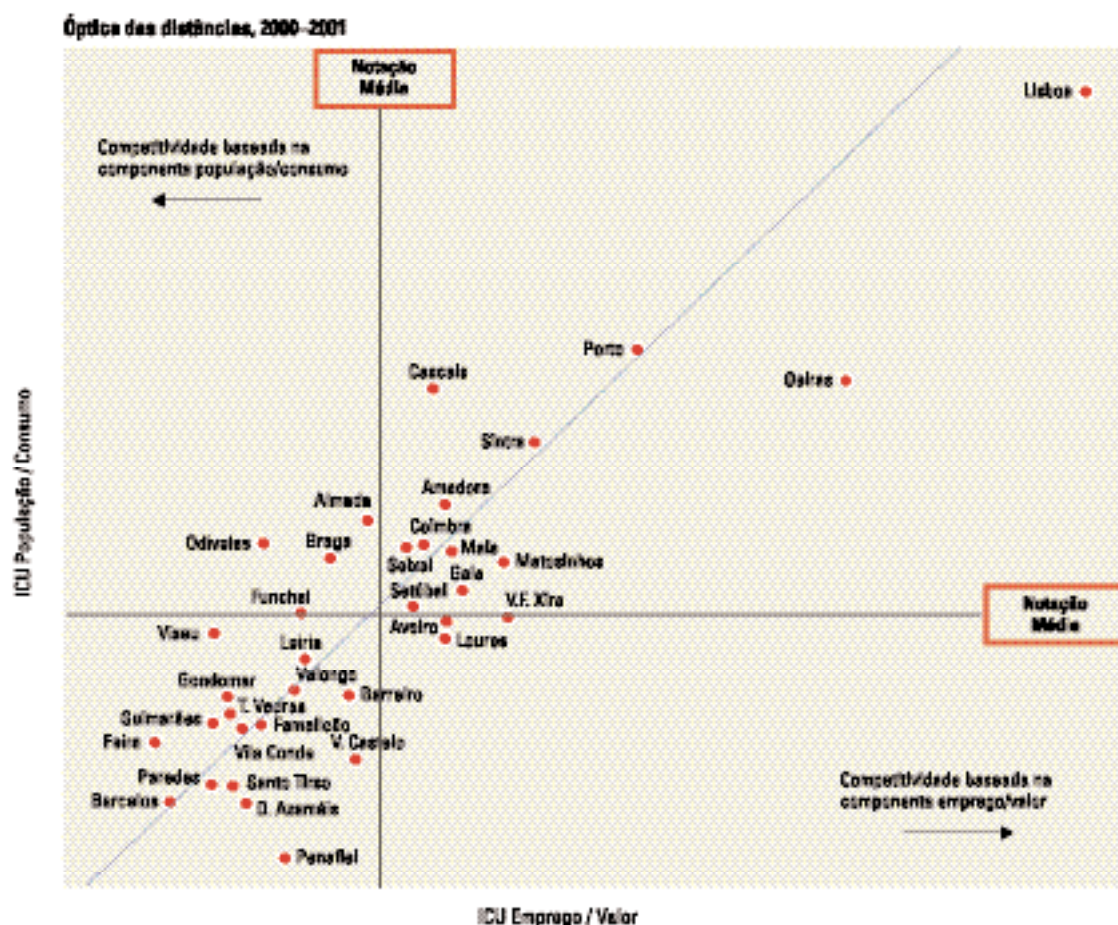
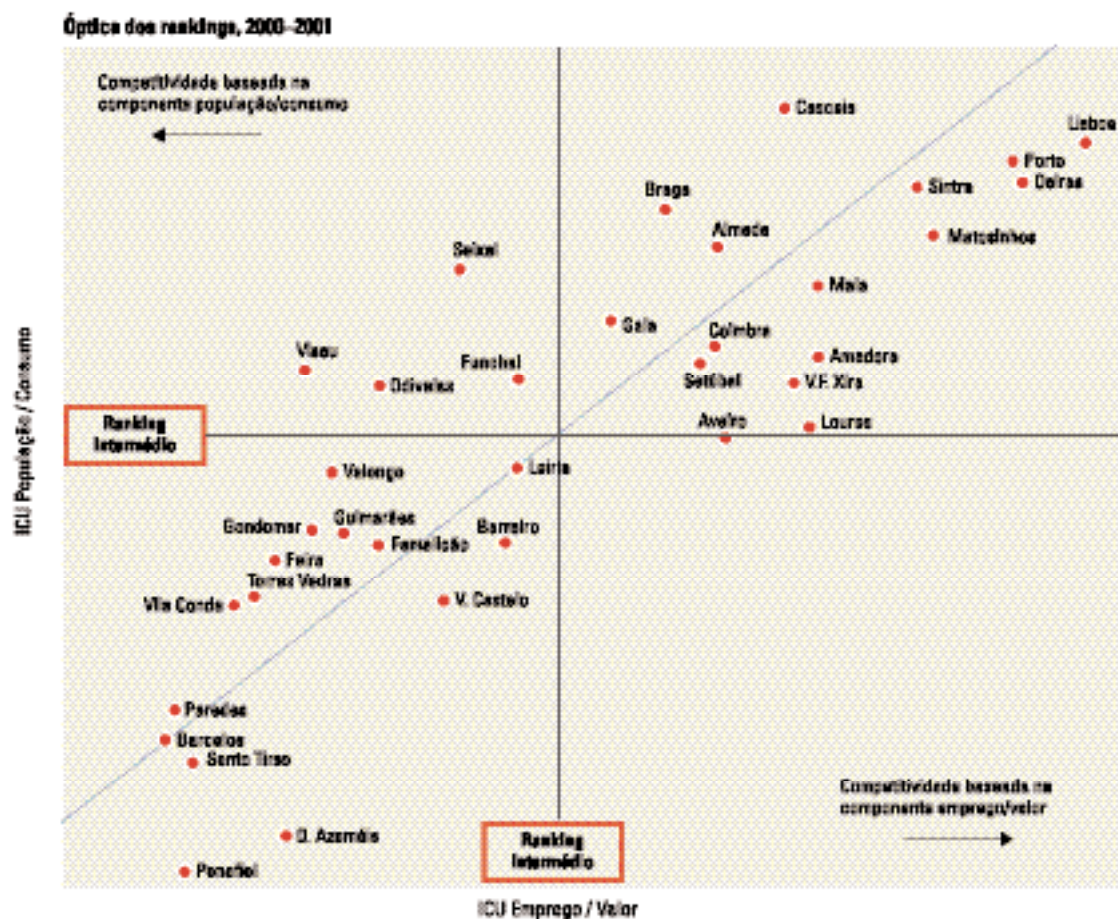


FIGURA 3.37

Performance nos indicadores de base:
o comportamento dos grandes pólos urbanos das áreas metropolitanas

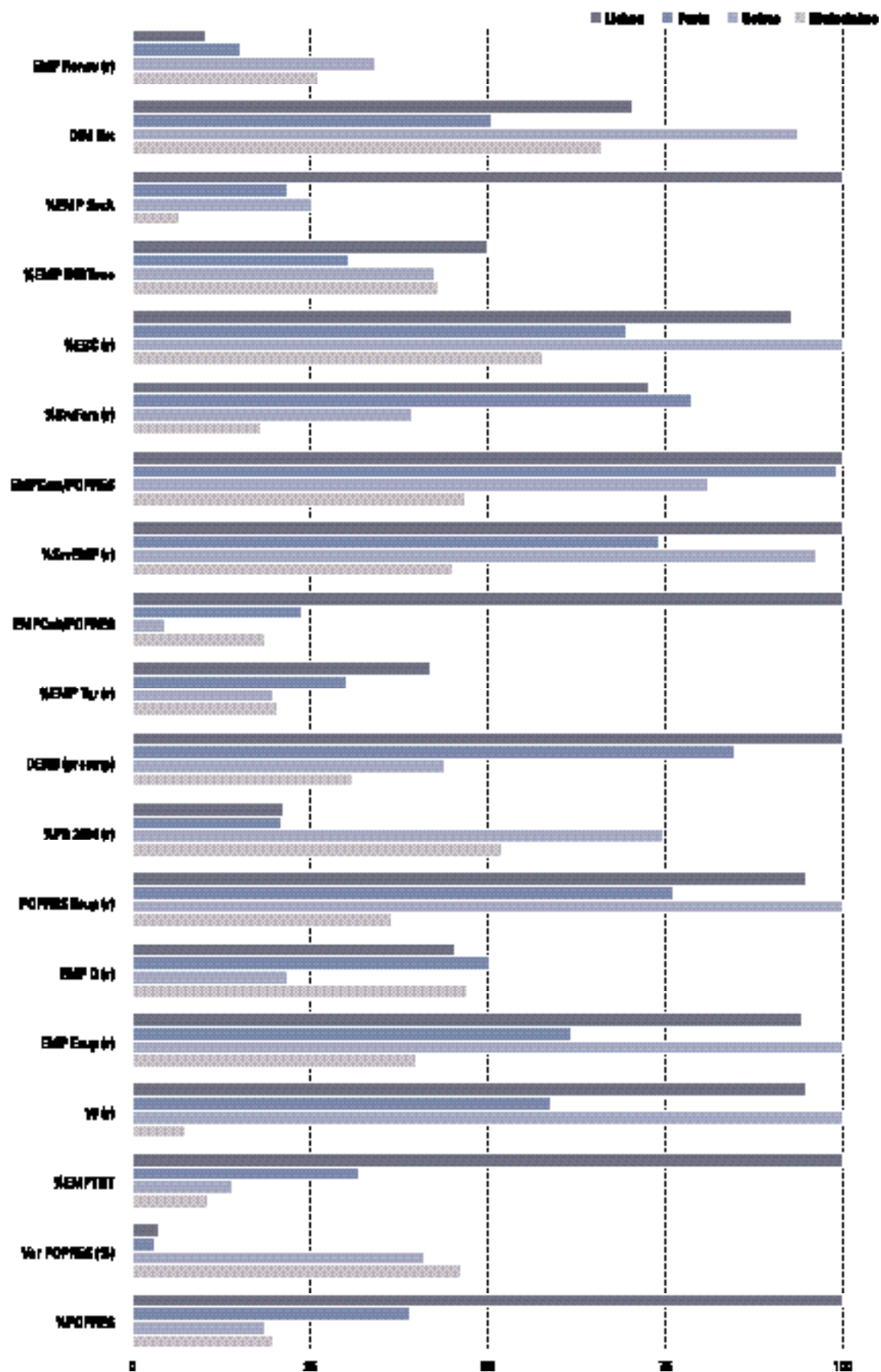
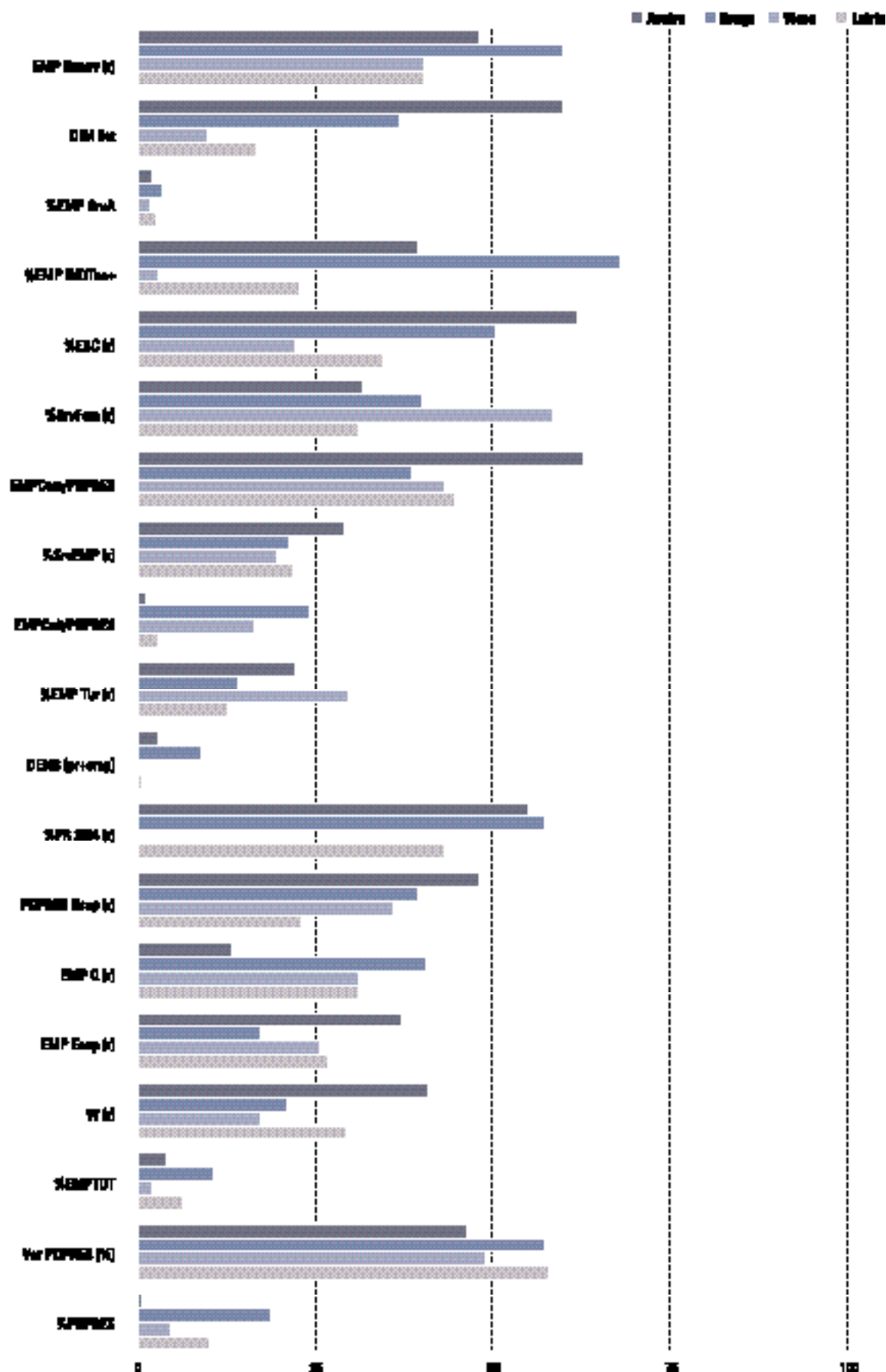


FIGURA 3.38

Performance nos indicadores de base:
o comportamento dos grandes pólos urbanos fora das áreas metropolitanas



B. A CIDADE DE LISBOA NO CONTEXTO DA SUA ÁREA METROPOLITANA

A cidade de Lisboa ocupa também, necessariamente, uma posição privilegiada, quer no plano quantitativo quer, sobretudo, no plano qualitativo, no referencial da sua área metropolitana.

Com efeito, os resultados obtidos (vejam-se o Quadro 3.25 e Quadro 3.26 e Figura 3.39 a Figura 3.42) revelam, de forma bastante clara, a natureza da liderança nacional da cidade de Lisboa em matéria de competitividade urbana no seio da sua área metropolitana. Uma análise mais detalhada permite, no entanto, salientar um núcleo específico adicional de conclusões que ajudam a precisar os contornos dessa liderança, nomeadamente:

→ A liderança global na competitividade urbana das actividades económicas assumida pela cidade de Lisboa no quadro da área metropolitana é aproximada, apenas, pela posição do pólo Oeiras na medida em que todos os restantes pólos se situam a uma distância muito considerável. A Figura 3.41 permite identificar com rigor que essa aproximação se baseia numa performance mais favorável de Oeiras em relação a Lisboa no que respeita, em espe-

cial, ao ritmo de renovação dos empregos e de crescimento da população residente, ao peso relativo da população activa (forte dinamismo) e ao nível de educação da população e do emprego e do ganho relativo (ligeira vantagem) que, no entanto, é mais do que compensada pelo afastamento em matéria de serviços avançados às empresas, indústrias de alta tecnologia, peso do pessoal qualificado, densidade do emprego no comércio, no turismo, na cultura e nos serviços às famílias, para além do efeito dimensional;

→ O ordenamento dos restantes pólos faz ressaltar com nitidez a formação de três grandes grupos claramente separados, isto é, um primeiro grupo formado pelos pólos Cascais, Sintra, Amadora, Almada, Setúbal, Loures e Vila Franca de Xira, com notações e *rankings* acima da média, um segundo grupo formado pelos pólos Seixal, Palmela, Azambuja, Odivelas e Barreiro, com notações e *rankings* abaixo da média, mas não muito afastados, e um terceiro grupo formado pelos restantes pólos (Mafra, Sesimbra, Moita, Montijo e Alcochete), com notações e *rankings* muito abaixo da média;

QUADRO 3.25
Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001:
universo da Área Metropolitana de Lisboa – visão dos *rankings* (*)

CONCELHO	GLOBAL	(EMPREGO/ VALOR)	(POPULAÇÃO/ CONSUMO)
Lisboa	15,769	16,462	14,385
Oeiras	15,154	16,115	13,231
Cascais	13,590	12,808	15,154
Sintra	13,487	13,692	13,077
Amadora	12,846	13,692	11,154
Almada	12,410	12,038	13,151
Setúbal	12,103	12,231	11,846
Vila Franca de Xira	11,949	13,077	9,692
Loures	11,846	13,000	9,538
Palmela	9,692	10,500	8,077
Seixal	9,641	8,615	11,692
Odivelas	8,718	7,846	10,462
Azambuja	8,513	10,538	4,462
Barreiro	8,359	8,615	7,846
Mafra	6,077	4,654	8,923
Moita	5,564	5,077	6,538
Sesimbra	4,821	3,769	6,923
Alcochete	4,795	3,692	7,000
Montijo	4,667	3,577	6,846

(*) O valor médio que separa a zona “positiva” da distribuição da zona “negativa” é 10 em qualquer dos três indicadores.

→ A liderança global na competitividade urbana das actividades económicas assumida pela cidade de Lisboa no quadro da área metropolitana é relativamente mais forte na componente emprego/valor do que na componente população/consumo, num quadro mais geral em que os diferentes pólos da área metropolitana revelam, de um modo geral, uma clara “especialização” em cada uma dessas componentes, sendo de salientar os seguintes casos:

- a afirmação dos pólos com funções significativas em matéria de localização industrial (Palmela – indústria automóvel; Setúbal – energia, papel, reparação naval; Barreiro – indústria química, Vila Franca de Xira – cimentos, nomeadamente) e logística (Azambuja) na componente emprego/valor;
- a afirmação dos pólos com funções significativas em matéria de localização residencial (Cascais, Almada, Seixal e Odivelas, nomeadamente) na componente população/consumo, muito embora com base numa hierarquia muito nítida reflectindo diferenças subs-

tanciais no que respeita à qualidade do habitat e nível de educação e remuneração dos residentes;

→ A liderança global na competitividade urbana das actividades económicas assumida pela cidade de Lisboa no quadro da área metropolitana apresenta, ainda, uma configuração de interessante complementaridade em relação aos restantes pólos mais dinâmicos, expressa, nomeadamente, nas relevantes performances de Cascais em matéria de especialização turística e serviços às famílias, de Sintra e Vila Franca de Xira em matéria de concentração dos empregos nas indústrias de nível tecnológico mais elevado ou de Oeiras em matéria de peso relativo das actividades da economia baseada no conhecimento.

A comparação da hierarquia estabelecida pelos indicadores parciais de competitividade urbana (Figura 3.40, óptica das distâncias) permite, também, estabelecer quer os grandes contornos da distribuição na área metropolitana dos “locais” que mais equilibram funções empresariais e residen-

QUADRO 3.26

Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001:
universo da Área Metropolitana de Lisboa – visão da “distância” (*)

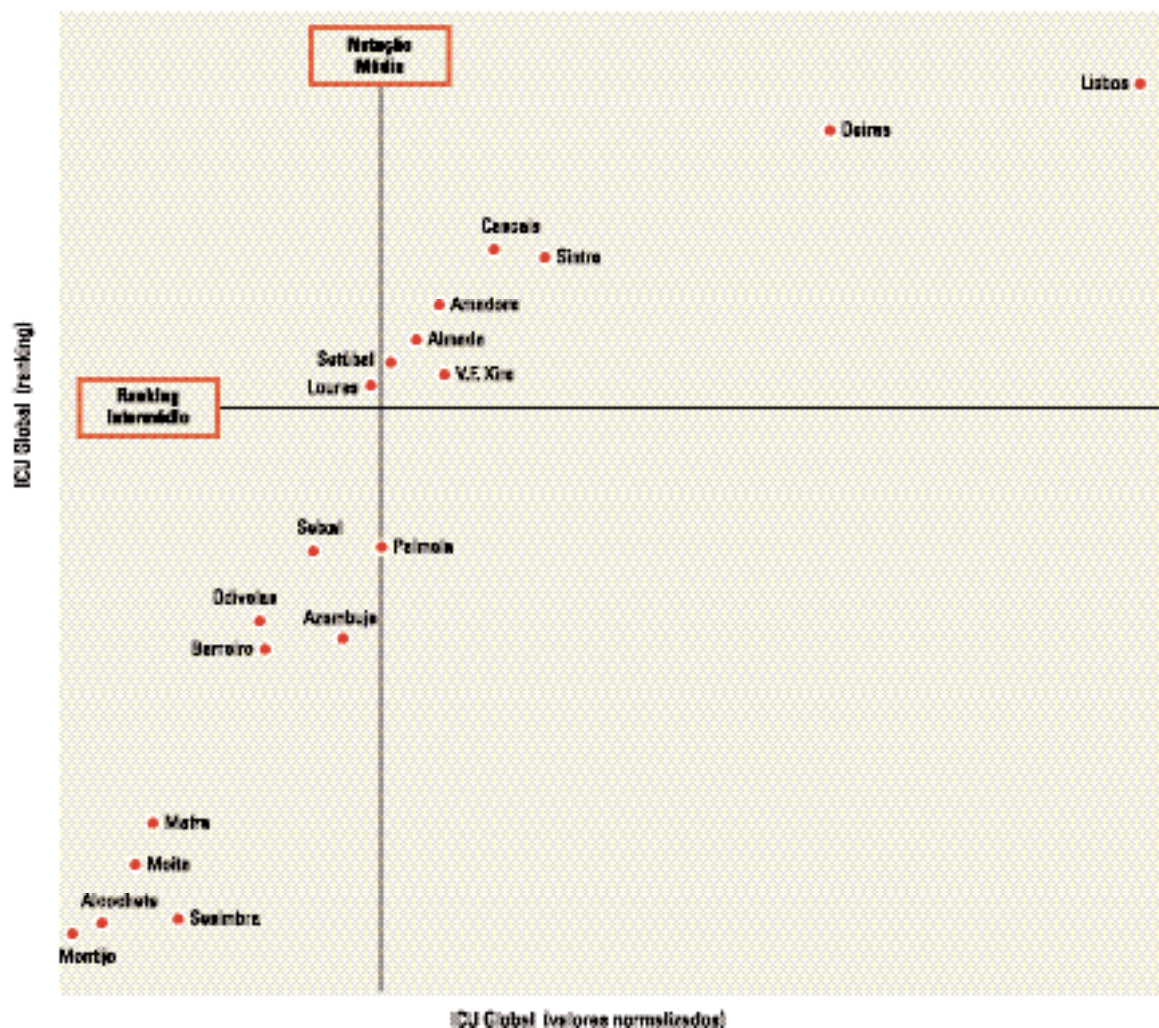
CONCELHO	GLOBAL	(EMPREGO/ VALOR)	(POPULAÇÃO/ CONSUMO)
Lisboa	79,915	84,082	71,580
Oeiras	60,013	66,280	47,279
Sintra	41,894	41,709	42,263
Cascais	38,505	32,944	49,626
Vila Franca de Xira	35,209	39,204	27,219
Amadora	35,128	34,227	36,930
Almada	33,555	32,198	34,828
Setúbal	31,970	34,165	27,582
Palmela	31,263	37,051	19,685
Loures	31,082	33,915	25,417
Azambuja	28,888	36,674	13,316
Seixal	27,051	24,230	32,693
Barreiro	23,996	25,296	21,394
Odivelas	23,924	18,943	33,887
Sesimbra	18,516	12,997	29,554
Mafra	16,737	12,763	24,685
Moita	15,702	14,393	18,322
Alcochete	13,709	8,382	24,363
Montijo	11,763	8,539	18,209

(*) O valor médio que separa a zona “positiva” da distribuição da zona “negativa” é, respectivamente, de 31,517,

para o ICU Global, de 31,516, para o ICU (Emprego/Valor) e de 31,518, para o ICU (População/Consumo).

FIGURA 3.39

Competitividade urbana global na Área Metropolitana de Lisboa:
rankings e distâncias, 2000-2001



ciais (alinhados ao longo da diagonal), bem como dos principais “locais” especializados na produção (alinhados verticalmente abaixo da diagonal) e dos principais “locais” especializados na residência (alinhados horizontalmente acima da diagonal), quer a ordenação da respectiva qualidade e relevância,

isto é, nomeadamente, a hierarquia descendente Oeiras, Setúbal, Vila Franca de Xira, Loures, Palmela e Azambuja nos “locais de produção” e a hierarquia descendente Cascais, Seixal Odivelas, Sesimbra, Mafra, Alcochete, Montijo, nos “locais de residência”.

FIGURA 3.40

Componentes da competitividade urbana global na Área Metropolitana de Lisboa: emprego/valor vs. população/consumo

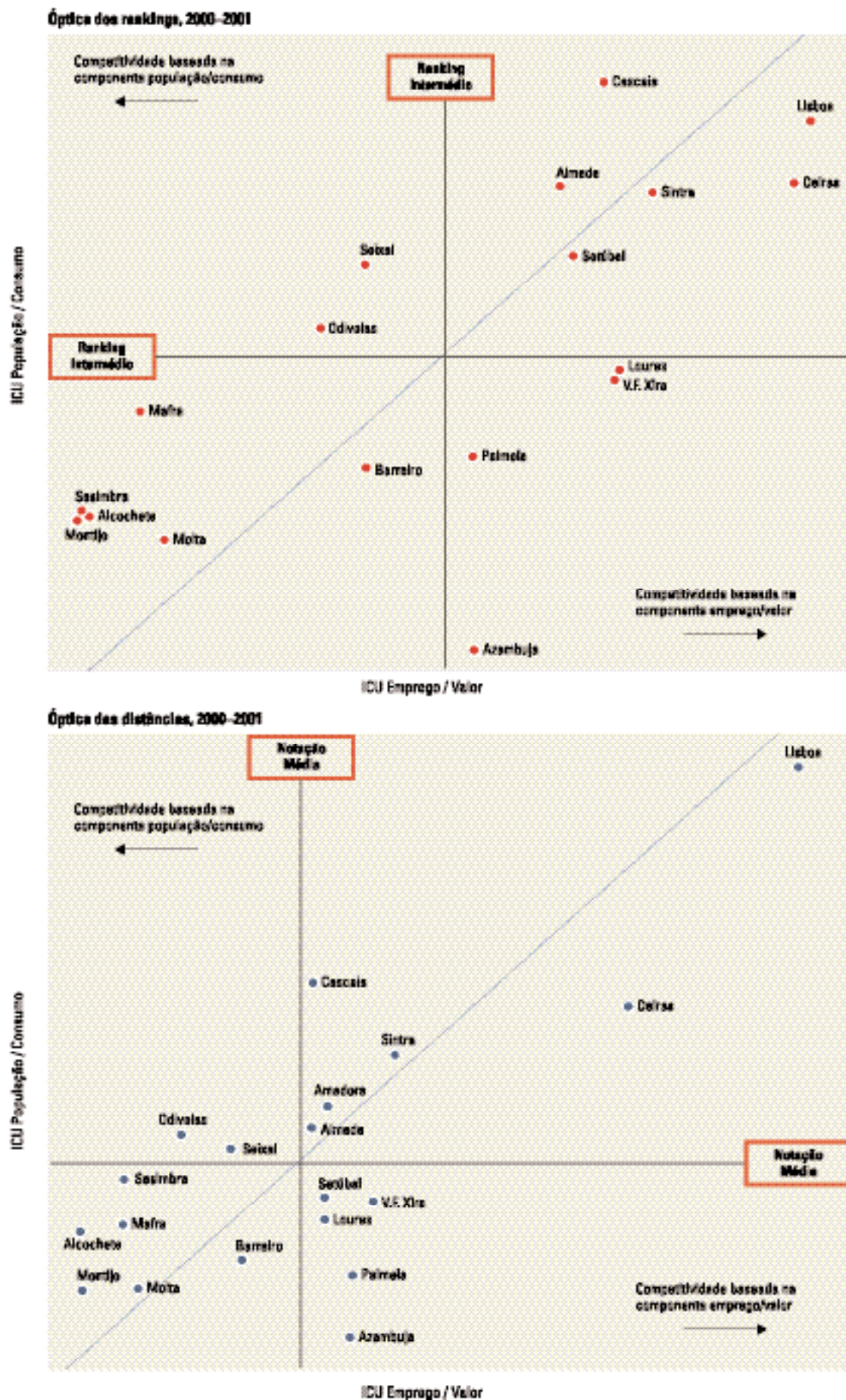


FIGURA 3.41

Performance nos indicadores de base:
cidade de Lisboa vs. restantes pólos urbanos

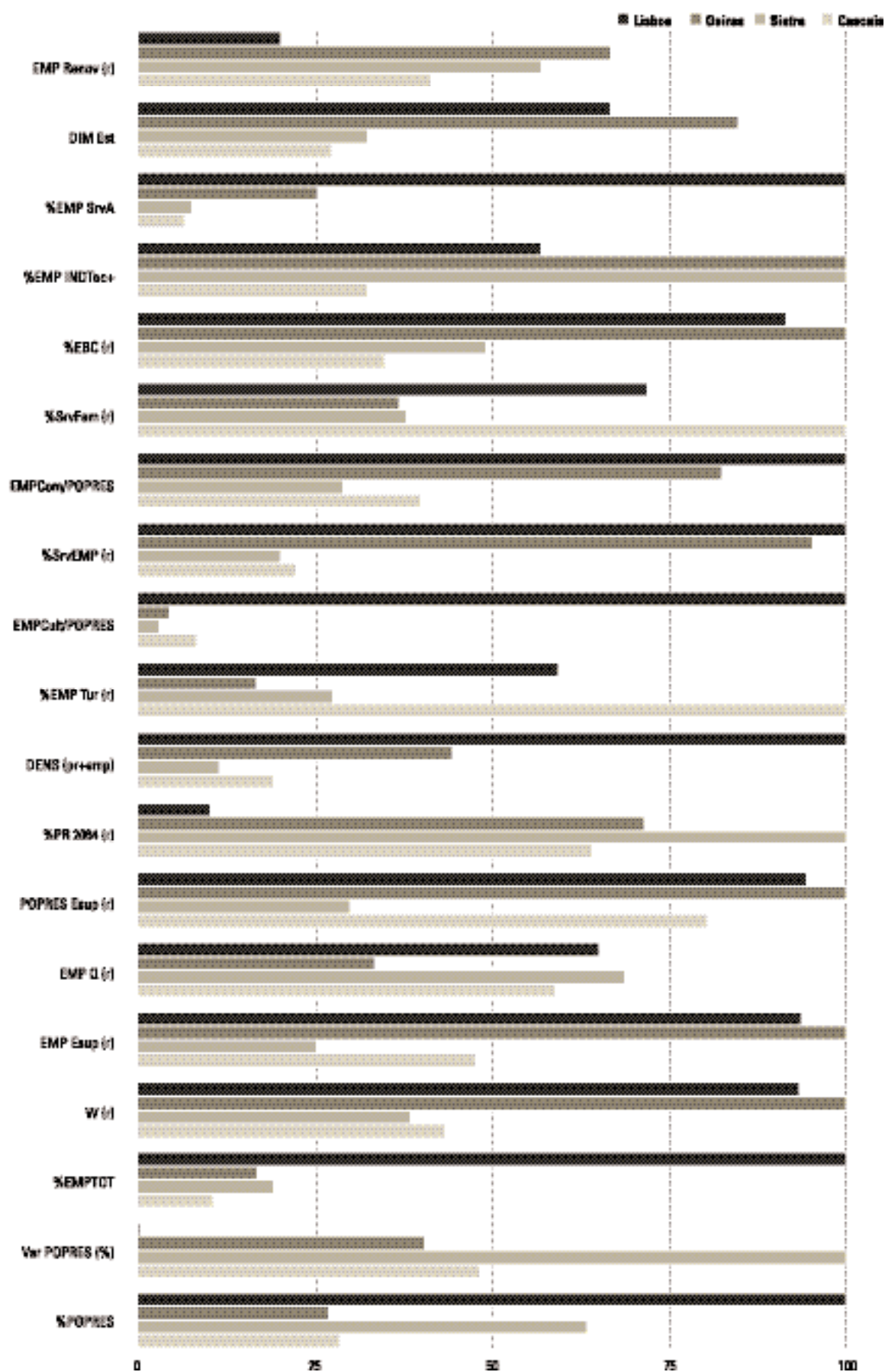
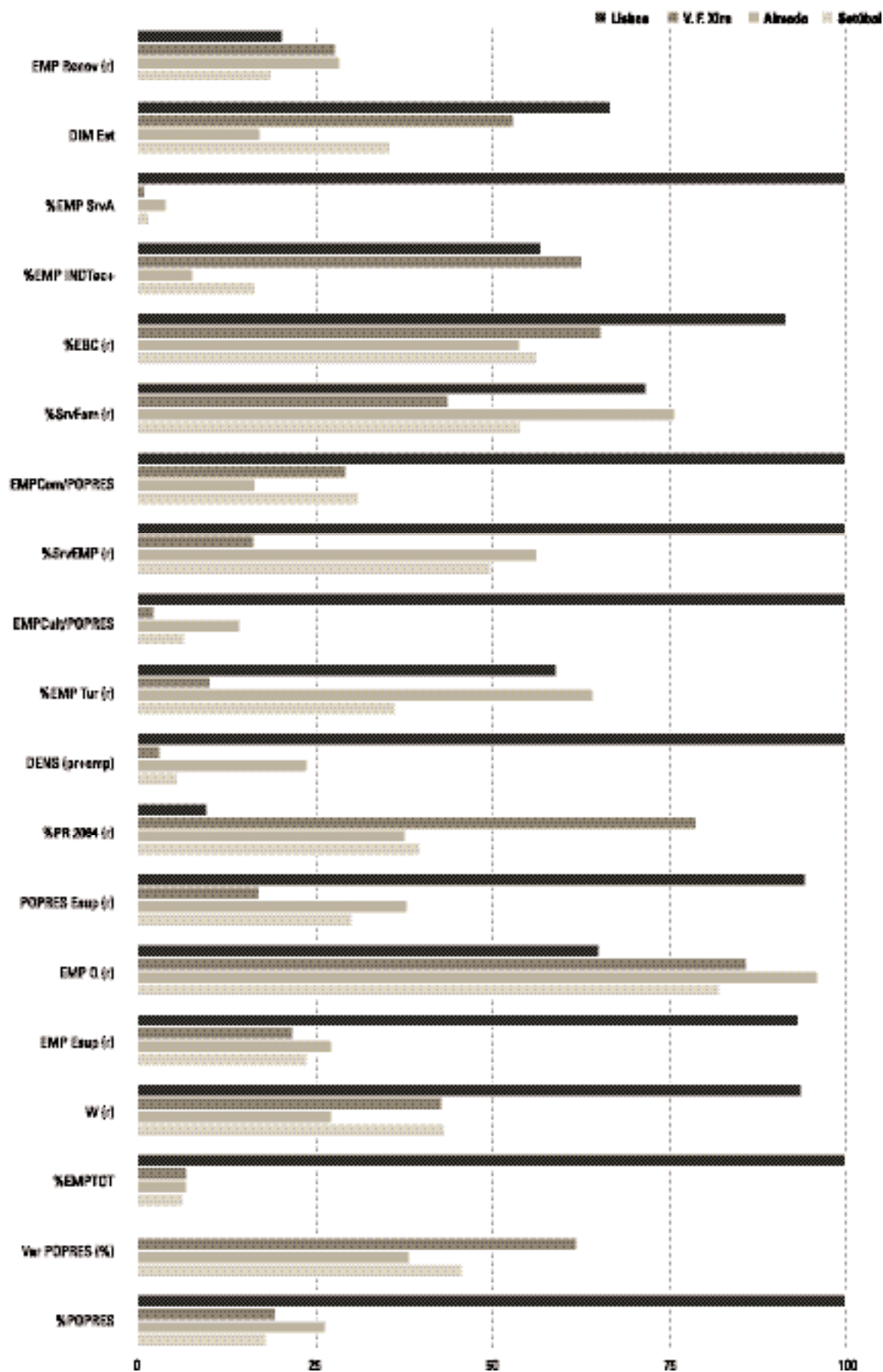


FIGURA 3.42

Performance nos indicadores de base na Área Metropolitana de Lisboa:
cidade de Lisboa vs. restantes pólos urbanos



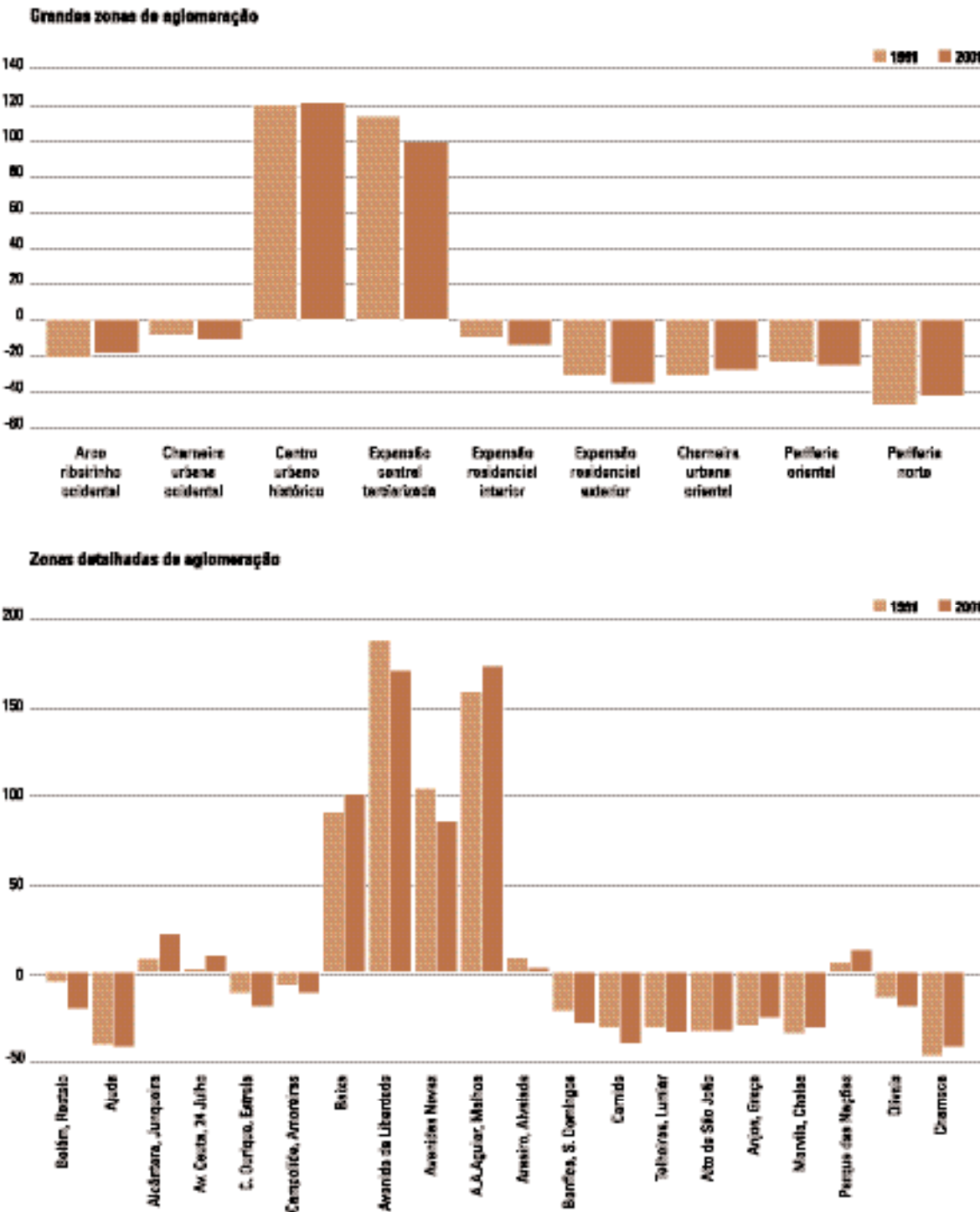
C. AS ZONAS DE AGLOMERAÇÃO DE ACTIVIDADES ECONÓMICAS NA CIDADE DE LISBOA

Analisada a configuração da liderança nacional e regional exercida pela cidade de Lisboa em matéria de competitividade urbana das actividades económicas, importa, agora, situar a configuração interna à própria cidade dessa liderança utilizando o refe-

rencial das zonas de aglomeração de actividades construído no âmbito do presente estudo.

Os resultados obtidos (sintetizados no Quadro 3.27 a Quadro 3.30 e na Figura 3.43 a Figura 3.50) são apresentados para o duplo referencial das nove grandes zonas de aglomeração e das 20 zonas detalhadas de aglomeração de actividades económicas.

FIGURA 3.43
Terciarização e relação entre funções empresariais e residenciais na cidade de Lisboa (relação entre emprego e população residente). Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100)



A análise detalhada da competitividade urbana na cidade de Lisboa, sob o prisma do potencial das actividades económicas, reflecte um vasto conjunto de aspectos que aconselha uma utilização cuidada dos indicadores construídos, permitindo, no entanto, destacar:

→ A liderança global na competitividade urbana das actividades económicas é assumida, no interior da cidade de Lisboa, com alguma clareza, pela **Expansão Central Terciarizada**, ao nível das grandes zonas de aglomeração, e pelo conjunto formado pelas zonas **Avenida da Liberdade**, **Avenidas Novas** e **António Augusto Aguiar/Malhoa**, ao nível das zonas detalhadas de aglomeração. Trata-se do eixo central de implantação e crescimento da cidade

de dos serviços, dotado de um forte índice de terciarização (veja-se a Figura 3.43), onde a competitividade urbana global é, necessariamente, determinada por um elevado indicador ao nível da componente “emprego/valor” que, pelo seu lado, reflecte, também, uma configuração onde as implantações mais recentes tendem a possuir uma qualidade dos empregos e da especialização de actividades mais elevada;

→ A **Expansão Residencial Interior**, o **Centro Urbano Histórico** e a **Charneira Urbana Ocidental**, ao nível das grandes zonas de aglomeração, e o conjunto formado pelas zonas **Baixa**, **Campo de Ourique/Estrela**, **Benfica/S. Domingos**, **Areeiro/Alvalade** e **Cam**

QUADRO 3.27

Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001:
universo da cidade de Lisboa – visão dos rankings (*)

ZONAS AGREGAÇÃO (I)	GLOBAL	(EMPREGO/VALOR)	(POPULAÇÃO/CONSUMO)
Expansão central terciarizada	7,667	8,462	6,077
Centro urbano histórico	6,538	7,000	5,615
Expansão residencial interior	5,949	5,692	6,462
Charneira urbana ocidental	5,641	6,154	4,615
Arco ribeirinho ocidental	4,615	4,346	5,154
Expansão residencial exterior	4,256	3,423	5,923
Periferia oriental	4,256	4,615	3,538
Charneira urbana oriental	3,436	2,923	4,462
Periferia norte	2,641	2,385	3,154

(*) O valor médio que separa a zona “positiva” da distribuição da zona “negativa” é 5 em qualquer dos três indicadores.

QUADRO 3.28

Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001:
universo da cidade de Lisboa – visão da “distância” (*)

ZONAS AGREGAÇÃO (I)	GLOBAL	(EMPREGO/VALOR)	(POPULAÇÃO/CONSUMO)
Expansão central terciarizada	77,850	92,971	47,607
Centro urbano histórico	68,945	75,506	55,825
Expansão residencial interior	58,884	63,928	48,796
Charneira urbana ocidental	54,377	66,468	30,197
Expansão residencial exterior	39,637	32,260	54,390
Periferia oriental	37,595	45,693	21,397
Arco ribeirinho ocidental	36,393	39,611	29,956
Charneira urbana oriental	24,148	23,210	26,024
Periferia norte	16,938	15,611	19,593

(*) O valor médio que separa a zona “positiva” da distribuição da zona “negativa” é, respectivamente, de 46,085, para o ICU Global, de 50,584, para o ICU (Emprego/Valor) e de 37,087, para o ICU (População/Consumo).

QUADRO 3.29

Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001:
universo da cidade de Lisboa – visão dos rankings (*)

ZONAS AGREGAÇÃO (II)	GLOBAL	(EMPREGO/VALOR)	(POPULAÇÃO/CONSUMO)
António Augusto Aguiar/Malhoa	16,179	17,077	14,385
Avenida de Liberdade	15,974	16,808	14,308
Avenidas Novas	15,513	16,731	13,077
Campo Ourique/Estrela	13,487	14,423	11,615
Benfica/S. Domingos	13,051	12,192	14,769
Areeiro/Alvalade	12,667	12,846	12,308
Baixa	12,436	13,115	11,077
Campolide/Amoreiras	11,000	12,808	7,385
Av. de Ceuta/24 de Julho	10,385	10,000	11,154
Telheiras/Lumiar	9,897	8,615	12,462
Belém/Restelo	9,308	8,462	11,000
Olivais	8,821	8,962	8,538
Alcântara/Junqueira	8,769	9,231	7,846
Parque das Nações	8,769	8,769	8,769
Marvila/Chelas	8,462	9,385	6,615
Anjos/Graça	7,974	6,692	10,538
Ajuda/S. Francisco Xavier	7,923	7,423	8,923
Carnide	7,795	6,308	10,769
Alto S. João	5,846	5,269	7,000
Charneca/Ameixoeira	5,744	4,885	7,462

(*) O valor médio que separa a zona “positiva” da distribuição da zona “negativa” é 10,5 em qualquer dos três indicadores.

polide/Amoreiras, ao nível das zonas detalhadas de aglomeração, acompanham esta liderança, situando-se num terreno positivo, isto é, acima da média (quer em termos de *ranking*, quer em termos de distância), mas a uma distância razoável. Trata-se, ainda, de zonas onde a terciarização tem expressão (nomeadamente em termos de comércio e/ou restauração), embora em articulação com a função residencial, mas onde a competitividade urbana global é, também, como nos grupos de liderança, determinada por uma melhor performance no indicador ao nível da componente “emprego/valor”;

→ A **Expansão Residencial Exterior**, o **Arco Ribeirinho Ocidental** e a **Periferia Oriental**, ao nível das grandes zonas de aglomeração, e o conjunto formado pelas zonas **Belém/Restelo**, **Parque das Nações**, **Av. de Ceuta/24 de Julho**, **Telheiras/Lumiar**, **Chelas/Marvila**, **Olivais** e **Alcântara/Junqueira**, ao nível das zonas detalhadas de aglomeração, embora situando-se num terreno negativo, isto é, acima da média (quer em termos de *ranking*, quer em

termos de distância), não se afasta muito do grupo anterior.

Ao contrário dos grupos anteriores, trata-se de um grupo muito mais heterogéneo, existindo uma clara clivagem entre as zonas cuja competitividade se baseia numa melhor performance ao nível da componente “população/consumo” (**Expansão Residencial Exterior** e **Belém/Restelo**, **Parque das Nações**, **Av. de Ceuta/24 de Julho**, **Telheiras/Lumiar**) e as zonas cuja competitividade se baseia numa melhor performance ao nível da componente “emprego/valor” (**Arco Ribeirinho Ocidental**, **Periferia Oriental** e **Chelas/Marvila**, **Olivais** e **Alcântara/Junqueira**);

→ A **Charneira Urbana Oriental** e a **Periferia Norte**, ao nível das grandes zonas de aglomeração, e o conjunto formado pelas zonas **Carnide**, **Ajuda**, **Anjos/Graça**, **Alto S. João** e **Charneca**, ao nível das zonas detalhadas de aglomeração, situam-se na cauda dos *rankings* de competitividade urbana no interior da cidade de Lisboa, a uma distância bastante considerável de todos os outros grupos, muito em especial, as duas últimas zonas detalhadas referidas

QUADRO 3.30

Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001:
universo da cidade de Lisboa – visão da “distância” (*)

ZONAS AGREGAÇÃO (II)	GLOBAL	(EMPREGO/VALOR)	(POPULAÇÃO/CONSUMO)
Avenida da Liberdade	68,823	74,472	61,524
Avenidas Novas	67,931	78,980	45,835
António Augusto Aguiar/Malhoa	63,051	71,657	45,839
Baixa	51,092	52,449	48,376
Campo Ourique/Estrela	50,399	58,710	33,777
Benfica/S. Domingos	49,289	49,746	48,374
Areeiro/Alvalade	46,657	53,011	35,951
Campolide/Amoreiras	41,837	52,579	20,353
Belém/Restelo	37,548	34,271	44,101
Parque das Nações	36,860	36,563	37,454
Av. de Ceuta/24 de Julho	36,616	32,650	44,550
Telheiras/Lumiar	35,382	37,916	30,315
Marvila/Chelas	32,336	38,690	19,628
Alcântara/Junqueira	34,044	37,097	21,937
Olivais	31,568	35,681	23,341
Carnide	29,863	27,640	34,308
Ajuda/S. Francisco Xavier	29,139	31,242	24,934
Anjos/Graça	25,433	22,414	31,471
Alto S. João	22,970	24,635	19,640
Charneca/Ameixoeira	17,702	17,364	18,379

(*) O valor médio que separa a zona “positiva” da distribuição da zona “negativa” é, respectivamente, de 40,327, para o ICU Global, de 43,238, para o ICU (Emprego/Valor) e de 34,504, para o ICU (População/Consumo).

que configuram muito mais processos de abandono ou não ocupação do que de aglomeração de actividades.

A forte hierarquia estabelecida entre estes quatro grupos exprime, no entanto, dois fenómenos de natureza diferenciada. Com efeito, esta hierarquia exprime:

- Em primeiro lugar, como que uma organização da cidade em **duas “divisões”** (uma de nível mais elevado, e outra de nível mais baixo) seja no que respeita à **qualidade das localizações para o desenvolvimento da “cidade empresarial”**, seja no que respeita à **qualidade dos “habitats” para a aglomeração das actividades polarizadas pelos serviços às famílias e pelo consumo**.
- Em segundo lugar, a existência de **zonas “equilibradas” de aglomeração** (onde as duas componentes “emprego/valor” e “população/consumo” se alimentam mutuamente) e **zonas “desequilibradas” de aglomeração**

(onde apenas uma das componentes se afirma de forma mais ou menos limitada).

Os resultados obtidos permitem, também, salientar um núcleo específico adicional de conclusões que ajudam a precisar os contornos da liderança exercida pelas zonas de aglomeração de actividades económicas que mais se destacam na cidade de Lisboa em matéria de competitividade urbana, nomeadamente:

- O pólo **António Augusto de Aguiar/Malhoa**, sendo o de menor expressão quantitativa ao nível das zonas mais competitivas (trata-se de um pólo em crescimento recente), revela um potencial significativo na medida em que obtém melhor performance que os outros dois pólos de liderança (**Avenida da Liberdade** e **Avenidas Novas**) nos indicadores relativos ao ganho relativo, ao nível de qualificação e educação do emprego e da população, ao peso relativo das indústrias de nível tecnológico mais elevado e ao peso relativo da população em idade activa. A menor performance no indicador rela-



tivo ao peso dos serviços avançados às empresas constitui o seu principal “calcanhar de Aquiles”;

- O pólo da **Avenida da Liberdade**, sendo a zona de maior densidade de ocupação da cidade (no conjunto população e emprego), lidera, também, em termos globais, o grau de terciarização, suportado numa articulação entre os serviços às empresas, por um lado, e as actividades associadas ao comércio e ao turismo, por outro lado;
- O pólo das **Avenidas Novas** lidera em termos quantitativos na concentração do emprego, no plano global, e na concentração da população, apenas no conjunto das zonas terciarizadas, liderando, também, em termos qualitativos, em dois indicadores de grande relevância (o emprego nas actividades da “economia baseada no conhecimento” e nos serviços avançados às empresas), o que se articula com o facto de apresentar, no conjunto das zonas terciarizadas, a melhor performance no indicador do grau de renovação do emprego;
- O pólo da **Baixa**, na configuração mais larga que aqui lhe foi dada, apresenta um muito razoável equilíbrio nas duas componentes da competitividade urbana consideradas e, embora não liderando em nenhum indicador, é, ainda, um pólo fortemente terciarizado, o segundo na concentração quantitativa de emprego, com uma combinação muito específica de actividades (espectáculos, serviços financeiros, comércio e restauração);
- O pólo **Campolide/Amoreiras** tem a sua melhor performance no indicador relativo ao nível de educação do emprego (onde só é ultrapassado pelo zona Belém/Restelo) e apresenta um performance muito aproximada aos três pólos anteriores em matéria de nível salarial e de peso relativo do emprego nas actividades da “economia baseada no conhecimento” e dos serviços às empresas. A reduzida dimensão dos estabelecimentos, a par da fraca performance nos indicadores relativos ao emprego nos níveis mais exigentes dos serviços e da indústria, para além da sua menor dimensão quantitativa, diminuem, no entanto, o seu nível de competitividade global;
- O pólo **Av. de Ceuta/24 de Julho** é marcado globalmente pela articulação entre uma especialização crescente nas funções de lazer e funções residenciais e características populacionais que, apesar da sua forte heterogeneidade interna, lhe conferem uma performance interessante na componente “população/consumo”;
- Os pólo **Benfica/S. Domingos**, que surge no seio dos pólos de dominante residencial como o mais importante em termos quantitativos, destaca-se também pela sua performance em vários indicadores da componente “emprego/valor” (renovação, serviços às empresas), enquanto o pólo **Areeiro/Alvalade**, sem se destacar em nenhum indicador particular, se destaca pelo seu equilíbrio global no conjuntos dos indicadores, o que se deve ao facto de ser o único pólo residencial que se apresenta globalmente terciarizado, no sentido de um maior peso quantitativo do emprego face à população residente. O pólo **Campo de Ourique/Estrela** apresenta, pelo seu lado, em termos da componente “emprego/valor”, uma boa performance nos indicadores mais exigentes, para além da especialização comercial que caracteriza as zonas residenciais;
- O pólo **Belém/Restelo**, marcado globalmente pela articulação entre uma função residencial relativamente qualificada e diversificada e uma especialização na localização de actividades específicas (cultura e embaixadas, nomeadamente), lidera em quatro indicadores, serviços às famílias, actividades culturais, actividades turísticas e nível de educação do emprego, que “empurram” a sua competitividade para cima, apesar de performances relativamente baixas nos restantes indicadores;
- O pólo **Lumiar/Telheiras** lidera em dois indicadores, nível de educação da população e peso relativo da população em idade activa, mas apresenta performances relativamente pobres em matéria da componente “emprego/valor”, tratando-se de uma zona predominantemente residencial;
- O pólo **Anjos/Graça**, enquanto pólo residencial de razoável dimensão quantitativa, mas relativamente envelhecido, apresenta uma performance na componente “população/consumo” que se aproxima dos pólos residenciais já referidos mas vê a sua competitividade urbana global ser fortemente condicionada pela performance na componente “emprego/valor”, configurando-se como um bom exemplo de uma zona “desequilibrada”;



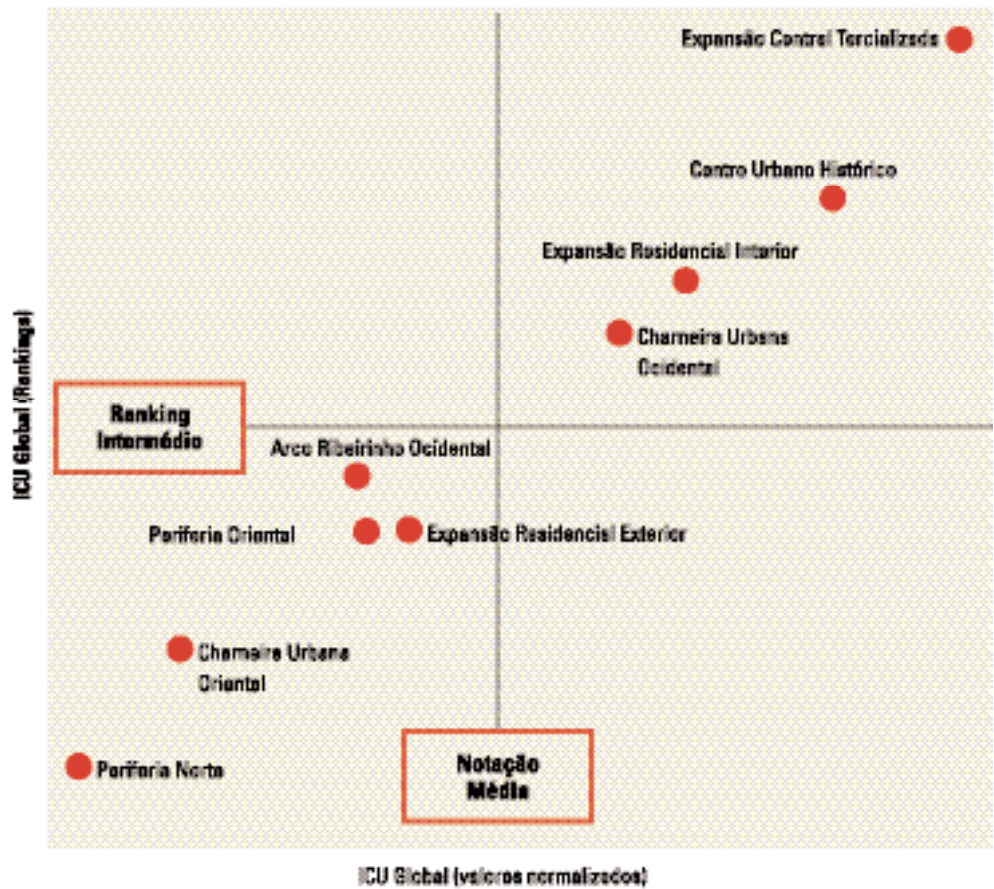
- Os pólos **Carnide** e **Parque das Nações** lideram em matéria de renovação dos empregos, indiciando com clareza a sua característica de zonas recentes de aglomeração de actividades. A zona de **Carnide**, globalmente marcada pela função residencial, é, no entanto, muito marcada, em termos empresariais, pela expressão da distribuição e do comércio concentrado, configurando uma zona de aglomeração de actividades de baixos salários relativo. A zona do **Parque das Nações**, afirmando-se progressivamente como uma zona terciarizada, onde a função empresarial ganha expressão, apresenta um potencial qualitativo relevante, seja ao nível da dinâmica de crescimento, seja ao nível da especialização das actividades, ou ainda ao nível das características da população;
- O pólo **Olivais**, que lidera em matéria de dimensão dos estabelecimentos e ganho relativo, e o pólo **Chelas/Marvila**, que lidera no emprego nas actividades industriais de nível tec-

nológico mais elevado, ainda em função de um trajectória anterior de localização privilegiada das principais estruturas empresariais na confluência de uma zona oriental onde indústria e logística tinham forte expressão, enfrentam, actualmente, nítidas tendências de possível perda de competitividade urbana, apertados entre a sua relevante dimensão de pólos residenciais não especialmente qualificados (em especial Chelas/Marvila) e o progressivo desaparecimento das condições que neles tornaram atractiva, no passado, a localização empresarial (os dados de 2000-2001 ainda não reflectem as saídas e desactivações industriais e logísticas mais recentes);

- Os restantes pólos configuram zonas de não aglomeração de actividades (**Charneca, Alto S. João**) ou zonas em busca de uma nova identidade susceptível de renovar as bases da sua competitividade urbana (**Ajuda, Alcântara**);

FIGURA 3.44
Competitividade urbana global na cidade de Lisboa: *rankings* e distâncias, 2000-2001

GRANDES ZONAS DE AGLOMERAÇÃO



ZONAS DETALHADAS DE AGLOMERAÇÃO

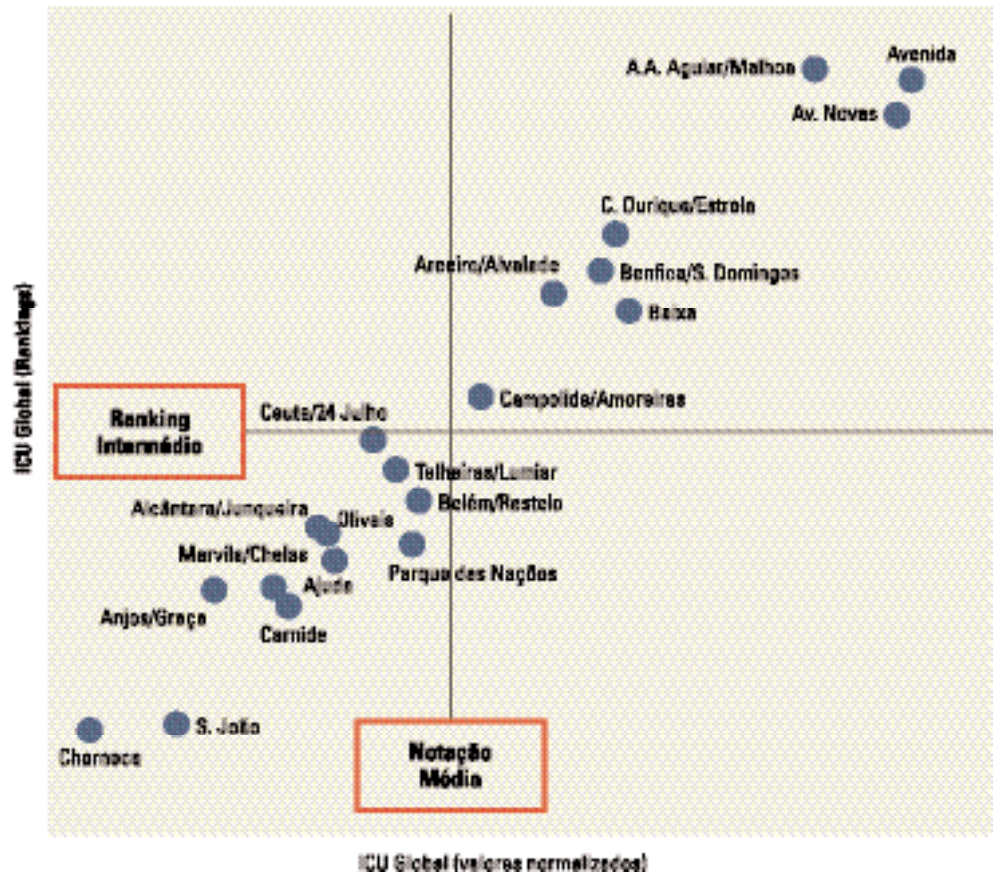
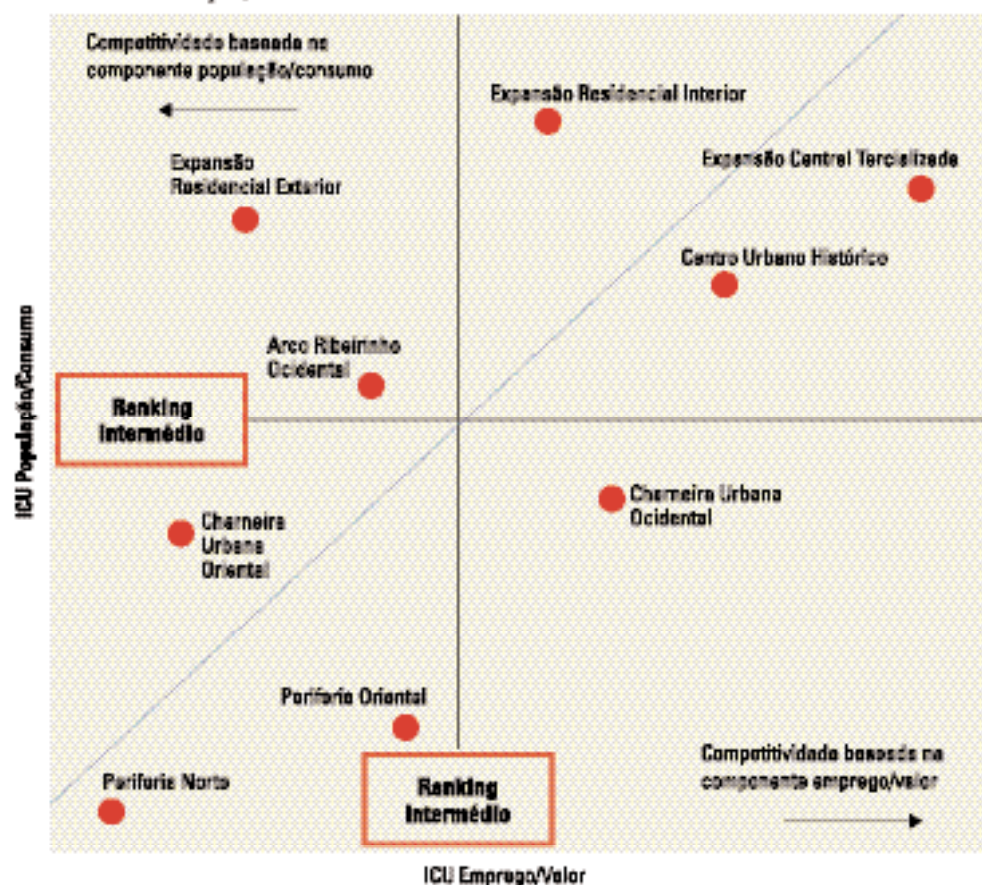


FIGURA 3.45 Componentes da competitividade urbana global na cidade de Lisboa: emprego/valor vs. população/consumo

GRANDES ZONAS DE AGLOMERAÇÃO, ÓPTICA DOS RANKINGS



ZONAS DETALHADAS DE AGLOMERAÇÃO, ÓPTICA DOS RANKINGS

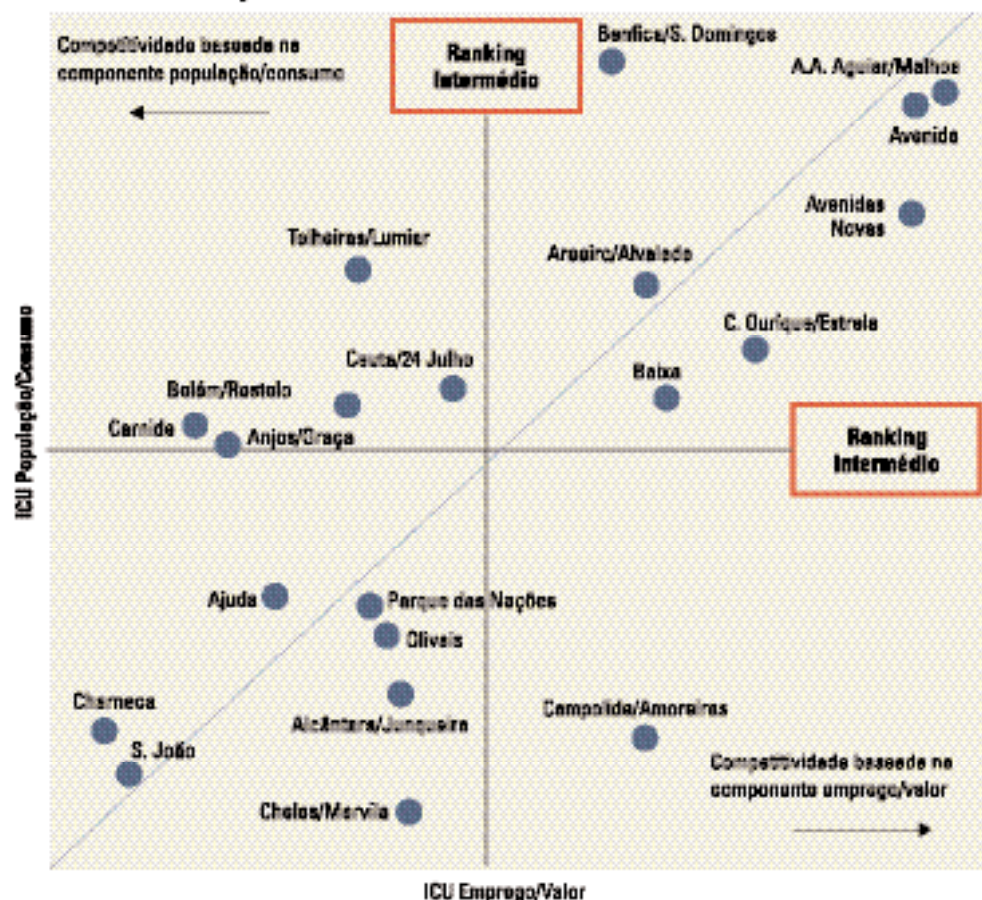
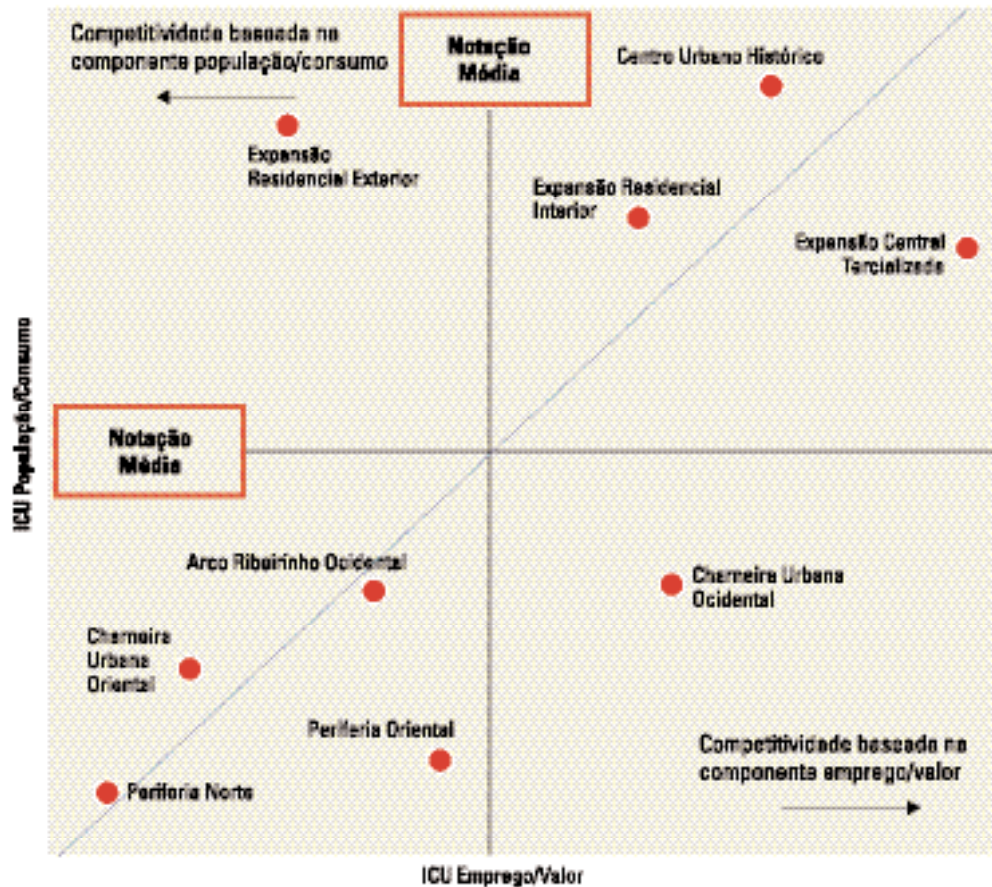


FIGURA 3.46 Componentes da competitividade urbana global na cidade de Lisboa: emprego/valor vs. população/consumo

GRANDES ZONAS DE AGLOMERAÇÃO, ÓPTICA DAS DISTÂNCIAS



ZONAS DETALHADAS DE AGLOMERAÇÃO, ÓPTICA DAS DISTÂNCIAS

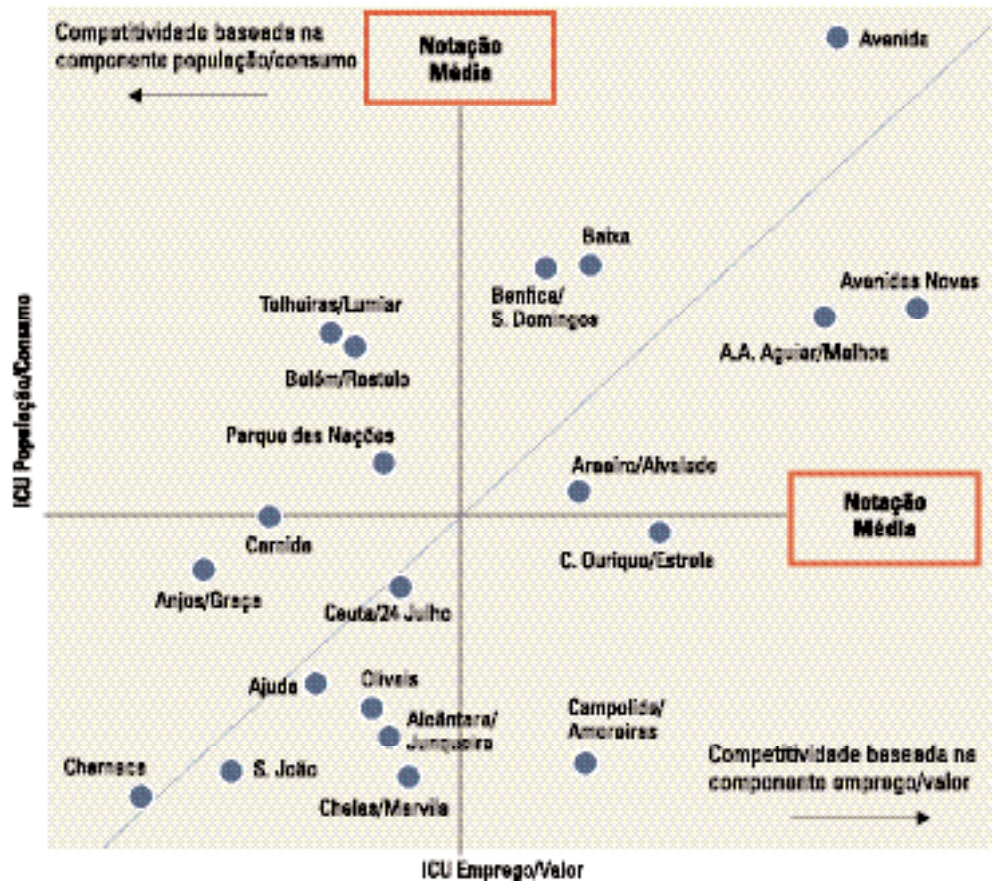


FIGURA 3.47

Performance nos indicadores de base na cidade de Lisboa:
comportamento das zonas de aglomeração terciarizadas

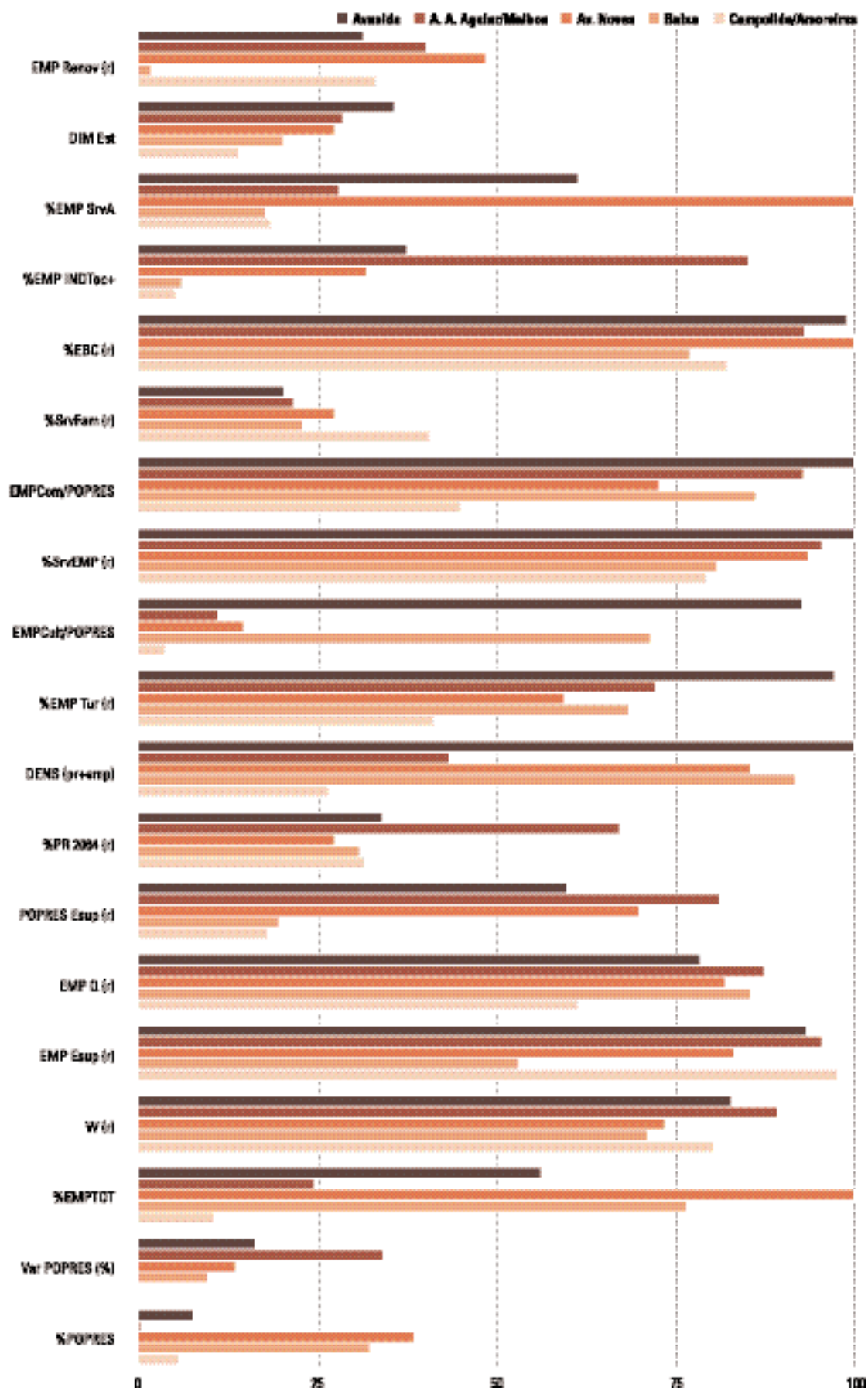


FIGURA 3.48

Performance nos indicadores de base na cidade de Lisboa:
comportamento das zonas de aglomeração residenciais

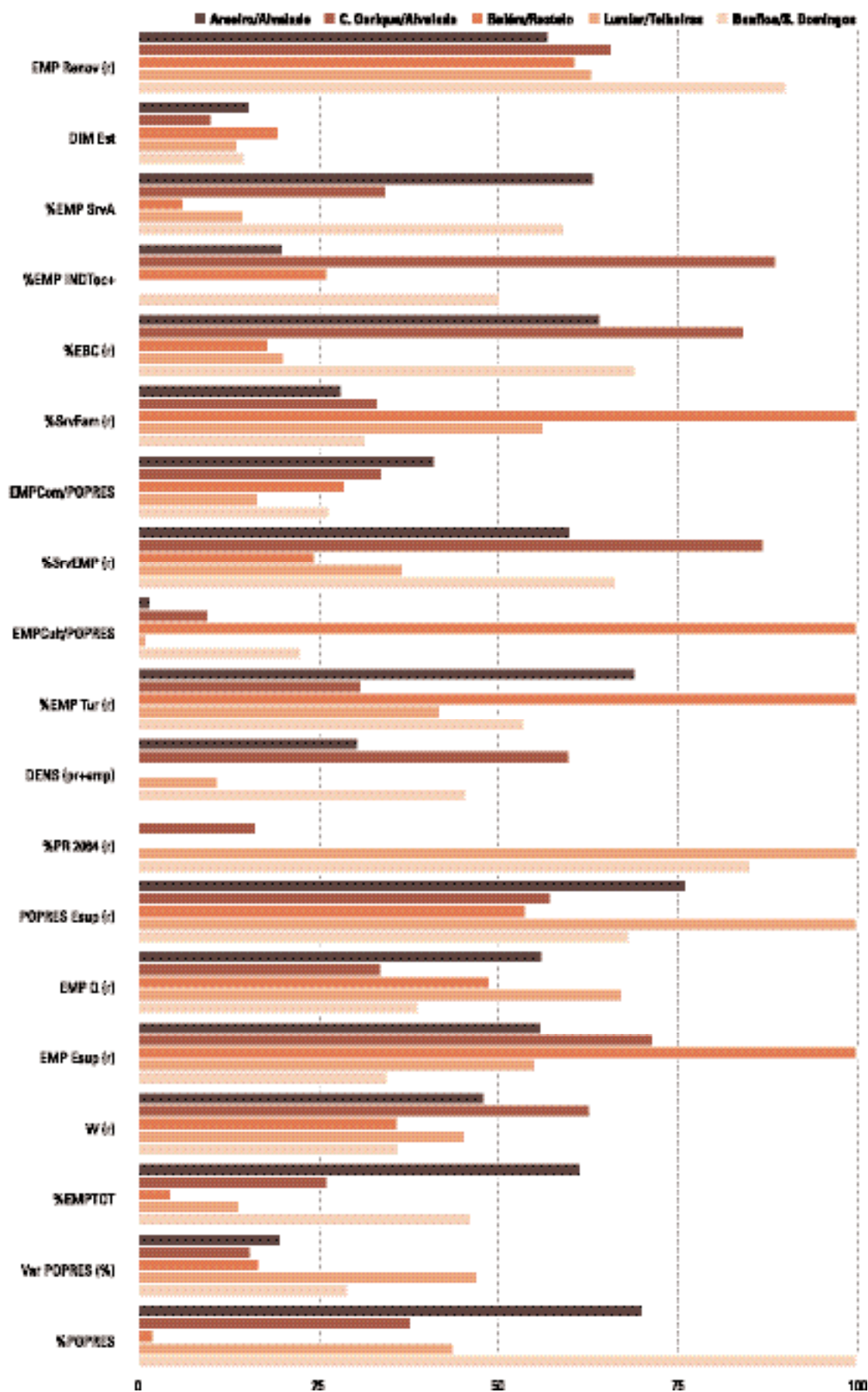


FIGURA 3.49

Performance nos indicadores de base na cidade de Lisboa:
comportamento das zonas de aglomeração das “charneiras” e “vales”

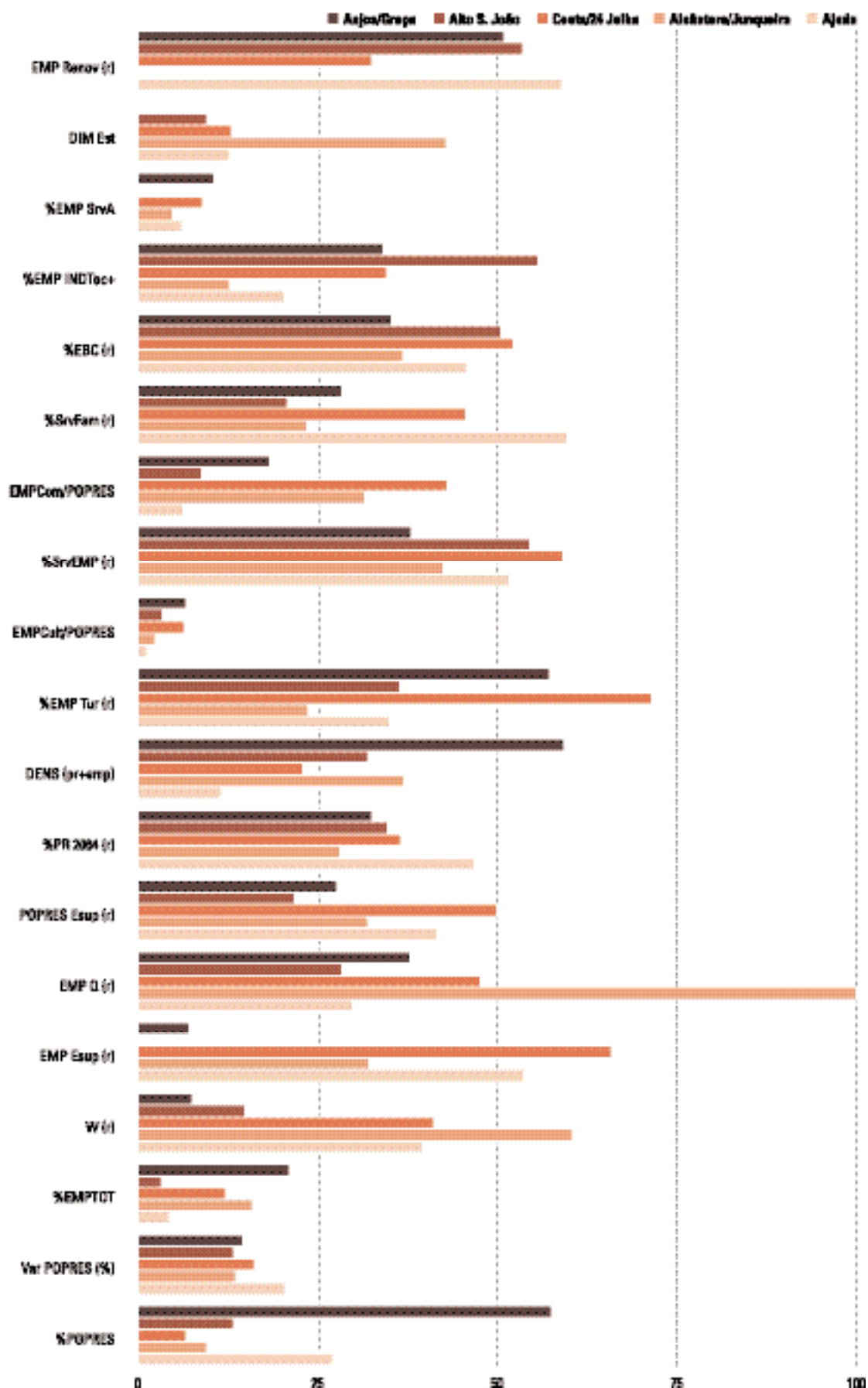
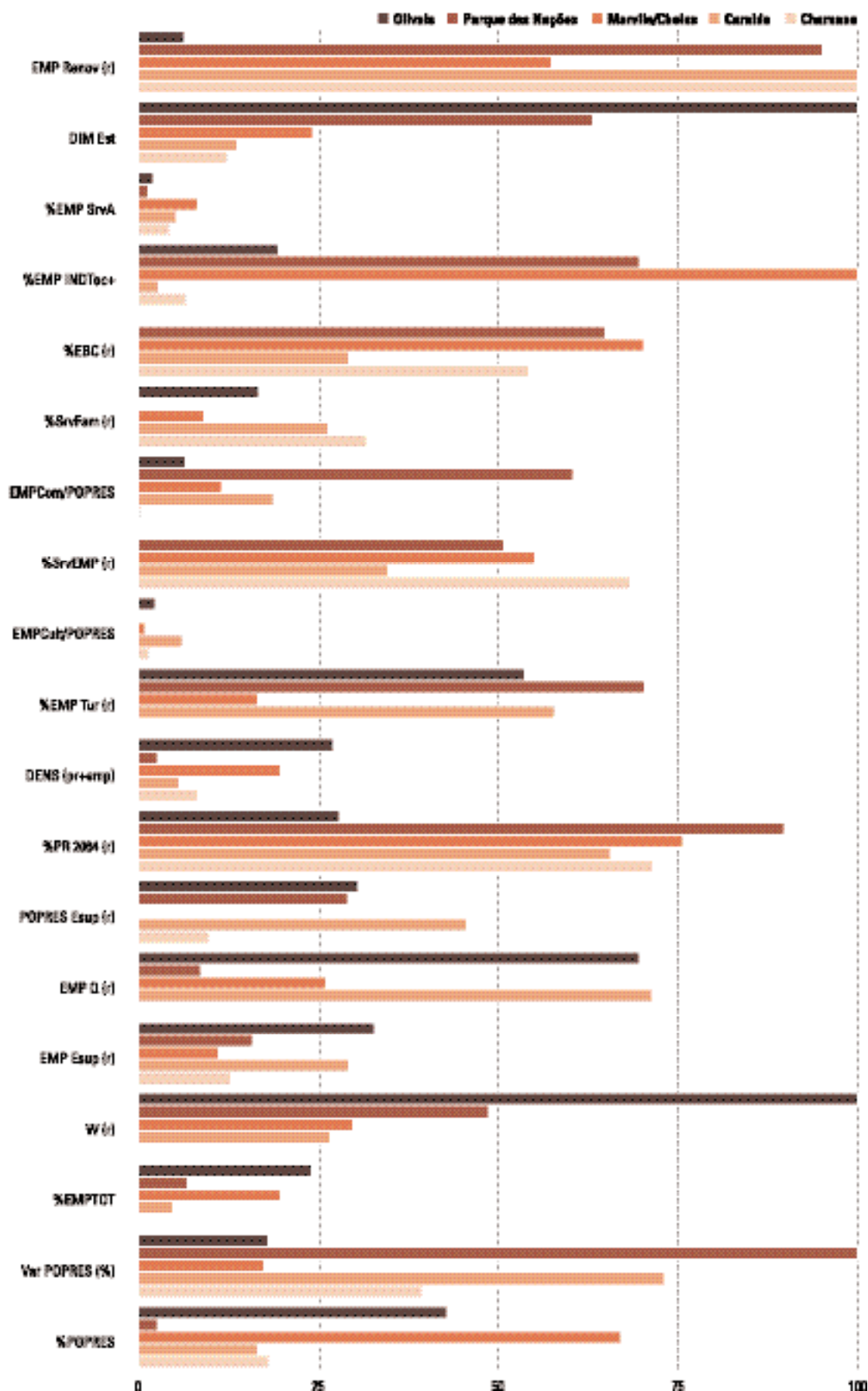


FIGURA 3.50

Performance nos indicadores de base na cidade de Lisboa:
comportamento das zonas de aglomeração das periferias



4

**a necessária renovação da
competitividade urbana da cidade de
Lisboa: conclusões e recomendações**

a necessária renovação da competitividade urbana da cidade de Lisboa: conclusões e recomendações

As grandes conclusões do presente estudo sobre a competitividade urbana da cidade de Lisboa foram organizadas sob a forma da compreensão e explicitação das dinâmicas de evolução e transformação em curso, focalizadas nas respectivas consequências no espaço físico da cidade, mas articuladas com o quadro regional, nacional, europeu e internacional.

O objectivo foi o de tentar permitir a formação de uma visão rigorosa e complexa sobre essas dinâmicas, susceptível de fundamentar uma avaliação

sobre os seus défices e excessos, sobre os seus impactos e externalidades positivas e negativas, sobre os seus equilíbrios e desequilíbrios, sobre as suas limitações e potencialidades, procurando, ao mesmo tempo, mostrar que, num quadro de globalização dos mercados, a competitividade urbana das cidades, em particular dos pólos com funções políticas, económicas e sociais mais vastas e completas, depende, de forma decisiva, da eficiência colectiva, isto é, de um ambiente não só qualificado, mas também muito flexível e adaptável para acolher novas iniciativas de criação de riqueza e de construção de *habitats* valorizados.

O enquadramento da análise da competitividade urbana da cidade de Lisboa permitiu estabelecer com bastante clareza a necessidade imperiosa e urgente de construir um **visão inovadora e renovadora das bases da competitividade da cidade**, isto é, da sua capacidade de atrair e valorizar empresas, pessoas, capitais, informação, conhecimento, bens e serviços.

Esta visão pode (e deve) ser construída com base no grande referencial da Estratégia de Lisboa²² no quadro da União Europeia, isto é, com uma actividade económica baseada no conhecimento, com uma coesão social baseada na renovação profunda do modelo social vigente, com competências desenvolvidas em pessoas envolvidas em modelos de aprendizagem ao longo da vida e com instituições de governação da cidade baseadas em formas rápidas de decisão e coordenação flexível envolvendo o público e o privado.

O enquadramento da análise da competitividade urbana da cidade de Lisboa permitiu estabelecer, também, com bastante clareza, os objectivos exigentes da sua **afirmação internacional, europeia e ibérica**. A renovação da base competitiva da cidade não pode ser feita por referência à simples correcção

QUADRO 4.1

Relação entre residentes e não residentes ao nível do emprego

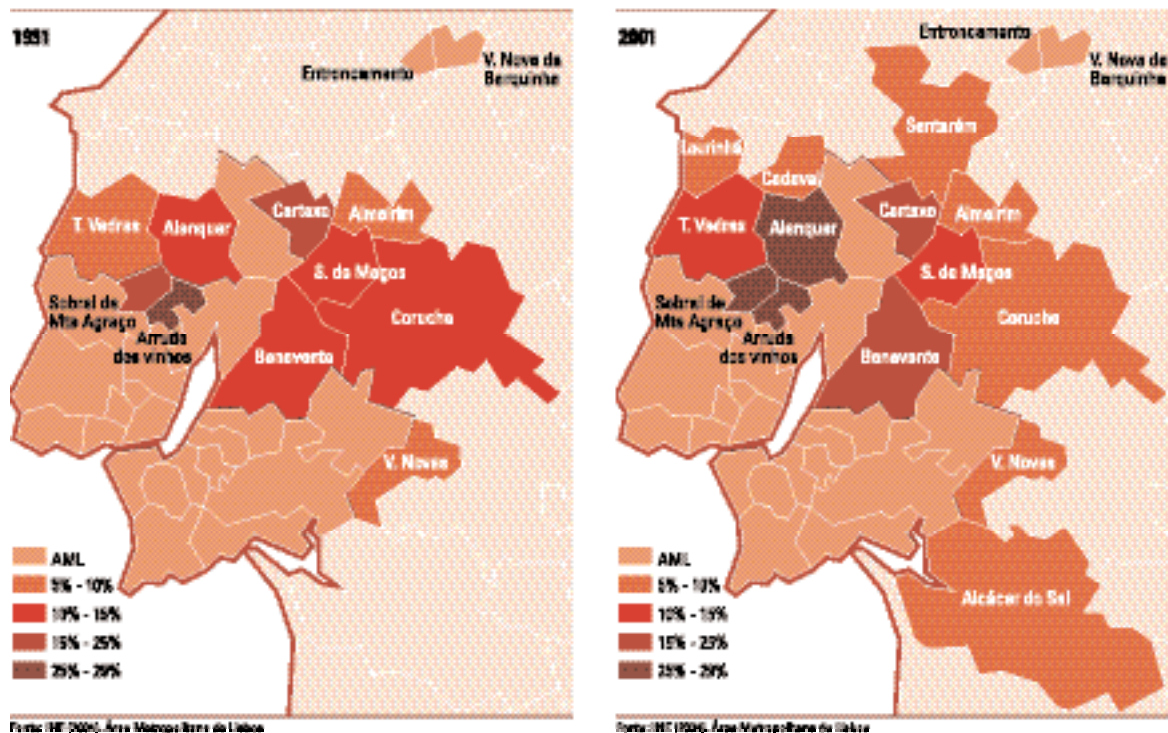
CIDADE DE LISBOA	1991	2001
Residentes na cidade com emprego	272 952	225 509
Empregados na cidade	557 271	517 629
Empregados e residentes na cidade	244 520	192 556
Empregados na cidade e residentes fora da cidade	312 751	325 063
Residentes na cidade com emprego fora da cidade	28 432	33 043
(1) Peso relativo dos residentes no emprego da cidade	43,9%	37,2%
(2) Peso relativo dos residentes com empregos fora da cidade	10,4%	14,6%
(3) Relação Empregados/Residentes com emprego	2,042	2,294

Fonte: INE (2004), "Área Metropolitana de Lisboa"

²² Esta feliz coincidência pode e deve ser, também utilizada em termos do imprescindível esforço de marketing internacional que a deve acompanhar.

FIGURA 4.1

Extensão da Área Metropolitana de Lisboa:
polarização exercida pelo trabalho ou pelo estudo



dos erros ou insuficiências do passado, na medida em que o alargamento e aprofundamento da União Europeia lhe impõem um quadro concorrencial especialmente difícil e apertado.

A análise da competitividade urbana no plano nacional permitiu estabelecer, pelo seu lado, a possibilidade e a vantagem de uma **substancial diferenciação da estratégia de desenvolvimento para a região de Lisboa**, nomeadamente no seu contexto de região a caminho de um nível de vida superior ao da média da União Europeia, face às estratégias de desenvolvimento das restantes regiões nacionais, ainda enquadráveis nas políticas regionais europeias polarizadas pela coesão e pela convergência (objectivo 1).

A posição ocupada pela cidade de Lisboa no *ranking* nacional permitiu, com efeito, mostrar que é possível encarar e construir um **novo modelo de relacionamento entre a cidade capital e o país**, capaz de suportar processos efectivos de desconcentração e descentralização das funções administrativas e capaz de fomentar novos padrões de equidade entre os cidadãos e as empresas, sem diminuir a capacidade de afirmação externa da cidade de Lisboa. Este modelo articula-se, aliás, perfeitamente com a agenda que se parece estar a esboçar ao nível da Comissão Europeia em termos de um novo equilíbrio entre competitividade e coesão na formulação da políticas estruturais para o próximo ciclo de programação financeira.

A análise da competitividade urbana na área metropolitana de Lisboa evidenciou também, com clareza, o desenvolvimento de um processo relevante de extensão e densificação que se caracteriza, no plano espacial, pela manutenção de uma relativa preponderância da margem norte, e no plano competitivo, pelo aprofundamento do papel estratégico global exercido pela **cidade de Lisboa como grande pólo de atracção e concentração da actividade económica e do emprego** que, embora se situe crescentemente no plano das funções qualitativas desempenhadas, não deixa de permitir a antevisão da possibilidade de novo crescimento quantitativo, limitado e controlado, mas efectivo.

As seis “cidades” da competitividade urbana de Lisboa

A formação das lideranças e das hierarquias em matéria de competitividade urbana obedece, numa cidade capital de história longa, que polariza uma grande área metropolitana com mais de três milhões de habitantes, a uma articulação complexa de seis processos principais de desenvolvimento económico e social dotados de lógicas espaciais específicas (de aglomeração, mobilidade, especialização, extensão, dispersão ou formação de redes), isto é:



- O processo de terciarização, associado à criação de riqueza e de valor, com a expansão da **“cidade empresarial”** suportado pela localização dos principais centros de decisão empresarial (na esfera “financeira” e na esfera “real”) em articulação com a localização dos serviços às empresas e com o acesso às grandes infra-estruturas de suporte das actividades empresariais;
- O processo de reestruturação da **“cidade logística”**, suportado pela configuração das redes de transportes de passageiros e mercadorias e pela localização dos seus principais nós (aeroporto, instalações portuárias, estações de caminho de ferro, centrais de recolha e manutenção de transportes urbanos colectivos – autocarros, eléctricos, metropolitano – e centros ou terminais de transportes rodoviários), pela localização das principais centrais, equipamentos e infra-estruturas associadas às *utilities* (energia, gás, água, saneamento, recolha e tratamento do lixo e resíduos) e pela localização dos grandes mercados abastecedores, associados em especial à grande cadeia alimentar; e moldado por uma busca permanente, mais activa ou mais passiva, mais planeada ou mais improvisada, mais “preventiva” ou mais “curativa”, de soluções optimizadas de custo e mobilidade;
- O processo de consolidação da **“cidade do conhecimento”**, suportado, no essencial, pela localização dos estabelecimentos de ensino superior e politécnico, centros de investigação, grandes laboratórios, centros tecnológicos e grandes infra-estruturas de suporte à difusão do conhecimento e de manutenção do acervo documental (bibliotecas centrais), nomeadamente, em articulação com dinâmicas concorrenciais, nacionais e internacionais, de atracção de “estudantes” (onde as condições globais de acesso, instalação e frequência se tornam muito relevantes) e de ligação ao tecido empresarial, e moldado pela progressiva afirmação do paradigma da “aprendizagem ao longo da vida” (refrescamento, reciclagem, intensificação das actividades de pós-graduação) e da diferenciação dos modelos de gestão e investimento (públicos e privados).²³
- O processo de expansão da **“cidade residencial”** suportado pela passagem de testemunho do modelo do arrendamento (nos bairros históricos e na expansão “interior”) para o modelo do ocupante proprietário com base no crédito hipotecário (na expansão “exterior”) e moldado pela maior ou menor densificação dos serviços às famílias, das actividades de serviços às famílias, de comércio especializado de proximidade

²³ Embora no presente estudo o emprego público não seja objecto de tratamento específico, por manifesta impossibilidade de suprir as insuficiências de informação, este processo é, de algum modo, apenas apreendido em termos indirectos, através dos efeitos produzidos sobre as restantes actividades económicas.

24 O não tratamento específico do emprego público limita, também aqui, o alcance completo do presente estudo.

25 A reconstrução pombalina na segunda metade do século XVIII (Baixa e Passeio Público), a abertura ao país, com a política de industrialização suportada por infra-estruturas do “Fontismo”, beneficiando da construção das redes de estradas e de caminhos de ferro (Estações do Rossio e de Santa Apolónia), na segunda metade do século XIX, a configuração do grande eixo central (Rotunda, Saldanha, Campo Pequeno) e das “Avenidas Novas” sob o impulso dos projectos de Ressano Garcia inspirados na Paris de Haussmann, na viragem para o século XX, o redimensionamento global da cidade operado pelos planos de urbanização de Duarte Pacheco, que incluem as vias circulares estruturantes e as novas “ligações” da cidade (auto-estrada, projectos da travessia do Tejo e do aeroporto), e que moldaram a expansão da cidade pelo eixo Almirante Reis/Gago Coutinho (Alameda, Areeiro, Alvalade, Olivais), a construção das pontes sobre o Tejo nos anos 60 e nos anos 90, bem como a grande operação de reestruturação urbana da Expo-98, constituem, talvez, os momentos históricos com influência mais relevante na configuração actual da cidade.

26 A cidade de Lisboa enfrentou, como se sabe, o processo de terciarização, acelerado, a partir dos anos 60, com a abertura comercial externa, a democratização, a generalização da “sociedade de consumo” e a integração europeia, sem conhecer projectos significativos de expansão territorial interna (a Expo-98 constitui a excepção que confirma a regra).



dade ou associadas às formas mais modernas da grande distribuição ou dos centros comerciais;

- O processo de terciarização, associado ao consumo, com a expansão da **“cidade da cultura, turismo e lazer”**, suportado pela localização dos principais marcos patrimoniais, recintos de espectáculos, equipamentos museológicos, espaços de lazer e novos centros comerciais em articulação com a localização de equipamentos e serviços associados ao turismo (alojamento e restauração, nomeadamente) e de centros de formação e exercício das competências e profissões associadas à produção de conteúdos, às artes e à recuperação do património, nomeadamente, e moldado, em boa medida, pela interpenetração dos respectivos ciclos de vida (inovação, amadurecimento, declínio, ressurgimento);
- O processo de expansão e reestruturação da **“cidade administrativa”**, suportado pela (re)localização dos principais centros de decisão pública e serviços da administração central, da segurança social, da administração da justiça, das forças armadas e das agências públicas e moldado, na fase mais recente, por uma complexa teia de decisões de carácter patrimonial, com fortes implicações na localização dos serviços, que acomodaram, primeiro, a expansão do emprego na administração pública até ao final dos anos 90 e, depois, as restrições financeiras da consolidação orçamental em curso.²⁴ Numa

cidade capital, a cidade administrativa envolve ainda com uma dimensão relevante, no contexto das relações internacionais, a “cidade das embaixadas” mais ou menos articulada com as cidades empresarial e cultural;

A formação das lideranças e das hierarquias em matéria de competitividade urbana na cidade de Lisboa exprime, assim, uma espécie de “articulação sedimentar” de vários momentos históricos²⁵ de articulação da construção e expansão das seis “cidades” atrás identificadas. A ideia da “articulação sedimentar” corresponde a processos de sucessiva justaposição, no mesmo espaço, de lógicas de construção da cidade que vão apagando e anulando, parcialmente, as lógicas anteriores, por oposição a processos de articulação mais complexa e equilibrada, nas zonas mais antigas, sofrendo uma menor pressão urbanística, pela sucessivo acesso da cidade a novas zonas de expansão.²⁶

As características da configuração actual da distribuição das actividades económicas na cidade de Lisboa reflectem, assim, todo esse complexo processo histórico, sendo útil destacar os seguintes aspectos:

- (i) a **“cidade empresarial”**, que já teve uma expressão bem individualizada de cidade industrial, cidade comercial e cidade financeira, tende, actualmente, para uma configuração de *cidade de serviços*, revelando, ao mesmo tempo a crescente relevância e o papel renovado dos serviços às empresas na competitividade urbana. Neste quadro importa salientar:



- A progressiva interpenetração da integração em profundidade das relações económicas internacionais (aproximada pela noção de “globalização”) com a generalização da utilização das tecnologias de informação e comunicação (aproximada pela noção de “sociedade da informação”) transformou, com efeito, as cidades em espaços privilegiados para a localização dos *serviços às empresas* mais intensivos em informação, gerando, numa era “pós-industrial”, isto é, numa era onde os factores materiais se organizam muitas vezes em processos dominados pelos factores imateriais, uma rápida intensificação do sector dos serviços na estrutura económica em todas as cidades inseridas, em maior ou menor grau, nas grandes redes mundiais de produção e distribuição.

- A *actividade industrial*, ainda muito relevante nos anos 80, tem vindo a desaparecer progressivamente, seja em consequência das profundas alterações tecnológicas, seja em função da lenta imposição de um novo paradigma de sustentabilidade ambiental, ou ainda em função de processos de relocalização orientados por motivações de optimização de custos e/ou de exploração de economias de escala. Os locais industriais das cidade, sejam os mais “pesados”, situados a ocidente e oriente na proximidade da infra-estruturas portuárias (Alcântara, Xabregas, Beato, Marvila, Infante D. Henrique, Cabo Ruivo, nomeadamente), sejam os mais “leves”, situados na proximidade

de da residência dos trabalhadores (dos pátios e vilas do princípio do século XX na charneira oriental, aos eixos da Almirante Reis ou da Estrada de Benfica, nomeadamente) conheceram, desse modo, nos últimos vinte anos um expressivo “esvaziamento” sem que a cidade tenha, no entanto, e de um modo geral, perdido relevância nas funções, a montante e a jusante, de uma produção industrial desenvolvida externamente (na área metropolitana ou fora dela);

- A *actividade comercial*, duradouramente polarizada pela forte referência central do espaço “Baixa-Chiado”, alargada em mancha, nomeadamente através do eixo Almirante Reis/Praça do Chile, e moldada por uma gestão do tempo de consumo (“semana inglesa”, horário 9.30-13/14-19) progressivamente contraditória com os contornos do quotidiano actual nas grandes metrópoles, sofreu, também, nas duas últimas décadas uma profunda alteração.

A cidade comercial, sob o impulso da modernização da grande distribuição (retalho alimentar, misto e especializado) e do investimento imobiliário (centros comerciais portadores de uma nova capacidade de gestão e redistribuição de externalidades com base na renda diferenciada indutora de maior racionalidade e flexibilidade na organização dos “locais” comerciais), encaminha-se, crescentemente, para uma configuração policêntrica, seja ela materializada no espaço interno à

própria cidade (os “novos” grandes centros comerciais nas Amoreiras, Carnide, António Augusto Aguiar, Olivais e Parque das Nações, exprimem-no), seja ela materializada no espaço da área metropolitana (onde os mais recentes exemplos se podem encontrar no Montijo, Almada e Odivelas), desenvolvida com base numa nova gestão do tempo de consumo (semana 7/7, horário 10-24) mais adaptada ao “tempo livre”;

- A *actividade financeira*, que sempre ocupou a Baixa como seu local privilegiado, tem sofrido mais recentemente uma importante relocalização com a saída da bolsa de valores, a saída de serviços de gestão de informação (Grupo BCP no TagusParque, em Oeiras) ou o surgimento de novos centros na António Augusto Aguiar/Malhoa (Grupo Totta, BNC, BPN) ou nas Avenidas Novas (Grupo CGD) através de processos que parecem corresponder quer a formas de racionalização e concentração na sequência de uma forte dinâmica de crescimentos com evidentes contornos fragmentários, quer a novas formas de articulação da cidade financeira com a cidade dos serviços avançados às empresas (acesso à informação e ao conhecimento);

(ii) a “**cidade logística**” tem vindo a retirar-se, embora de forma desigual, para localizações menos centrais, fora da cidade mas, de um modo geral, no seio da área metropolitana, acompanhando as tendências conhecidas e experimentadas no plano mundial que se aceleraram com a integração europeia e a nova disponibilidade de investimento público em infra-estruturas pesadas, aberta pela utilização dos fundos estruturais (FEDER e Fundo de Coesão).

Os principais sinais deste importante processo, impulsionado pela construção, nos últimos 20 anos, de uma significativa rede viária nacional e metropolitana (que veio, também, reforçar drasticamente o peso do modo rodoviário nos transportes e do modo privado sobre o modo colectivo nos transportes de passageiros – ver Figura 4.2 e Figura 4.3), são:

- O movimento de longo prazo da **saída das instalações civis** (refinarias de petróleo para Sines, depósitos de gás e combustíveis para Aveiras e centrais eléctricas para o Carregado, Setúbal e Sines, nomeadamente) e **militares** (fábricas e depósitos de armamento) **mais**

“**pesadas**” para fora do espaço da cidade, libertando, em especial, a zona ribeirinha oriental;

- A **reorganização e concentração dos mercados abastecedores**, na viragem para o século XXI, num novo pólo em Loures (MARL), libertando áreas relativamente vastas (24 Julho, Avenida das Forças Armadas, Pedrouços, nomeadamente);
- A criação de um relevante pólo de aglomeração de **unidades da grande distribuição** alimentar, mista e especializada num nó de confluência dos concelhos de Lisboa, Oeiras e Amadora (Alfragide), com reflexos relevantes na relocalização dos espaços de consumo e do emprego no comércio retalhista;
- A **geração descoordenada**, mas efectiva, de **uma coroa logística** da cidade de Lisboa, e da sua área metropolitana, no eixo Alenquer-Carregado-Azambuja, que não só ganhou expressão interessante como, sobretudo, contribuiu para dar à cidade logística uma dimensão metropolitana mais vasta.

FIGURA 4.2

Estruturação da Área Metropolitana de Lisboa com base nas redes rodoviária e ferroviária

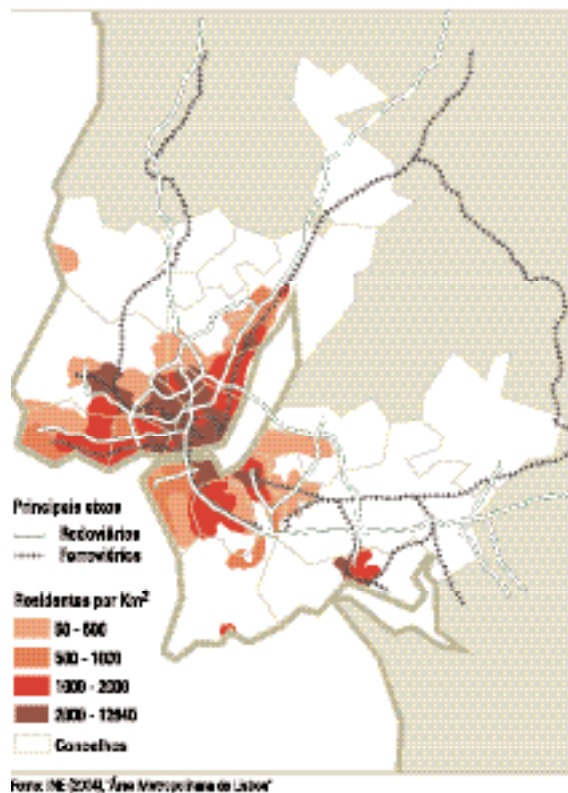
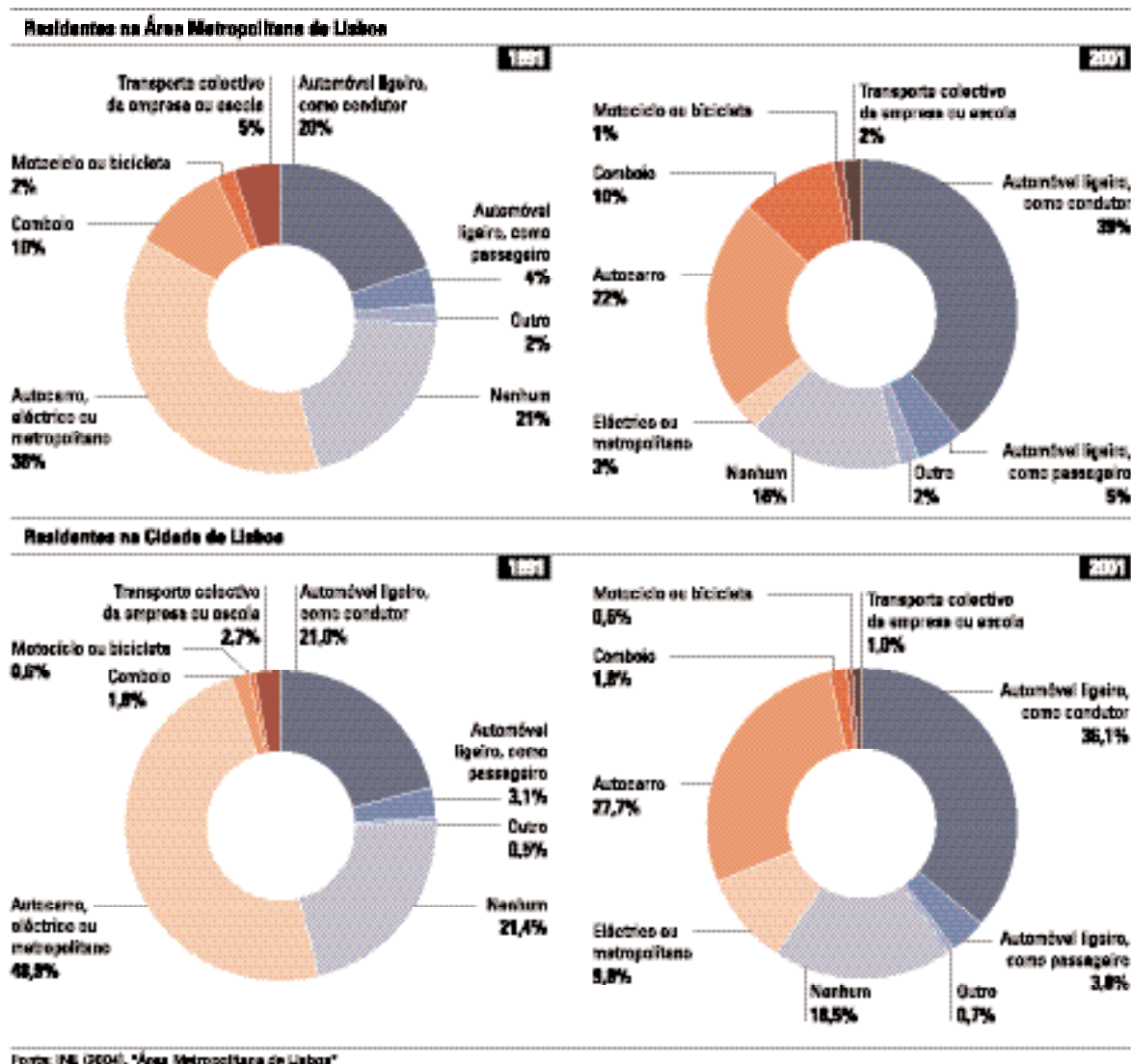


FIGURA 4.3

Principais modos de transporte utilizados por activos empregados ou estudantes no âmbito dos respectivos movimentos pendulares



(iii) a “cidade do conhecimento” conheceu nas duas últimas décadas um processo de consolidação e extensão, beneficiando dos fundos estruturais europeus para a construção de modernas infra-estruturas físicas e da participação nos programas-quadro de Investigação da União Europeia, para se incorporar nas redes internacionais. A afirmação e renovação das universidades públicas (a Universidade de Lisboa concentrada na zona do Campo Grande e as Universidades Técnica e Nova mais disseminadas pela cidade, e mesmo pela área metropolitana) em articulação com o desenvolvimento das universidades privadas, novas e “velha” (Universidade Católica), e das estruturas do ensino superior politécnico vieram, deste modo, conferir à cidade de Lisboa uma

relevância acrescida em matéria de ensino, investigação e difusão do conhecimento.

A consequência deste reforço de capacidade produziu, também, um reforço do peso relativo da procura dos estabelecimentos de ensino da cidade por não residentes, nomeadamente ao nível do ensino superior (veja-se o Quadro 4.2), que constitui uma tendência com largo espaço de afirmação no futuro desde que exista suficiente qualidade e competitividade.

A evolução da “cidade do conhecimento” em termos espaciais consolidou um grande pólo numa extensa área, entre as zonas residenciais de Benfica e Alvalade, onde se incluem, por exemplo, a Universidade Católica, a Universidade de Lisboa, o Estádio Universitário, a Biblioteca Nacional, a Torre do Tombo, a Universidade Lusófona, o

QUADRO 4.2
Reforço da procura “externa” nos estabelecimentos de ensino da cidade de Lisboa

CIDADE DE LISBOA	1991	2001
PESO RELATIVO DA PROCURA DE RESIDENTES NOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO		
(1) Ao nível global	53,7%	42,3%
(2) Ao nível do ensino superior (graduação)		30,4%
(3) Ao nível do ensino superior (pós-graduação)		40,7%
RELAÇÃO ENTRE ESTUDANTES E ESTUDANTES RESIDENTES		
(4) Ao nível global	1,801	2,232
(5) Ao nível do ensino superior		3,289

Fonte: INE (2004), “Área Metropolitana de Lisboa”

Conselho Nacional da Educação e o “Parque da Saúde”, e viu nascer um novo pólo igualmente extenso, da Universidade Técnica, na confluência da Tapada da Ajuda com o parque de Monsanto, que também se “espraiou” um pouco por toda a cidade, tal como outras infra-estruturas envolvidas em actividades de C&T e de I&D (como, po exemplo, os laboratórios do Estado);

(iv) a “**cidade residencial**”, “empurrada” pela expansão central da cidade empresarial, cresceu em dois grandes ciclos depois da transição democrática, isto é, um primeiro ciclo polarizado pela promoção pública e pela lógica social do direito à habitação (uma grande “**cidade da habitação social**” ergueu-se então, literalmente, muito em especial na periferia oriental, sobre uma “**cidade das barracas**” que, apesar de ter alcançado uma expressão relevante nos anos 60 e 70, com cerca de 60 mil pessoas, se encontra, actualmente, quase extinta na sequência dos processos de realojamento viabilizados pela expansão da habitação social), seguido de um segundo ciclo polarizado pela promoção privada e pela lógica do crédito hipotecário, tornado acessível pelos juros baixos viabilizados pela integração europeia e pela moeda comum (a “**cidade de ocupantes proprietários endividados**”).

A cidade residencial tem conhecido, também, embora com uma expressão muito menos significativa, algumas dinâmicas que podem ser associadas quer à renovação demográfica dos bairros residenciais tradicionais, quer a modelos de reabilitação e recuperação de edifícios nas zonas históricas, isto é, ao surgimento de sinais de aceleração da interpenetração de diferentes “ciclos de vida” na evolução histórica dos bairros.

A cidade residencial conheceu, assim, em termos espaciais, uma expansão relevante para norte e para oriente, já que ambos os ciclos significaram, no essencial, a ocupação de zonas “vagas” ou tornadas vagas pela eliminação das barracas (Carnide, Lumiar, Charneca e Marvila, nomeadamente);

(v) a “**cidade do lazer**” tem vindo, finalmente, a ocupar progressivamente os espaços abandonados pelo declínio da cidade industrial e pela realocização da cidade logística, ilustrando formas de renovação urbana (os “velhos” espaços da frente ribeirinha, o Bairro Alto e os “novos” espaços do Parque das Nações constituem os melhores exemplos) que, no entanto, não revelaram ainda suficiente planeamento, articulação e dimensão para conferirem à cidade a “massa crítica” necessária para uma integração mais forte com as dinâmicas turísticas e culturais.

A evolução da cidade do lazer traduz, também, uma complexa configuração do desenvolvimento dos **ciclos de vida dos grandes modelos de espectáculo, divertimento e ocupação dos tempos livres**, sob o impacto da progressiva difusão da televisão, primeiro, dos produtos e serviços multimédia alimentados pelas tecnologias digitais, pelas telecomunicações e pela internet, depois, que vieram criar tendências fortíssimas de **individualização e consumo doméstico**.

A evolução da cidade do lazer traduz, finalmente, bem como uma progressiva implantação dos ritmos urbanos contínuos (24/24) onde a “**noite**” se tem vindo a afirmar, em especial nos últimos 10/15 anos, como uma importante nova fronteira de actividade económica e criação de empregos.

A evolução da cidade do lazer comportou, neste quadro, o desenvolvimento de lentos fenómenos



de decadência e desaparecimento (como a crise do Parque Mayer e da Feira Popular) e de lentos fenómenos de renovação limitada (como o Jardim Zoológico) que exprimem uma insuficiente atenção da cidade, no seu conjunto, à relevância actual das actividades associadas ao lazer nas dinâmicas competitivas das cidades modernas.

A **cidade turística**, nomeadamente na sua componente hoteleira, acompanhou, no essencial, o desenvolvimento da cidade dos serviços, muito embora tenha sofrido uma recente evolução bastante positiva, seja com a consolidação da especialização no turismo de eventos e congressos, seja com a entrada na rota dos cruzeiros marítimos (embora ainda não possua todas as infra-estruturas de recepção necessárias); enquanto a **cidade cultural**, menos móvel pela sua articulação decisiva com o património histórico, não conheceu transformações significativas, no plano espacial, para além da consolidação do pólo de Belém, com a construção do grande equipamento do Centro Cultural no início dos anos 90.

A articulação na cidade das actividades do lazer, do turismo e da cultura, embora tenha conhecido, na fase mais recente de desenvolvimento, um significativo processo de crescimento e qualificação fizeram-no, no entanto, fora de um quadro global suficientemente articulado para permitir, a

cada uma delas, aproveitar e potenciar os factores competitivos desenvolvidos pelas outras duas.

(vi) a **“cidade administrativa”** permanece muito relevante em Lisboa, quer em termos de emprego, quer em termos de efeitos de arrastamento sobre outras actividades, ou ainda em termos de edifícios e de ocupação do espaço da cidade. Embora não sendo objecto de abordagem específica no presente estudo, a “cidade administrativa” obriga a reflectir sobre os contornos da sua evolução mais recente e sobre o seu papel na renovação da competitividade urbana da cidade. A cidade administrativa de Lisboa reflecte, em primeiro lugar, um processo de crescimento não sustentável, traduzido na difícil situação orçamental do país, e que corresponde, no essencial, a uma administração pública pesada, insuficientemente qualificada, insuficientemente modernizada, pouco eficiente e pouco orientada para a produção de “valor” e de “serviços” para os cidadãos.

A cidade administrativa de Lisboa reflecte, em segundo lugar, um processo de excessiva centralização de serviços e decisões, traduzido numa deficiente articulação entre os níveis central, regional e local da administração pública. A ocupação do espaço da cidade ora



reflecte excessiva concentração (na cidade e dentro da cidade), ora reflecte excessiva dispersão, tal como os modelos de organização e gestão dos recursos ora reflectem uma insuficiente disseminação de estruturas de *front-office*, ora reflectem uma insuficiente concentração de estruturas inteligentes e eficientes de *back-office*.

A conclusão, fácil de retirar, mas difícil de aceitar, é a da inexistência de uma estratégia minimamente definida de (re)localização dos espaços da cidade administrativa em Lisboa, seja em si, seja em função das suas articulações com as outras funções e actividades, ou, finalmente, em função de uma adequada clarificação e articulação das funções administrativas centrais, regionais, metropolitanas e locais que se misturam na cidade de Lisboa.

A prossecução dos esforços de consolidação orçamental orientados por uma prioridade forte atribuída aos critérios de eficiência, bem como o efectivo aproveitamento das oportunidades abertas pelas tecnologias da informação e comunicação em matéria de *e-government*, podem, no entanto, alavancar uma redefinição do papel, da organização e da distribuição espacial dos diferentes locais da “cidade administrativa” em Lisboa que ajude, nomeadamente, a favorecer o desenvolvimento de formas de policentrismo com utilidade para a promoção dos níveis de coesão e racionalização internos

da cidade (uma administração pública eficiente tende, com efeito, a partilhar com as actividades económicas competitivas quer as infraestruturas avançadas de informação, tecnologia e conhecimento, quer o acesso a recursos humanos mais educados e qualificados).

As principais recomendações para a renovação da competitividade urbana de Lisboa

Analisadas as dinâmicas e as características da configuração da competitividade urbana da (e na) cidade de Lisboa, importa agora formular um conjunto de recomendações que possam ser úteis, sem se substituírem à esfera própria do processo democrático, político e institucional, de decisão. Elaboraram-se estas decisões tendo em conta o objectivo de, nesta vertente parcial, suportar a (re)formulação das grandes regras de ordenamento urbanístico da cidade, isto é, de orientar e apoiar as decisões relativas à articulação entre políticas “preventivas” e “curativas”, à articulação entre critérios de estímulo e critérios de restrição, à articulação entre diversidade e adaptabilidade e à articulação entre flexibilidade e rigidez.

As recomendações que a seguir se formulam partem das grandes conclusões do presente estudo que, no plano estratégico, se podem condensar sistematizar em torno de três ideias e desafios fundamentais:



1 a renovação das bases competitivas da cidade de Lisboa é absolutamente necessária e deve ser prosseguida através de um duplo corte com alguma tradição da formulação estratégica no nosso país, isto é, deve ser prosseguida com base num modelo de **actividades económicas com futuro** (a competitividade urbana de Lisboa obriga a uma efectiva e prática adopção dos paradigmas exigentes da “economia baseada no conhecimento” e da “aprendizagem ao longo da vida” e não a uma mera tentativa de melhoria dos modelos “herdados” do passado) e com base no **contexto europeu e internacional** (a competitividade urbana de Lisboa tem como elementos centrais de *benchmarking* as maiores e melhores aglomerações urbanas europeias e ibéricas e não as outras aglomerações nacionais);

2 as dinâmicas em acção na cidade e na área metropolitana, embora representando processos de transformação bastante significativos, revelam **duas dificuldades de alcance estratégico** que limitam o desejável **equilíbrio entre a competitividade e a coesão económica e social**, e que importa colmatar ao nível das políticas públicas, nomeadamente na sua componente de regulamentação, ordenamento e regulação, de forma ousada e determinada. São elas:

- a **fraca articulação entre as diferentes actividades** que podem conduzir a processos de fer-

tilização cruzada de formas qualificadas e sustentadas de competitividade económica, isto é, “círculos virtuosos” de promoção de formas de eficiência colectiva. O estudo identificou dois terrenos principais de preocupação, isto é, a necessidade de uma maior articulação entre a “cidade do conhecimento” e a “cidade empresarial”, por um lado, e no seio da “cidade da cultura, do turismo e do lazer”, por outro lado;

- a **difícil convivência entre o desenvolvimento das funções empresariais e das funções residenciais** na sua tripla expressão dos processos de ocupação desordenada de zonas inicialmente residenciais pela terciarização da cidade, de expansões residenciais promovidas ou planeadas sem espaços adequados de localização de actividades empresariais e de expansões ou intervenções terciárias sem a densidade e as infra-estruturas de suporte necessárias para configurarem pólos de emprego com massa crítica suficiente e sustentável.

3 o **redimensionamento quantitativo e qualitativo** da cidade de Lisboa constitui um desafio de grandes proporções para a sua afirmação coerente num futuro marcado pelo reforço das realidades metropolitanas, pela diferenciação dos modelos de desenvolvimento regional à escala nacional e pelas crescentes exigências competitivas força-



das pela natureza da concorrência empresarial na União Económica e Monetária Europeia.

A cidade de Lisboa necessita de “sair” da lógica das duas últimas décadas, traduzida numa perda (sofrida) de população e de emprego, para “entrar” na lógica (planeada) de crescimento controlado da população e do emprego, não como fim em si, mas como meio para poder assegurar a viabilidade de um novo modelo nacional de desenvolvimento económico e social, nos planos interno e internacional, isto é, a construção de **uma Lisboa “menor” para o país** (menor centralização) e **“maior” para a Europa** (maior competitividade nas actividades globais).

O desafio central deste redimensionamento global da cidade de Lisboa é, assim, o da criação de condições para a afirmação de uma **qualidade estratégica nacional e internacional, desbloqueando, diversificando e facilitando a instalação de pessoas e de empresas** portadoras de modelos de habitação, consumo, lazer, produção e criação de riqueza ancorados no conhecimento, na tecnologia, na comunicação e na competitividade não-custo. Este desafio só pode ser vencido com regras e práticas de gestão pública que, com equilíbrio e sentido regulador, sejam capazes de promover “sítios” e mode-

los de habitação e localização de actividades empresariais dotados de qualidade, flexibilidade, preço competitivo e margem de expansão.

Os instrumentos e as práticas de gestão urbanística devem assumir, à luz da busca de uma maior competitividade urbana para a cidade de Lisboa, formas vivas, concretas e pragmáticas de enquadramento, orientação e regulação dos movimentos e dinâmicas em curso, e não somente formas normativas abstractas, desenraizadas desses movimentos e dinâmicas.

As recomendações que se fazem de seguida procuram traduzir linhas de desenvolvimento desta abordagem que resultam dos resultados do estudo desenvolvido, procurando dar corpo e concretizar as três ideias/desafios atrás enunciados através de objectivos específicos apoiados em exemplos de “projectos”²⁷ de natureza estruturante que possam, de algum modo, ajudar a perceber as mudanças e rupturas necessárias para uma efectiva renovação das bases competitivas da cidade de Lisboa.

Os seguintes nove objectivos, ideias e “projectos” estruturam as **grandes recomendações** do estudo sobre a competitividade urbana da cidade de Lisboa:

- 1 **alargamento do espaço interior da cidade**, consagrando as transformações recentes produzidas quer ao nível da cidade, quer ao nível da

²⁷ Meros enunciados de possíveis decisões estratégicas com consequências estruturantes na configuração da cidade e que podem ajudar a remover elementos de excessiva rigidez.

área metropolitana, pelo “ciclo da democratização” e pelo “ciclo da plena integração europeia”, o que significa:

- *afastar ainda mais para fora do concelho, mas dentro da Área Metropolitana, a “cidade logística”* (a efectiva gestão integrada dos portos de Lisboa e Setúbal, com a passagem de algumas operações para a zona de Setúbal, valorizando a sua especialização industrial, mas sem criar uma Lisboa sem porto; a mudança da estação ferroviária central de Lisboa (Santa Apolónia) para uma localização menos central, em articulação com o terminal/interface da linha de alta velocidade e uma decisão definitiva sobre a configuração e localização efectivas do Aeroporto Internacional de Lisboa (novo ou redimensionado) para a próxima geração (25-30 anos), constituem outros tantos exemplos de “projectos” decisivos para o futuro de Lisboa;
 - *tornar interiores as expansões residenciais periféricas mais recentes*, alargando substancialmente o espaço urbano organizado e consolidado da cidade e fazendo evoluir o seu “lugar geométrico” para nordeste (a conclusão rápida da rede integrada CREL/CRIL/Eixo Norte-Sul/A2/A1/A8/A5/IC19/Ponte 25 Abril/Ponte Vasco da Gama permitiria a transformação do grande eixo viário que atravessa a cidade com funções de distribuição regional de tráfego e separa a cidade interior, a sul, e a cidade exterior, a norte, isto é, a “2ª Circular”, em avenida urbana com margens ocupadas de forma diversificada, isto é, envolvendo habitação, comércio, lazer, passeio público...);
- 2 alargamento e requalificação dos espaços residenciais da cidade**, o que implica, quer a viabilização de um conjunto de intervenções “curativas” nas zonas mais antigas (“expansão residencial interior”), clarificando a articulação entre funções empresariais e residenciais, quer a definição de um conjunto de regras de prevenção e orientação, nas zonas residenciais mais recentes (“expansão residencial exterior”), garantindo a sua modernização e a densificação dos serviços às famílias e das formas de comércio especializado de proximidade sem limitar, no entanto, a sua plena afirmação como zonas residenciais;
- 3 criação de novos espaços de desenvolvimento da cidade dos serviços avançados**, o que implica quer a densificação e potenciação das tendências em curso nesse sentido (o eixo António
- Augusto Aguiar/José Malhoa constitui um bom exemplo), quer a definição de espaços novos de alargamento das actividades terciárias na cidade, através da combinação de regras adequadas de edificação (altura, estacionamento, zonas comerciais de apoio e zonas de serviços e escritórios...) com infra-estruturas, igualmente adequadas, de mobilidade de pessoas e informação, nomeadamente (a abertura de um novo eixo terciário na zona oriental da cidade, no espaço entre o Areeiro e Beato, ajudando a desbloquear a ocupação dessa zona da cidade e racionalizando o atravessamento ferroviário do Tejo, constitui um “exemplo” da aplicação deste modelo de combinação de novas regras com iniciativas no plano das infra-estruturas);
- 4 articulação das cidades do lazer, da cultura e do turismo**, o que implica o alargamento e a densificação de vários pólos globais de articulação destas actividades, potenciando as dinâmicas já reveladas, onde as formas de ligação ao Tejo se têm mostrado relevantes, até pelas condições privilegiadas de luz e clima da cidade. Esses pólos globais que parecem estar, no essencial, esboçados, mas que ainda não possuem a densidade, a dimensão, a diversidade e a diferenciação necessárias, em particular por um quadro actual de forte concorrência internacional na disputa dos grandes fluxos turísticos, poderiam assumir a seguinte configuração:
- *na zona ocidental* o surgimento de um *pólo global* tenderia a ser *polarizado pela cultura e pelo património* (a transformação da zona de Belém, redesenhando o espaço envolvente da Torre de Belém, do CCB, dos Jerónimos, dos museus da Marinha, dos Coches e da Electricidade, da zona de exposições da antiga Cordoaria Nacional e do novo Centro de Congressos da AIP, dando-lhe uma total continuidade com a frente ribeirinha e eixos de alargamento até Santo Amaro e Algés (recuperando ideias e projectos definidos para a candidatura à *America Cup*) e permitindo a localização de novas iniciativas e equipamentos, exemplifica esta possibilidade);
 - *na zona oriental* a consolidação do projecto do Parque das Nações pode fazer surgir outro *pólo global* que tenderá a ser *polarizado pela grandes exposições, mostras e espectáculos* (o equilíbrio entre as funções residenciais e empresariais, a densificação da oferta hoteleira e a consolidação da qualidade e segurança do



espaço público da zona constituem, no entanto, a par de decisões acertadas sobre as utilizações a dar a espaços como o antigo Pavilhão de Portugal na Expo'98, factores críticos para que tal aconteça);

- na *zona central* o surgimento de um *pólo global* poderia ser *polarizado pela lógica do “passeio público”, do teatro e da hotelaria* (a mudança radical do desenho da Avenida da Liberdade, eliminando, por exemplo, as faixas laterais descendente e ascendente, em articulação com a renovação do Parque Mayer, criando um grande zona de grandes e amplos passeios públicos com vocação diurna e nocturna para os espectáculos, o lazer, a restauração e o comércio, consolidando, ao mesmo tempo, o seu anterior processo de terciarização, seja na sua dimensão de especialização hoteleira, seja na sua dimensão de localização privilegiada de centros de decisão empresarial, constituem outros tantos “projectos” que exemplificam este objectivo);

5 expansão significativa da cidade do conhecimento com base numa orientação para a satisfação de procura externas alargadas, o que implica:

- o *reordenamento global dos espaços dedicados ao ensino superior e à investigação*, nomeadamente, com a consolidação e qualificação do *grande pólo universitário central da cidade* (no espaço entre Benfica e Alvalade), a viabilização, mais determinada e ousada, do *segundo pólo em embrião na periferia ocidental* (na Ajuda, “descendo” sobre a Boa-Hora, criando, eventualmente, condições para uma mais vasta modernização da Universidade Técnica e para uma qualificação das várias universidades privadas sem soluções definitivas ou sustentáveis de localização) e, ainda, talvez com o desenvolvimento de projectos integrados mais ousados e complexos, onde a realocação de estabelecimentos mais antigos e centrais

possa libertar espaços de valor suficiente para suportar o seu financiamento;

- a prossecução de uma *orientação* mais deliberada para as *actividades de pós-graduação e para os modelos da “aprendizagem ao longo da vida”* e uma nova orientação para um alojamento fácil, competitivo e de qualidade de uma *população estudantil mais diversificada, exigente e internacional* (a renovação/recuperação da habitação na Baixa, com base em modelos de arrendamento adequados, pode ser um bom exemplo para a alavancagem desta componente competitiva da cidade do conhecimento em articulação com a mais do que necessária revitalização do centro histórico da cidade);
- uma nova atenção aos *laboratórios, centros e unidades de I&D e C&T*, de natureza pública, privada ou mista, seja em articulação com o reordenamento dos pólos universitários, seja, de forma obrigatória, com a construção de uma solução para o designado, mas ainda inexistente, *pólo tecnológico do Lumiar* (no espaço circundante das instalações do INETI).

6 renovação dos centros de criação de riqueza, o que implica levar a sério a criação de condições para o reforço da captação de iniciativas empresariais no terreno da “economia baseada no conhecimento”, articulando rigorosamente as “cidades” empresarial e do conhecimento, e investir, também seriamente, nas modernas infra-estruturas de comunicação global, o que implica:

- promover e facilitar a *aglomeração de actividades inovadoras, intensivas em informação, conhecimento e competências*, mais centradas na concepção, no desenho, na programação, na “customização”, na manutenção, e no serviço pós-venda, nomeadamente, isto é, a montante e jusante da mera fabricação, procurando chegar a

pólos globais de articulação destas actividades (as “indústrias” do século XXI, isto é, as actividades que permitem “fazer transformar” e não as actividades isoladas de, simples ou complexa, mas estrita transformação);

- “mergulhar” num universo de “*resposta rápida*”, no plano das decisões administrativas, *custo competitivo*, no plano dos investimentos necessários, e *ambiente de eficiência*, no plano das condições de funcionamento, abastecimento e acesso da recursos específicos, humanos, tecnológicos e infra-estruturais (a renovação global dos “velhos” pólos industriais ocidental (Alcântara/Junqueira) e oriental (Beato/Marvila), fugindo da lógica imobiliária mais convencional (construção genérica de residências, escritórios e espaços comerciais, para criar “sítios” de excelência para a aglomeração destas novas indústrias, mais imateriais, mais criativas e mais indutoras de qualidade ambiental e urbana (onde pode caber uma maior ambição associada à língua portuguesa e à difusão internacional de conteúdos no quadro das actividades de comunicação e multimédia, por exemplo) constitui outro “projecto” que exemplifica a necessidade de regras mais flexíveis.
- 7 **aproximar** de forma controlada, participada e criativa a **lógica de “tempo contínuo” das cidades globais internacionalizadas** através de regras de **utilização conjunta, racional e diversificada** de certos espaços e zonas com base em regras de convivência entre as funções residenciais e as funções empresariais, por um lado, e entre diferentes actividades económicas, por outro lado. Estas regras obrigam a regulamentar de forma mais racional a logística interna da cidade (os horários das cargas e descargas constituem um bom exemplo) e definir com maior rigor as configurações de espaços comuns e infra-estruturas de apoio nos diferentes tipos de edifícios. Esta abertura na revisão do PDM poderia favorecer a construção de uma cidade mais animada (feiras, exposições e outras manifestações de pequena e média dimensão) e mais equilibrada na articulação entre o dia e a noite enquanto “tempos” de actividade económica;
- 8 **potenciar a renovação do “ciclo de vida” dos bairros históricos**, como forma de reagir ao processo depressivo e de perda que atravessa o centro histórico, o que implica articular processos de consolidação de “desenhos”, mais ou menos espontâneos, de novas especializações e actividades (a evolução do Bairro Alto constitui um exemplo replicável sob outras formas noutros bairros de reconfiguração da base das actividades económicas) ou de novos fluxos de renovação demográfica (a evolução mais recente de Campo de Ourique constitui outro exemplo que evidencia a necessidade de regras mais pragmáticas e flexíveis de renovação dos edifícios e das habitações para acelerar e consolidar estes movimentos de renovação), com processos de facilitação de intervenções mais substanciais e planeadas combinando modernidade e tradição o que leva a considerar, nomeadamente:
- facilitar a conservação de centros de decisão numa lógica de localização de prestígio através de parcerias centradas na recuperação e valorização do património edificado;
 - privilegiar um modelo de “*repovoamento*” jovem da zona da Baixa e das suas ligações às charneiras urbanas viabilizando lógicas de arrendamento em habitações de qualidade mas não necessariamente amplas;
 - viabilizar um *pólo de actividades* em torno da *reabilitação urbana* que reúna quer novas e velhas competências e tecnologias, associadas ao *restauro*, à *reabilitação*, à *recuperação e manutenção do património*, quer novas e velhas profissões no trabalho de materiais como, por exemplo, madeira, o metal, a pedra, o vidro, o azulejo, a cerâmica, os tecidos, quer, ainda, novas e velhas competências na preservação da memória e do património colectivo (fotografia, desenho, cinema...)
- 9 **criação de novos projectos de reestruturação urbana planeada** em espaços não ocupados, vagos ou desactiváveis **de dimensão crítica apreciável**, procurando potenciar a experiência acumulada por duas empresas/organizações relevantes da cidade (EPUL e Parque Expo) e criar terreno fértil para a projecção, na cidade de Lisboa, de projectos de arquitectura de excelência, o que, para além de exigir uma atitude voluntarista das autoridades da cidade e uma vontade e capacidade efectiva e significativa de investimento, exigiria, também, formas inovadoras de regulamentação (planos específicos, aprovados em sintonia com o PDM, mas podendo incluir regras próprias combinando adequadamente “permissões” e “restrições”, potenciando e ampliando, aliás, a ideia das “zonas de oportunidade” que pode acolher bem projectos de reestruturação de menor dimensão) e de desenvolvimento de parcerias entre o sector público e a iniciativa privada.

Referências bibliográficas

165

- Câmara Municipal de Lisboa (1992), *Plano Estratégico de Lisboa*.
- Câmara Municipal de Lisboa, Direcção Municipal de Abastecimento e Consumo, (2001), *Lisboa – Hábitos de Compra*.
- CIRIUS (2003), *Plano de Actividades para as Acções Preparatórias de uma Estratégia de Mobilidade para a Área Metropolitana de Lisboa*.
- Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo (1999) *Plano Estratégico da Região de Lisboa, Oeste e Vale do Tejo. 2000-2010 – O Horizonte da Excelência*.
- Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo (2002), *Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa (PROT-AML)*.
- Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo (2002), *Programa Operacional da Região de Lisboa e Vale do Tejo*.
- Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo (2002), *Gestão Estratégica da Região de Lisboa e Vale do Tejo, Relatório 1, Cushman & Wakefield, Outubro 2002* (pp. 39), *European Cities Monitor 2002*.
- DATAR (2003), *Les Villes Européennes – Analyse Comparative*.
- Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (2002), *As Regiões Metropolitanas Portuguesas no Contexto Ibérico*.
- Figueiredo, A. (2001), “Uma Visão Espacial da Estratégia e das Prioridades de Desenvolvimento Económico e Social para Portugal”, *Revista Prospectiva e Planeamento*, nº 7, 2001 (pp.13-42).
- Grupo de Estudos Cidade e Comércio (Fundação da Universidade de Lisboa), Julho 2001 (pp. 110), *Lisboa e os Desafios de Gestão das Cidades Face à Nova Economia*.
- INE (2004), *Movimentos pendulares e organização do território: Área Metropolitana e Lisboa e Área Metropolitana do Porto*.
- OCDE (1997), “Revision of the high-technology sector and product classification”, *STI Working Papers 2*
- OCDE (2001), *Base de Dados STAN*.
- OECD (2002) *Science, Technology and Industry Outlook, 2002*
- Peripheries Forward Studies Unit (Conference of Peripheral Maritime Regions of Europe) (2001), *Study on the Construction of Polycentric and Balanced Development Model for the European Territory – A Point of View of Europe’s Maritime Peripheries*
- Vala, F. (2003). *Movimentos Pendulares e Modos de Transporte na Área Metropolitana de Lisboa*, INE, apresentação Powerpoint.



fichas por unidades territoriais
fichas por unidades de análise

fichas por unidades territoriais

169

As páginas seguintes apresentam fichas para o conjunto de Lisboa e para cada uma das unidades territoriais consideradas na análise que integram a informação mais relevante quer relativamente à caracterização da unidade quer à dinâmica registada na última década. Foram considerados no estudo dois tipos de unidades:

- As Zonas de Aglomeração;
- As Unidades de Análise.

Em todas elas são utilizados um conjunto de indicadores, cuja descrição e fonte é indicada em seguida:

INDICADOR	DESCRIÇÃO/FONTE
1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	Total de residentes (Censos)
Ranking população residente	Nº de ordem da unidade territorial em termos de população residente no conjunto das unidades territoriais de Lisboa
Densidade populacional (hab./km²)	Nº de residentes (censos) por km²
Ranking densidade populacional	Nº de ordem da unidade territorial em termos de população residente no conjunto das unidades territoriais de Lisboa
Dimensão das famílias (Lx=100)	Dimensão média das famílias (Censos). O indicador foi normalizado face ao valor médio em Lisboa
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	Peso dos residentes com idade entre 20 e 64 anos (Censos). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa
Pop >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	Peso dos residentes com mais de 65 anos (Censos). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	Peso dos residentes com emprego no sector secundário (Censos). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	Total de emprego na unidade (Quadros de Pessoal - DEEP)
Ranking emprego	Nº de ordem da unidade territorial em termos de emprego no conjunto das unidades territoriais de Lisboa
Densidade de emprego (empregados/km²)	Nº de trabalhadores por km²
Ranking densidade de emprego	Nº de ordem da unidade territorial em termos de densidade de emprego no conjunto das unidades territoriais de Lisboa
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	Peso dos trabalhadores com educação terciária (Quadros de Pessoal - DEEP). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa
Peso emprego feminino (Lx=100)	Peso dos trabalhadores do sexo feminino (Quadros de Pessoal - DEEP). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa
Ganho médio (Lx=100)	Ganho médio por trabalhador (Quadros de Pessoal - DEEP). O indicador foi normalizado face ao valor médio em Lisboa.
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	Nº de estabelecimentos na unidade (Quadros de Pessoal - DEEP)
Ranking estabelecimentos	Nº de ordem da unidade territorial em termos de estabelecimentos no conjunto das unidades territoriais de Lisboa
Densidade estabelecimentos(estab./km²)	Nº de estabelecimentos (Quadros de Pessoal - DEEP) por km²
Ranking densidade	Nº de ordem da unidade territorial em termos de emprego no conjunto das unidades territoriais de Lisboa

INDICADOR	DESCRIÇÃO/FONTE (CONT.)
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente empregada	Relação entre o emprego na unidade (Quadros de Pessoal – DEEP) e a população residente.
1.5. Indicadores de especialização produtiva	
Emprego indústria – Lx=100 (ranking)	Peso do emprego na indústria na unidade – o indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa. Entre parênteses é apresentada a posição da unidade em termos do emprego na indústria no conjunto das unidades territoriais de Lisboa. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Emprego construção – Lx=100 (ranking)	Peso do emprego na construção na unidade – o indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa. Entre parênteses é apresentada a posição da unidade em termos do emprego na construção no conjunto das unidades territoriais de Lisboa. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Emprego comércio – Lx=100 (ranking)	Peso do emprego no comércio na unidade – o indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa. Entre parênteses é apresentada a posição da unidade em termos do emprego no comércio no conjunto das unidades territoriais de Lisboa. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Emprego restauração – Lx=100 (ranking)	Peso do emprego na hotelaria e restauração na unidade – o indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa. Entre parênteses é apresentada a posição da unidade em termos do emprego na hotelaria e restauração no conjunto das unidades territoriais de Lisboa. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Emprego logística – Lx=100 (ranking)	Peso do emprego nas utilities e logística na unidade – o indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa. Entre parênteses é apresentada a posição da unidade em termos do emprego nas utilities e logística no conjunto das unidades territoriais de Lisboa. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Emprego serv. empresas – Lx=100 (ranking)	Peso do emprego nos serviços às empresas na unidade – o indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa. Entre parênteses é apresentada a posição da unidade em termos do emprego nos serviços às empresas no conjunto das unidades territoriais de Lisboa. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Emprego serv. famílias – Lx=100 (ranking)	Peso do emprego nos serviços às famílias na unidade – o indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa. Entre parênteses é apresentada a posição da unidade em termos do emprego nos serviços às famílias no conjunto das unidades territoriais de Lisboa. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Peso emprego EBC (Lx=100)	Peso do emprego na Economia Baseada no Conhecimento (Quadros de Pessoal – DEEP). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa.
Peso emprego EBC avançada (Lx=100)	Peso do emprego na Economia Baseada no Conhecimento avançada (Quadros de Pessoal – DEEP). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa.
Peso emprego indústria média e alta tecnologia (Lx=100)	Peso do emprego nas indústrias de média e alta tecnologia (Quadros de Pessoal – DEEP). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa.
Peso emprego indústria baixa tecnologia (Lx=100)	Peso do emprego nas indústrias de baixa tecnologia (Quadros de Pessoal – DEEP). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa.
Peso emprego turismo (Lx=100)	Peso do emprego no sector do turismo (Quadros de Pessoal – DEEP). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa.
Peso emprego cultura (Lx=100)	Peso do emprego nas actividades culturais (Quadros de Pessoal – DEEP). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa.
Peso emprego serviços financeiros (Lx=100)	Peso do emprego nos serviços financeiros (Quadros de Pessoal – DEEP). O indicador foi normalizado face à proporção média em Lisboa.

INDICADOR	DESCRIÇÃO/FONTE (CONT.)
2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Varição do peso relativo na população residente	Varição em % do total da população residente entre 1991 e 2001. (Censos)
Ranking variação da população	Nº de ordem da unidade territorial em termos da variação da população entre 1991 e 2001 no conjunto das unidades territoriais de Lisboa
2.2. Emprego	
Varição do peso relativo no emprego	Varição em % do total do emprego entre 1991 e 2000. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Ranking variação do emprego	Nº de ordem da unidade territorial em termos da variação dos estabelecimentos entre 1991 e 2000 no conjunto das unidades territoriais de Lisboa
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	Saldo dos ganhos e perdas de emprego associados aos processo de deslocalização internos à cidade de Lisboa em percentagem do emprego da unidade em 1991 (Quadros de Pessoal – DEEP)
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	Saldo dos ganhos e perdas de emprego associados aos processo de deslocalização com origem ou destino fora do concelho de Lisboa em percentagem do emprego da unidade em 1991 (Quadros de Pessoal – DEEP)
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	Saldo dos ganhos e perdas de emprego associados às criações e encerramentos de estabelecimentos em percentagem do emprego da unidade em 1991 (Quadros de Pessoal – DEEP)
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	Taxa de variação do emprego das unidades presentes na unidade em 1991 e 2000 (Quadros de Pessoal – DEEP)
2.3. Estabelecimentos	
Varição dos estabelecimentos	Varição em % do total de estabelecimentos entre 1991 e 2000. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Ranking variação dos estabelecimentos	Nº de ordem da unidade territorial em termos da variação do número de estabelecimentos entre 1991 e 2000 no conjunto das unidades territoriais de Lisboa
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	Proporção dos estabelecimentos presentes na unidade em 2000 que foram criados depois de 1991. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	Proporção dos estabelecimentos presentes na unidade em 2000 que experimentaram deslocalizações entre 1991 e 2000 entrando na unidade (Quadros de Pessoal – DEEP)
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	Proporção dos estabelecimentos presentes na unidade em 1991 que experimentaram deslocalizações entre 1991 e 2000 saindo da unidade (Quadros de Pessoal – DEEP)
2.4 Especialização produtiva	
Varição do emprego na indústria	Taxa de variação do emprego na indústria entre 1991 e 2000. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Varição do emprego na construção	Taxa de variação do emprego na construção entre 1991 e 2000. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Varição do emprego no comércio	Taxa de variação do emprego no comércio entre 1991 e 2000. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Varição do emprego no alojamento e restauração	Taxa de variação do emprego no sector do alojamento e restauração entre 1991 e 2000. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Varição do emprego na logística e utilities	Taxa de variação do emprego no sector da logística e utilities entre 1991 e 2000. (Quadros de Pessoal – DEEP)
Varição do emprego nos serviços às empresas	Taxa de variação do emprego nos serviços às empresas entre 1991 e 2000. (Quadros de Pessoal - DEEP)
Varição do emprego nos serviços às famílias	Taxa de variação do emprego nos serviços às famílias entre 1991 e 2000. (Quadros de Pessoal - DEEP)

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO (2000/2001)	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	564 657
Densidade populacional (hab./km²)	82,0
Dimensão das famílias	2,7
Pop. idade activa/Total pop. residente	59,5
Pop. >65 anos/Total pop. residente	23,6
Pop. residente com emprego industrial	16,2
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	336 793
Densidade de emprego (empregados/km²)	53,4
Peso emprego com educação terciária	19,5
Peso emprego feminino	46
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	29 511
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	4,3
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	59,6
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Peso da indústria	8,7
Peso da construção	5,7
Peso do comércio	21,4
Peso da restauração	8,4
Peso da logística	13,2
Peso dos serviços às empresas	30,7
Peso dos serviços serviços às famílias	11,4
Peso da EBC	38,2
Peso da EBC avançada	8,4
Peso da indústria de média e alta tecnologia	2,4
Peso da indústria de baixa tecnologia	5,7
Peso do turismo	9,9
Peso da cultura	0,4
Peso dos serviços financeiros	10,5

ÁREA = 84,6 KM²

2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-14,9
2.2. Emprego	
Variação emprego	-0,6
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	20,2
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-77,2
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	27,0
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-20,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	22,7
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	55,5
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,4
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,2
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-36,7
Variação do emprego na construção	-16,1
Variação do emprego no comércio	-12,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	13,5
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-30,4
Variação do emprego nos serviços às empresas	58,2
Variação do emprego nos serviços às famílias	21,8

Fichas por grandes zonas de aglomeração e por zonas detalhadas de aglomeração

As grandes zonas de aglomeração consideradas foram as seguintes:

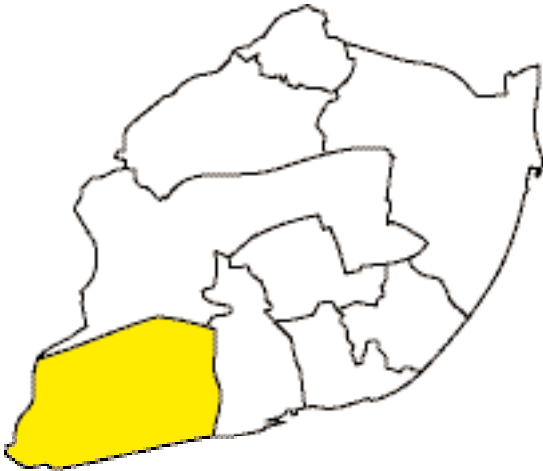
- Arco Ribeirinho Ocidental
- Charneira Urbana Ocidental
- Centro Urbano Histórico
- Expansão Central Terciarizada
- Expansão Residencial Interior
- Expansão Residencial Exterior
- Charneira Urbana Oriental
- Periferia Oriental
- Periferia Norte

As zonas detalhadas de aglomeração consideradas foram as seguintes:

- Alcântara/Junqueira
- Belém/Restelo
- Ajuda
- Av. de Ceuta/24 Julho
- Campo Ourique/Estrela
- Campolide/Amoreiras
- Baixa
- Avenida Liberdade
- Avenidas Novas
- António Augusto Aguiar/Malhoa
- Areeiro/Alvalade
- Benfica/S, Domingos
- Carnide
- Lumiar/Telheiras
- S. João
- Anjos/Graça
- Chelas/Marvila
- Parque das Nações
- Olivais
- Charneca

Arco Ribeirinho Ocidental

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	50 258
Ranking população residente	7
Densidade populacional (hab./km²)	55,2
Ranking densidade populacional	9
Dimensão das famílias (Lx=100)	98,5
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	97,3
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	110,8
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	94,4
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	19 807
Ranking emprego	7
Densidade de emprego (empregados/km²)	24,9
Ranking densidade de emprego	8
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	97,0
Peso emprego feminino (Lx=100)	81,4
Ganho médio (Lx=100)	92,0
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1597
Ranking estabelecimentos	9
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,8
Ranking densidade	7
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	39,4
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	97,6 (8)
Construção – Lx=100 (ranking)	100,5 (9)
Comércio – Lx=100 (ranking)	98,9 (9)
Restauração – Lx=100 (ranking)	99 (7)
Logística – Lx=100 (ranking)	107,4 (6)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	89,8 (7)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	106 (6)
Peso da EBC (Lx=100)	66,0
Peso da EBC avançada (Lx=100)	81,1
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	62,4
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	62,6
Peso do turismo (Lx=100)	88,0
Peso da cultura (Lx=100)	221,5
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	19,2



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-18,5
Ranking da variação da população	5
2.2. Emprego	
Variação emprego	0,3
Ranking variação emprego	5
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	12,6
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-29,9
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-28,8
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-17,7
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	31,0
Ranking da variação dos estabelecimentos	5
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	58,7
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,5
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,2
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-57,2
Variação do emprego na construção	-11,6
Variação do emprego no comércio	-7,7
Variação do emprego no alojamento e restauração	13,0
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-38,1
Variação do emprego nos serviços às empresas	244,9
Variação do emprego nos serviços às famílias	79,7

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	59 286
Ranking população residente	5
Densidade populacional (hab./km²)	97,3
Ranking densidade populacional	4
Dimensão das famílias (Lx=100)	93,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	96,1
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	114,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	95,2
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	30 142
Ranking emprego	6
Densidade de emprego (empregados/km²)	60,7
Ranking densidade de emprego	3
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	117,6
Peso emprego feminino (Lx=100)	108,9
Ganho médio (Lx=100)	100,1
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	3220
Ranking estabelecimentos	5
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	5,3
Ranking densidade	4
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	50,8
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100(ranking)	100,5 (5)
Construção – Lx=100 (ranking)	98,6 (7)
Comércio – Lx=100 (ranking)	103,9 (5)
Restauração – Lx=100 (ranking)	98,8 (6)
Logística – Lx=100 (ranking)	92,3 (7)
Serv. empresas – Lx=100 (ranking)	102,7 (5)
Serv. famílias – Lx=100 (ranking)	102,8 (5)
Peso da EBC (Lx=100)	118,2
Peso da EBC avançada (Lx=100)	152,5
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	162,5
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	129,4
Peso do turismo (Lx=100)	93,9
Peso da cultura (Lx=100)	64,7
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	52,8



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-22,0
Ranking da variação da população	8
2.2. Emprego	
Variação do emprego	10,3
Ranking variação emprego	3
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	26,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-72,8
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-65,8
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-12,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	19,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	8
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	56,5
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,1
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,7
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-38,0
Variação do emprego na construção	-22,7
Variação do emprego no comércio	-10,4
Variação do emprego no alojamento e restauração	52,2
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-48,9
Variação do emprego nos serviços às empresas	116,4
Variação do emprego nos serviços às famílias	34,3

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	43 669
Ranking população residente	8
Densidade populacional (hab./km²)	109,8
Ranking densidade populacional	2
Dimensão das famílias (Lx=100)	85,7
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	97,3
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	117,7
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	94,6
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	78 733
Ranking emprego	2
Densidade de emprego (empregados/km²)	210,9
Ranking densidade de emprego	1
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	111,6
Peso emprego feminino (Lx=100)	100,3
Ganho médio (Lx=100)	110,2
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	6362
Ranking estabelecimentos	3
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	16,0
Ranking densidade	1
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	180,3
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	99,8 (3)
Construção – Lx=100 (ranking)	96,6 (4)
Comércio – Lx=100 (ranking)	96,2 (3)
Restauração – Lx=100 (ranking)	101,4 (2)
Logística – Lx=100 (ranking)	101,2 (3)
Serviço a empresas – Lx=100 (ranking)	106,5 (2)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	98,4 (3)
Peso da EBC (Lx=100)	113,7
Peso da EBC avançada (Lx=100)	71,8
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	63,3
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	104,9
Peso do turismo (Lx=100)	118,9
Peso da cultura (Lx=100)	182,1
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	227,1



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-23,4
Ranking da variação da população	9
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-17,5
Ranking variação emprego	9
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	10,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-18,5
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-65,8
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-26,0
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	-0,9
Ranking da variação dos estabelecimentos	10
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	46,1
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,7
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,7
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-36,3
Variação do emprego na construção	-27,3
Variação do emprego no comércio	-39,0
Variação do emprego no alojamento e restauração	-9,6
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-21,4
Variação do emprego nos serviços às empresas	6,5
Variação do emprego nos serviços às famílias	-9,4

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	41 205
Ranking população residente	9
Densidade populacional (hab./km²)	87,1
Ranking densidade populacional	5
Dimensão das famílias (Lx=100)	92,8
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	97,5
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	118,7
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	85,5
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	71 397
Ranking emprego	3
Densidade de emprego (empregados/km²)	166,6
Ranking densidade de emprego	2
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	127,6
Peso emprego feminino (Lx=100)	104,6
Ganho médio (Lx=100)	110,8
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	5587
Ranking estabelecimentos	4
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	
Emprego/População residente	173,3
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	100,7 (2)
Construção – Lx=100 (ranking)	100,6 (3)
Comércio – Lx=100 (ranking)	94,2 (4)
Restauração – Lx=100 (ranking)	100,1 (3)
Logística – Lx=100 (ranking)	96,7 (4)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	108,3 (3)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	99,5 (2)
Peso da EBC (Lx=100)	130,3
Peso da EBC avançada (Lx=100)	124,7
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	122,2
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	100,1
Peso do turismo (Lx=100)	103,5
Peso da cultura (Lx=100)	36,0
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	133,1



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-21,0
Ranking da variação da população	6
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-3,0
Ranking variação emprego	7
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	13,2
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-46,5
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	3,4
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-23,1
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	19,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	7
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	54,8
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,1
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	9,4
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	4,1
Variação do emprego na construção	-32,1
Variação do emprego no comércio	-24,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	-3,3
Variação do emprego na logística e utilities	-49,4
Variação do emprego nos serviços às empresas	51,8
Variação do emprego nos serviços às famílias	12,0

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	130 298
Ranking população residente	2
Densidade populacional (hab./km²)	100,8
Ranking densidade populacional	3
Dimensão das famílias (Lx=100)	98,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	100,3
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	106,4
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	90,8
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	64 653
Ranking emprego	4
Densidade de emprego (empregados/km²)	53,3
Ranking densidade de emprego	5
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	88,4
Peso emprego feminino (Lx=100)	107,1
Ganho médio (Lx=100)	87,5
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	6415
Ranking estabelecimentos	2
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	5,0
Ranking densidade	5
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	49,6
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	98,9 (4)
Construção – Lx=100 (ranking)	103,1 (2)
Comércio – Lx=100 (ranking)	105,6 (2)
Restauração – Lx=100 (ranking)	100,2 (4)
Logística – Lx=100 (ranking)	94,1 (5)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	97,6 (4)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	100,4 (4)
Peso da EBC (Lx=100)	93,5
Peso da EBC avançada (Lx=100)	132,5
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	93,9
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	86,0
Peso do turismo (Lx=100)	100,0
Peso da cultura (Lx=100)	117,4
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	44,4



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-12,2
Ranking da variação da população	3
2.2. Emprego	
Variação do emprego	13,5
Ranking variação emprego	2
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	1,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-15,0
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	52,0
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-11,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	38,5
Ranking da variação dos estabelecimentos	3
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	59,0
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,4
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,3
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-33,5
Variação do emprego na construção	-13,3
Variação do emprego no comércio	6,5
Variação do emprego no alojamento e restauração	32,0
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-36,2
Variação do emprego nos serviços às empresas	105,5
Variação do emprego nos serviços às famílias	31,0

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	56 682
Ranking população residente	6
Densidade populacional (hab./km²)	55,0
Ranking densidade populacional	10
Dimensão das famílias (Lx=100)	115,3
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	107,3
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	54,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	91
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	15 814
Ranking emprego	9
Densidade de emprego (empregados/km²)	16,0
Ranking densidade de emprego	9
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	87,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	96,5
Ganho médio (Lx=100)	84,8
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1619
Ranking estabelecimentos	8
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,6
Ranking densidade	8
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	27,9
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	97,8 (9)
Construção – Lx=100 (ranking)	104,2 (6)
Comércio – Lx=100 (ranking)	109,6 (8)
Restauração – Lx=100 (ranking)	99,2 (9)
Logística – Lx=100 (ranking)	96,1 (9)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	88,5 (9)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	104,9 (7)
Peso da EBC (Lx=100)	49,3
Peso da EBC avançada (Lx=100)	103,2
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	19,2
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	80,9
Peso do turismo (Lx=100)	83,0
Peso da cultura (Lx=100)	44,3
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	23,3



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	13,0
Ranking da variação da população	1
2.2. Emprego	
Variação do emprego	63,9
Ranking variação emprego	1
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	9,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	0,2
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	75,9
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-23,3
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	136,0
Ranking da variação dos estabelecimentos	1
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	73,5
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	7,9
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	4,6
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	2,7
Variação do emprego na construção	37,6
Variação do emprego no comércio	106,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	139,4
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	4,4
Variação do emprego nos serviços às empresas	246,0
Variação do emprego nos serviços às famílias	10,9

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	63 688
Ranking população residente	4
Densidade populacional (hab./km²)	144,3
Ranking densidade populacional	1
Dimensão das famílias (Lx=100)	90,8
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	97,5
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	119,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	104
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	17 863
Ranking emprego	8
Densidade de emprego (empregados/km²)	44,3
Ranking densidade de emprego	6
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	46,3
Peso emprego feminino (Lx=100)	96,6
Ganho médio (Lx=100)	64,1
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	2452
Ranking estabelecimentos	6
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	5,6
Ranking densidade	3
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	28,0
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	107,1 (6)
Construção – Lx=100 (ranking)	101,8 (8)
Comércio – Lx=100 (ranking)	105,9 (7)
Restauração – Lx=100 (ranking)	99,6 (8)
Logística – Lx=100 (ranking)	95,9 (8)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	90,4 (8)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	99,6 (9)
Peso da EBC (Lx=100)	67,6
Peso da EBC avançada (Lx=100)	57,2
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	109,7
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	211,4
Peso do turismo (Lx=100)	92,3
Peso da cultura (Lx=100)	85,2
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	18,3



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-21,4
Ranking da variação da população	7
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-9,0
Ranking variação emprego	8
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-0,3
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-1,7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-2,3
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-16,5
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	9,5
Ranking da variação dos estabelecimentos	9
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	47,0
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,6
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,7
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-46,7
Variação do emprego na construção	-10,8
Variação do emprego no comércio	-17,7
Variação do emprego no alojamento e restauração	5,5
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-17,2
Variação do emprego nos serviços às empresas	74,4
Variação do emprego nos serviços às famílias	41,5

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	99 418
Ranking população residente	3
Densidade populacional (hab./km²)	71,1
Ranking densidade populacional	7
Dimensão das famílias (Lx=100)	114,8
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	102,1
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	84,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	119,8
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	35 986
Ranking emprego	5
Densidade de emprego (empregados/km²)	27,1
Ranking densidade de emprego	7
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	63,0
Peso emprego feminino (Lx=100)	83,1
Ganho médio (Lx=100)	105,0
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	2006
Ranking estabelecimentos	7
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,4
Ranking densidade	9
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	36,2
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	98,7 (7)
Construção – Lx=100 (ranking)	98,8 (5)
Comércio – Lx=100 (ranking)	99,7 (6)
Restauração – Lx=100 (ranking)	98,9 (5)
Logística – Lx=100 (ranking)	122,5 (2)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	86,3 (6)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	95,3 (8)
Peso da EBC (Lx=100)	64,3
Peso da EBC avançada (Lx=100)	35,1
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	150,6
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	55,2
Peso do turismo (Lx=100)	78,8
Peso da cultura (Lx=100)	13,6
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	21,0



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-14,8
Ranking da variação da população	4
2.2. Emprego	
Variação do emprego	4,5
Ranking variação emprego	4
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-3,2
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-0,4
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	14,0
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-19,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	54,7
Ranking da variação dos estabelecimentos	2
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	67,2
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,3
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	5,1
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-64,4
Variação do emprego na construção	23,5
Variação do emprego no comércio	14,8
Variação do emprego no alojamento e restauração	104,3
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-13,6
Variação do emprego nos serviços às empresas	241,9
Variação do emprego nos serviços às famílias	146,3

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	20 153
Ranking população residente	10
Densidade populacional (hab./km²)	60,6
Ranking densidade populacional	8
Dimensão das famílias (Lx=100)	122,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	104,3
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	53,8
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	149,7
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	2398
Ranking emprego	10
Densidade de emprego (empregados/km²)	8,1
Ranking densidade de emprego	10
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	53,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	104,9
Ganho médio (Lx=100)	57,8
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	252
Ranking estabelecimentos	10
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	0,8
Ranking densidade	10
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	11,9
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	106,5 (10)
Construção – Lx=100 (ranking)	103,6 (10)
Comércio – Lx=100 (ranking)	101,9 (10)
Restauração – Lx=100 (ranking)	95 (10)
Logística – Lx=100 (ranking)	93,1 (10)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	99,4 (10)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	100,9 (10)
Peso da EBC (Lx=100)	85,4
Peso da EBC avançada (Lx=100)	181,8
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	33,9
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	222,3
Peso do turismo (Lx=100)	38,0
Peso da cultura (Lx=100)	53,3
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	0,9



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-0,1
Ranking da variação da população	2
2.2. Emprego	
Variação do emprego	0,1
Ranking variação emprego	6
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	0,0
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-0,2
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	0,4
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-21,1
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	34,7
Ranking da variação dos estabelecimentos	4
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	59,0
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,6
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,3
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-49,4
Variação do emprego na construção	7,4
Variação do emprego no comércio	-5,3
Variação do emprego no alojamento e restauração	1,3
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-55,0
Variação do emprego nos serviços às empresas	337,8
Variação do emprego nos serviços às famílias	0,5

Antigo eixo industrial ocidental/habitat operário, centro de transportes urbanos (Sto. Amaro)/nova zona de lazer (Docas Oeste) – Alcântara/Junqueira

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO

1.1. População (2001)

População residente (nº)	14 443
Ranking população residente	14
Densidade populacional (hab./km²)	83,0
Ranking densidade populacional	9
Dimensão das famílias (Lx=100)	91,7
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	96,5
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	122,8
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	91,5

1.2. Emprego (2000)

Emprego (nº)	9672
Ranking emprego	12
Densidade de emprego (empregados/km²)	68,6
Ranking densidade de emprego	6
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	73,3
Peso emprego feminino (Lx=100)	60,2
Ganho médio (Lx=100)	99,3

1.3. Estabelecimentos (2000)

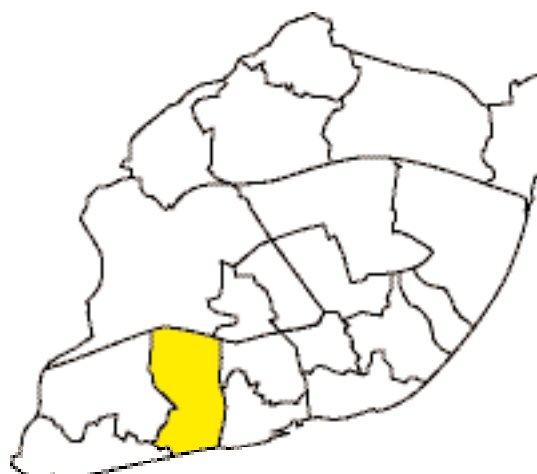
Estabelecimentos (nº)	611
Ranking estabelecimentos	13
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	3,5
Ranking densidade	11

1.4. Relação emprego/população residente

Emprego/População residente	67,0
-----------------------------	------

1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)

Indústria – Lx=100 (ranking)	97,3 (12)
Construção – Lx=100 (ranking)	96,7 (18)
Comércio – Lx=100 (ranking)	95,3 (14)
Restauração – Lx=100 (ranking)	97 (15)
Logística – Lx=100 (ranking)	124,1 (4)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	90,6 (12)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	98,8 (14)
Peso da EBC (Lx=100)	74,1
Peso da EBC avançada (Lx=100)	48,6
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	53,9
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	61,2
Peso do turismo (Lx=100)	69,9
Peso da cultura (Lx=100)	14,3
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	11,0



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)

2.1. População

Variação da população residente	-22,0
Ranking da variação da população	17

2.2. Emprego

Variação do emprego	-17,4
Ranking variação emprego	19
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	0,5
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-6,1
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-14,3
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-27,5

2.3. Estabelecimentos

Variação dos estabelecimentos	17,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	15
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	55,7
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,0
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,9

2.4 Especialização produtiva

Variação do emprego na indústria	-68,5
Variação do emprego na construção	-40,0
Variação do emprego no comércio	-14,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	-21,8
Variação do emprego na logística e utilities	-37,3
Variação do emprego nos serviços às empresas	355,3
Variação do emprego nos serviços às famílias	47,0

Expansão residencial mista (moradias/casas económicas) anos 50-60 – Belém/Restelo

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	9756
Ranking população residente	18
Densidade populacional (hab./km²)	28,8
Ranking densidade populacional	20
Dimensão das famílias (Lx=100)	101,1
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	91,6
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	121,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	88,3
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	5334
Ranking emprego	16
Densidade de emprego (empregados/km²)	16,2
Ranking densidade de emprego	17
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	141,7
Peso emprego feminino (Lx=100)	92,9
Ganho médio (Lx=100)	82,6
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	483
Ranking estabelecimentos	18
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,4
Ranking densidade	15
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	54,7
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	96,9 (20)
Construção – Lx=100 (ranking)	101,7 (16)
Comércio – Lx=100 (ranking)	101,5 (18)
Restauração – Lx=100 (ranking)	104,4 (13)
Logística – Lx=100 (ranking)	88,5 (20)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	84,5 (19)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	119,5 (9)
Peso da EBC (Lx=100)	43,8
Peso da EBC avançada (Lx=100)	109,4
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	75,4
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	35,7
Peso do turismo (Lx=100)	133,7
Peso da cultura (Lx=100)	767,9
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	21,4



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-19,3
Ranking da variação da população	11
2.2. Emprego	
Variação do emprego	30,1
Ranking variação emprego	6
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	5,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-3,8
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	14,5
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-4,9
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	43,3
Ranking da variação dos estabelecimentos	6
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	59,4
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,1
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	4,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-25,5
Variação do emprego na construção	-31,7
Variação do emprego no comércio	6,9
Variação do emprego no alojamento e restauração	41,3
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-65,3
Variação do emprego nos serviços às empresas	41,7
Variação do emprego nos serviços às famílias	183,0

Bairros económicos anos 20-40/
realojamentos anos 40-50 e 70 – Ajuda

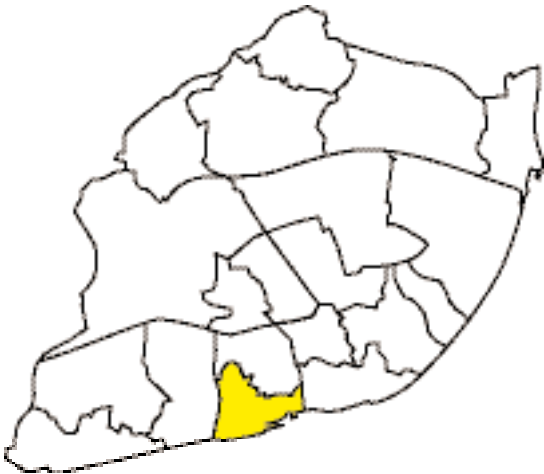
1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	26 059
Ranking população residente	10
Densidade populacional (hab./km²)	65,6
Ranking densidade populacional	13
Dimensão das famílias (Lx=100)	101,6
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	99,9
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	100,2
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	98
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	4801
Ranking emprego	18
Densidade de emprego (empregados/km²)	13,2
Ranking densidade de emprego	19
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	95,1
Peso emprego feminino (Lx=100)	111,5
Ganho médio (Lx=100)	84,9
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	504
Ranking estabelecimentos	16
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,3
Ranking densidade	18
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	18,4
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	98,8 (17)
Construção – Lx=100 (ranking)	107,8 (10)
Comércio – Lx=100 (ranking)	104,4 (17)
Restauração – Lx=100 (ranking)	97,7 (18)
Logística – Lx=100 (ranking)	89,2 (19)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	93,7 (15)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	108,5 (15)
Peso da EBC (Lx=100)	74,5
Peso da EBC avançada (Lx=100)	115,3
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	65,1
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	95,4
Peso do turismo (Lx=100)	73,7
Peso da cultura (Lx=100)	31,8
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	33,3



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-16,1
Ranking da variação da população	6
2.2. Emprego	
Variação do emprego	33,6
Ranking variação emprego	4
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	6,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-5,8
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	6,0
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	11,7
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	39,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	7
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	61,5
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,4
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	8,5
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-36,6
Variação do emprego na construção	38,4
Variação do emprego no comércio	-8,4
Variação do emprego no alojamento e restauração	108,8
Variação do emprego na logística e utilities	-26,7
Variação do emprego nos serviços às empresas	535,6
Variação do emprego nos serviços às famílias	34,8

Zonas de habitat degradado (Casal Ventoso)/
bairros populares (Madragoa)/zona de lazer
(Docas Este – 24 Julho) – Av. de Ceuta/24 de Julho

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	12505
Ranking população residente	17
Densidade populacional (hab./km²)	62,8
Ranking densidade populacional	14
Dimensão das famílias (Lx=100)	92,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	98,1
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	108,9
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	89,1
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	7462
Ranking emprego	13
Densidade de emprego (empregados/km²)	48,8
Ranking densidade de emprego	11
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	107,0
Peso emprego feminino (Lx=100)	94,8
Ganho médio (Lx=100)	85,9
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	779
Ranking estabelecimentos	11
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	3,9
Ranking densidade	10
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	59,7
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	100,4 (10)
Construção – Lx=100 (ranking)	99,1 (14)
Comércio – Lx=100 (ranking)	101,3 (13)
Restauração – Lx=100 (ranking)	101,6 (10)
Logística – Lx=100 (ranking)	95,8 (12)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	96,3 (11)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	104,7 (11)
Peso da EBC (Lx=100)	96,8
Peso da EBC avançada (Lx=100)	99,4
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	117,1
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	148,4
Peso do turismo (Lx=100)	133,4
Peso da cultura (Lx=100)	44,8
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	16,0



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-19,9
Ranking da variação da população	13
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-5,0
Ranking variação emprego	14
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	7,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-12,4
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-14,6
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-23,1
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	11,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	17
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	54,1
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,2
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,8
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-54,7
Variação do emprego na construção	-37,1
Variação do emprego no comércio	-19,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	82,8
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-46,3
Variação do emprego nos serviços às empresas	92,0
Variação do emprego nos serviços às famílias	37,0

Bairros residenciais de classe média
Campo de Ourique/Estrela

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	33 493
Ranking população residente	8
Densidade populacional (hab./km²)	142,5
Ranking densidade populacional	2
Dimensão das famílias (Lx=100)	92,8
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	94,5
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	119,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	85,1
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	15 815
Ranking emprego	7
Densidade de emprego (empregados/km²)	77,3
Ranking densidade de emprego	5
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	113,1
Peso emprego feminino (Lx=100)	116,5
Ganho médio (Lx=100)	100,8
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1747
Ranking estabelecimentos	7
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	7,4
Ranking densidade	5
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	47,2
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	103,3 (7)
Construção – Lx=100 (ranking)	97,5 (11)
Comércio – Lx=100 (ranking)	105,5 (6)
Restauração – Lx=100 (ranking)	97,5 (9)
Logística – Lx=100 (ranking)	88,6 (17)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	105,8 (7)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	101,5 (6)
Peso da EBC (Lx=100)	120,4
Peso da EBC avançada (Lx=100)	155,9
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	238,1
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	134,5
Peso do turismo (Lx=100)	73,5
Peso da cultura (Lx=100)	88,5
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	67,7



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-20,4
Ranking da variação da população	14
2.2. Emprego	
Variação do emprego	19,3
Ranking variação emprego	7
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	0,7
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-7,0
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-1,2
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-4,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	18,4
Ranking da variação dos estabelecimentos	14
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	57,1
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,7
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	8,0
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-9,7
Variação do emprego na construção	-53,4
Variação do emprego no comércio	-6,8
Variação do emprego no alojamento e restauração	25,9
Variação do emprego na logística e utilities	-44,6
Variação do emprego nos serviços às empresas	139,7
Variação do emprego nos serviços às famílias	16,3

Bairros económicos anos 30-40 (Serafina/Mestres)/
realojamentos anos 70 (Liberdade/Campolide)/novo terciá-
rio anos 80 (Amoreiras) – Campolide/Amoreiras

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	13 288
Ranking população residente	16
Densidade populacional (hab./km²)	76,0
Ranking densidade populacional	12
Dimensão das famílias (Lx=100)	95,8
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	98,4
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	107,2
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	125,6
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	6865
Ranking emprego	14
Densidade de emprego (empregados/km²)	52,0
Ranking densidade de emprego	9
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	139,3
Peso emprego feminino (Lx=100)	106,6
Ganho médio (Lx=100)	113,1
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	695
Ranking estabelecimentos	12
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	4,0
Ranking densidade	9
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	51,7
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	95,1 (18)
Construção – Lx=100 (ranking)	100 (12)
Comércio – Lx=100 (ranking)	103,3 (12)
Restauração – Lx=100 (ranking)	98,5 (16)
Logística – Lx=100 (ranking)	95,9 (13)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	103,4 (9)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	103,5 (13)
Peso da EBC (Lx=100)	136,5
Peso da EBC avançada (Lx=100)	202,6
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	37,6
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	96,8
Peso do turismo (Lx=100)	97,8
Peso da cultura (Lx=100)	31,3
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	58,5



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-27,5
Ranking da variação da população	20
2.2. Emprego	
Variação do emprego	12,5
Ranking variação emprego	8
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	1,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-6,7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-11,3
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-13,1
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	31,5
Ranking da variação dos estabelecimentos	10
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	57,9
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,6
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-69,5
Variação do emprego na construção	1623,4
Variação do emprego no comércio	-7,8
Variação do emprego no alojamento e restauração	69,8
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-52,7
Variação do emprego nos serviços às empresas	96,8
Variação do emprego nos serviços às famílias	77,6

**Baixa Pombalina/frente ribeirinha (Cais Sodré-
-Sta. Apolónia)/articulação com charneiras Ocidental
(Bairro Alto) e Oriental (Mouraria/Sé) – Baixa**

189

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	30 068
Ranking população residente	9
Densidade populacional (hab./km²)	120,3
Ranking densidade populacional	4
Dimensão das famílias (Lx=100)	86,6
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	97,1
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	116,9
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	98,6
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	45 111
Ranking emprego	2
Densidade de emprego (empregados/km²)	191,6
Ranking densidade de emprego	2
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	94,4
Peso emprego feminino (Lx=100)	97,3
Ganho médio (Lx=100)	107,0
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	4027
Ranking estabelecimentos	2
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	16,1
Ranking densidade	1
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	150,0
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	98,4 (3)
Construção – Lx=100 (ranking)	95,9 (9)
Comércio – Lx=100 (ranking)	99,0 (1)
Restauração – Lx=100 (ranking)	100,9 (2)
Logística – Lx=100 (ranking)	103,6 (2)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	103,7 (2)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	98,7 (2)
Peso da EBC (Lx=100)	103,7
Peso da EBC avançada (Lx=100)	30,4
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	32,3
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	95,2
Peso do turismo (Lx=100)	106,0
Peso da cultura (Lx=100)	200,4
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	272,2



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-25,0
Ranking da variação da população	19
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-24,1
Ranking variação emprego	20
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	3,0
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-2,0
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-16,2
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-26,5
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	-6,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	20
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	41,6
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,0
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,4
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-51,9
Variação do emprego na construção	-33,7
Variação do emprego no comércio	-39,4
Variação do emprego no alojamento e restauração	-8,5
Variação do emprego na logística e utilities	-28,8
Variação do emprego nos serviços às empresas	-3,4
Variação do emprego nos serviços às famílias	-3,6

Zona terciária consolidada/pólo de lazer em declínio/
pólo de hotelaria em afirmação – Av. da Liberdade

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	13 601
Ranking população residente	15
Densidade populacional (hab./km²)	92,0
Ranking densidade populacional	7
Dimensão das famílias (Lx=100)	84,0
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	97,6
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	119,5
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	86
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	33 622
Ranking emprego	4
Densidade de emprego (empregados/km²)	243,6
Ranking densidade de emprego	1
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	134,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	104,4
Ganho médio (Lx=100)	114,5
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	2334
Ranking estabelecimentos	5
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	15,8
Ranking densidade	2
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	247,2
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	101,7 (2)
Construção – Lx=100 (ranking)	97,6 (4)
Comércio – Lx=100 (ranking)	92,6 (5)
Restauração – Lx=100 (ranking)	102,0 (3)
Logística – Lx=100 (ranking)	98 (5)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	110,2 (3)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	98,0 (5)
Peso da EBC (Lx=100)	127,1
Peso da EBC avançada (Lx=100)	127,4
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	104,8
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	117,8
Peso do turismo (Lx=100)	136,3
Peso da cultura (Lx=100)	157,6
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	166,7



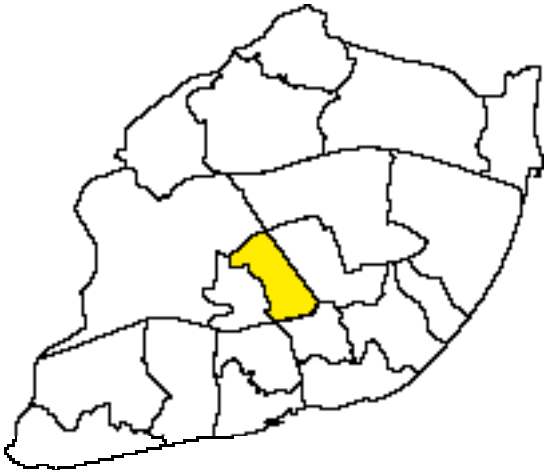
2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-19,4
Ranking da variação da população	12
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-6,6
Ranking variação emprego	15
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-1,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-3,7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	1,8
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-24,9
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	10,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	18
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	53,8
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,9
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	9,8
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-9,4
Variação do emprego na construção	-22,6
Variação do emprego no comércio	-38,3
Variação do emprego no alojamento e restauração	-10,9
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-0,9
Variação do emprego nos serviços às empresas	20,3
Variação do emprego nos serviços às famílias	-16,6

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	34 163
Ranking população residente	7
Densidade populacional (hab./km²)	104,7
Ranking densidade populacional	6
Dimensão das famílias (Lx=100)	90,3
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	96,5
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	121,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	84,1
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	56 019
Ranking emprego	1
Densidade de emprego (empregados/km²)	188,7
Ranking densidade de emprego	3
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	125,0
Peso emprego feminino (Lx=100)	105,8
Ganho médio (Lx=100)	108,5
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	4395
Ranking estabelecimentos	1
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	13,5
Ranking densidade	3
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	164,0
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	99,8 (1)
Construção – Lx=100 (ranking)	100,6 (2)
Comércio – Lx=100 (ranking)	94 (2)
Restauração – Lx=100 (ranking)	99,8 (1)
Logística – Lx=100 (ranking)	97,9 (3)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	108,1 (1)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	99,9 (1)
Peso da EBC (Lx=100)	131,3
Peso da EBC avançada (Lx=100)	122,5
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	94,1
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	93,5
Peso do turismo (Lx=100)	100,0
Peso da cultura (Lx=100)	39,1
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	122,6



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-21,7
Ranking da variação da população	16
2.2. Emprego	
Variação do emprego	0,0
Ranking variação emprego	12
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	3,6
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-5,6
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	1,4
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-22,7
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	19,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	13
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	54,2
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,1
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	8,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-1,9
Variação do emprego na construção	-26,6
Variação do emprego no comércio	-25,1
Variação do emprego no alojamento e restauração	5,6
Variação do emprego na logística e utilities	-50,4
Variação do emprego nos serviços às empresas	77,7
Variação do emprego nos serviços às famílias	14,3

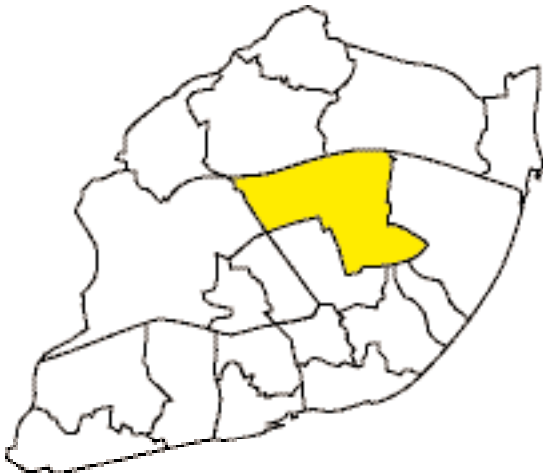
1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	7042
Ranking população residente	20
Densidade populacional (hab./km²)	48,0
Ranking densidade populacional	17
Dimensão das famílias (Lx=100)	107,2
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	102,3
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	104,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	92,5
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	15 378
Ranking emprego	8
Densidade de emprego (empregados/km²)	117,5
Ranking densidade de emprego	4
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	136,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	100,3
Ganho médio (Lx=100)	119,1
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1192
Ranking estabelecimentos	8
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	8,1
Ranking densidade	4
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	218,4
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	103,6 (8)
Construção – Lx=100 (ranking)	100,6 (6)
Comércio – Lx=100 (ranking)	94,9 (10)
Restauração – Lx=100 (ranking)	101,4 (6)
Logística – Lx=100 (ranking)	92,3 (11)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	108,8 (6)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	98,4 (10)
Peso da EBC (Lx=100)	126,8
Peso da EBC avançada (Lx=100)	132,9
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	224,7
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	124,1
Peso do turismo (Lx=100)	116,2
Peso da cultura (Lx=100)	25,0
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	171,4



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-17,3
Ranking da variação da população	8
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-12,2
Ranking variação emprego	18
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-4,3
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-6,7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-2,6
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-24,7
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	21,0
Ranking da variação dos estabelecimentos	12
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	57,2
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,4
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	10,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	22,7
Variação do emprego na construção	-46,6
Variação do emprego no comércio	-22,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	-22,7
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-40,5
Variação do emprego nos serviços às empresas	0,5
Variação do emprego nos serviços às famílias	3,3

Expansão residencial planeada e integrada anos 50/pólo de comércio especializado (Roma/Av. Igreja) – Areeiro/Alvalade

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	55 252
Ranking população residente	2
Densidade populacional (hab./km ²)	78,7
Ranking densidade populacional	11
Dimensão das famílias (Lx=100)	96,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	91,5
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	130
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	84,6
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	36 935
Ranking emprego	3
Densidade de emprego (empregados/km ²)	55,5
Ranking densidade de emprego	7
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	97,5
Peso emprego feminino (Lx=100)	101,5
Ganho médio (Lx=100)	90,8
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	3651
Ranking estabelecimentos	3
Densidade estabelecimentos (estab./km ²)	5,2
Ranking densidade	7
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	66,8
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	98,8 (4)
Construção – Lx=100 (ranking)	104,6 (1)
Comércio – Lx=100 (ranking)	102,9 (3)
Restauração – Lx=100 (ranking)	100,7 (4)
Logística – Lx=100 (ranking)	95,9 (6)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	96,7 (4)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	100,1 (3)
Peso da EBC (Lx=100)	90,5
Peso da EBC avançada (Lx=100)	119,6
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	62,9
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	94,0
Peso do turismo (Lx=100)	105,8
Peso da cultura (Lx=100)	12,1
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	47,3



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-16,6
Ranking da variação da população	7
2.2. Emprego	
Variação do emprego	1,8
Ranking variação emprego	10
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-2,5
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-2,9
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	5,6
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-13,5
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	26,4
Ranking da variação dos estabelecimentos	11
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	56,1
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,0
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,2
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-31,8
Variação do emprego na construção	-15,8
Variação do emprego no comércio	-17,9
Variação do emprego no alojamento e restauração	18,8
Variação do emprego na logística e utilities	-7,6
Variação do emprego nos serviços às empresas	60,0
Variação do emprego nos serviços às famílias	11,7

Realojamentos anos 60-70 (Padre Cruz)
e 90 (Horta Nova)/pólo comercial moderno
e concentrado (Colombo) – Carnide

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	18 989
Ranking população residente	12
Densidade populacional (hab./km²)	47,3
Ranking densidade populacional	18
Dimensão das famílias (Lx=100)	121,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	103,2
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	57,1
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	104,1
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	5284
Ranking emprego	17
Densidade de emprego (empregados/km²)	13,8
Ranking densidade de emprego	18
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	70,4
Peso emprego feminino (Lx=100)	90,1
Ganho médio (Lx=100)	76,1
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	544
Ranking estabelecimentos	15
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,4
Ranking densidade	17
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	27,8
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	97,2 (19)
Construção – Lx=100 (ranking)	102,7 (15)
Comércio – Lx=100 (ranking)	110,9 (16)
Restauração – Lx=100 (ranking)	100,4 (17)
Logística – Lx=100 (ranking)	101,6 (14)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	88 (18)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	99,6 (17)
Peso da EBC (Lx=100)	55,4
Peso da EBC avançada (Lx=100)	95,0
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	23,5
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	68,2
Peso do turismo (Lx=100)	94,2
Peso da cultura (Lx=100)	90,5
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	19,6



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	28,6
Ranking da variação da população	2
2.2. Emprego	
Variação do emprego	152,0
Ranking variação emprego	1
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	14,0
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-4,1
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	148,4
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-20,9
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	253,0
Ranking da variação dos estabelecimentos	1
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	76,4
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	9,9
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	3,5
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-19,2
Variação do emprego na construção	130,0
Variação do emprego no comércio	259,2
Variação do emprego no alojamento e restauração	356,3
Variação do emprego na logística e utilities	31,6
Variação do emprego nos serviços às empresas	744,0
Variação do emprego nos serviços às famílias	157,2

Expansão residencial ocupante proprietário
anos 80-90 (Telheiras/Lambert)/pólo tecnológico (Lumiar) –
Lumiar/Telheiras

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	37 693
Ranking população residente	5
Densidade populacional (hab./km²)	60,0
Ranking densidade populacional	16
Dimensão das famílias (Lx=100)	112,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	109,4
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	53,4
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	85
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	10 530
Ranking emprego	11
Densidade de emprego (empregados/km²)	17,4
Ranking densidade de emprego	16
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	96,7
Peso emprego feminino (Lx=100)	99,6
Ganho médio (Lx=100)	89,0
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1076
Ranking estabelecimentos	10
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,7
Ranking densidade	13
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	27,9
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	98,1 (11)
Construção – Lx=100 (ranking)	105 (5)
Comércio – Lx=100 (ranking)	108,9 (9)
Restauração – Lx=100 (ranking)	98,6 (11)
Logística – Lx=100 (ranking)	93,3 (15)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	88,7 (13)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	107,6 (7)
Peso da EBC (Lx=100)	46,3
Peso da EBC avançada (Lx=100)	107,3
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	17,0
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	87,4
Peso do turismo (Lx=100)	77,4
Peso da cultura (Lx=100)	21,1
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	25,1



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	6,5
Ranking da variação da população	3
2.2. Emprego	
Variação do emprego	39,3
Ranking variação emprego	3
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	6,6
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	1,3
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	39,0
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-24,3
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	102,1
Ranking da variação dos estabelecimentos	3
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	72,0
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,9
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	5,1
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	16,7
Variação do emprego na construção	18,8
Variação do emprego no comércio	68,0
Variação do emprego no alojamento e restauração	83,9
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-15,5
Variação do emprego nos serviços às empresas	168,8
Variação do emprego nos serviços às famílias	-4,9

**Barracas anos 60-70/
habitat popular degradado – S. João**

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	17 073
Ranking população residente	13
Densidade populacional (hab./km²)	109,2
Ranking densidade populacional	5
Dimensão das famílias (Lx=100)	96,6
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	97,7
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	113,3
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	104
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	4387
Ranking emprego	19
Densidade de emprego (empregados/km²)	28,8
Ranking densidade de emprego	13
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	41,0
Peso emprego feminino (Lx=100)	90,4
Ganho médio (Lx=100)	68,0
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	496
Ranking estabelecimentos	17
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	3,2
Ranking densidade	12
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	25,7
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	105,9 (13)
Construção – Lx=100 (ranking)	102,9 (17)
Comércio – Lx=100 (ranking)	101,3 (19)
Restauração – Lx=100 (ranking)	98,3 (19)
Logística – Lx=100 (ranking)	99 (16)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	94,8 (17)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	98 (18)
Peso da EBC (Lx=100)	74,7
Peso da EBC avançada (Lx=100)	35,1
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	140,1
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	160,7
Peso do turismo (Lx=100)	71,0
Peso da cultura (Lx=100)	56,2
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	17,8



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-22,3
Ranking da variação da população	18
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-2,3
Ranking variação emprego	13
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	1,8
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	1,5
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-3,1
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-15,7
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	14,7
Ranking da variação dos estabelecimentos	16
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	47,8
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,1
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,2
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-46,7
Variação do emprego na construção	3,4
Variação do emprego no comércio	-10,1
Variação do emprego no alojamento e restauração	25,1
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-45,7
Variação do emprego nos serviços às empresas	202,5
Variação do emprego nos serviços às famílias	103,2

Antigas vilas operárias/zona residencial popular/
pólo terciário de pequeno comércio/escritórios (Almirante
Reis) – Anjos/Graça

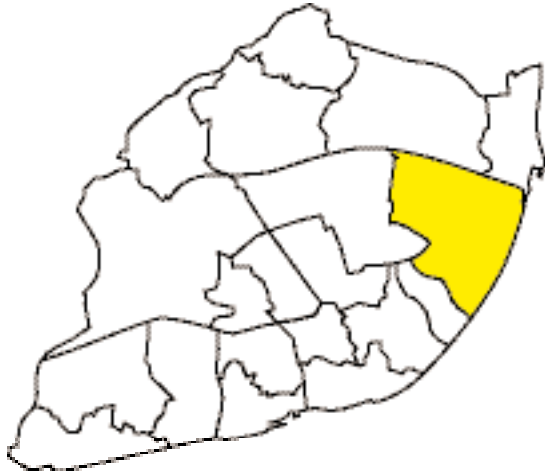
1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	46 615
Ranking população residente	4
Densidade populacional (hab./km²)	163,6
Ranking densidade populacional	1
Dimensão das famílias (Lx=100)	88,9
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	97,4
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	122
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	104
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	13 476
Ranking emprego	9
Densidade de emprego (empregados/km²)	52,8
Ranking densidade de emprego	8
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	48,0
Peso emprego feminino (Lx=100)	98,7
Ganho médio (Lx=100)	62,9
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1956
Ranking estabelecimentos	6
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	6,9
Ranking densidade	6
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	28,9
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	107,4 (5)
Construção – Lx=100 (ranking)	101,4 (7)
Comércio – Lx=100 (ranking)	107,3 (7)
Restauração – Lx=100 (ranking)	100 (8)
Logística – Lx=100 (ranking)	95 (9)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	89,1 (10)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	100 (8)
Peso da EBC (Lx=100)	65,3
Peso da EBC avançada (Lx=100)	64,4
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	99,8
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	227,9
Peso do turismo (Lx=100)	99,2
Peso da cultura (Lx=100)	94,6
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	18,5



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-21,1
Ranking da variação da população	15
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-10,8
Ranking variação emprego	17
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-1,6
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-6,7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-7,7
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-16,7
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	8,3
Ranking da variação dos estabelecimentos	19
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	46,8
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,3
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,6
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-46,7
Variação do emprego na construção	-15,0
Variação do emprego no comércio	-19,4
Variação do emprego no alojamento e restauração	1,7
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	8,0
Variação do emprego nos serviços às empresas	49,9
Variação do emprego nos serviços às famílias	31,6

**Bairros económicos anos 40 (Madre Deus)/
barracas anos 40-60 (Marvila)/bairros sociais
anos 70-90 (Chelas)/pólo industrial em declínio
(Beato) – Chelas/Marvila**

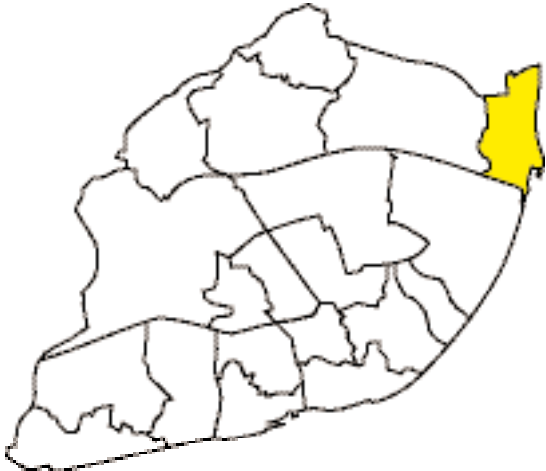
1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	53 008
Ranking população residente	3
Densidade populacional (hab./km²)	80,3
Ranking densidade populacional	10
Dimensão das famílias (Lx=100)	119,5
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	105
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	68,8
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	131,4
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	13 152
Ranking emprego	10
Densidade de emprego (empregados/km²)	21,8
Ranking densidade de emprego	14
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	52,3
Peso emprego feminino (Lx=100)	79,9
Ganho médio (Lx=100)	78,2
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1099
Ranking estabelecimentos	9
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,7
Ranking densidade	14
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	24,8
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	104,2 (9)
Construção – Lx=100 (ranking)	100,9 (8)
Comércio – Lx=100 (ranking)	104,5 (8)
Restauração – Lx=100 (ranking)	96,6 (12)
Logística – Lx=100 (ranking)	104,3 (7)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	95 (8)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	94,8 (16)
Peso da EBC (Lx=100)	100,2
Peso da EBC avançada (Lx=100)	53,7
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	253,6
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	101,0
Peso do turismo (Lx=100)	54,6
Peso da cultura (Lx=100)	11,8
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	35,8



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-18,8
Ranking da variação da população	10
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-8,0
Ranking variação emprego	16
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-7,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-1,5
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	5,4
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-26,9
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	38,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	8
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	61,5
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,0
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,5
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-64,0
Variação do emprego na construção	24,9
Variação do emprego no comércio	0,4
Variação do emprego no alojamento e restauração	86,2
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-37,9
Variação do emprego nos serviços às empresas	242,6
Variação do emprego nos serviços às famílias	86,3

Reestruturação urbana Expo'98/
concentração grandes equipamentos
(Feira Internacional/Pavilhão Atlântico)/novo passeio públi-
co (Parque das Nações) – Parque das Nações

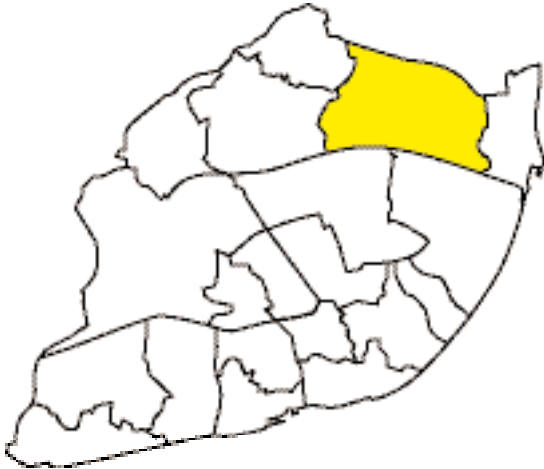
1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	9700
Ranking população residente	19
Densidade populacional (hab./km²)	31,6
Ranking densidade populacional	19
Dimensão das famílias (Lx=100)	117,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	107,6
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	49,4
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	118,9
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	6338
Ranking emprego	15
Densidade de emprego (empregados/km²)	21,6
Ranking densidade de emprego	15
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	56,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	94,3
Ganho médio (Lx=100)	91,2
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	314
Ranking estabelecimentos	19
Densidade estabelecimentos (estab./km2)	1,0
Ranking densidade	19
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	65,3
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	99,2 (14)
Construção – Lx=100 (ranking)	98,4 (19)
Comércio – Lx=100 (ranking)	113,3 (11)
Restauração – Lx=100 (ranking)	101,6 (14)
Logística – Lx=100 (ranking)	102,1 (10)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	93,4 (14)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	92,4 (20)
Peso da EBC (Lx=100)	90,2
Peso da EBC avançada (Lx=100)	42,2
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	173,8
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	58,9
Peso do turismo (Lx=100)	106,3
Peso da cultura (Lx=100)	0,0
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	19,7



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	51,1
Ranking da variação da população	1
2.2. Emprego	
Variação do emprego	46,1
Ranking variação emprego	2
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-0,6
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	3,6
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	47,1
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-22,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	196,8
Ranking da variação dos estabelecimentos	2
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	84,6
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	3,4
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	4,2
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-67,2
Variação do emprego na construção	-0,9
Variação do emprego no comércio	114,8
Variação do emprego no alojamento e restauração	1047,2
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-9,0
Variação do emprego nos serviços às empresas	346,0
Variação do emprego nos serviços às famílias	428,1

**Bairros económicos anos 40 (Encarnação)/
expansão residencial planeada periferia
anos 60 (Olivais)/centro transportes urbanos em
desactivação (Cabo Ruivo) – Olivais**

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	36 710
Ranking população residente	6
Densidade populacional (hab./km²)	85,2
Ranking densidade populacional	8
Dimensão das famílias (Lx=100)	108,0
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	96,5
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	116,7
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	101,7
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	16 496
Ranking emprego	6
Densidade de emprego (empregados/km²)	39,0
Ranking densidade de emprego	12
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	73,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	81,3
Ganho médio (Lx=100)	126,4
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	593
Ranking estabelecimentos	14
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,4
Ranking densidade	16
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	44,9
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	93,9 (15)
Construção – Lx=100 (ranking)	97,2 (13)
Comércio – Lx=100 (ranking)	90,2 (15)
Restauração – Lx=100 (ranking)	99,8 (7)
Logística – Lx=100 (ranking)	146,1 (1)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	76,1 (16)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	96,9 (12)
Peso da EBC (Lx=100)	25,8
Peso da EBC avançada (Lx=100)	17,5
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	59,6
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	17,3
Peso do turismo (Lx=100)	87,5
Peso da cultura (Lx=100)	20,2
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	9,7



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-18,3
Ranking da variação da população	9
2.2. Emprego	
Variação do emprego	4,9
Ranking variação emprego	9
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-0,2
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-0,7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	15,6
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-15,3
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	49,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	5
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	68,5
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	3,6
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	2,8
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-62,4
Variação do emprego na construção	40,1
Variação do emprego no comércio	-9,8
Variação do emprego no alojamento e restauração	51,7
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-4,6
Variação do emprego nos serviços às empresas	157,2
Variação do emprego nos serviços às famílias	176,9

Realojamentos anos 60-70, espaço periférico disperso e de baixa densidade – Charneca

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	20 153
Ranking população residente	11
Densidade populacional (hab./km²)	60,6
Ranking densidade populacional	15
Dimensão das famílias (Lx=100)	122,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	104,3
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	53,8
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	149,7
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	2398
Ranking emprego	20
Densidade de emprego (empregados/km²)	8,1
Ranking densidade de emprego	20
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	53,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	104,9
Ganho médio (Lx=100)	57,8
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	252
Ranking estabelecimentos	20
Densidade estabelecimentos (estab./km2)	0,8
Ranking densidade	20
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	11,9
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	106,5 (16)
Construção – Lx=100 (ranking)	103,6 (20)
Comércio – Lx=100 (ranking)	101,9 (20)
Restauração – Lx=100 (ranking)	95 (20)
Logística – Lx=100 (ranking)	93,1 (18)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	99,4 (20)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	100,9 (19)
Peso da EBC (Lx=100)	85,4
Peso da EBC avançada (Lx=100)	181,8
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	33,9
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	222,3
Peso do turismo (Lx=100)	38,0
Peso da cultura (Lx=100)	53,3
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	0,9



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-0,1
Ranking da variação da população	4
2.2. Emprego	
Variação do emprego	0,1
Ranking variação emprego	11
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-0,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-4,1
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	9,5
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-21,1
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	34,7
Ranking da variação dos estabelecimentos	9
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	59,0
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,6
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,3
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-49,4
Variação do emprego na construção	7,4
Variação do emprego no comércio	-5,3
Variação do emprego no alojamento e restauração	1,3
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-55,0
Variação do emprego nos serviços às empresas	337,8
Variação do emprego nos serviços às famílias	0,5

fichas por unidades de análise

203

As unidades de análise consideradas
foram as seguintes:

- Aeroporto
- Ajuda
- Alvalade
- António Augusto Aguiar
- Areeiro
- Arroios
- Avenida
- Avenidas Novas
- Bairro Alto
- Baixa
- Beato
- Beato/Centro
- Belém
- Benfica
- Cais do Sodré
- Campo de Ourique
- Campo Grande
- Campolide
- Carnide Norte
- Carnide Sul
- Castelo
- Charneca
- Chelas
- Estrela
- Alcântara/Junqueira
- Lumiar Norte
- Lumiar Sul
- Marvila
- Monsanto
- Monsanto Sul
- Monsanto/Benfica
- Olivais
- Oriente
- Restelo
- Santa Marta
- Santos
- São Domingos de Benfica
- São Francisco Xavier
- São Vicente
- Tapada

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	0
Ranking população residente	40
Densidade populacional (hab./km²)	0
Ranking densidade populacional	40
Dimensão das famílias (Lx=100)	0
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	0
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	0
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	0
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	1918
Ranking emprego	32
Densidade de emprego (empregados/km²)	5,8
Ranking densidade de emprego	34
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	71,1
Peso emprego feminino (Lx=100)	85,4
Ganho médio (Lx=100)	132,9
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	22
Ranking estabelecimentos	39
Densidade estabelecimentos (estab./km2)	0,1
Ranking densidade	37
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	0
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	91,8 (38)
Construção – Lx=100 (ranking)	95,4 (37)
Comércio – Lx=100 (ranking)	79,7 (39)
Restauração – Lx=100 (ranking)	112,4 (24)
Logística – Lx=100 (ranking)	156,4 (9)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	73,4 (37)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	91,1 (38)
Peso da EBC (Lx=100)	10,5
Peso da EBC avançada (Lx=100)	17,3
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	10,5
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	6,1
Peso do turismo (Lx=100)	246,4
Peso da cultura (Lx=100)	6
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	4,4



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-100,0
Ranking da variação da população	40
2.2. Emprego	
Variação do emprego	25,9
Ranking variação emprego	10
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	0,7
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	0,4
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	37,4
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-14,7
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	94,3
Ranking da variação dos estabelecimentos	9
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	73,3
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,5
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	1,1
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-32,7
Variação do emprego na construção	146,5
Variação do emprego no comércio	-11,5
Variação do emprego no alojamento e restauração	316,7
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	2,5
Variação do emprego nos serviços às empresas	126,5
Variação do emprego nos serviços às famílias	13,6

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	17 113
Ranking população residente	15
Densidade populacional (hab./km²)	109,7
Ranking densidade populacional	10
Dimensão das famílias (Lx=100)	98,5
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	98
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	108,5
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	100
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	2256
Ranking emprego	31
Densidade de emprego (empregados/km²)	14,5
Ranking densidade de emprego	29
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	57,5
Peso emprego feminino (Lx=100)	137,4
Ganho médio (Lx=100)	54,3
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	282
Ranking estabelecimentos	29
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,8
Ranking densidade	25
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	33,1
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	102 (27)
Construção – Lx=100 (ranking)	99,4 (31)
Comércio – Lx=100 (ranking)	98 (32)
Restauração – Lx=100 (ranking)	99,8 (31)
Logística – Lx=100 (ranking)	88,6 (35)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	100,4 (28)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	112,1 (25)
Peso da EBC (Lx=100)	92
Peso da EBC avançada (Lx=100)	54,7
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	43,6
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	150,8
Peso do turismo (Lx=100)	93,1
Peso da cultura (Lx=100)	12,6
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	10,3



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-20,6
Ranking da variação da população	28
2.2. Emprego	
Variação do emprego	29,3
Ranking variação emprego	9
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	1,3
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-2,7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	8
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	27,4
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	32,9
Ranking da variação dos estabelecimentos	16
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	60,7
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,7
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	8,5
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-26,9
Variação do emprego na construção	-52,1
Variação do emprego no comércio	-1,4
Variação do emprego no alojamento e restauração	70,7
Variação do emprego na logística e utilities	-54
Variação do emprego nos serviços às empresas	910,4
Variação do emprego nos serviços às famílias	38,4

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	14 682
Ranking população residente	17
Densidade populacional (hab./km²)	70,9
Ranking densidade populacional	20
Dimensão das famílias (Lx=100)	91,7
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	96,0
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	121,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	81,9
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	10 443
Ranking emprego	12
Densidade de emprego (empregados/km²)	50,4
Ranking densidade de emprego	12
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	81,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	61,1
Ganho médio (Lx=100)	98,8
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	650
Ranking estabelecimentos	17
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	3,1
Ranking densidade	20
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	175,7
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	97,5 (15)
Construção – Lx=100 (ranking)	96,7 (23)
Comércio – Lx=100 (ranking)	96,7 (14)
Restauração – Lx=100 (ranking)	97,5 (14)
Logística – Lx=100 (ranking)	122,7 (3)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	87,6 (15)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	101,1 (10)
Peso da EBC (Lx=100)	58,1
Peso da EBC avançada (Lx=100)	28,4
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	46,9
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	48,6
Peso do turismo (Lx=100)	66,5
Peso da cultura (Lx=100)	7,9
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	7,4



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-21,4
Ranking da variação da população	32
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-30,0
Ranking variação emprego	36
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	1,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-5,6
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-16,4
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-27,4
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	17,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	26
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	53,9
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,2
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-68,8
Variação do emprego na construção	-42,3
Variação do emprego no comércio	-10,1
Variação do emprego no alojamento e restauração	-15,1
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-37,5
Variação do emprego nos serviços às empresas	344,6
Variação do emprego nos serviços às famílias	98,4

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	21 765
Ranking população residente	11
Densidade populacional (hab./km²)	74,8
Ranking densidade populacional	18
Dimensão das famílias (Lx=100)	97,3
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	89,6
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	141,1
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	81,9
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	12 480
Ranking emprego	9
Densidade de emprego (empregados/km²)	42,9
Ranking densidade de emprego	16
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	80,3
Peso emprego feminino (Lx=100)	95,2
Ganho médio (Lx=100)	90,2
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1127
Ranking estabelecimentos	11
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	3,9
Ranking densidade	17
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	139,3
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	100,9 (9)
Construção – Lx=100 (ranking)	105,6 (2)
Comércio – Lx=100 (ranking)	107,3 (6)
Restauração – Lx=100 (ranking)	99,9 (8)
Logística – Lx=100 (ranking)	91,9 (19)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	95,6 (9)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	98,9 (12)
Peso da EBC (Lx=100)	82
Peso da EBC avançada (Lx=100)	108
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	99,8
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	122,7
Peso do turismo (Lx=100)	97,4
Peso da cultura (Lx=100)	15,5
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	36,2



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-19,7
Ranking da variação da população	23
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-5,6
Ranking variação emprego	24
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	4
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-4,2
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-2,3
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-14,3
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	15,7
Ranking da variação dos estabelecimentos	27
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	53,2
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,0
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,6
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-41,6
Variação do emprego na construção	3,5
Variação do emprego no comércio	-21
Variação do emprego no alojamento e restauração	41,5
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-33,5
Variação do emprego nos serviços às empresas	107,4
Variação do emprego nos serviços às famílias	4,5

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	7 042
Ranking população residente	26
Densidade populacional (hab./km²)	48
Ranking densidade populacional	25
Dimensão das famílias (Lx=100)	107,2
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	102,4
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	104,7
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	97,2
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	15 411
Ranking emprego	4
Densidade de emprego (empregados/km²)	104,9
Ranking densidade de emprego	4
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	137
Peso emprego feminino (Lx=100)	100,2
Ganho médio (Lx=100)	119,1
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1202
Ranking estabelecimentos	9
Densidade estabelecimentos (estab./km2)	8,2
Ranking densidade	9
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	466
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	103,6 (3)
Construção – Lx=100 (ranking)	100,6 (4)
Comércio – Lx=100 (ranking)	94,9 (11)
Restauração – Lx=100 (ranking)	101,4 (5)
Logística – Lx=100 (ranking)	92,3 (17)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	108,8 (4)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	98,4 (7)
Peso da EBC (Lx=100)	123,4
Peso da EBC avançada (Lx=100)	129,4
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	218,5
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	120,8
Peso do turismo (Lx=100)	113,1
Peso da cultura (Lx=100)	24,4
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	166,9



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-17,3
Ranking da variação da população	18
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-21,0
Ranking variação emprego	32
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-4,3
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-6,7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-2,6
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-24,7
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	20,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	24
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	57,2
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,4
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	10,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	22,7
Variação do emprego na construção	-46,6
Variação do emprego no comércio	-22,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	-22,7
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-40,5
Variação do emprego nos serviços às empresas	0,5
Variação do emprego nos serviços às famílias	3,3

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	21 299
Ranking população residente	12
Densidade populacional (hab./km²)	98,2
Ranking densidade populacional	13
Dimensão das famílias (Lx=100)	94,7
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	91,9
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	125,4
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	80,6
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	11 439
Ranking emprego	11
Densidade de emprego (empregados/km²)	52,7
Ranking densidade de emprego	11
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	79,5
Peso emprego feminino (Lx=100)	107,8
Ganho médio (Lx=100)	80,4
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1296
Ranking estabelecimentos	7
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	6
Ranking densidade	11
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	124,3
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	97 (17)
Construção – Lx=100 (ranking)	103,5 (5)
Comércio – Lx=100 (ranking)	104,4 (9)
Restauração – Lx=100 (ranking)	101,7 (7)
Logística – Lx=100 (ranking)	97 (10)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	98,1 (10)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	98,6 (16)
Peso da EBC (Lx=100)	98
Peso da EBC avançada (Lx=100)	125,7
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	44,9
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	66
Peso do turismo (Lx=100)	123,3
Peso da cultura (Lx=100)	6,4
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	34,6



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-14,0
Ranking da variação da população	14
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-9,8
Ranking variação emprego	27
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-10
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-1,5
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	4,7
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-20,4
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	26,8
Ranking da variação dos estabelecimentos	21
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	55,0
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,5
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	5,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-27,7
Variação do emprego na construção	-37
Variação do emprego no comércio	-15,9
Variação do emprego no alojamento e restauração	2,3
Variação do emprego na logística e utilities	-44,6
Variação do emprego nos serviços às empresas	67,6
Variação do emprego nos serviços às famílias	7

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	33 433
Ranking população residente	4
Densidade populacional (hab./km²)	211,6
Ranking densidade populacional	1
Dimensão das famílias (Lx=100)	86,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	96
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	129,2
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	87,5
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	14 960
Ranking emprego	5
Densidade de emprego (empregados/km²)	94,7
Ranking densidade de emprego	8
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	70,1
Peso emprego feminino (Lx=100)	106,7
Ganho médio (Lx=100)	72,5
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	2 009
Ranking estabelecimentos	2
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	12,7
Ranking densidade	4
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	102,5
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	102,5 (4)
Construção – Lx=100 (ranking)	101,1 (3)
Comércio – Lx=100 (ranking)	103,2 (5)
Restauração – Lx=100 (ranking)	100,1 (6)
Logística – Lx=100 (ranking)	94 (12)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	98 (7)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	101,3 (4)
Peso da EBC (Lx=100)	94,9
Peso da EBC avançada (Lx=100)	59,9
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	96,8
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	115,8
Peso do turismo (Lx=100)	99,2
Peso da cultura (Lx=100)	37
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	46,4



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-22,9
Ranking da variação da população	34
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-18,8
Ranking variação emprego	30
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-0,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-3,6
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-9,6
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-18,6
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	4,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	35
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	46,7
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,2
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,7
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-37,6
Variação do emprego na construção	-26,8
Variação do emprego no comércio	-34,1
Variação do emprego no alojamento e restauração	0,1
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-62,3
Variação do emprego nos serviços às empresas	90,5
Variação do emprego nos serviços às famílias	41,8

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO

1.1. População (2001)

População residente (nº)	5 798
Ranking população residente	27
Densidade populacional (hab./km ²)	63
Ranking densidade populacional	21
Dimensão das famílias (Lx=100)	89,3
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	94,3
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	125,8
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	84,7

1.2. Emprego (2000)

Emprego (n°)	24 414
Ranking emprego	3
Densidade de emprego (empregados/km ²)	265,4
Ranking densidade de emprego	2
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	137,4
Peso emprego feminino (Lx=100)	102
Ganho médio (Lx=100)	116,1

1.3. Estabelecimentos (2000)

Estabelecimentos (nº)	1446
Ranking estabelecimentos	5
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	15,7
Ranking densidade	2

1.4. Relação emprego/população residente

Emprego/População residente	974,6
-----------------------------	-------

1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)

Indústria – Lx=100 (ranking)	101,6 (2)
Construção – Lx=100 (ranking)	96,8 (11)
Comércio – Lx=100 (ranking)	91,9 (8)
Restauração – Lx=100 (ranking)	102,4 (2)
Logística – Lx=100 (ranking)	95,3 (6)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	113,8 (2)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	98,2 (2)
Peso da EBC (Lx=100)	130,6
Peso da EBC avançada (Lx=100)	127,6
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	87,6
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	122,9
Peso do turismo (Lx=100)	135,3
Peso da cultura (Lx=100)	69,1
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	199,0



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)

2.1. População

Variação da população residente	-21,9
Ranking da variação da população	33

2.2. Emprego

Variação do emprego	-8,7
Ranking variação emprego	26
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-3,5
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	7,5
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-28,7

2.3. Estabelecimentos

Variação dos estabelecimentos	14,9
Ranking da variação dos estabelecimentos	29
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	55,7
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,1
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	9,1

2.4 Especialização produtiva

Variação do emprego na indústria	-13,5
Variação do emprego na construção	-41,5
Variação do emprego no comércio	-30
Variação do emprego no alojamento e restauração	-13,6
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-22,3
Variação do emprego nos serviços às empresas	24,1
Variação do emprego nos serviços às famílias	0,2

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	28 142
Ranking população residente	6
Densidade populacional (hab./km²)	89,9
Ranking densidade populacional	14
Dimensão das famílias (Lx=100)	93
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	94,6
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	124,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	81,9
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	59 846
Ranking emprego	1
Densidade de emprego (empregados/km²)	191,2
Ranking densidade de emprego	3
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	132,6
Peso emprego feminino (Lx=100)	105,7
Ganho médio (Lx=100)	112,5
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	4 524
Ranking estabelecimentos	1
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	14,5
Ranking densidade	3
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	470,6
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	98,2 (1)
Construção – Lx=100 (ranking)	100,8 (1)
Comércio – Lx=100 (ranking)	94 (1)
Restauração – Lx=100 (ranking)	100,3 (1)
Logística – Lx=100 (ranking)	99,3 (2)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	107,7 (1)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	99,9 (1)
Peso da EBC (Lx=100)	130,8
Peso da EBC avançada (Lx=100)	134,1
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	79,4
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	80,8
Peso do turismo (Lx=100)	106,2
Peso da cultura (Lx=100)	63,1
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	126,0



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-19,6
Ranking da variação da população	21
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-6,4
Ranking da variação do emprego	25
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	2,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-5
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	2,7
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-23,3
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	28,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	20
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	57,1
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,5
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	8,5
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-4,2
Variação do emprego na construção	-20,1
Variação do emprego no comércio	-21,9
Variação do emprego no alojamento e restauração	9,8
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-39
Variação do emprego nos serviços às empresas	54,8
Variação do emprego nos serviços às famílias	7,6

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	18 730
Ranking população residente	13
Densidade populacional (hab./km²)	191,1
Ranking densidade populacional	2
Dimensão das famílias (Lx=100)	87,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	98
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	113,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	90,3
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	9663
Ranking emprego	13
Densidade de emprego (empregados/km²)	98,6
Ranking densidade de emprego	7
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	110,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	100,2
Ganho médio (Lx=100)	112,2
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1078
Ranking estabelecimentos	12
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	11
Ranking densidade	6
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	116,7
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	106,1 (7)
Construção – Lx=100 (ranking)	98,7 (18)
Comércio – Lx=100 (ranking)	95,6 (18)
Restauração – Lx=100 (ranking)	101,4 (10)
Logística – Lx=100 (ranking)	90,1 (26)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	107,5 (8)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	100,8 (15)
Peso da EBC (Lx=100)	109,8
Peso da EBC avançada (Lx=100)	62,9
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	34,4
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	200,3
Peso do turismo (Lx=100)	111,5
Peso da cultura (Lx=100)	78,3
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	321,2



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-16,7
Ranking da variação da população	17
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-13,5
Ranking variação emprego	29
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	13,2
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-1,5
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-21,9
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-16,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	3,0
Ranking da variação dos estabelecimentos	36
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	48,2
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,0
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	5,7
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-50,1
Variação do emprego na construção	-7,1
Variação do emprego no comércio	-36,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	9,1
Variação do emprego na logística e utilities	-12,1
Variação do emprego nos serviços às empresas	75,5
Variação do emprego nos serviços às famílias	-10,9

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	2 834
Ranking população residente	33
Densidade populacional (hab./km²)	45
Ranking densidade populacional	27
Dimensão das famílias (Lx=100)	85,3
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	100,8
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	116,9
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	87,5
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	25 371
Ranking emprego	2
Densidade de emprego (empregados/km²)	402,7
Ranking densidade de emprego	1
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	101,1
Peso emprego feminino (Lx=100)	98,3
Ganho médio (Lx=100)	115,2
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1807
Ranking estabelecimentos	3
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	28,7
Ranking densidade	1
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	1868,3
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	96 (10)
Construção – Lx=100 (ranking)	95 (28)
Comércio – Lx=100 (ranking)	99,8 (2)
Restauração – Lx=100 (ranking)	99,1 (3)
Logística – Lx=100 (ranking)	101 (4)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	111,7 (3)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	97,6 (3)
Peso da EBC (Lx=100)	121,8
Peso da EBC avançada (Lx=100)	18,2
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	17,4
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	72,9
Peso do turismo (Lx=100)	89,4
Peso da cultura (Lx=100)	355,8
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	381,8



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-19,8
Ranking da variação da população	24
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-27,8
Ranking variação emprego	35
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	1,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-2
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-11,2
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-28
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	-8,5
Ranking da variação dos estabelecimentos	39
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	39,3
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	3,4
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	5,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-44,5
Variação do emprego na construção	-55,3
Variação do emprego no comércio	-39,8
Variação do emprego no alojamento e restauração	-18
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-38,5
Variação do emprego nos serviços às empresas	-10,2
Variação do emprego nos serviços às famílias	-2,4

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	22 763
Ranking população residente	10
Densidade populacional (hab./km²)	79,9
Ranking densidade populacional	16
Dimensão das famílias (Lx=100)	99,7
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	99,7
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	104,2
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	108,3
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	7 427
Ranking emprego	16
Densidade de emprego (empregados/km²)	26,1
Ranking densidade de emprego	24
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	48,3
Peso emprego feminino (Lx=100)	91,7
Ganho médio (Lx=100)	70,8
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	696
Ranking estabelecimentos	16
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	2,4
Ranking densidade	24
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	76,4
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	104,8 (11)
Construção – Lx=100 (ranking)	100,2 (16)
Comércio – Lx=100 (ranking)	99 (20)
Restauração – Lx=100 (ranking)	97,1 (23)
Logística – Lx=100 (ranking)	101,8 (11)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	100,6 (14)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	96,7 (23)
Peso da EBC (Lx=100)	98,1
Peso da EBC avançada (Lx=100)	63,2
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	165,8
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	139,8
Peso do turismo (Lx=100)	60,8
Peso da cultura (Lx=100)	31,2
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	21,2



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-20,4
Ranking da variação da população	26
2.2. Emprego	
Variação do emprego	6,9
Ranking variação emprego	18
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	6,8
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	2,5
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	0,9
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-18,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	25,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	22
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	54,2
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,6
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	5,6
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-60,9
Variação do emprego na construção	12,8
Variação do emprego no comércio	9,3
Variação do emprego no alojamento e restauração	43,8
Variação do emprego na logística e utilities	-31,8
Variação do emprego nos serviços às empresas	202,0
Variação do emprego nos serviços às famílias	234,3

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	10 233
Ranking população residente	23
Densidade populacional (hab./km²)	162,4
Ranking densidade populacional	4
Dimensão das famílias (Lx=100)	95,8
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	101,8
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	103,4
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	113,9
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	1562
Ranking emprego	33
Densidade de emprego (empregados/km²)	24,8
Ranking densidade de emprego	25
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	69,2
Peso emprego feminino (Lx=100)	92,8
Ganho médio (Lx=100)	72,7
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	234
Ranking estabelecimentos	32
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	3,7
Ranking densidade	18
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	34,9
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	101,6 (31)
Construção – Lx=100 (ranking)	107,4 (25)
Comércio – Lx=100 (ranking)	103,6 (33)
Restauração – Lx=100 (ranking)	95,6 (34)
Logística – Lx=100 (ranking)	92,8 (32)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	103 (31)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	96,3 (35)
Peso da EBC (Lx=100)	96,0
Peso da EBC avançada (Lx=100)	129,8
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	13,8
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	146,0
Peso do turismo (Lx=100)	44,9
Peso da cultura (Lx=100)	5,8
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	187,7



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-20,4
Ranking da variação da população	27
2.2. Emprego	
Variação do emprego	7,1
Ranking variação emprego	17
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-2,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-1,1
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	10,7
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-12,8
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	8,4
Ranking da variação dos estabelecimentos	33
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	45,3
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,6
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	9,4
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-42,7
Variação do emprego na construção	-11,6
Variação do emprego no comércio	-25,2
Variação do emprego no alojamento e restauração	-12,1
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-39,2
Variação do emprego nos serviços às empresas	397,2
Variação do emprego nos serviços às famílias	50,5

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	4 628
Ranking população residente	29
Densidade populacional (hab./km²)	23,6
Ranking densidade populacional	31
Dimensão das famílias (Lx=100)	106,8
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	89,7
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	117,4
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	83,3
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	3 032
Ranking emprego	30
Densidade de emprego (empregados/km²)	15,5
Ranking densidade de emprego	28
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	123,5
Peso emprego feminino (Lx=100)	93,3
Ganho médio (Lx=100)	84,4
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	284
Ranking estabelecimentos	28
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,4
Ranking densidade	26
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	160,5
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	97,2 (30)
Construção – Lx=100 (ranking)	97,2 (32)
Comércio – Lx=100 (ranking)	105 (29)
Restauração – Lx=100 (ranking)	107 (22)
Logística – Lx=100 (ranking)	89,1 (33)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	82,4 (32)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	117,9 (19)
Peso da EBC (Lx=100)	45,4
Peso da EBC avançada (Lx=100)	82,3
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	142,2
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	34,5
Peso do turismo (Lx=100)	170,3
Peso da cultura (Lx=100)	1447,3
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	31,5



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-13,3
Ranking da variação da população	13
2.2. Emprego	
Variação do emprego	25,0
Ranking variação emprego	11
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	7,4
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-1,9
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	17,4
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-3,4
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	43,9
Ranking da variação dos estabelecimentos	13
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	60,8
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	3,7
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	4,6
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-13,2
Variação do emprego na construção	-49,4
Variação do emprego no comércio	5,1
Variação do emprego no alojamento e restauração	33,7
Variação do emprego na logística e utilities	-60,1
Variação do emprego nos serviços às empresas	31,3
Variação do emprego nos serviços às famílias	153,8

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	37 445
Ranking população residente	1
Densidade populacional (hab./km²)	139,2
Ranking densidade populacional	6
Dimensão das famílias (Lx=100)	96,0
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	107,7
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	97
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	97,2
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	9 061
Ranking emprego	14
Densidade de emprego (empregados/km²)	33,7
Ranking densidade de emprego	19
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	42,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	110,0
Ganho médio (Lx=100)	66,6
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1 233
Ranking estabelecimentos	8
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	4,6
Ranking densidade	14
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	50,6
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	104,5 (8)
Construção – Lx=100 (ranking)	102,2 (8)
Comércio – Lx=100 (ranking)	107,1 (10)
Restauração – Lx=100 (ranking)	99,2 (12)
Logística – Lx=100 (ranking)	88,6 (29)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	95,3 (11)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	103,3 (11)
Peso da EBC (Lx=100)	89,2
Peso da EBC avançada (Lx=100)	168,1
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	265,4
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	133,0
Peso do turismo (Lx=100)	87,2
Peso da cultura (Lx=100)	393,7
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	15,9



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-10,6
Ranking da variação da população	12
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-10,1
Ranking variação emprego	28
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	2,3
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-9,9
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-1,4
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-15,9
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	29,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	19
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	56,3
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,8
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,7
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-39,4
Variação do emprego na construção	-10,4
Variação do emprego no comércio	-4,7
Variação do emprego no alojamento e restauração	20,4
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-84,4
Variação do emprego nos serviços às empresas	181,4
Variação do emprego nos serviços às famílias	79,4

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	453
Ranking população residente	37
Densidade populacional (hab./km²)	14,6
Ranking densidade populacional	33
Dimensão das famílias (Lx=100)	97
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	99
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	120,8
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	175
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	3161
Ranking emprego	29
Densidade de emprego (empregados/km²)	102
Ranking densidade de emprego	6
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	92,2
Peso emprego feminino (Lx=100)	97
Ganho médio (Lx=100)	102,9
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	270
Ranking estabelecimentos	30
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	8,7
Ranking densidade	8
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	1491,2
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	97,3 (28)
Construção – Lx=100 (ranking)	95,8 (34)
Comércio – Lx=100 (ranking)	99,3 (30)
Restauração – Lx=100 (ranking)	100,6 (26)
Logística – Lx=100 (ranking)	128,7 (8)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	84,9 (30)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	93,6 (30)
Peso da EBC (Lx=100)	113,7
Peso da EBC avançada (Lx=100)	31,9
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	19,0
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	69,2
Peso do turismo (Lx=100)	106,8
Peso da cultura (Lx=100)	35,2
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	14,4



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-33,7
Ranking da variação da população	38
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-38,0
Ranking variação emprego	39
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-1,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-2,9
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-27,1
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-17,5
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	-5,5
Ranking da variação dos estabelecimentos	38
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	44,1
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,5
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,7
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-47,1
Variação do emprego na construção	-79,2
Variação do emprego no comércio	-43,5
Variação do emprego no alojamento e restauração	60,8
Variação do emprego na logística e utilities	-41,7
Variação do emprego nos serviços às empresas	107,1
Variação do emprego nos serviços às famílias	63,4

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	25 463
Ranking população residente	8
Densidade populacional (hab./km²)	133,3
Ranking densidade populacional	7
Dimensão das famílias (Lx=100)	91,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	95
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	119,5
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	87,5
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	12 168
Ranking emprego	10
Densidade de emprego (empregados/km²)	63,7
Ranking densidade de emprego	9
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	109,7
Peso emprego feminino (Lx=100)	119,6
Ganho médio (Lx=100)	103,8
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1 296
Ranking estabelecimentos	6
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	6,8
Ranking densidade	10
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	110,2
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	103,6 (5)
Construção – Lx=100 (ranking)	97,6 (14)
Comércio – Lx=100 (ranking)	106,7 (4)
Restauração – Lx=100 (ranking)	97,3 (13)
Logística – Lx=100 (ranking)	88,2 (28)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	105,9 (5)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	100,4 (8)
Peso da EBC (Lx=100)	113,4
Peso da EBC avançada (Lx=100)	161,3
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	207,3
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	141,7
Peso do turismo (Lx=100)	67,1
Peso da cultura (Lx=100)	95,9
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	67,1



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-20,7
Ranking da variação da população	30
2.2. Emprego	
Variação do emprego	16,8
Ranking variação emprego	16
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-0,2
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-8,2
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	4,1
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	3,6
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	18,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	25
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	56,5
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,8
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,8
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	5,4
Variação do emprego na construção	-57,1
Variação do emprego no comércio	0,8
Variação do emprego no alojamento e restauração	18,6
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-36,7
Variação do emprego nos serviços às empresas	217,4
Variação do emprego nos serviços às famílias	53,3

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	4 074
Ranking população residente	32
Densidade populacional (hab./km²)	27,9
Ranking densidade populacional	29
Dimensão das famílias (Lx=100)	122,3
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	107,2
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	55,9
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	102,8
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	7 288
Ranking emprego	17
Densidade de emprego (empregados/km²)	49,9
Ranking densidade de emprego	15
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	159,3
Peso emprego feminino (Lx=100)	98,9
Ganho médio (Lx=100)	108,6
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	485
Ranking estabelecimentos	22
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	3,3
Ranking densidade	19
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	379
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	95,6 (26)
Construção – Lx=100 (ranking)	105,9 (7)
Comércio – Lx=100 (ranking)	96,6 (22)
Restauração – Lx=100 (ranking)	100,5 (16)
Logística – Lx=100 (ranking)	100,3 (15)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	96,3 (17)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	102,1 (17)
Peso da EBC (Lx=100)	103,7
Peso da EBC avançada (Lx=100)	151,5
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	23,3
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	55,4
Peso do turismo (Lx=100)	106,7
Peso da cultura (Lx=100)	0,2
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	107,6



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-2,6
Ranking da variação da população	6
2.2. Emprego	
Variação do emprego	113,6
Ranking variação emprego	2
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	15,8
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-1,9
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	89,9
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	17,5
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	116,8
Ranking da variação dos estabelecimentos	5
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	72,3
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	10,1
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	5,0
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-24,4
Variação do emprego na construção	22,7
Variação do emprego no comércio	91,3
Variação do emprego no alojamento e restauração	56,2
Variação do emprego na logística e utilities	576,5
Variação do emprego nos serviços às empresas	251,3
Variação do emprego nos serviços às famílias	68,1

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	14 421
Ranking população residente	18
Densidade populacional (hab./km²)	102,3
Ranking densidade populacional	12
Dimensão das famílias (Lx=100)	96,6
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	98,8
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	104,7
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	119,4
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	4487
Ranking emprego	23
Densidade de emprego (empregados/km²)	31,8
Ranking densidade de emprego	20
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	130,2
Peso emprego feminino (Lx=100)	99,6
Ganho médio (Lx=100)	107,1
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	558
Ranking estabelecimentos	21
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	4
Ranking densidade	16
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	69,6
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	100,7 (19)
Construção – Lx=100 (ranking)	101,3 (17)
Comércio – Lx=100 (ranking)	103,8 (19)
Restauração – Lx=100 (ranking)	96 (28)
Logística – Lx=100 (ranking)	91 (27)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	107,8 (13)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	98,6 (22)
Peso da EBC (Lx=100)	112,8
Peso da EBC avançada (Lx=100)	163,6
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	73,4
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	136,9
Peso do turismo (Lx=100)	50,3
Peso da cultura (Lx=100)	4,2
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	29,2



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-25,6
Ranking da variação da população	36
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-3,8
Ranking variação emprego	23
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	2,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-8,8
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-2,1
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-3
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	25,0
Ranking da variação dos estabelecimentos	23
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	55,4
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	3,5
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,0
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-38
Variação do emprego na construção	41,7
Variação do emprego no comércio	-3,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	10,2
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	17
Variação do emprego nos serviços às empresas	225,4
Variação do emprego nos serviços às famílias	56,2

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	9 653
Ranking população residente	25
Densidade populacional (hab./km²)	45,1
Ranking densidade populacional	26
Dimensão das famílias (Lx=100)	127
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	97
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	63,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	133,3
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	1 389
Ranking emprego	34
Densidade de emprego (empregados/km²)	6,5
Ranking densidade de emprego	33
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	59,5
Peso emprego feminino (Lx=100)	65,2
Ganho médio (Lx=100)	87,5
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	85
Ranking estabelecimentos	34
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	0,4
Ranking densidade	34
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	33,6
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	101 (33)
Construção – Lx=100 (ranking)	96,7 (36)
Comércio – Lx=100 (ranking)	117,7 (31)
Restauração – Lx=100 (ranking)	95,4 (35)
Logística – Lx=100 (ranking)	113,8 (24)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	79 (35)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	96,8 (33)
Peso da EBC (Lx=100)	27,7
Peso da EBC avançada (Lx=100)	41,6
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	15
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	105,1
Peso do turismo (Lx=100)	41,3
Peso da cultura (Lx=100)	108,5
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	6,5



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	44,9
Ranking da variação da população	3
2.2. Emprego	
Variação do emprego	23,2
Ranking variação emprego	12
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	5,6
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	45,3
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-29,4
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	98,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	8
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	71,7
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	11,0
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	10,1
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-49,2
Variação do emprego na construção	6,9
Variação do emprego no comércio	151,3
Variação do emprego no alojamento e restauração	207,5
Variação do emprego na logística e utilities	-8,1
Variação do emprego nos serviços às empresas	234,7
Variação do emprego nos serviços às famílias	87

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	11 374
Ranking população residente	22
Densidade populacional (hab./km²)	60,8
Ranking densidade populacional	22
Dimensão das famílias (Lx=100)	117,1
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	111,3
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	46,2
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	91,7
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	5 253
Ranking emprego	21
Densidade de emprego (empregados/km²)	28,1
Ranking densidade de emprego	22
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	66,3
Peso emprego feminino (Lx=100)	106,1
Ganho médio (Lx=100)	70,7
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	576
Ranking estabelecimentos	19
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	3,1
Ranking densidade	20
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	88,7
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	95,2 (29)
Construção – Lx=100 (ranking)	102,5 (20)
Comércio – Lx=100 (ranking)	116,4 (15)
Restauração – Lx=100 (ranking)	103,8 (18)
Logística – Lx=100 (ranking)	95 (23)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	87,4 (24)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	100 (24)
Peso da EBC (Lx=100)	55,6
Peso da EBC avançada (Lx=100)	99,1
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	21,3
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	51,4
Peso do turismo (Lx=100)	136,7
Peso da cultura (Lx=100)	62,3
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	23,0



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	44,9
Ranking da variação da população	2
2.2. Emprego	
Variação do emprego	356,0
Ranking variação emprego	1
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	23,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-1,1
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	330,5
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-6,5
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	365,5
Ranking da variação dos estabelecimentos	1
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	80,0
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	8,5
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	10,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	83,9
Variação do emprego na construção	146,2
Variação do emprego no comércio	530,8
Variação do emprego no alojamento e restauração	555,7
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	153,4
Variação do emprego nos serviços às empresas	885,2
Variação do emprego nos serviços às famílias	184,3

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO

1.1. População (2001)

População residente (n°)	13 058
Ranking população residente	20
Densidade populacional (hab./km ²)	148,4
Ranking densidade populacional	5
Dimensão das famílias (Lx=100)	85,3
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	96,1
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	119,5
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	102,8

1.2. Emprego (2000)

Emprego (n°)	5 567
Ranking emprego	20
Densidade de emprego (empregados/km ²)	63,3
Ranking densidade de emprego	10
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	58,2
Peso emprego feminino (Lx=100)	86,1
Ganho médio (Lx=100)	68,2

1.3. Estabelecimentos (2000)

Estabelecimentos (nº)	798
Ranking estabelecimentos	15
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	9,1
Ranking densidade	7

1.4. Relação emprego/população residente

Emprego/População residente	102,6
-----------------------------	-------

1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)

Indústria – Lx=100 (ranking)	102,6 (16)
Construção – Lx=100 (ranking)	97,2 (27)
Comércio – Lx=100 (ranking)	98 (25)
Restauração – Lx=100 (ranking)	101,3 (19)
Logística – Lx=100 (ranking)	112,3 (7)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	85,4 (23)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	103,5 (18)
Peso da EBC (Lx=100)	56
Peso da EBC avançada (Lx=100)	52
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	141,8
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	140,2
Peso do turismo (Lx=100)	114
Peso da cultura (Lx=100)	72,6
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	21,6



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)

2.1. População

Variação da população residente	-33,5
Ranking da variação da população	37

2.2. Emprego

Variação do emprego	-35,1
Ranking variação emprego	38
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-0,7
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-1,5
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-26
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-28

2.3. Estabelecimentos

Varição dos estabelecimentos	-12,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	40
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	40,7
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,3
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	8,5

2.4 Especialização produtiva

Variação do emprego na indústria	-54,9
Variação do emprego na construção	14,9
Variação do emprego no comércio	-34,7
Variação do emprego no alojamento e restauração	1,1
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	42,6
Variação do emprego nos serviços às empresas	-51,7
Variação do emprego nos serviços às famílias	-4,7

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	27 235
Ranking população residente	7
Densidade populacional (hab./km²)	60,7
Ranking densidade populacional	23
Dimensão das famílias (Lx=100)	120,9
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	102,9
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	63,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	145,8
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	3 510
Ranking emprego	26
Densidade de emprego (empregados/km²)	7,8
Ranking densidade de emprego	32
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	61,4
Peso emprego feminino (Lx=100)	108
Ganho médio (Lx=100)	58
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	356
Ranking estabelecimentos	24
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	0,8
Ranking densidade	32
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	29,4
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	104,3 (21)
Construção – Lx=100 (ranking)	105,7 (19)
Comércio – Lx=100 (ranking)	100 (28)
Restauração – Lx=100 (ranking)	95,2 (32)
Logística – Lx=100 (ranking)	91,5 (30)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	92,2 (26)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	111,5 (20)
Peso da EBC (Lx=100)	64,1
Peso da EBC avançada (Lx=100)	139,8
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	34,5
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	189,5
Peso do turismo (Lx=100)	39,1
Peso da cultura (Lx=100)	36,8
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	2,4



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-2,6
Ranking da variação da população	8
2.2. Emprego	
Variação do emprego	3,2
Ranking variação emprego	19
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	2,5
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-4,7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	7,6
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-10,5
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	34,8
Ranking da variação dos estabelecimentos	15
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	57,9
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,6
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	5,4
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-44,8
Variação do emprego na construção	17
Variação do emprego no comércio	-9,4
Variação do emprego no alojamento e restauração	9,4
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-61
Variação do emprego nos serviços às empresas	312,4
Variação do emprego nos serviços às famílias	29,8

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	34 700
Ranking população residente	3
Densidade populacional (hab./km²)	73,5
Ranking densidade populacional	19
Dimensão das famílias (Lx=100)	132,1
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	106,9
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	50,8
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	138,9
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	4 854
Ranking emprego	22
Densidade de emprego (empregados/km²)	10,3
Ranking densidade de emprego	31
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	52,7
Peso emprego feminino (Lx=100)	75,2
Ganho médio (Lx=100)	79
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	433
Ranking estabelecimentos	23
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	0,9
Ranking densidade	31
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	30,9
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	99,2 (25)
Construção – Lx=100 (ranking)	104,1 (13)
Comércio – Lx=100 (ranking)	108,1 (21)
Restauração – Lx=100 (ranking)	97,4 (27)
Logística – Lx=100 (ranking)	108,1 (13)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	86,2 (27)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	97,3 (26)
Peso da EBC (Lx=100)	84,4
Peso da EBC avançada (Lx=100)	53,3
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	138,2
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	56,9
Peso do turismo (Lx=100)	63,4
Peso da cultura (Lx=100)	9,6
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	10,3



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-19,7
Ranking da variação da população	22
2.2. Emprego	
Variação do emprego	1,3
Ranking variação emprego	20
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-14,4
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-0,7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	27,5
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-26,5
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	104,1
Ranking da variação dos estabelecimentos	6
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	71,2
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	2,2
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	4,6
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-60,4
Variação do emprego na construção	58,3
Variação do emprego no comércio	14,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	170,2
Variação do emprego na logística e utilities	-36,4
Variação do emprego nos serviços às empresas	377,8
Variação do emprego nos serviços às famílias	73,2

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	17 941
Ranking população residente	14
Densidade populacional (hab./km²)	124,6
Ranking densidade populacional	8
Dimensão das famílias (Lx=100)	94,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	96
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	113,1
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	79,2
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	7 226
Ranking emprego	18
Densidade de emprego (empregados/km²)	50,2
Ranking densidade de emprego	14
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	115,4
Peso emprego feminino (Lx=100)	104,3
Ganho médio (Lx=100)	87
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	839
Ranking estabelecimentos	13
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	5,8
Ranking densidade	12
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	91,6
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	101,4 (14)
Construção – Lx=100 (ranking)	99,4 (21)
Comércio – Lx=100 (ranking)	101,4 (17)
Restauração – Lx=100 (ranking)	100,1 (15)
Logística – Lx=100 (ranking)	91,3 (25)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	97 (16)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	109,6 (9)
Peso da EBC (Lx=100)	89,5
Peso da EBC avançada (Lx=100)	92,0
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	215,5
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	89,7
Peso do turismo (Lx=100)	96,6
Peso da cultura (Lx=100)	31,2
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	22,0



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-16,0
Ranking da variação da população	16
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-19,2
Ranking variação emprego	31
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	11,3
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-6
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-18,6
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-19,5
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	15,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	28
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	55,5
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,1
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,3
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-45,6
Variação do emprego na construção	-24,3
Variação do emprego no comércio	-19,3
Variação do emprego no alojamento e restauração	59,9
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-43,6
Variação do emprego nos serviços às empresas	13,8
Variação do emprego nos serviços às famílias	-2,2

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	4 396
Ranking população residente	30
Densidade populacional (hab./km²)	21,4
Ranking densidade populacional	32
Dimensão das famílias (Lx=100)	118
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	109,9
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	30,9
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	90,3
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	857
Ranking emprego	35
Densidade de emprego (empregados/km²)	4,2
Ranking densidade de emprego	35
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	67,8
Peso emprego feminino (Lx=100)	94,6
Ganho médio (Lx=100)	69
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	132
Ranking estabelecimentos	33
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	0,6
Ranking densidade	33
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	36,7
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	107,3 (32)
Construção – Lx=100 (ranking)	108,5 (29)
Comércio – Lx=100 (ranking)	110,3 (34)
Restauração – Lx=100 (ranking)	101,2 (33)
Logística – Lx=100 (ranking)	91,5 (34)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	80 (36)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	101,6 (34)
Peso da EBC (Lx=100)	37,4
Peso da EBC avançada (Lx=100)	84,5
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	93,2
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	236,9
Peso do turismo (Lx=100)	106
Peso da cultura (Lx=100)	27,1
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	7,1



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	44,8
Ranking da variação da população	4
2.2. Emprego	
Variação do emprego	72,5
Ranking variação emprego	3
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	8
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-14,8
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	73,8
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-17,7
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	158,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	3
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	76,2
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	8,0
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	5,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-9,6
Variação do emprego na construção	123,8
Variação do emprego no comércio	102,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	209,7
Variação do emprego na logística e utilities	3612,9
Variação do emprego nos serviços às empresas	461,3
Variação do emprego nos serviços às famílias	13,5

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	24 177
Ranking população residente	9
Densidade populacional (hab./km²)	78,8
Ranking densidade populacional	17
Dimensão das famílias (Lx=100)	109,5
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	111,6
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	48,7
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	84,7
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	8 108
Ranking emprego	15
Densidade de emprego (empregados/km²)	26,4
Ranking densidade de emprego	23
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	103,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	98,3
Ganho médio (Lx=100)	96,1
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	806
Ranking estabelecimentos	14
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	2,6
Ranking densidade	23
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	64,2
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	97,2 (22)
Construção – Lx=100 (ranking)	104,3 (9)
Comércio – Lx=100 (ranking)	109,4 (12)
Restauração – Lx=100 (ranking)	98,4 (20)
Logística – Lx=100 (ranking)	94,4 (21)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	92 (18)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	104,6 (14)
Peso da EBC (Lx=100)	55,0
Peso da EBC avançada (Lx=100)	125,8
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	7,3
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	74,3
Peso do turismo (Lx=100)	80,0
Peso da cultura (Lx=100)	29,1
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	32,2



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-2,6
Ranking da variação da população	9
2.2. Emprego	
Variação do emprego	35,9
Ranking variação emprego	8
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	6
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	4
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	38
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-32,9
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	100,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	7
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	72,8
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	7,1
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	5,4
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	33,5
Variação do emprego na construção	7,9
Variação do emprego no comércio	69,4
Variação do emprego no alojamento e restauração	66,5
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-15,5
Variação do emprego nos serviços às empresas	160,3
Variação do emprego nos serviços às famílias	-21

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	4 105
Ranking população residente	31
Densidade populacional (hab./km²)	24,3
Ranking densidade populacional	30
Dimensão das famílias (Lx=100)	111,5
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	95,8
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	120,3
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	106,9
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	4 122
Ranking emprego	25
Densidade de emprego (empregados/km²)	24,4
Ranking densidade de emprego	26
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	39
Peso emprego feminino (Lx=100)	83,3
Ganho médio (Lx=100)	80,7
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	239
Ranking estabelecimentos	31
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,4
Ranking densidade	26
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	260,9
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	109,9 (13)
Construção – Lx=100 (ranking)	98,2 (26)
Comércio – Lx=100 (ranking)	105,8 (23)
Restauração – Lx=100 (ranking)	96,4 (29)
Logística – Lx=100 (ranking)	100,9 (18)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	97,1 (21)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	92 (31)
Peso da EBC (Lx=100)	111,8
Peso da EBC avançada (Lx=100)	33,6
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	472,9
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	134
Peso do turismo (Lx=100)	53
Peso da cultura (Lx=100)	24,7
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	14,7



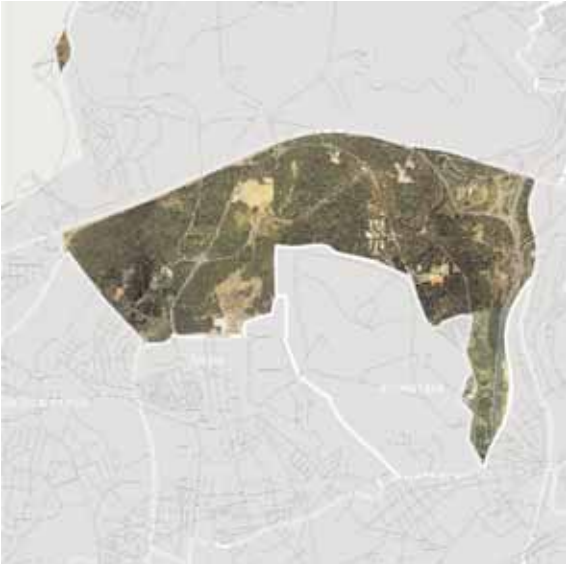
2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-24,2
Ranking da variação da população	35
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-30,9
Ranking variação emprego	37
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-12,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-5,2
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-8,8
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-35,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	10,1
Ranking da variação dos estabelecimentos	31
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	55,5
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	9,4
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	10,2
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-63,2
Variação do emprego na construção	-4
Variação do emprego no comércio	-8,7
Variação do emprego no alojamento e restauração	106,8
Variação do emprego na logística e utilities	-53,5
Variação do emprego nos serviços às empresas	310,6
Variação do emprego nos serviços às famílias	52,6

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	5 395
Ranking população residente	28
Densidade populacional (hab./km²)	9,4
Ranking densidade populacional	36
Dimensão das famílias (Lx=100)	149,3
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	101
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	44,5
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	177,8
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	827
Ranking emprego	36
Densidade de emprego (empregados/km²)	1,4
Ranking densidade de emprego	39
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	118,7
Peso emprego feminino (Lx=100)	96,7
Ganho médio (Lx=100)	100,7
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	61
Ranking estabelecimentos	35
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	0,1
Ranking densidade	37
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	39,8
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	105,1 (34)
Construção – Lx=100 (ranking)	101,3 (33)
Comércio – Lx=100 (ranking)	104,7 (35)
Restauração – Lx=100 (ranking)	96,1 (36)
Logística – Lx=100 (ranking)	96,4 (31)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	90,6 (33)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	105 (32)
Peso da EBC (Lx=100)	75,2
Peso da EBC avançada (Lx=100)	164,9
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	126,7
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	94
Peso do turismo (Lx=100)	51,6
Peso da cultura (Lx=100)	174,7
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	30,2



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-9,2
Ranking da variação da população	11
2.2. Emprego	
Variação do emprego	18,1
Ranking variação emprego	13
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	3,5
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-8,4
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	12
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	19
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	32,8
Ranking da variação dos estabelecimentos	17
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	58,3
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,8
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	5,7
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-3,9
Variação do emprego na construção	80,4
Variação do emprego no comércio	0,6
Variação do emprego no alojamento e restauração	95,1
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	798,2
Variação do emprego nos serviços às empresas	123,9
Variação do emprego nos serviços às famílias	9,7

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	72
Ranking população residente	39
Densidade populacional (hab./km²)	0,3
Ranking densidade populacional	39
Dimensão das famílias (Lx=100)	106,8
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	88,7
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	135,2
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	77,8
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	426
Ranking emprego	37
Densidade de emprego (empregados/km²)	1,6
Ranking densidade de emprego	38
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	196,4
Peso emprego feminino (Lx=100)	110,9
Ganho médio (Lx=100)	126,1
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	28
Ranking estabelecimentos	37
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	0,1
Ranking densidade	37
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	1 704,8
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	102 (36)
Construção – Lx=100 (ranking)	95,5 (39)
Comércio – Lx=100 (ranking)	107,4 (36)
Restauração – Lx=100 (ranking)	96,6 (37)
Logística – Lx=100 (ranking)	88,2 (38)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	105,8 (34)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	102,4 (37)
Peso da EBC (Lx=100)	103,1
Peso da EBC avançada (Lx=100)	347
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	24,7
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	190,3
Peso do turismo (Lx=100)	58,7
Peso da cultura (Lx=100)	22,8
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	62,8



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-20,9
Ranking da variação da população	31
2.2. Emprego	
Variação do emprego	17,5
Ranking variação emprego	15
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	7,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-17,7
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	13,6
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	38,6
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	32,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	18
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	70,5
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,7
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	7,4
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	203,5
Variação do emprego na construção	-52,9
Variação do emprego no comércio	-0,3
Variação do emprego no alojamento e restauração	20
Variação do emprego na logística e utilities	29,4
Variação do emprego nos serviços às empresas	103,1
Variação do emprego nos serviços às famílias	97,1

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	378
Ranking população residente	38
Densidade populacional (hab./km²)	4,1
Ranking densidade populacional	37
Dimensão das famílias (Lx=100)	136,5
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	92,4
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	87,3
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	62,5
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	212
Ranking emprego	39
Densidade de emprego (empregados/km²)	2,3
Ranking densidade de emprego	36
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	50,7
Peso emprego feminino (Lx=100)	63,3
Ganho médio (Lx=100)	63,9
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	28
Ranking estabelecimentos	38
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	0,3
Ranking densidade	35
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	153,6
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	96,1 (39)
Construção – Lx=100 (ranking)	117,5 (35)
Comércio – Lx=100 (ranking)	117,3 (37)
Restauração – Lx=100 (ranking)	94,7 (38)
Logística – Lx=100 (ranking)	86,8 (40)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	90,3 (39)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	97,6 (39)
Peso da EBC (Lx=100)	49,4
Peso da EBC avançada (Lx=100)	62,6
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	215,5
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	4,4
Peso do turismo (Lx=100)	34,5
Peso da cultura (Lx=100)	0,0
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	40,1



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-2,6
Ranking da variação da população	7
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-3,2
Ranking variação emprego	22
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-3,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-8,1
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-3,4
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	30,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	6,0
Ranking da variação dos estabelecimentos	34
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	54,7
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,9
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	15,5
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-49,7
Variação do emprego na construção	-22,3
Variação do emprego no comércio	22,9
Variação do emprego no alojamento e restauração	-70,5
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-99,8
Variação do emprego nos serviços às empresas	100,8
Variação do emprego nos serviços às famílias	82,9

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	36 710
Ranking população residente	2
Densidade populacional (hab./km²)	85,2
Ranking densidade populacional	15
Dimensão das famílias (Lx=100)	108
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	96,5
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	116,5
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	93,1
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	14 615
Ranking emprego	6
Densidade de emprego (empregados/km²)	33,9
Ranking densidade de emprego	18
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	74,4
Peso emprego feminino (Lx=100)	80,9
Ganho médio (Lx=100)	125,5
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	577
Ranking estabelecimentos	18
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,3
Ranking densidade	29
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	97,4
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	94,2 (24)
Construção – Lx=100 (ranking)	97,4 (15)
Comércio – Lx=100 (ranking)	91,5 (16)
Restauração – Lx=100 (ranking)	98,2 (11)
Logística – Lx=100 (ranking)	144,6 (1)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	76,6 (22)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	97,7 (13)
Peso da EBC (Lx=100)	30
Peso da EBC avançada (Lx=100)	19,2
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	70,9
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	20,3
Peso do turismo (Lx=100)	74,3
Peso da cultura (Lx=100)	23,8
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	11,1



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-18,3
Ranking da variação da população	19
2.2. Emprego	
Variação do emprego	1,2
Ranking variação emprego	21
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-0,3
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-0,8
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	13,2
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-15,3
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	48,3
Ranking da variação dos estabelecimentos	12
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	68,4
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	3,4
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	2,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-62,7
Variação do emprego na construção	37,6
Variação do emprego no comércio	-9,8
Variação do emprego no alojamento e restauração	21
Variação do emprego na logística e utilities	-5,7
Variação do emprego nos serviços às empresas	159,2
Variação do emprego nos serviços às famílias	188,3

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	9 700
Ranking população residente	24
Densidade populacional (hab./km²)	31,6
Ranking densidade populacional	28
Dimensão das famílias (Lx=100)	117,4
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	107,6
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	49,6
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	126,4
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	6 355
Ranking emprego	19
Densidade de emprego (empregados/km²)	20,7
Ranking densidade de emprego	27
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	56,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	94,3
Ganho médio (Lx=100)	91,2
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	318
Ranking estabelecimentos	27
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1
Ranking densidade	30
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	138,7
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	99,2 (20)
Construção – Lx=100 (ranking)	98,4 (24)
Comércio – Lx=100 (ranking)	113,3 (13)
Restauração – Lx=100 (ranking)	101,6 (17)
Logística – Lx=100 (ranking)	102,1 (14)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	93,4 (20)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	92,4 (29)
Peso da EBC (Lx=100)	94,3
Peso da EBC avançada (Lx=100)	44,2
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	181,5
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	61,6
Peso do turismo (Lx=100)	111,1
Peso da cultura (Lx=100)	0
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	20,6



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	51,1
Ranking da variação da população	1
2.2. Emprego	
Variação do emprego	44,0
Ranking variação emprego	6
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-0,6
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	3,6
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	47,1
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-22,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	198,2
Ranking da variação dos estabelecimentos	2
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	84,6
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	3,4
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	4,2
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-67,2
Variação do emprego na construção	-0,9
Variação do emprego no comércio	114,8
Variação do emprego no alojamento e restauração	1047,2
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-9
Variação do emprego nos serviços às empresas	346,0
Variação do emprego nos serviços às famílias	428,1

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	11 822
Ranking população residente	21
Densidade populacional (hab./km²)	50,5
Ranking densidade populacional	24
Dimensão das famílias (Lx=100)	103,3
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	100,3
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	101,3
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	79,2
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	3 344
Ranking emprego	27
Densidade de emprego (empregados/km²)	14,3
Ranking densidade de emprego	30
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	133,3
Peso emprego feminino (Lx=100)	88,5
Ganho médio (Lx=100)	94,9
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	319
Ranking estabelecimentos	26
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	1,4
Ranking densidade	26
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	62,4
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	94,2 (35)
Construção – Lx=100 (ranking)	117,4 (6)
Comércio – Lx=100 (ranking)	101,7 (27)
Restauração – Lx=100 (ranking)	97,9 (30)
Logística – Lx=100 (ranking)	87,5 (36)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	93,5 (25)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	107,7 (21)
Peso da EBC (Lx=100)	64,5
Peso da EBC avançada (Lx=100)	197,8
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	14,9
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	46
Peso do turismo (Lx=100)	72,7
Peso da cultura (Lx=100)	22,8
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	44,8



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-14,6
Ranking da variação da população	15
2.2. Emprego	
Variação do emprego	17,6
Ranking variação emprego	14
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	5
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-9,1
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	18,7
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-8,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	42,4
Ranking da variação dos estabelecimentos	14
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	61,9
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	6,8
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	8,8
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-52,8
Variação do emprego na construção	50,4
Variação do emprego no comércio	-15,5
Variação do emprego no alojamento e restauração	97,8
Variação do emprego na logística e utilities	-37
Variação do emprego nos serviços às empresas	154,6
Variação do emprego nos serviços às famílias	41,4

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	14 284
Ranking população residente	19
Densidade populacional (hab./km²)	114,3
Ranking densidade populacional	9
Dimensão das famílias (Lx=100)	83,2
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	99
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	119,5
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	97,2
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	12 886
Ranking emprego	8
Densidade de emprego (empregados/km²)	103,1
Ranking densidade de emprego	5
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	88,6
Peso emprego feminino (Lx=100)	106,5
Ganho médio (Lx=100)	85,5
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1 576
Ranking estabelecimentos	4
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	12,6
Ranking densidade	5
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	200,5
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	103,1 (6)
Construção – Lx=100 (ranking)	98,5 (12)
Comércio – Lx=100 (ranking)	103,3 (7)
Restauração – Lx=100 (ranking)	104,1 (4)
Logística – Lx=100 (ranking)	102,4 (5)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	88,2 (12)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	100,8 (5)
Peso da EBC (Lx=100)	81
Peso da EBC avançada (Lx=100)	90,3
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	104,3
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	156,1
Peso do turismo (Lx=100)	166,7
Peso da cultura (Lx=100)	157,6
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	42,3



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-19,3
Ranking da variação da população	20
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-27,3
Ranking variação emprego	34
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-4,7
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-5,6
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-11,3
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-18,2
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	-0,1
Ranking da variação dos estabelecimentos	37
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	45,3
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	4,6
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	9,1
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-26
Variação do emprego na construção	-4
Variação do emprego no comércio	-38
Variação do emprego no alojamento e restauração	-10,5
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-2,4
Variação do emprego nos serviços às empresas	0,2
Variação do emprego nos serviços às famílias	-14,8

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	1 330
Ranking população residente	35
Densidade populacional (hab./km²)	12,5
Ranking densidade populacional	34
Dimensão das famílias (Lx=100)	95
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	95,6
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	119,9
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	108,3
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	3 260
Ranking emprego	28
Densidade de emprego (empregados/km²)	30,8
Ranking densidade de emprego	21
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	101,7
Peso emprego feminino (Lx=100)	82,6
Ganho médio (Lx=100)	85,4
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	333
Ranking estabelecimentos	25
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	3,1
Ranking densidade	20
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	589,4
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	100,8 (23)
Construção – Lx=100 (ranking)	96,9 (30)
Comércio – Lx=100 (ranking)	101,1 (26)
Restauração – Lx=100 (ranking)	101,9 (21)
Logística – Lx=100 (ranking)	99,1 (22)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	102,4 (19)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	96,3 (28)
Peso da EBC (Lx=100)	97,5
Peso da EBC avançada (Lx=100)	87,2
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	70,9
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	147,1
Peso do turismo (Lx=100)	114,9
Peso da cultura (Lx=100)	50,6
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	12,1



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-44,8
Ranking da variação da população	39
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-38,7
Ranking variação emprego	40
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-1,9
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-17,1
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-10,8
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-30,1
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	8,6
Ranking da variação dos estabelecimentos	32
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	55,7
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	7,0
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	9,1
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-58,6
Variação do emprego na construção	-59,9
Variação do emprego no comércio	-28,9
Variação do emprego no alojamento e restauração	93,2
Variação do emprego na logística e utilities	-50,2
Variação do emprego nos serviços às empresas	274,5
Variação do emprego nos serviços às famílias	44,2

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	29 293
Ranking população residente	5
Densidade populacional (hab./km²)	106,9
Ranking densidade populacional	11
Dimensão das famílias (Lx=100)	98,6
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	106,7
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	88,1
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	94,4
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	13 805
Ranking emprego	7
Densidade de emprego (empregados/km²)	50,4
Ranking densidade de emprego	12
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	83,6
Peso emprego feminino (Lx=100)	121,5
Ganho médio (Lx=100)	87,3
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	1 155
Ranking estabelecimentos	10
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	4,2
Ranking densidade	15
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	96,8
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	95,9 (18)
Construção – Lx=100 (ranking)	99,8 (10)
Comércio – Lx=100 (ranking)	108,5 (3)
Restauração – Lx=100 (ranking)	98,8 (9)
Logística – Lx=100 (ranking)	93,7 (16)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	103,2 (6)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	100,5 (6)
Peso da EBC (Lx=100)	114,2
Peso da EBC avançada (Lx=100)	150,7
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	72
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	49
Peso do turismo (Lx=100)	84,8
Peso da cultura (Lx=100)	241,3
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	41,4



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-2,6
Ranking da variação da população	5
2.2. Emprego	
Variação do emprego	46,1
Ranking variação emprego	5
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	7,5
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-1,6
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	36,4
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-0,6
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	87,1
Ranking da variação dos estabelecimentos	10
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	67,6
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,6
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,3
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-34,2
Variação do emprego na construção	-3,3
Variação do emprego no comércio	98,1
Variação do emprego no alojamento e restauração	101,7
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-63,5
Variação do emprego nos serviços às empresas	220,1
Variação do emprego nos serviços às famílias	67,2

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	1 468
Ranking população residente	34
Densidade populacional (hab./km²)	12,1
Ranking densidade populacional	35
Dimensão das famílias (Lx=100)	110,6
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	104,4
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	76,7
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	129,2
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	258
Ranking emprego	38
Densidade de emprego (empregados/km²)	2,1
Ranking densidade de emprego	37
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	121,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	130,4
Ganho médio (Lx=100)	72,1
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	34
Ranking estabelecimentos	36
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	0,3
Ranking densidade	35
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	57,2
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	111,9 (12)
Construção – Lx=100 (ranking)	102,6 (22)
Comércio – Lx=100 (ranking)	105,3 (24)
Restauração – Lx=100 (ranking)	98,7 (25)
Logística – Lx=100 (ranking)	100,7 (20)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	84,2 (29)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	97,1 (27)
Peso da EBC (Lx=100)	98,2
Peso da EBC avançada (Lx=100)	265,4
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	485,1
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	16,1
Peso do turismo (Lx=100)	53,7
Peso da cultura (Lx=100)	275,8
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	0



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-20,1
Ranking da variação da população	25
2.2. Emprego	
Variação do emprego	-24,6
Ranking variação emprego	33
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-0,3
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-10
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	-10,7
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-14,4
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	10,5
Ranking da variação dos estabelecimentos	30
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	49,0
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	3,8
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,9
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	1430,7
Variação do emprego na construção	-50,4
Variação do emprego no comércio	0,1
Variação do emprego no alojamento e restauração	468,5
Variação do emprego na logística e utilities	29
Variação do emprego nos serviços às empresas	29209,1
Variação do emprego nos serviços às famílias	18,9

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	16 775
Ranking população residente	16
Densidade populacional (hab./km²)	169,4
Ranking densidade populacional	3
Dimensão das famílias (Lx=100)	90,5
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	98
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	120,8
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	109,7
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	4 165
Ranking emprego	24
Densidade de emprego (empregados/km²)	42,1
Ranking densidade de emprego	17
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	37,9
Peso emprego feminino (Lx=100)	80,9
Ganho médio (Lx=100)	61,8
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	568
Ranking estabelecimentos	20
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	5,7
Ranking densidade	13
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	37,3
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	102,8 (37)
Construção – Lx=100 (ranking)	99,9 (38)
Comércio – Lx=100 (ranking)	90,9 (38)
Restauração – Lx=100 (ranking)	93,3 (39)
Logística – Lx=100 (ranking)	91,8 (37)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	93,5 (38)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	127,6 (36)
Peso da EBC (Lx=100)	53,2
Peso da EBC avançada (Lx=100)	46,4
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	167,2
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	275
Peso do turismo (Lx=100)	79,9
Peso da cultura (Lx=100)	85,4
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	19,4



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-3,8
Ranking da variação da população	10
2.2. Emprego	
Variação do emprego	38,4
Ranking variação emprego	7
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-1,1
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-1,9
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	21,7
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	31,1
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	152,7
Ranking da variação dos estabelecimentos	4
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	71,3
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	5,0
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	6,0
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-49,1
Variação do emprego na construção	2,3
Variação do emprego no comércio	-5,9
Variação do emprego no alojamento e restauração	12,5
Variação do emprego na logística e <i>utilities</i>	-6,9
Variação do emprego nos serviços às empresas	13,2
Variação do emprego nos serviços às famílias	27,4

1. INDICADORES DE CARACTERIZAÇÃO	
1.1. População (2001)	
População residente (nº)	473
Ranking população residente	36
Densidade populacional (hab./km²)	3,9
Ranking densidade populacional	38
Dimensão das famílias (Lx=100)	100,2
Pop. idade activa/Total pop. residente (Lx=100)	93,4
Pop. >65 anos/Total pop. residente (Lx=100)	136,9
Pop. residente com emprego industrial (Lx=100)	61,1
1.2. Emprego (2000)	
Emprego (nº)	77
Ranking emprego	40
Densidade de emprego (empregados/km²)	0,6
Ranking densidade de emprego	40
Peso emprego com educação terciária (Lx=100)	74
Peso emprego feminino (Lx=100)	105,9
Ganho médio (Lx=100)	58,3
1.3. Estabelecimentos (2000)	
Estabelecimentos (nº)	11
Ranking estabelecimentos	40
Densidade estabelecimentos (estab./km²)	0,1
Ranking densidade	37
1.4. Relação emprego/população residente	
Emprego/População residente	41,1
1.5. Indicadores de especialização produtiva (Emprego)	
Indústria – Lx=100 (ranking)	91,3 (40)
Construção – Lx=100 (ranking)	101,5 (40)
Comércio – Lx=100 (ranking)	89,2 (40)
Restauração – Lx=100 (ranking)	95,3 (40)
Logística – Lx=100 (ranking)	87 (39)
Serviços a empresas – Lx=100 (ranking)	122,1 (40)
Serviços a famílias – Lx=100 (ranking)	111,8 (40)
Peso da EBC (Lx=100)	150,8
Peso da EBC avançada (Lx=100)	100,6
Peso da indústria de média e alta tecnologia (Lx=100)	0
Peso da indústria de baixa tecnologia (Lx=100)	0,1
Peso do turismo (Lx=100)	40,2
Peso da cultura (Lx=100)	196,9
Peso dos serviços financeiros (Lx=100)	0



2. INDICADORES DE DINÂMICA (1991-2000/2001)	
2.1. População	
Variação da população residente	-20,6
Ranking da variação da população	29
2.2. Emprego	
Variação do emprego	72,0
Ranking variação emprego	4
Saldo emprego mobilidade interna/emprego 91	-2,2
Saldo emprego mobilidade externa/emprego 91	-22,8
Saldo emprego movimento natural/emprego 91	100,9
Saldo empr. permanentes/empr. permanentes 91	-19
2.3. Estabelecimentos	
Variação dos estabelecimentos	50,9
Ranking da variação dos estabelecimentos	11
Estabelecimentos novos/estabelecimentos 2001	69,1
Estabelecimentos entram/estabelecimentos 2001	1,5
Estabelecimentos saem/estabelecimentos 2001	11,0
2.4 Especialização produtiva	
Variação do emprego na indústria	-99,5
Variação do emprego na construção	-61,8
Variação do emprego no comércio	-35,1
Variação do emprego no alojamento e restauração	0
Variação do emprego na logística e utilities	0,2
Variação do emprego nos serviços às empresas	1431,1
Variação do emprego nos serviços às famílias	100,9

AIP	Associação Industrial Portuguesa
AML	Área Metropolitana de Lisboa
BCP	Banco Comercial Português
BNC	Banco Nacional de Crédito
BNP	Banco Português de Negócios
C&T	Ciência e Tecnologia
CAE	Classificação das Actividades Económicas
CCB	Centro Cultural de Belém
CML	Câmara Municipal de Lisboa
CPD	Centro Português de Design
CREL	Circular Regional Exterior de Lisboa
CRIL	Circular Regional Interior de Lisboa
CRM	Plataformas Customer Relationship Management
DEEP	Departamento de Estudos, Estatística e Planeamento
EBC	Economia Baseada no Conhecimento
EPO	Instituto Europeu de Patentes
EPUL	Empresa Pública de Urbanização de Lisboa
ERP	Plataformas Enterprise Resource Planning
FEDER	Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional
I&D	Investigação & Desenvolvimento
ICAT	Instituto de Ciência Aplicada e Tecnologia
ICU	Indicador de Competitividade Urbana
INE	Instituto Nacional de Estatística
INETI	Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial
INIAP	Instituto Nacional de Investigação Agrária e das Pescas
ISEG	Instituto Superior de Economia e Gestão
LNEC	Laboratório Nacional de Engenharia Civil
LVT	Lisboa e Vale do Tejo
Lx	Lisboa
MARL	Mercado Abastecedor da Região de Lisboa
OCDE	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico
PDM	Plano Director Municipal
PIB	Produto Interno Bruto
RLVT	Região de Lisboa e Vale do Tejo
UE	União Europeia
VAB	Valor Acrescentado Bruto
VAR	Value-added Reseller

índice de quadros

247

Quadro 2.1 Patentes registadas no EPO por milhão de habitantes	46
Quadro 2.2 Estrutura etária da população residente, 2001 (em %)	48
Quadro 2.3 Movimentos pendulares na AML (população empregada ou estudante com 15 ou mais anos)	48
Quadro 2.4 Despesa em I&D, a preços correntes, no sector ensino superior, por distritos e regiões autónomas	52
Quadro 3.0 Correspondência entre as zonas de aglomeração de base económica consideradas as freguesias e as unidades de análise	60
Quadro 3.1 Emprego e estabelecimentos por zona de aglomeração, 2000	62
Quadro 3.2 Densidade do emprego e estabelecimentos por zona de aglomeração (nº unidades/km ²)	63
Quadro 3.3 Dimensão média dos estabelecimentos por zona de aglomeração, 2000	64
Quadro 3.4 Indicadores de qualificações da força de trabalho por zona de aglomeração, 2000	65
Quadro 3.5 Indicadores de características da força de trabalho por zona de aglomeração, 2000	65
Quadro 3.6 Variação do emprego e dos estabelecimentos por zona de aglomeração, 1991-2000	68
Quadro 3.7 Decomposição dos movimentos de emprego por zona de aglomeração, 1991-2000	70
Quadro 3.8 Saldos dos movimentos de emprego por zona de aglomeração, 1991-2000	70
Quadro 3.9 Decomposição dos movimentos de estabelecimentos por zona de aglomeração, 1991-2000	71
Quadro 3.10 Saldos dos movimentos de estabelecimentos por zona de aglomeração, 1991-2000	71
Quadro 3.11 Peso do emprego por sector, 2000 (em %)	79
Quadro 3.12 Peso do emprego por grandes sectores, 2000 (em %)	79
Quadro 3.13 Peso do emprego e quociente de localização (QL) nos sectores produtores de tecnologias da informação, 2000	79
Quadro 3.14 Peso do emprego e quociente de localização (QL) nos sectores da economia baseada no conhecimento (EBC)	80
Quadro 3.15 Peso do emprego e quociente de localização (QL) nos sectores por intensidade tecnológica, 2000	80
Quadro 3.16 Tabela de códigos sectoriais	80
Quadro 3.17 Peso do emprego por grandes sectores por zona de aglomeração, 2000 (em %)	82
Quadro 3.18 Peso do emprego por grandes sectores por zona de aglomeração, 2000. Diferença face a Lisboa (em p.p.)	82
Quadro 3.19 Peso do emprego para alguns sectores por zona de aglomeração, 2000 (em %)	83
Quadro 3.20 Peso do emprego para alguns sectores por zona de aglomeração, 2000. Diferença face a Lisboa (em p.p.)	83

Quadro 3.21 Variação do emprego por grandes sectores por zona de aglomeração, 1991-2000 (em %) **84**

Quadro 3.22 Indicador de competitividade urbana global e indicadores de base seleccionados para a sua construção **118**

Quadro 3.23 Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001: universo dos 35 concelhos mais populosos – visão dos *rankings* **120**

Quadro 3.24 Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001: universo dos 35 concelhos mais populosos – visão da “distância” **121**

Quadro 3.25 Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001: universo da Área Metropolitana de Lisboa – visão dos *rankings* **126**

Quadro 3.26 Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001: universo da Área Metropolitana de Lisboa – visão da “distância” **127**

Quadro 3.27 Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001: universo da cidade de Lisboa – visão dos *rankings* **133**

Quadro 3.28 Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001: universo da cidade de Lisboa – visão da “distância” **133**

Quadro 3.29 Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001: universo da cidade de Lisboa – visão dos *rankings* **134**

Quadro 3.30 Indicadores sintéticos de competitividade urbana, 2000-2001: universo da cidade de Lisboa – visão da “distância” **135**

Quadro 4.1 Relação entre residentes e não residentes ao nível do emprego **149**

Quadro 4-2 Reforço da procura “externa” nos estabelecimentos de ensino da cidade de Lisboa **156**

índice de gráficos

249

Gráfico 3.1 Distribuição do emprego por zona de aglomeração, 2000 (em %) **63**

Gráfico 3.2 Densidade do emprego por zona de aglomeração, 2000 (empregados por km²) **63**

Gráfico 3.3 Distribuição dos estabelecimentos por zona de aglomeração, 2000 (em %) **64**

Gráfico 3.4 Densidade dos estabelecimentos por zona de aglomeração, 2000 (empregados por km²) **64**

Gráfico 3.5 Dimensão média dos estabelecimentos por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100) **64**

Gráfico 3.6 Taxa de feminização por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100) **66**

Gráfico 3.7 Peso do emprego com ensino superior por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100) **66**

Gráfico 3.8 Idade média por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100) **66**

Gráfico 3.9 Antiguidade média por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100) **66**

Gráfico 3.10 Ganho médio por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100) **67**

Gráfico 3.11 Taxa de enquadramento por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100) **67**

Gráfico 3.12 Índice de qualificações por zona de aglomeração, 2000 (Lx=100) **67**

Gráfico 3.13 Variação do peso de cada zona de aglomeração no total do emprego, 1991-2000 (pontos percentuais) **69**

Gráfico 3.14 Variação do peso de cada zona de aglomeração no total dos estabelecimentos, 1991-2000 (pontos percentuais) **69**

Gráfico 3.15 Saldos dos movimentos de emprego por zona de aglomeração, 1991-2000 **72**

Gráfico 3.16 Saldos dos movimentos de estabelecimentos por zona de aglomeração, 1991-2000 **73**

índice de figuras

251

Figura 1.1 Eixos estruturantes do conceito de competitividade **23**

Figura 1.2 Condições e formas de consolidação de vantagens competitivas locais **29**

Figura 1.3 A decomposição do PIB *per capita* **30**

Figura 1.4 Decomposição da competitividade territorial avaliada numa lógica de resultado **30**

Figura 1.5 A base da pirâmide de competitividade territorial **31**

Figura 2.1 Diferença do PIB *per capita* nas regiões capitais europeias face à UE 15 **37**

Figura 2.2 Nível educacional (25-59 anos) nas regiões capitais europeias, 2001 **38**

Figura 2.3 PIB *per capita* e nível educacional nas regiões capitais europeias **38**

Figura 2.4 A aglomeração urbana de Lisboa no contexto europeu **39**

Figura 2.5 A aglomeração urbana de Lisboa no contexto europeu (óptica das pessoas) **40**

Figura 2.6 A aglomeração urbana de Lisboa no contexto europeu (óptica das organizações) **42**

Figura 2.7 Acessibilidade das aglomerações **44**

Figura 2.8 Estrutura sectorial nas regiões capitais europeias, 2001 **45**

Figura 2.9 Recursos empregues com I&D: despesas e recursos humanos **45**

Figura 2.10 Taxa de crescimento da população residente na região de Lisboa e Vale do Tejo, 1991-2001 (%) **47**

Figura 2.11 Índice de envelhecimento da população, 2001 (em %) **47**

Figura 2.12 Fluxos pendulares em direcção a Lisboa, 2001 (em %) **48**

Figura 2.13 Evolução do PIB *per capita* e da produtividade na região de Lisboa e Vale do Tejo (país = 100) **49**

Figura 2.14 Importância do VAB da região de LVT no contexto nacional (em %) **49**

Figura 2.15 Taxa de actividade em Lisboa e Vale do Tejo, 2001 (em %) **49**

Figura 2.16 Evolução do desemprego na região de Lisboa e Vale do Tejo (em %) **49**

Figura 2.17 Especialização produtiva da região – indicador de localização produtiva segundo o VAB, 1999 (diferença em pontos percentuais) **50**

Figura 2.18 Taxa de cobertura no comércio intra e extracomunitário da região de Lisboa e Vale do Tejo, 1999 (em %) **50**

Figura 2.19 Taxa de penetração das importações e das chegadas, 1999 (em %) **51**

Figura 2.20 Especialização Relativa de Comércio Internacional da região de Lisboa e Vale do Tejo face ao país (em 1999) **51**

Figura 3.1 Correspondência entre unidades de análise e freguesias do concelho de Lisboa **58**

Figura 3.2 Correspondência entre zonas de aglomeração e unidades de análise do concelho de Lisboa **59**

Figura 3.3 Correspondência entre grandes zonas de aglomeração e zonas de aglomeração do concelho de Lisboa **59**

Figura 3.4 Paradigma da economia baseada no conhecimento e a configuração das cadeias de valor: competitividade sistémica, eficiência colectiva e inovação rápida **74**

Figura 3.5: Emergência da economia baseada no conhecimento em Portugal, na OCDE e na União Europeia, 2000 (em %) **77**

Figura 3.6: Emergência da economia baseada no conhecimento: uma hierarquia bem estabelecida (peso relativo no VAB, 1998, em %) **77**

Figura 3.7: Variação do emprego e do peso no emprego de Lisboa por grande sector, 1991-2000 **80**

Figura 3.8 Distribuição da população na região de Lisboa: evolução 1970-2001 **85**

Figura 3.9 Evolução da densidade populacional relativa na cidade de Lisboa. Diferenças face à média (Lx=100) **87**

Figura 3.10 Evolução da peso relativo da população em idade activa (20-64 anos) na cidade de Lisboa. Diferenças face à média (em %) **88**

Figura 3.11 Evolução do peso relativo da população idosa (≥ 65 anos) na cidade de Lisboa. Diferenças face à média (em %) **89**

Figura 3.12 Evolução da peso relativo das famílias reduzidas (1-2 pessoas) na cidade de Lisboa. Diferenças face à média (em %) **90**

Figura 3.13 Evolução da distribuição da população e do emprego na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo entre 1991 e 2000-2001 **91**

Figura 3.14 Densidade relativa na ocupação da cidade de Lisboa, 2000-2001. Diferenças face à média (Lx=100) **93**

Figura 3.15 Evolução do nível salarial relativo na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100) **94**

Figura 3.16 Evolução do nível de educação no emprego na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo dos activos com educação superior face à média (Lx=100) **95**

Figura 3.17 Articulação entre nível de educação e ganho relativo na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo dos activos com educação superior face à média (Lx=100) **96**

Figura 3.18 Articulação entre feminização dos empregos e ganho relativo na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo do emprego feminino face à média (Lx=100) **97**

Figura 3.19 Distribuição do emprego nos serviços na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100) **99**

Figura 3.20 Distribuição do emprego no comércio e turismo na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100) **101**

Figura 3.21 Distribuição do emprego nas actividades turísticas na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100) **102**

Figura 3.22 Distribuição do emprego nas actividades culturais na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100) **103**

Figura 3.23 Distribuição do emprego na indústria, construção e *utilities*/logística na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100) **104**

Figura 3.24 Distribuição do emprego na indústria, por níveis tecnológicos, na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100) **105**

Figura 3.25 Distribuição do emprego na economia baseada no conhecimento na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100) **106**

Figura 3.26 Distribuição do emprego nos serviços às empresas na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100) **107**

Figura 3.27 Distribuição emprego na banca, telecomunicações e informática na cidade de Lisboa. Diferenças do peso relativo face à média (Lx=100) **108**

Figura 3.28 Concentração do emprego na economia baseada no conhecimento na cidade de Lisboa (peso relativo em %) **109**

Figura 3.29 Concentração do emprego nos serviços avançados às empresas na cidade de Lisboa (peso relativo em %) **110**

Figura 3.30 Referencial da análise factorial em componentes principais (as variáveis) **111**

Figura 3.31 Referencial da análise factorial em componentes principais para as freguesias **112**

Figura 3.32 Referencial da análise factorial em componentes principais para as zonas de glomeração **113**

Figura 3.33 Comparação das zonas de aglomeração nos referenciais da análise factorial em componentes principais de 1991 e 2001 **114**

Figura 3.34 Dimensões estratégicas da competitividade urbana **117**

Figura 3.35 Competitividade urbana global dos grandes pólos de Portugal: *rankings* e distâncias, 2000-2001 **122**

Figura 3.36 Componentes da competitividade urbana global dos grandes pólos de Portugal: emprego/valor vs. população/consumo **123**

Figura 3.37 Performance nos indicadores de base: o comportamento dos grandes pólos urbanos das áreas metropolitanas **124**

Figura 3.38 Performance nos indicadores de base: o comportamento dos grandes pólos urbanos fora das áreas metropolitanas **125**

Figura 3.39 Competitividade urbana global na Área Metropolitana de Lisboa: *rankings* e distâncias, 2000-2001 **128**

Figura 3.40 Componentes da competitividade urbana global na Área Metropolitana de Lisboa: emprego/valor vs. população/consumo **129**

Figura 3.41 Performance nos indicadores de base: cidade de Lisboa vs. restantes pólos urbanos **130**

Figura 3.42 Performance nos indicadores de base na Área Metropolitana de Lisboa: cidade de Lisboa vs. restantes pólos urbanos **131**

Figura 3.43 Terciarização e relação entre funções empresariais e residenciais na cidade de Lisboa (relação entre emprego e população residente). Diferenças do peso relativo face à média ($L_x=100$) **132**

Figura 3.44 Competitividade urbana global na cidade de Lisboa: *rankings* e distâncias, 2000-2001 **139**

Figura 3.45 Componentes da competitividade urbana global na cidade de Lisboa: emprego/valor vs. população/consumo **140**

Figura 3.46 Componentes da competitividade urbana global na cidade de Lisboa: emprego/valor vs. população/consumo **141**

Figura 3.47 Performance nos indicadores de base na cidade de Lisboa: comportamento das zonas de aglomeração terciarizadas **142**

Figura 3.48 Performance nos indicadores de base na cidade de Lisboa: comportamento das zonas de aglomeração residenciais **143**

Figura 3.49 Performance nos indicadores de base na cidade de Lisboa: comportamento das zonas de aglomeração das “charneiras” e “vales” **144**

Figura 3.50 Performance nos indicadores de base na cidade de Lisboa: comportamento das zonas de aglomeração das periferias **145**

Figura 4.1 Extensão da Área Metropolitana de Lisboa: polarização exercida pelo trabalho ou pelo estudo **150**

Figura 4.2 Estruturação da Área Metropolitana de Lisboa com base nas redes rodoviária e ferroviária **154**

Figura 4-3 Principais modos de transporte utilizados por activos empregados ou estudantes no âmbito dos respectivos movimentos pendulares **155**

Como está o panorama económico de Lisboa neste início de século? Este estudo procura situar o posicionamento competitivo da cidade às mais variadas escalas: europeia, nacional, metropolitana e interna (para cada zona urbana). Entre outras análises, utilizam-se indicadores de competitividade urbana, e propõe-se uma leitura em termos de seis cidades: a cidade empresarial; a cidade residencial; a cidade da cultura, turismo e lazer; a cidade administrativa; a cidade logística; a cidade do conhecimento. Perspectivam-se modelos estratégicos de estruturação interna de Lisboa perante as suas potencialidades de fortalecimento sócio-económico, de captação de capitais e de emprego.

ISBN 972-98632-1-0



9 789729 863219

